UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

LYGIA RACHEL TESTA TORELLI

Definir e Exemplificar:
estratégias didáticas no Curso de Linguística Geral (1907)

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2015

LYGIA RACHEL TESTA TORELLI

Definir e Exemplificar:
estratégias didáticas no Curso de Linguística Geral (1907) – São Paulo

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de mestre em Letras.

Área de Concentração:
Semiótica e Linguística Geral

Orientadora: Profa. Dra.
Cristina Altman

São Paulo

2015

Nome: Lygia Rachel Testa Torelli

Título: Definir e Exemplificar: estratégias didáticas no Curso de Linguística Geral (1907)

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de mestre em Letras

Aprovada em: _____

Banca examinadora

Titulares

Prof. Dr. José Luiz Fiorin, Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Arnaldo Cortina, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Suplentes

Profa. Dra. Eliane Gouvêa Lousada, Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Profa. Dra. Maria Helena de Moura Neves, Universidade Presbiteriana Mackenzie

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Ao João França, o ‘monchéri’, pelo carinho e pela criatividade com que lidou com as descobertas da vida a dois e da presente dissertação.

À Rosemari Testa, a minha mãe, pela curiosidade intelectual afiada e por ver Beleza em toda parte.

Ao José Testa (*in memoriam*), o meu avô, inteligente e palmeirense, pela admiração que tinha pelos estudos, apesar da intimidação que eles lhe causavam.

Agradecimentos

Agradeço à Profa. Dra. Cristina Altman, uma mulher incrível, que me proporcionou a ocasião e a energia de realizar o presente trabalho, na estrutura institucional do Departamento de Linguística, com a equipe de Érica, Denise e Robson, e com o apoio financeiro da CAPES.

Agradeço os comentários e incentivos – decisivos – dirigidos ao meu trabalho, pelos professores doutores José Luiz Fiorin e Eliane Gouvêa Lousada, durante o exame de qualificação. Agradeço a gentileza de François Vincent, pelo envio do primeiro volume de sua tese sobre o Curso I.

Agradeço aos meus alunos, pela disponibilidade em criar, *en français*, algo parecido com ‘um bem comum’.

Agradeço o apoio financeiro e o reconhecimento de minha mãe, Rosemari Testa. Os incentivos entusiasmados de minha tia Regina, de minha madrinha Nórma e de minhas primas Júlia e Layla, assim como o realismo companheiro de minha prima Anita não podem ser esquecidos.

Agradeço aos professores que, durante meus estudos de Letras, foram exemplos da coerência que pode haver entre ensino e docência: Alcides Villaça, Claudia Pino, Christian Puech, Eliane Lousada, Esmeralda Negrão, Evani Viotti, Gildo Magalhães, Irène Fenoglio, Jean-Marie Fournier, João Angelo O. Neto, Livia Scheller, Natalia La Valle, Olga Sansone, Manoel L. G. Corrêa, Mauricio Ramos, Paola Poma, Sabina Kundmann.

Agradeço aos colegas, alguns deles professores, que, durante meus estudos de Letras, foram exemplos das muitas (boas) maneiras de se conjugarem as vidas acadêmica e pessoal: Adriana Ramos, Aline de Palma, Ana Jastrebsky, Ana Seeleander, Arlette Marmier, Bruna Polachini, Bruno Matrangano, Carla Renard, Carolina Lemos, Désirée Klingbeil, Edgard Bikelis, Elisa Diamantopoulou, Érica Bertolon, Estanislao Sofia, Giuseppe D’Ottavi, Ivan Zanni, Isabelle Probst, Jaci Tonelli, João Cortese, Joana Franco, Júlia de Crudis, Luiz Peres-Neto, Marcos Tibau, Osvaldo Ceschin, Patrícia Borges, Paulo Vigarinho, Pedro Schmidt, Priscila Melão, Renata Hermann, Stela Danna, Simone Dantas, Suélen Rocha, Suleiman Altabara, Thais Bolgheroni, Vivian Vieira, Wellington Silva. Agradeço, ainda, os indispensáveis apoios de Elias Fagundes, na técnica e, na emoção, de Gabriela Galván.

Agradeço a torcida dos amigos vitalícios Cauê Polla, Cristina Agostini, Dário José, Elenice Peixoto, Faouzi Makhoulfi, Ligia Carriel, Margarida Curti, Maria Amélia Araújo, Marina Nascimento, Pauline Atlan, Thais Gurgel, e dos amigos incríveis da Patrulha Psicodélica. Agradeço a Washington L. N. Fernandes, pelo exemplo de diligência edificante que, ainda por cima, a ninguém constrange.

Acredito que uma lista de agradecimentos dificilmente consiga ser exaustiva. Pelo estado presente de minha memória, agradeço aos familiares e amigos que não citei. Agradeço à minha avó, Ignez Maciel (*in memoriam*), cuja enfermidade revelou, sim, uma alegria que eu não conhecia. Agradeço aos meus professores de ioga e de meditação, que me levam àquilo que sinto como ‘Deus’, por caminhos que eu também desconhecia, e de que me regozijo muito.

“[...] je vous poserai plutôt cette simple question: pensez-vous sérieusement que l'étude du langage ait besoin, pour se justifier ou pour se disculper d'exister, de prouver qu'elle est utile à d'autres sciences ?”

Ferdinand de Saussure

(ELG :144)

RESUMO

TESTA TORELLI, L. R. **Definir e Exemplificar: estratégias didáticas no Curso de Linguística Geral (1907)**. 2015. 228 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Esta dissertação tem por objetivo analisar a atividade docente de Ferdinand de Saussure (1857-1913) relativa à Linguística Geral, em 1907, quando o então experiente professor assumiu, pela primeira vez, o ensino da disciplina (Curso I). Nossos pressupostos teóricos provêm da Historiografia Linguística, tal como praticada por Aurox (1994), Koerner (1996) e Swiggers (2004). Nossa problemática parte do reconhecimento de que uma das maneiras de perpetuar a presença de Saussure no cânone dos estudos linguísticos consiste em repetir metáforas e exemplos a ele creditados, como a célebre metáfora do jogo de xadrez para ilustrar o conceito de ‘língua’. A partir de estudos historiográficos das funções semiótica e argumentativa de definições e de exemplos de língua (Rey, 1995; Quijada Van den Berghe e Swiggers, 2009; Chevillard et al., 2007), repartimos o material de análise (Saussure, 1996[1907]) em três porções, a que chamamos ‘domínios’ (Caussat, 1978): *Fonologia*, *Fonética* e *Analogia*, temas do Curso I, para os quais estabelecemos três objetivos principais de pesquisa [1 a 3], e um objetivo secundário [4]: [1] levantar e caracterizar definições nos três domínios; [2] levantar e caracterizar os exemplos de língua nos três domínios; [3] correlacionar o uso de definições e de exemplos de língua nos três domínios; [4] correlacionar os dados apurados em [3] com o contexto imediato de emergência do Curso I, ou seja, com o ensino da disciplina ‘Linguística Geral’ na Faculté de Lettres et Sciences Sociales, em Genebra, em 1907 (Vincent, 2013). Nossas análises, que abarcaram 60 (sessenta) definições, apontam para a preferência de se construir uma definição pelo ‘termo’ (*definitio nominis*), e não pela ‘coisa’ (*definitio rei*), quando se trata de apresentar definições ‘prioritárias’ ao assunto. Quanto aos exemplos, foram apuradas mais de 2000 (duas mil) ocorrências, com saliente revezamento entre francês e alemão nos três domínios, acompanhados por latim e grego, em uma representação das línguas-objeto feita principalmente por compreensão, ou seja, pelo uso generalizável dos exemplos de língua, que ilustram o conteúdo temático de maneira não-exaustiva. A unidade majoritária dos exemplos é a ‘palavra’, e sua disposição espacial preferencial são séries paralelas, ora em contraste simultâneo, ora em relação de sucessão temporal, com poucos paradigmas e declinações. As perguntas retóricas desempenham papel didático frequente e flexível, desde o ‘teste’ de hipóteses até a apresentação de definições. Observamos, ainda, a ocorrência de ‘definições’ que apresentam diretamente exemplos de língua, em uma relação bastante forte de interdependência. Reunimos, ainda, mecanismos de organização dos conteúdos temáticos (numerais, grafemas alfabéticos) e de esquematização (tabelas, símbolos e outras rupturas com a linearidade da exposição oral e da anotação escrita). Por fim, observamos estruturas de negação em todos os mecanismos investigados: definições que apresentam aquilo ‘que não é’ antes ‘daquilo que é’, exemplos de língua que *não* ilustram determinado assunto, perguntas retóricas com respostas frequentemente negativas e oposições entre conceitos, de modo que as relações de oposição, algumas antinômicas, parecem caracterizar de maneira geral a didática de Saussure antes mesmo da formulação explícita do conceito de signo linguístico, que ocorreu, como sabemos, no curso de 1910-1911.

Palavras-chave: Historiografia, Saussure, Linguística Geral, exemplos, definições.

ABSTRACT

TESTA TORELLI, L. R. **Defining and Exemplifying: teaching strategies in the Course on General Linguistics (1907)**. 2015. 228 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

This paper aims to examine the teaching activity of Ferdinand de Saussure (1857-1913) as to General Linguistics, in 1907, when the experient professor first started a course on the subject. Our work assumes that one way of perpetrating the canon consists of repeating some metaphors and examples accredited to him, as it goes to the famous saussurian chess game metaphor which illustrates the concept of *langue*. Our theoretical background lies on the Historiography of Linguistics, as professed by Auroux (1994), Koerner (1996) and Swiggers (2004), and the same applies for our methodological assumptions (Rey, 1995). Having established three separate domains within the first course (Saussure, 1996[1907]), *Phonology*, *Phonetics* and *Analogy*, we have then settled three main goals [1 to 3] and one secondary objective [4]: [1] to describe the definitions given in the three domains; [2] to describe and assess the language examples provided by the three domains; [3] relate the uses of definitions to those of language examples; [4] to relate [3] to the immediate context of emergence of the first course, the institutional background of General Linguistics at the Faculté de Lettres et Sciences Sociales, (Geneva, 1907). In order to accomplish the first step [1], we have adopted the classification of *definitio rei*, *definitio nominis*, as far as the definition incidence is concerned, and *essencial*, *formal* and *functional* definition, as to its content (Quijada Van den Berghe e Swiggers, 2009). The language examples [2] were analysed through their *démarcation*, the way they appear in the text; the way the languages being described are represented in the text, which can assume two forms: either *par extension*, when the totality of the cases are listed, either *par compréhension*, when the examples are models from which one can generate new instances (Chevillard et al., 2007). Our *corpus* comprises 60 (sixty) definitions and over two thousand examples. In general terms, the *definitio nominis* is enhanced when it comes to define priority terms, such as *phonology*. As to the examples, four languages appear intensely in the domains: french, german, greek and latin. These languages entertain a kind of representation mainly in comprehension. These instances occur as ‘words’, in horizontal and parallel series, scarcely in paradigms or declensions. There are definitions which exemplify overtly and directly, with no more material to accomplish a definition, which shows the strict interdependence of these constructions, together with a different mechanism, the rethorical questions. We have gathered, as well, organizing mechanisms (items, topics) and schematization procedures (tables, symboles and strategies that lessen the linearity of the text). Eventually, we have spotted the wide-spread use of ‘negative’ strategies, such as defining something by what it is not, or excluding elements from a definition, as well as providing language examples which uncorrectly illustrate what is being said, in order to anticipate possible mistakes. Such procedures seem to be a hallmark on Saussure’s teaching.

Key-words: Historiography, Saussure, General Linguistics, examples, definitions.

RESUME

TESTA TORELLI, L. R. **Définir et exemplifier: stratégies didactiques dans le Cours de Linguistique Générale (1907)**. 2015. 228 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Ce mémoire vise à analyser l'activité enseignante de Ferdinand de Saussure (1857-1913) par rapport à la Linguistique générale, en 1907, lorsque le professeur confirmé dans plusieurs spécialités a professé, pour la première fois, le cours de ladite discipline (Cours I). Notre cadre théorique relève de l'Historiographie linguistique, telle que pratiquée par Auroux (1994), Koerner (1996) et Swiggers (2004). Notre problématique se construit à partir du constat selon lequel certains exemples ou métaphores attribués à Saussure sont constamment repris dans des cours universitaires aussi que dans des textes académiques, à l'instar de la métaphore du jeu d'échecs accompagnant le concept de 'langue'. A partir d'études historiographiques consacrées aux fonctions sémiotique et argumentative des définitions et des exemples (Rey, 1995; Quijada Van den Berghe e Swiggers, 2009; Chevillard et al., 2007), nous avons trié le matériel d'analyse (Saussure, 1996[1907]) en trois portions, que nous avons convenu nommer 'domaines' (Caussat, 1978): *Phonologie*, *Phonétique* et *Analogie*, items au programme du Cours I, en fonction de trois objectifs principaux [1 à 3] et d'un objectif secondaire [4]: [1] relever et caractériser des définitions présentées dans les trois domaines; [2] relever et caractériser les exemples linguistiques proposés dans les trois domaines; [3] mettre en corrélation l'emploi de définitions et d'exemples linguistiques dans les trois domaines; [4] mettre en corrélation [3] et le contexte immédiat d'émergence du Cours I, la structure institutionnelle de la Faculté de Lettres et Sciences Sociales, à Genève, en 1907 (Vincent, 2013). Nos analyses portent sur 60 (soixante) définitions, dans lesquelles nous avons constaté la préférence pour la construction *definitio nominis*, au détriment de *definitio rei*, lorsqu'il était question de présenter des définitions 'prioritaires' du thème. Quant aux exemples linguistiques, qui comprennent plus de 2000 (deux mille) occurrences, nous avons constaté que le français et l'allemand se relayent dans les trois domaines et y sont accompagnés par le latin et le grec. La représentation des langues se réalise surtout par compréhension, dans le cadre du 'mot' comme unité exemplifiante majoritaire, qui s'organise dans des séries horizontales et parallèles, tantôt dans un rapport d'opposition, tantôt dans un rapport de succession, selon le thème. Les questions oratoires jouent un rôle didactique non négligeable, de tester des hypothèses à présenter des définitions. On remarquera, en outre, des définitions où l'exemple est le seul constituant, ce qui montre la relation étroite entre les deux catégories. Nous avons pu réunir et proposer une première systématisation à des mécanismes comme les organisateurs des contenus thématiques (numéraux, items) et des stratégies de rupture et de restitution de la linéarité du texte, les schémas. En dernier lieu, nous avons repéré des stratégies 'négatives', telles que des définitions misant sur ce qui n'est pas le concept à être défini, des réponses fréquemment négatives aux questions oratoires, et des manières 'erronnées' de comprendre quelques exemples linguistiques. Ces occurrences semblent être un 'trait' didactique de Saussure.

Mots-clé: Historiographie, Saussure, Linguistique générale, exemples, définitions.

Lista de Quadros

QUADRO 1 PRINCÍPIOS DA PRÁTICA HISTORIOGRÁFICA	29
QUADRO 2 EXEMPLOS <i>COR</i> E <i>CIVITAS</i> ENTRE O <i>CURSO I</i> (1907) E A BIOGRAFIA <i>SAUSSURE</i> (2012)	39
QUADRO 3 EXEMPLOS DE LÍNGUA NAS ANOTAÇÕES DE RIEDLINGER, GAUTIER E CONSTANTIN	41
QUADRO 4 SUMÁRIO DO <i>CURSO I</i> (1996 [1907]:v) [GRIFO NOSSO]	76
QUADRO 5 RESUMO DOS PARÂMETROS METODOLÓGICOS DA DISSERTAÇÃO	78
QUADRO 6 DEFINIÇÕES ANALISADAS EM <i>FONOLOGIA</i> (22)	90
QUADRO 7 SÍMBOLOS USADOS NO DOMÍNIO <i>FONOLOGIA</i> (8)	108
QUADRO 8 DEFINIÇÕES ANALISADAS EM <i>FONÉTICA</i> (17)	117
QUADRO 9 SÍMBOLOS NO DOMÍNIO <i>FONÉTICA</i> (18)	146
QUADRO 10 DEFINIÇÕES ANALISADAS EM <i>ANALOGIA</i> (21)	158
QUADRO 11 SÍMBOLOS NO DOMÍNIO <i>ANALOGIA</i> (15)	178
QUADRO 12 DOMÍNIOS NEOGRAMÁTICOS [ADAPTADO DE CAUSSAT (1978:32)]	189

Lista de tabelas

TABELA 1 TESES E/OU DISSERTAÇÕES NOS BANCOS VIRTUAIS DA CAPES, DA UNESP E DA USP, CUJOS RESUMOS CITAM SAUSSURE	17
TABELA 2 CONTEÚDOS TEMÁTICOS DO CURSO I (1907), NA EDIÇÃO DE 1996 DE E. KOMATSU E G. WOLF	77
TABELA 3 EXEMPLOS DE LÍNGUA NO DOMÍNIO <i>FONOLOGIA</i>	101
TABELA 4 EXEMPLOS DE LÍNGUA NO DOMÍNIO <i>FONÉTICA</i>	133
TABELA 5 EXEMPLOS DE LÍNGUA NO DOMÍNIO <i>ANALOGIA</i>	167
TABELA 6 CONTRASTE DE IDIOMAS NOS DOMÍNIOS <i>FONOLOGIA</i> , <i>FONÉTICA</i> E <i>ANALOGIA</i>	197

Lista de figuras

FIGURA 1 FOLHA DE ABERTURA DO MANUSCRITO ‘DE L’ESSENCE DOUBLE DU LANGAGE’	33
FIGURA 2 QUIZ DA ‘TRIBUNE DE GENÈVE’ (13/7/2013)	36
FIGURA 3 EXEMPLOS DE LÍNGUA NO CLG (2005/1972[1916]:178)	41
FIGURA 4 ENCENAÇÃO DE AULA DE SAUSSURE	46
FIGURA 5 MATERIAL DE ANÁLISE: ORDENAÇÃO (ICLG:29)	80
FIGURA 6 MATERIAL DE ANÁLISE: CATÁLOGO (ICLG:29)	81

Sumário

Introdução	13
i. Saussure em estudo: ainda ou finalmente?	13
ii. Trajetória do recorte de pesquisa	20
iii. Perguntas e objetivos de pesquisa	22
iv. Organização da dissertação.....	24
Capítulo 1 / Problemática	26
1.1 Pressupostos teóricos	26
1.2 O cânone e seus exemplos	34
1.3 Aspectos da atividade docente de Saussure	42
1.4 Estudos da definição e do exemplo.....	50
1.5 Estudos Comparativos e Linguística Geral.....	56
Capítulo 2 / Metodologia.....	69
2.1 Objetivos	70
2.2 Periodização.....	70
2.3 Material de análise	72
2.3.1 Critérios de escolha do Curso I	74
2.3.2 Estabelecimento dos domínios <i>Fonologia, Fonética, Analogia</i>	75
2.3.3 Estabelecimento dos parâmetros de análise	77
Capítulo 3 / Fonologia	87
3.1 Resumo do conteúdo temático	87
3.2 Definições	89
3.3 Exemplos de língua.....	101
3.4 Organizadores	106
3.5 Esquematizações	107
Capítulo 4 / Fonética	112
4.1 Resumo do conteúdo temático	112
4.2 Definições	115
4.3 Exemplos de língua.....	133
4.4 Organizadores	142
4.5 Esquematizações	144
Capítulo 5 / Analogia.....	152
5.1 Resumo do conteúdo temático	152
5.2 Definições	156
5.3 Exemplos de língua.....	167
5.4 Organizadores	175
5.5 Esquematizações	176
Capítulo 6 / Análises Cruzadas e Conclusões.....	182
6.1 Conteúdo temático e Estrutura Institucional.....	183
6.2 Definições e Exemplos de língua.....	190
6.3 Organizadores, Esquematizações e Perguntas Retóricas	204
6.4 Conclusões	211
Considerações finais	214
Referências bibliográficas.....	222

Introdução

i. Saussure em estudo: ainda ou finalmente?

“Lire Saussure aujourd’hui”¹ (1967)

“Por que ainda ler Saussure?”² (2013)

“O Curso de Linguística Geral: ainda”³ (2014)

Calvet, em posfácio à edição de 1967 do *Curso de Linguística Geral*, revisa as interpretações que a obra e a figura de Saussure vieram sofrendo até então; Fiorin, Flores e Barbisan, em 2013, escolhem a forma interrogativa e o modalizador *ainda* para compor título de artigo que convida o leitor brasileiro contemporâneo a apostar na pertinência de Saussure; por fim, Butturi Jr. e Silva optam, em 2014, pelo mesmo modalizador, desta vez em forma afirmativa, como aposto, para conclamar a comunidade de linguistas profissionais e em formação a enviar propostas de comunicações para simpósio temático de congresso internacional.

Entre os três títulos enxergamos uma gradação, em que diminui a certeza sobre a hegemonia de Saussure nos estudos linguísticos. Na primeira citação, Calvet ‘atualiza’ o cânone; na segunda, os autores apostam com o leitor na relevância de autor e obra; na terceira, os dois professores parecem simplesmente constatar certo desconforto com a permanência (ou com a insistência?) de uma obra, o que, reconhecemos, pode ser visto como encantador e estimulante enigma por parte de alguns pesquisadores, especialmente os novatos, mas que não deixa de carregar, em nossa opinião, certo mal-estar, sintetizado pelo lacônico *ainda*.

¹ Título do posfácio de Jean-Louis Calvet para o *Curso de Linguística Geral*, obra doravante referida simplesmente pela sigla CLG, eventualmente acompanhada da página da edição consultada, como em ‘CLG: 23’. SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. (1916) Ed. Tullio de Mauro (1967). Paris: Payot, 2005.

² Título do artigo de J.L.Fiorin, V.F. Nascimento e L.B. Barbisan que abre a obra *Saussure: a invenção da Linguística*, organizada pelos referidos autores, publicada em 2013.

³ Título de um dos 99 simpósios aprovados para o IX Congresso Internacional da Abralín, transcorrido em fevereiro do presente ano. Inserido no eixo ‘Historiografia da Linguística’, o simpósio em destaque se propunha a discutir o CLG, a nos valermos do descritivo publicado no sítio do congresso. Com efeito, às vésperas do centenário da primeira edição do *Curso de Linguística Geral* (1916), o simpósio não conquistou adesão considerada suficiente, de modo que veio a ser cancelado, ao mesmo tempo em que as comunicações a ele atinentes foram transferidas para o simpósio que tratou de Historiografia Linguística brasileira. Fonte: <http://ixcongresso.abralin.com.br/ix-congresso-internacional/simposios-aprovados.php>. Consulta realizada em 18/04/2015, às 10h29.

Muito antes do centenário de publicação do CLG, a obra já desfrutava de receptividade não-hegemônica, no entender de Chiss e de Puech (1994):

[...] c'est dès la (première) constitution du texte et de sa parution en 1916 que **le rituel ambigu de l'hommage** (« **ambigu** » **parce qu'il n'est sans doute pas d'exclusion plus radicale que l'exclusion par l'hommage**) **s'est déployé**, immédiatement accompagné des remises en cause, mises au jour des lacunes, propositions de dépassement ... par **lesquelles la réception s'est muée, insensiblement et très tôt, en héritage**. (Chiss e Puech, 1994:42) [grifo nosso]

O fato de que os autores apresentam o Curso de 1916 como obra cujo *default* é o de ser controversa nos permite afirmar que tamanha é polivalência do livro que, caso a polêmica seja por demais inconciliável, existe também a possibilidade de encará-lo simplesmente como *herança*, a ser, como tal, incensada e preservada, mas não levada 'tão' a sério. Evidentemente que o CLG foi e continua sendo 'levado a sério' desde sua publicação. Pesquisadores como Fehr (2000) definem um movimento que consistiu em interpretar ideias autógrafas de Saussure na medida em que elas ajudariam a iluminar passagens, supostamente obscuras, do póstumo e lacunar *Curso de Linguística Geral* (1916):

[...] la tentative [...] de ne retenir, dans les notes autographes de Saussure, que ce qui, vu rétrospectivement dans la perspective du *Cours*, passait pour pertinent et de gommer tout ce qui résistait apparemment à se laisser intégrer au *Cours*, **érigé en télos implicite de Saussure**. (Fehr,2000:23) [grifo nosso]

Precisamos que a crítica de Fehr não se refere aos projetos de reconstrução da gênese do CLG, por meio de fontes manuscritas, como os de Robert Godel (1957) e Rudolf Engler (1967, 1974), mas antes aponta que o CLG foi sujeito a um roteiro de leitura precoce, que privilegiou suas teses (*thèses*) em detrimento de seus procedimentos (*démarches*) (Colombat et al., 2010:213). Nesse sentido, lembramos que a sala de aula é um dos espaços em que ocorre, no dia a dia da prática de ensino, a consolidação de certas leituras do CLG⁴.

A despeito da imensidão da literatura crítica sobre Saussure, o CLG, em suas muitas e não coincidentes interpretações, continua a ser a primeira grande fonte de pesquisa da área (Fiorin

⁴ Portela (2013) propôs estudo baseado em categorias greimassianas de análise do discurso didático, para um *corpus* a que chamou de manuais de linguística saussuriana. As obras, repartidas nas línguas francesa (8), inglesa (3) e portuguesa do Brasil (1), foram publicadas entre 1964 e 2009. Tivemos, ainda, notícia da defesa da dissertação de mestrado intitulada "A recepção do *Curso de Linguística Geral* nos manuais de linguística brasileiros: um acontecimento discursivo", realizada na Universidade Federal de São Carlos, em 19/02/2015, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas, mas não tivemos acesso ao trabalho.

et al., 2003:12), mas há, também, trabalhos contínuos e expressivos especialmente consagrados a manuscritos de linguistas (Institut de Textes et Manuscrits Modernes - Paris) no âmbito da genética textual (Chidichimo, 2011; Sofa, 2012; Fenoglio, 2012; D'Ottavi, 2012). O aparato crítico, somado aos manuscritos autógrafos, progressivamente disponibilizados, catalogados e estudados, configuram um verdadeiro *corpus saussuriano*, definido como

[...] o conjunto de documentos constituído por fontes de natureza heterogênea cuja existência não parece ser negada por nenhuma das partes que integram a arena da polêmica. (Fiorin et al., 2013:16).

Como vemos, a definição inclui, constitutivamente, os leitores de Saussure, responsáveis por legitimar tal herança. Os mesmos autores sintetizam, ainda, a primeira postura que recomendam a um pesquisador diante de precioso espólio:

A magnitude do *corpus saussuriano* é argumento incontestado de nossa tese relativa a trabalhos com fontes documentárias complexas, qual seja: **eleger** um *corpus de pesquisa* do conjunto que é o *corpus saussuriano* com vistas a objetivos específicos é condição *sine qua non* para o estudo de Saussure hoje. (Fiorin et al., 2013:14) [grifo nosso]

É assim que a empiria do caso, por assim dizer, nos compele a construir uma problemática e a recortar um *corpus* com ela condizente. Ao mesmo tempo, o domínio da Historiografia Linguística, fonte de nossos pressupostos teóricos, sempre trabalhou com a atividade de seleção (ou eleição) como condição *sine qua non* de estudo.

Como se pode imaginar, a atividade de seleção será eterno objeto de discussão e de valoração por parte da comunidade científica. Como exemplo de seleção, destacamos abaixo um trecho de artigo, publicado em 2012, dedicado à gênese de um manuscrito saussuriano de 1906, em que se aponta um contraste entre a grande importância do sânscrito na carreira de Saussure, e a pouca expressividade deste fato para a historiografia ‘padrão’ do ‘mestre genebrino’:

Saussure était [...] titulaire du cours de sanskrit à l'Université de Genève: ce cours aura été le plus régulier et durable de toute sa carrière académique. De ces plus de vingt ans comme spécialiste de sanskrit, **l'historiographie saussurienne ne retiendra que les aspects concernant l'usage de la langue sanskrite utilisée dans le cadre de l'étude de l'indo-européen reconstitué, et les effets de cet usage sur l'élaboration d'une pensée linguistique généraliste.** Pourtant – comme en témoignent diverses données biographiques et documentaires – l'expertise technique a toujours été accompagnée, chez Saussure, par des compétences indianistes et par un intérêt marqué pour ce domaine. (D'Ottavi, 2012:129) [grifo nosso]

D'Ottavi justifica sua decisão, como pesquisador, em retratar a gênese textual de uma resenha feita por Saussure de obra indianista, por “diverses données biographiques et documentaires”. Nosso critério de seleção, por outro lado, está baseado no contexto de produção do CLG: as aulas proferidas e, posteriormente, anotadas. A partir daí, propomos uma investigação da atividade docente de Saussure no que diz respeito ao uso de definições e de exemplos de língua, nas aulas de Linguística Geral do Curso I (1907), na Universidade de Genebra, então Faculté de Lettres et Sciences Sociales.

Observemos algumas seleções de pesquisa realizadas em nível de pós-graduação brasileira, a partir de buscadores eletrônicos, sem o intuito de tirar conclusões definitivas sobre os dados a seguir recenseados. Em consulta aos bancos virtuais de teses e dissertações da CAPES⁵, da UNESP⁶ e da USP⁷, buscamos o número de trabalhos que contivessem, em seus **resumos**, a expressão *Saussure* ou a mesma expressão combinada com outras.

A expressão *Saussure* foi registrada no resumo de 58 (cinquenta e oito) trabalhos, em nível nacional (CAPES), de 7 (sete) trabalhos, na UNESP, e de 13 (treze) trabalhos, no âmbito da USP. No primeiro banco de dados, encontramos, como temas, produção escrita na escola, ensino de línguas estrangeiras, redes sociais, subjetividade na língua; ‘Saussure’ é acompanhado por Meillet, Benveniste, Whitney, Labov, Morris, Greimas, Psicanálise lacaniana, Lexicografia, Análise do Discurso, entre as áreas de Letras, Educação e Psicologia. A base de dados digitais da UNESP computou 5 dissertações e 2 teses contendo pelo menos a expressão ‘Saussure’. Dos sete trabalhos registrados, três provêm da Análise do Discurso. Os outros quatro provêm de diferentes áreas (estudos de oralidade e escrita, de Semiótica e

⁵ A agência Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) alimenta um banco virtual de teses e dissertações defendidas no Brasil a partir de 1987. Seu buscador é composto por uma linha, se a busca for básica ou, se a busca for avançada, por três colunas em uma mesma linha, com a possibilidade de se acrescentarem linhas, a critério do usuário. A primeira coluna apresenta treze critérios de pesquisa, que vão desde “agência financiadora” até “título”, passando-se por “data da defesa”, “autor”, “resumo”, dentre outros. Nas consultas que realizamos, optamos por comandar a busca das expressões em **resumos** de teses e dissertações, providas das mais diversas áreas do saber. A segunda coluna apresenta duas opções: “contém” e “é exato”; a terceira coluna é destinada ao preenchimento com a(s) expressão(ões) desejada(s). Consulta realizada em 24/6/14, 0h20, no endereço <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>.

⁶ C@thetra é o atual nome da biblioteca digital de teses e dissertações da UNESP, base de dados que se iniciou em 2000. Fonte: http://www.athena.biblioteca.unesp.br/F/?func=find-b-0&local_base=BDTD. Não encontramos informações relativas à quantidade de documentos abrigada pela base de dados. Seu buscador se assemelha ao da CAPES. Consulta realizada em 08/05/2015, às 22h39.

⁷ A Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, inaugurada em 2001, computou 43 752 documentos em 2013. Seu buscador se assemelha ao da CAPES, quanto aos critérios (ano de publicação, autor etc). Consulta realizada em 25/6/14, 12h32, no endereço <http://www.teses.usp.br/>.

Direito, de música eletroacústica) e, um deles, do campo da Biologia, o que pode remeter, na verdade, a Horace-Bénédict de Saussure, célebre ancestral de Ferdinand de Saussure no campo do que viria a ser a Geologia.

Na biblioteca digital da USP, os 13 trabalhos cujos resumos mencionam Saussure se concentram em Semiótica, Análise do Discurso, ensino de língua materna, aquisição de linguagem e psicanálise. Nenhum dos trabalhos, mesmo nos resultados minoritários como *Saussure e curso* (9, CAPES; 7, USP), *Saussure e ensino* (13, CAPES), *Saussure e estratégia* (1, USP), *Saussure e exemplo* (3, CAPES), *Saussure e metáfora* (2, CAPES), apresenta o tema que desenvolvemos, o que pode evidenciar uma oportunidade de estudo de outras dimensões da atividade de Saussure. Abaixo resumimos as contagens apuradas:

Tabela 1 Teses e/ou dissertações nos bancos virtuais da CAPES, da Unesp e da USP, cujos resumos citam Saussure

Expressões contidas em resumos	Número de trabalhos CAPES	Número de trabalhos UNESP	Número de trabalhos USP
<i>Saussure</i>	58	7	13
<i>Saussure e analogia</i>	zero	Zero	zero
<i>Saussure e curso</i>	9	7	7
<i>Saussure e ensino</i>	13	1	zero
<i>Saussure e estratégia</i>	zero	Zero	1
<i>Saussure e exemplo</i>	3	Zero	zero
<i>Saussure e fonética</i>	zero	Zero	zero
<i>Saussure e fonologia</i>	zero	Zero	zero
<i>Saussure e metáfora</i>	2	Zero	zero
<i>Saussure e 1907</i>	zero	Zero	zero

Parece-nos oportuno apontar, ademais, que “Saussure” consta no título de um mestrado em Filosofia (1975) e de um doutorado em Linguística (2000), na apuração de um terceiro banco de dados⁸. Enquanto que, no primeiro, Saussure é apresentado como inovador – “Saussure, uma revolução na Linguística”⁹ -, no segundo, o autor é inserido em uma tradição, chamada *cientificista*, a julgar pelo título “Humboldt, Whitney e Saussure : Romantismo e Cientificismo – Simbolismo na história da Linguística”.¹⁰ Por meio dos títulos destes dois trabalhos, desenvolvidos com intervalo de vinte e cinco anos, enxergamos um procedimento condizente com a polivalência do *corpus* saussuriano : em 1975, uma alegada *ruptura* de

⁸ O buscador digital do serviço de pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo se apresenta como um dos itens do menu do referido setor : “Defesa de Mestrado e Doutorado desde o ano de 1937”. Consulta realizada em **25/6/14**, 12h32, no endereço <http://pos.fflch.usp.br/node/44874>

⁹ De autoria de Neidson Rodrigues, o trabalho foi orientado pela Profa. Dra. Marilena Chauí.

¹⁰ De autoria de Sebastião Elias Milani, o trabalho foi orientado pelo Prof. Dr. Carlos Alberto da Fonseca.

Saussure em relação a sua época; em 2000, uma provável alegada *continuidade* do professor com seu tempo.

Entre ruptura e continuidade, o pesquisador e editor E.Komatsu (1996), ao analisar o primeiro curso de Linguística Geral ministrado por Saussure, por exemplo, considera a classificação que o professor fez dos fonemas como expediente *precursor* daquilo a que se chamou *método estruturalista*, o que colocaria nosso autor, em uma interpretação forte, *em ruptura* com sua época. Ao mesmo tempo, a definição de *fonema* é interpretada como não estando *ainda (still)* em ruptura com o que posteriormente ficaria consagrado:

With regard to structural method, the ‘Principles of phonology’ **foreshadow a new position** in two ways: **(1) Saussure classifies linguistic sounds according to the notion ‘aperture’, using a scale from zero to six. This reflects the beginnings of a structuralist method** in that the whole situation of sounds can be surveyed in a single view, by means of a classification table. [...] **still the phoneme is defined** as ‘the sum of acoustic impressions and articulatory acts [...] (ICLG:viii) [grifo nosso]

Em perspectiva diferente da que adotou Komatsu, poderíamos nós tomar como hipótese de trabalho, que onde o editor enxerga um expediente precursor de conceitos importantes para a posteridade, nós enxergamos uma estratégia *didática*, supostamente em sintonia com os alunos do Curso I (1907).

O pesquisador J.Joseph, o mais recente biógrafo de Saussure, considera “idiossincrática” a apresentação dos fonemas no referido curso (Joseph, 2012:492). Ele aponta, ainda, a *continuidade* do professor em relação a sua cultura escolar, no que diz respeito ao entendimento de Saussure sobre a história da Linguística. O trecho que destacamos a seguir retoma o início dos estudos superiores de nosso autor:

much of the impact of Saussure’s lectures lay **in his bringing back to the attention [...] certain traditional perspectives [...] he never claimed to invent them.[...] the history of linguistics as he taught was essentially the ‘received’ history in Leipzig by Herman Osthoff in 1876.** (Joseph, 2012:70-71) [grifo nosso]

Com os exemplos de Komatsu e de Joseph desejamos ilustrar que a compreensão da maneira como os problemas são colocados e desenvolvidos em um campo do saber não é completa se nos contentarmos em localizar ‘inventores’. Ao menos esta é a orientação do tipo de

historiografia linguística que alicerça nossa dissertação. No dizer de Koerner (2004), a importância dos autores considerados fundadores

[...] does **not** lie in having been so inventive and utterly original, but in having produced a **synthesis** of the [...] knowledge and **having established a framework of their own, irrespective of the provenience of particular ingredients**. (Koerner, 2004:8) [grifo nosso]

Quando Joseph (2012:71) defende que a originalidade, em Saussure, reside na maneira de fazer interagir os elementos dentro de um sistema, e quando Koerner nos lembra que a proveniência dos ingredientes não é o mais relevante para se estabelecer a originalidade de uma contribuição, recordamos que exemplos usados em sala de aula por Saussure são, como outros, ingredientes do complexo processo de desenvolvimento e transmissão de práticas e idéias atinentes à linguagem.

Insistimos que a sala de aula é um dos terrenos em que a questão da continuidade e da ruptura vem à baila, quando se trata, por exemplo, de expor o aluno, em dois semestres letivos¹¹, a um condensado de problemas e instrumentos das ciências da linguagem elaborados ao longo de séculos.

A equipe docente lida, dessa forma, com a seleção e a fabricação de conteúdos, além das próprias estratégias de leitura de textos como o CLG. Para os alunos, o efeito de tal exposição pode ser passageiro, segundo Koerner: “However, once a student has grasped the basics, there is the likelihood that the history of the subject, the genesis of its concept-formation, [...] tends to be dropped.” (Koerner, 2004:7) Suas ideias sugerem que os conteúdos apresentados como ‘básicos’ são perecíveis, facilmente interpretados como algo a ser ‘decorado’, ultrapassado ou, com boa-vontade, preservado como patrimônio da Linguística. Sua crítica parece evidenciar a falta de consciência histórica e a fragmentação cacofônica que pode atingir os pesquisadores e, certamente, os alunos.

Como foi sintetizado por Chiss e Puech, os estudos saussurianos são, ao mesmo tempo, um campo de pesquisas, sujeito, assim, ao debate, à refutação, e um “domínio de memória”, um “inestimable objet de transmission” (Chiss e Puech, 1994:2) Nesse sentido, o exercício de revisitar ideias fundadoras, onipresentes em manuais de Linguística, como as de Saussure, põe

¹¹Tal como se configuram as disciplinas semestrais de ‘Elementos de Linguística’, nos módulos I e II, no ciclo básico da graduação de Letras, na Universidade de São Paulo.

à prova a capacidade dos professores-pesquisadores de dialogar com o passado e, assim, de construir projetos. De tudo o que expusemos até agora, vemos que o cânone precisa ser continuamente vivificado. Koerner lamenta, ainda, aquilo que entende como falta de priorização de disciplinas relativas à história dos estudos linguísticos:

[...] whereas [...] natural sciences have enjoyed the establishment of courses devoted to the history of their own discipline, no comparable arrangement exists with regard to linguistics, a discipline in which the coexistence of diverging theoretical views and possibly contrasting methodological procedures constitutes perhaps the most important element, something which should make the History of Linguistics more, not less, important than, say, the History of Medicine for the present understanding and practice of the health science today [...] (Koerner, 2004:6) [grifo nosso]

Constatar que a diversificação de métodos, procedimentos, pressupostos e teorias é constitutiva das ciências da linguagem não facilita, por si só, a reflexão sobre a disciplina, tanto menos seu ensino de maneira não compartimentalizada. Uma das maneiras de se lidar com tal situação, e mesmo com as dificuldades de intercompreensão entre as subáreas, consiste em evocar a figura de um pai fundador, figura esta que se constrói pelas estratégias de leitura do CLG.

O *Curso* se torna o terreno comum sobre o qual podem discorrer todos os linguistas, a despeito das mais díspares especialidades. Como nos lembra Altman, “[...] Saussure cumpre [...] com brilhantismo o destino dos mitos, que é o de nos fazer reconhecer a todos, na origem, coparticipantes de um mesmo projeto de ciência.” (2013:31). No recente centenário de falecimento de nosso mito (1913-2013), a ele nos rendemos: Saussure continua a ser parte do cânone, um pensador em relação ao qual ‘precisam’ se posicionar aqueles que pretendem participar do campo de estudos da linguagem: ainda ou finalmente?

ii. Trajetória do recorte de pesquisa

A dissertação aqui desenvolvida é fruto de curiosidade e inquietação sobre dois temas: a necessidade, da parte da Linguística, de construir um cânone para si, como disciplina e área do saber que é e, em segundo lugar, a complexidade do trabalho de ensino. No breve relato que apresento sobre o percurso deste recorte de pesquisa, será inevitável e, a meu ver,

bastante afortunado, poder citar tantos professores inspiradores, alguns mais de perto, outros mais de longe, incansáveis todos.

Em 2007, na condição de caloura de Letras, fiquei bastante intrigada com a conferência acerca da coletânea de manuscritos saussurianos, *Escritos de Linguística Geral*, proferida pelo Prof. Dr. Waldir Beividas (DL-USP), durante o Encontro dos Alunos de Pós-Graduação em Linguística. No ano seguinte, já inscrita nas habilitações de Português e de Francês, tomei conhecimento, durante um mini-curso proferido na própria faculdade pelo Prof. Dr. Pierre Swiggers (Universidade Católica de Louvain, Bélgica), de que o *Curso de Linguística Geral* gerava não poucos estudos, reconstruções e polêmicas; estas atividades me pareceram mais interessantes que a própria leitura da obra, que eu havia feito de forma fragmentada e incompleta.

Já em 2010, li um único artigo em nossa biblioteca, sobre a arbitrariedade do signo linguístico saussuriano, ‘L’essentiel de l’arbitraire’, de autoria do renomado crítico norte-americano Jonathan Culler, dentro de volumosa coletânea da editora L’Herne, o que apenas fez crescer minha curiosidade sobre a impressão de que toda e qualquer pessoa de Ciências Humanas ‘tinha que’ se pronunciar a respeito do ‘mestre genebrino’. Decidida a estudar aquele tema, transmiti meu entusiasmo à Profa. Dra. Evani Viotti (DL-USP), que o colocou em imediata relação com sua pesquisa sobre motivação e arbitrariedade nas línguas de sinais.

Meu entusiasmo inicial se converteu em um projeto de pesquisa dois anos mais tarde, quando pude cursar um *Master I* na universidade Sorbonne Nouvelle (Paris 3), junto ao professor Prof. Dr. Christian Puech, que me havia sido recomendado por Irène Fenoglio (ITEM-Paris) e por Claudia Pino (DLM-USP), ambas estudiosas de crítica genética, a primeira por manuscritos de linguistas e, a última, por escritores literários.

Da graduação até o início do mestrado, paralelamente à descoberta da rede de estudos saussurianos, dediquei-me ao exercício e ao aprendizado do ofício de professora de francês como língua estrangeira, sob o fiel e enérgico acompanhamento da Profa. Dra. Eliane Lousada (DLM-USP). Relembro, ainda, que meu olhar para Historiografia Linguística foi inicialmente construído pela Profa. Dra. Olga Sansone (DL-USP).

Quando ingressei no programa de pós-graduação do Departamento de Linguística da USP, meu projeto inicial previa o estudo da circulação de exemplos dentro do manuscrito ‘De l’essence double du langage’ (Genebra, Arch. de Saussure, 372/1). Pouco a pouco, com as intervenções lúcidas, práticas e sempre entusiasmantes da Profa. Dra. Cristina Altman, chegamos ao presente recorte: o primeiro dos três cursos, os conteúdos relativos a fonologia, fonética e a analogia, as definições e, desde sempre, os exemplos de língua. Friso, ademais, que o uso de ‘nós’ para a autorreferência na dissertação reflete uma real dificuldade em separar minhas ideias das conversas, dos ensinamentos e dos incentivos constantes que recebi de minha orientadora.

Minha insistência na procura por traços da ‘didática’ de Saussure em minha atividade de aprendiz de pesquisadora se deveu, evidentemente, à descoberta, paralela, como disse, do trabalho de professora. Percebo claramente que o ensino e a pesquisa demandam seus próprios tempos, seus próprios espaços e, por muitas vezes, estive convencida de que não era possível levar em frente ambos os ofícios. A depender do momento, minha preferência pendia para um ou outro deles. O que não se alterava, entretanto, era o desconforto em ler ou ouvir afirmações que por mim eram interpretadas da seguinte maneira, que assim caricaturizo: Saussure foi brilhante, *apesar de* seu didatismo, *apesar de* ter tido que dar aulas sobre tão complexos temas, quase *apesar de* ter sido professor, como se a atividade de ensino rebaixasse a capacidade intelectual do pesquisador.

Se eu percebo alguma ideologia em meu trabalho e se posso explicitá-la, ela consiste em acreditar que dar aulas sobre um tema repercute – decisivamente – na maneira de pensar sobre ele, embora o prestígio do ‘pensamento’, em detrimento do ‘ensinamento’, continue a me incomodar.

iii. Perguntas e objetivos de pesquisa

Uma vez que nossa perspectiva é a de se analisarem definições e exemplos de língua no Curso I como estratégias didáticas, perguntamo-nos: podemos, efetivamente, chamá-las *didáticas, técnicas, metodológicas* e mesmo *estratégicas*? O fato de que um texto como o Curso I seja fruto de anotações de aula nos autoriza a tudo ler como informação didatizada? Diante de tal material de análise, aproximamo-nos das considerações de Swiggers (1990a)

acerca da historiografia do ensino de língua francesa, que julgamos proveitosas para nosso tema:

L'historien de l'enseignement d'une langue (maternelle ou étrangère) est en premier lieu un observateur de pratiques: sa situation est donc comparable à celle de l'ethnométhodologue, qui est confronté à un ensemble de "comportements" dont il s'agit de comprendre, d'explicitier et d'articuler le contexte théorique sous-jacent. (Swiggers 1990a: 27)

O primeiro paralelo entre a didática do francês e a do Curso I, nos limites de nosso estudo, é o próprio uso da língua francesa, tomada como objeto de descrição quase que exclusivo na primeira, convivendo com outras línguas-objeto no segundo; tomada, também, como língua majoritária de trabalho, na primeira, e exclusiva, no segundo. O paralelo seguinte diz respeito à organização das aulas de Linguística Geral ou, nos termos de Swiggers, de uma *prática pedolinguística*:

[...] Ce contenu est une structure complexe, dans la mesure où il peut englober des énoncés théoriques (**sur l'analyse des données**) et métathéoriques (**sur la technique d'enseignement**), et des stratégies pragmatiques (par ex. dans les exercices) et idéologiques (**attitudes à l'égard d'une langue** ; peinture de la société ; charge « éthique » des exemples, etc.). (Swiggers, 1990a:28) [grifo nosso]

No Curso I, encontramos inúmeros enunciados que analisam exemplos de línguas para os alunos (ICLG:25); observamos comentários sobre a maneira de ensinar, como quando Riedlinger compara as convenções fonéticas diferentes usadas por dois professores, o próprio "M. de Saussure" e Karl Brugmann (ICLG:25); vemos, ainda, nomenclaturas fortemente carregadas ideologicamente, como *idiomes nègres* (ICLG:14).

O objetivo central da dissertação consistiu em identificar e descrever definições e exemplos de línguas empregados por Saussure no Curso I (1907) no que diz respeito aos domínios de *Fonologia*, *Fonética* e *Analogia*, tal como designados no texto que nos serve de material de análise. O objetivo, cuja tarefa de análise é eminentemente interna, foi desdobrado nas seguintes etapas:

1. Levantamento e caracterização de definições propostas por Saussure no tratamento dos diferentes conteúdos de cada um dos domínios;

2. Levantamento e caracterização dos exemplos de língua propostos por Saussure no tratamento dos diferentes conteúdos de cada um dos domínios;
3. Correlação entre as definições e os exemplos de línguas, nos três domínios em estudo;
4. Correlação dos resultados obtidos em 3. com o contexto institucional imediato do Curso I, ou seja, o ensino da disciplina Linguística Geral na Faculté de Lettres et Sciences Sociales em 1907. Frisamos que este último objetivo é secundário em nossa dissertação, de modo que ele foi inserido no trabalho como um ponto de partida para a compreensão da dimensão externa do texto.

Os quatro objetivos se apoiaram em um *corpus* que compreendeu, no total, 60 (sessenta) definições, 2424 (dois mil, quatrocentos e vinte e quatro) exemplos de língua¹², 7 (sete) mecanismos de organização do conteúdo temático, 41 (quarenta e um) símbolos implicados em esquematizações e 59 (cinquenta e nove) perguntas retóricas.

iv. Organização da dissertação

O **capítulo 1** expõe nossos pressupostos teóricos, em estreita relação com o tipo de problemática que construímos, apresentada na sequência. Analisamos, assim, algumas retomadas de exemplos e de metáforas creditados a Saussure em textos acadêmicos de autores outros, para tratar da vivificação do cânone através, justamente, de seus exemplos. Prosseguimos com algumas considerações sobre a atividade docente de Saussure, sobre estudos saussurianos de retórica e adotamos a distinção entre saberes epilinguísticos e metalinguísticos para abordar nosso objeto. Em seguida, apresentamos estudos historiográficos que nos forneceram os parâmetros metodológicos de análise de definições e de exemplos de língua. Encerramos o primeiro capítulo com um panorama dos estudos comparativistas e de Linguística Geral no final do século XIX, entre Alemanha, França e Suíça.

No **capítulo 2**, expomos a metodologia de nosso estudo e a organização das análises, repartidas em quatro capítulos. **Nos três capítulos subsequentes – 3, 4 e 5 –,** apresentamos

¹² Pedimos desculpas pela ausência de tradução dos exemplos de língua. A profusão das ocorrências e a ausência de glosas no Curso I nos informam, evidentemente, sobre o repertório presumido de sua audiência. Embora reconheçamos que uma análise dos exemplos com suas traduções pudesse ter levado a pesquisa a outro nível de profundidade, contentamo-nos em investigar a maneira como eles foram inseridos na argumentação da aula.

as análises de cada um dos domínios selecionados; respectivamente *Fonologia*, *Fonética* e *Analogia*. **O capítulo 6** agrupa a síntese dos três domínios e a Estrutura Institucional, assim como nossas conclusões. As **Considerações Finais** retomam e ampliam as conclusões a que chegamos.

Capítulo 1 / Problemática

1.1 Pressupostos teóricos

La science qui s'est constituée autour des fais de langue a passé par trois phases successives avant de reconnaître quel est **son véritable et unique objet**. (Saussure, 1916/1972[1995]: 13)¹³ [grifo nosso]

[le jugement] suppose l'existence et l'identité de la *chose* jugée, présente en personne dans la singularité d'une histoire autonome. Postulat ici refusé : **il y a une histoire, mais multiple et fourmillant de multiples réactivités, elles-mêmes suspendues à des origines et à des prolongements arbitrairement sélectionnés** [...] (Caussat, 1978:43) [grifo nosso]

O julgamento sobre a ciência dos fatos de língua que encontramos no *Curso de Linguística Geral* de 1916 nos conta que o objeto *legítimo* da referida ciência tem uma história, já organizada, aliás, em três sucessivas fases. A partir do CLG, uma delas compreende os estudos ditos *comparativos*, cujo marco simbólico é a publicação, em 1816, de *Système de la conjugaison du sanscrit*, de F. Bopp (1791-1867). Entre essa obra e o curso, cem anos transcorreram até que Saussure (1857-1913) tomasse como 'coisa julgada' a Linguística e a ela conferisse objeto de estudo não apenas *verdadeiro*, mas *único*. Nessa história, que pretendeu ser *definitiva*, Bopp teria inaugurado um método de comparação de idiomas que teria conferido autonomia ao campo, ao passo que, os neogramáticos, pesquisadores também germanófonos, teriam tido o mérito de colocar em perspectiva histórica 'todos' os resultados da comparação, no final do século XIX (CLG:19).

P. Caussat (1978), antes de apresentar suas próprias conclusões sobre o evento a que chamou de 'querela' das leis fonéticas, alerta seus leitores para a inevitável arbitrariedade embutida em *sua* história dos neogramáticos, escrita em 1978, no centenário de publicação do manifesto de K. Brugmann (1849-1919) e H. Osthoff (1847-1909), no prefácio da revista 'Investigações Morfológicas' (1878). Nos trechos que selecionamos como epígrafes, Saussure e Caussat agem sobre um domínio a que chamamos, em provisória homogeneização, de *passado*. No trecho que apresenta *uma* história da Linguística como *a* história, supostamente lastreada no *verdadeiro* e *único* objeto da ciência em questão, encontramos, de nosso ponto de vista, dois

¹³ SAUSSURE, F. de. *Cours de Linguistique Générale*. (1916) Ed. Tullio de Mauro (1967). Paris: Payot, 2005.

procedimentos inevitáveis em qualquer ato de conhecimento: a *escolha* do passado e a *idealização* do futuro. Nas palavras de Auroux,

Le savoir (les instances qui le mettent en oeuvre) ne détruit pas son passé comme on le croit souvent à tort, **il l'organise, le choisit, l'oublie, l'imagine ou l'idéalise, de la même façon qu'il anticipe son avenir** en le rêvant tandis qu'il le construit. Sans mémoire et sans projet, il n'y a tout simplement pas de savoir. (Auroux, 1994:13) [grifo nosso]

É assim que o 'pai' da Linguística como disciplina autônoma encarou o seu próprio tempo como o ápice de uma série acumulada de erros sobre a natureza da linguagem, cimo que se tornou, na verdade, grande fardo a ser desanuviado pelos linguistas de sua época, heróis ou mártires, às voltas com a caça ao 'verdadeiro objeto'. Caussat, por sua vez, recusa certa coisificação do passado ao chamar nossa atenção para o fato de que não é evidente que se esteja 'falando sobre a mesma coisa' apenas pelo fato de 'a coisa' estar localizada 'no passado', evidência tanto menor quanto mais longínquos são os agentes, que não podem mais responder em vida às características, aos méritos e deméritos que lhes imputamos.

O olhar *histórico* de Saussure difere, nesse sentido, do olhar *historiográfico* de Caussat, na medida em que o historiógrafo trabalha com o pressuposto de que todo ato de conhecimento possui limites, e limites não necessariamente consensuais; na terminologia de que se serve Auroux, o limite para o passado é chamado *horizonte de retrospecção*; o limite para o futuro, *horizonte de prospecção*, de modo que

Toute connaissance est une réalité historique, son mode d'existence réel n'est pas l'a-temporalité idéale de l'ordre logique du déploiement du vrai, mais la temporalité ramifiée de la constitution au jour le jour du savoir. (Auroux, 1994:13)

O conhecimento das formas de estabelecimento do *passado* a que se propõe o campo da Historiografia nos provê de um *ponto de vista*, para usar termo recorrente em Saussure, não de uma metodologia fixa:

I prefer to call the Historiography of the Language Sciences, [...] **a principled manner of dealing with our linguistic past**, or Linguistic Historiography for short, [which] furnishes the practicing linguist with the material for acquiring **a knowledge of the development of his/her own field**. (Koerner, 2004:9) [grifo nosso]

A citação acima nos mostra uma visão processual do campo de estudos, no sentido de pressupor que podemos lidar com o passado linguístico através da noção de *desenvolvimento*. Entretanto, Saussure, ao esquematizar três fases precursoras do 'verdadeiro' objeto da

Linguística, não opera, porventura, com a noção de *desenvolvimento*? Sim, se concordarmos que *progresso*, em tom melhorativo, é uma espécie de desenvolvimento. De qualquer modo, a Historiografia que embasa a presente dissertação não adota o tom melhorativo de *progresso* como fio condutor do processo de conhecimento. Ao assumir que o objetivo da atividade historiográfica é o de *reconstruir* o passado a partir de certos princípios, em vez de *descobrir sua verdade*, assume-se que a interpretação faz parte do ofício:

Linguistic historiography can be defined as **the discipline** which describes and explains **how linguistic knowledge** was gained, formulated, and communicated, and how it **developed through time**. Description and explanation are closely linked **in this reconstruction of the past**. (Swiggers, 1990b:21) [grifo nosso]

O mesmo pesquisador nos dá exemplo de investigação da maneira pela qual o conhecimento linguístico foi formulado, comunicado e como se desenvolveu com o tempo. Ele aponta que os séculos 17 e 18 são tratados de maneira “muito negativa”, quando não ignorados, pelas histórias da Linguística elaboradas no século 19. Este século, para o historiógrafo, incorreu na “armadilha da linguística heróica” (*le piège de la linguistique héroïque* 2013a), como se o passado tivesse que e pudesse ser superado, no entendimento moderno da temporalidade, como vimos quando Saussure analisa sua tradição.

Apesar da retórica geral de ruptura do século 19, a herança que o Renascimento deixou a ele foi entendida e sintetizada, pelo próprio Swiggers (2013a), nos cinco pontos que se seguem:

- (1) o reconhecimento de regularidades paralelas; é inevitável evocar a preocupação genealógica na investigação das mais diversas línguas, como foi o caso do administrador colonial britânico W. Jones (1746-1794), que difundiu a hipótese de que as semelhanças entre os idiomas céltico, gótico, grego, latino, persa e sânscrito apontariam para origem comum;
- (2) o postular de princípios heurísticos, metodológicos e explicativos do trabalho etimológico, a exemplo dos primeiros dicionários etimológicos produzidos na Europa, que forneceram matéria-prima aos comparatistas;
- (3) a reflexão sobre o princípio das mudanças linguísticas;
- (4) a continuidade da linguagem como forma oral;
- (5) o interesse pelos tipos de estrutura linguística e sua evolução.

(adaptado de Swiggers, 2013a:3)

Se são cinco, três ou dois os pontos de herança, o que nos parece importante frisar é a relativização de um discurso de ruptura do século XIX em relação ao seu passado, proporcionada pelo trabalho historiográfico. A Historiografia não nos autoriza, entretanto, que encaremos as heranças como ‘precursoras’ do século XIX, o que seria incorrer na imprecisão segundo a qual o passado está, necessariamente, a serviço do presente. Em termos gerais, a Historiografia procede por documentação, assimilada de maneira crítica e sistemática em relação a um quadro de tratamento, confrontado com uma literatura secundária (Swiggers, 2004:12). Apesar de classificações, tipologias e modalizações, a Historiografia é uma disciplina que subordina a sistematização à exaustividade da informação (Swiggers, 2004:1), o que significa que detalhes podem ser mais decisivos do que conclusões generalizantes. A síntese de Altman retoma a seleção e a arbitrariedade do ofício do historiador, e a ele acrescenta a exigência de coerência para a reconstrução proposta:

A atividade historiográfica que ambiciona compreender os movimentos de história da ciência, **resume**, inevitavelmente, **uma atividade de seleção**, ordenação, reconstrução e interpretação **dos fatos relevantes [...] para o quadro de reflexão que constrói o historiógrafo**. Não se trata, pois, de incluir quaisquer fatos passados, só por serem passados. [...] Deste ponto de vista, **a arbitrariedade do investigador** que seleciona nomes, fatos e datas **encontra seu limite na consistência e coerência da rede de relações estabelecidas entre eles**. (Altman, 2004:28-29) [grifo nosso]

Selecionamos três historiógrafos das ciências da linguagem, S. Aurox (1947-), K. Koerner (1939 -) e P. Swiggers (1955 -), como fontes relativamente independentes, na tentativa de contrastar três noções, a que chamaremos ‘princípios’, que cada um deles elaborou ao longo de suas trajetórias:

Quadro 1 Princípios da prática historiográfica

	Princípio 1	Princípio 2	Princípio 3
Aurox (1994)	definição fenomenológica do objeto	neutralidade epistemológica	historicismo moderado
Koerner (1996)	contextualização	imanência	adequação
Swiggers (2004)	heurística	hermenêutica	reconstrução

Aurox (1994), em prefácio de obra sobre o nascimento das metalinguagens linguísticas ocidentais e orientais, propõe o *princípio das definições puramente fenomenológicas do*

objeto (1) como maneira de se lidar com a diversidade das línguas e dos saberes sobre as mesmas ao longo dos séculos, sem aplicar-lhes rótulos historicamente situados como o substantivo *Linguística*, denominação que considera pertinente apenas para o século XIX. Em outras palavras, o objeto de estudo é situado em um campo de fenômenos perceptíveis por nossa consciência cotidiana (Auroux, 1994:15), como é o caso das anotações de aula de alunos de Saussure, que deram origem à síntese póstuma do CLG. Além disso, o cotidiano da situação de ensino (organização do currículo, carga horária, recursos, modalidades de avaliação, número de alunos por turma etc) traz consequências marcantes para a maneira como o saber é construído e, portanto, transmitido.

O segundo princípio, decorrente do primeiro, é o da *neutralidade epistemológica* (2), no sentido de que não se hierarquizam os saberes sobre as línguas em escalas como ‘cientificidade’, ‘primitivismo’ etc. Desta forma, *ciência* passa a ser uma noção descritiva e, em nosso tema de pesquisa, ela conferirá a mesma legitimidade ao estudo das habilidades didáticas, Saussure como ‘professor’, função frequentemente desprestigiada na Linguística teórica, e à investigação dos próprios conteúdos ministrados, a Saussure como ‘pensador’. Por fim, o *princípio do historicismo moderado* (3) afirma a possibilidade de se construir uma história que abarque as mais diferentes línguas e tradições, ao preço de certa homogeneização:

[...] les stratégies cognitives pour multiples et différentes qu’elles soient ne varient pas à l’infini. C’est pourquoi on peut reconnaître, par delà la diversité, des analogies, [...] (Auroux, 1994:16)

Embora nossos objetivos de pesquisa não se aproximem da comparação entre práticas de ensino de Saussure com o ensino das Letras no Brasil, precisamos reconhecer que o tema, em princípio, é estudável, ainda que requeira extrema prudência e abundante documentação. A título de exemplo das ‘analogias’ de que trata Auroux, destacamos, abaixo, o testemunho de um dos tradutores do CLG no Brasil (1971), o Prof. Dr. Izidoro Blikstein:

[...] Qual era o tipo de ensino? Tomava-se, por exemplo, *Os Lusíadas* (em Filologia Portuguesa) e o professor ia explicando palavra por palavra, o contexto cultural, a origem, etc. Era um ensino diacrônico. E de repente, começou a avalanche da Linguística, os livros, os estudiosos, as teses, começaram a chegar no Brasil. (BLIKSTEIN, 2013:104) [grifo nosso]

Na lembrança do professor, mobilizada no contexto de uma entrevista, o ensino de Filologia Portuguesa se baseava no que podemos chamar de ‘explicação de texto’. Não nos interessa investigar a aceção de diacronia em pauta na citação nem o teor da ‘avalanche’ que imputou

à Linguística, porque seu depoimento tem o valor de testemunho, cuja pertinência só pode ser auferida dentro de uma historiografia. Nesse sentido, é o trabalho de Altman (2004) sobre a pesquisa linguística no Brasil, no período de 1968 a 1988, que pode efetivamente dar conta do relato do tradutor. Completando nosso exemplo de possível ‘analogia’, tal como Aurox a generalizou, observamos, abaixo, a descrição de uma prática de ensino atribuída a Saussure, da qual a ‘explicação de texto’ faria parte:

In his first year as lecturer at the École des Hautes Études [1881] **Saussure taught a course** on Gothic Grammar, and another **on the fourth-century translation of the Bible** attributed to Bishop Wulfila, the principal text from which the Gothic language is known. [...] On Saturdays [...] **he devoted half the period to morphology and the other half to explicating Wulfila**. In his annual report for the year Saussure described the contents of the course:

The first lectures weren taken up with an introduction to the Gothic nation, the life of Wulfila [...] and the origin, [...], of the Scripture translation of which we possess fragments.

(Joseph, 2012:283) [grifo nosso]

Nesse sentido, adotamos o sintagma ‘explicação de texto’ para capturar dois relatos a propósito de duas práticas de ensino distantes de mais de oitenta anos. O nível de compatibilidade ou de divergências das práticas pode, assim, se tornar tema de pesquisa, dentro do historicismo moderado que propõe Aurox.

Segundo Koerner (1996), o primeiro princípio de apresentação de uma teoria linguística é o da *contextualização* (1), deve restituir o que ele define como *clima de opinião* do período, ou seja, o diálogo entre as correntes intelectuais da época. Tal conceito é importante na medida em que leva em conta não apenas a lógica interna dos argumentos como critério de aceitabilidade em certos tempo e espaço sociais, mas também as concepções implicitamente sustentadas. Como já apontamos na Introdução, nosso trabalho se configurou em uma análise eminentemente interna, pela proporção que a tarefa de análise tomou, dentro dos limites da dissertação.

O segundo princípio, chamado de *imanência* (2), toma o texto como uma unidade de sentido completa e autônoma, imersa dentro de certo *clima de opinião*. Através desse princípio fica bastante saliente a análise da metalinguagem do *corpus* de estudo, na tentativa de se minimizarem interferências do repertório do historiador na compreensão do passado, através da tentativa de compreendê-lo em seus próprios termos.

Por fim, o *princípio da adequação* (3) trata da maneira como o historiador traça eventuais correspondências entre ideias passadas e o presente, momento em que deve assumir sua responsabilidade pelas aproximações terminológicas eventualmente propostas. Este princípio não faz parte de nossos objetivos, a não ser como eventual conclusão provisória de nossa dissertação, mas a questão da metalinguagem se nos apresenta desde o tema do estudo. No Curso I, ‘fonologia’, por exemplo, é o estudo do som em relação à fisiologia do ato fonatório, enquanto que, ‘fonética’, é o estudo histórico da mudança linguística (ICLG:viii; 12).

Swiggers (2004) sintetiza em três passos metodológicos sua discussão sobre modelos, métodos e problemas em historiografia da linguística. O primeiro passo, *heurístico* (1), demanda a seleção de um *corpus* de pesquisa e de um conjunto crítico sobre o *corpus*, que promovemos na sequência do presente capítulo. O segundo passo apontado por Swiggers é chamado *hermenêutico* (2), e visa a devolver ao *corpus* seu contexto, colocando-o em relação com textos, autores, grupos e tradições, passo menos expressivo em nossa dissertação, como já afirmamos. O terceiro e último passo, *reconstrutivo* (3), como o próprio nome diz, reconstrói sistematicamente os dados auferidos, o que certamente ultrapassa nossos objetivos.

A definição puramente fenomenológica do objeto (Auroux 1) e a neutralidade epistemológica (Auroux 2) nos preparam a aproximação a Saussure, uma vez que nos compelem a deixar em suspenso certos rótulos (‘o pai da Linguística’, ‘o fundador do estruturalismo’) e certos hábitos interpretativos (‘as dicotomias saussurianas’, ‘o alijamento do falante no modelo saussuriano’). A contextualização (Koerner 1), a imanência (Koerner 2), a heurística (Swiggers 1) e a hermenêutica (Swiggers 2) dão conta da maneira pela qual o texto que nos servirá como fonte primária será estudado. Por fim, o historicismo moderado (Auroux 3), a adequação (Koerner 3) e a reconstrução (Swiggers 3) admitem ser viável a generalização sobre práticas do passado, sempre em relação ao presente que delas trata, ao mesmo tempo que propõem limites a conclusões demasiado gerais sobre a história ‘de toda a humanidade em todos os tempos’.

Os princípios da prática historiográfica convivem com os temas do geral e do particular, inevitáveis no estudo de qualquer idioma e, exponencialmente, no conhecimento produzido *nos* e *sobre os* inumeráveis idiomas de nosso planeta. A tarefa de empreender tal

conhecimento pode ser encarada como questão de encontrar *um* método, *uma* verdade. Em momentos como a década de 1890, tal como vivida por Saussure em sua procura por *um* objeto de estudo apropriado para a Linguística, encontramos, de sua pluma, o sintagma ‘ciência da linguagem’, no singular, o que sinaliza para seu projeto de unificação sintetizadora de ‘alguma coisa’:

Figura 1 folha de abertura do manuscrito ‘De l’essence double du langage’

De acordo com Colombat e equipe, o problema da generalidade pode propiciar uma indeterminação ‘desconfortável’ ao campo:

[...] à la fin du XIXe. siècle, [...] c’est le syntagme pluriel de ‘sciences du langage’ qui s’est imposé peu à peu. Derrière ce changement terminologique récent, [...] n’est-ce pas cette indétermination troublante de la ‘généralité’ en linguistique qui fait retour ? (Colombat et al., 2010:214) [grifo nosso]

A atestada diversidade de abordagens, modelos, métodos e validações no seio das próprias Ciências da Linguagem (Swiggers 1984; Colombat et al. 2010) ensejou comparações com reflexões desenvolvidas para outros campos do saber, como o das ciências físicas. O que nos interessa, neste ponto da dissertação, é aderir à leitura que faz Altman sobre a relação entre *ruptura* e *continuidade*, em sua investigação sobre a pesquisa linguística no Brasil. Não se trata de imputar uma suposta anomalia ou fragilidade aos estudos linguísticos, mas de reconhecer um modo de funcionamento menos homogeneizado do que aquele de outras áreas:

Parece razoável admitir que o avanço [...] do conhecimento que produzimos em ciência(s) da linguagem ocorre não só por rupturas e descontinuidades, mas também por acumulação e continuidades. Ou seja, **há momentos de divergência e diversificação, como também há os de convergência e unificação, e ambos parecem ser igualmente importantes para o refinamento do conhecimento produzido no âmbito da disciplina.** (Altman, 2004:38) [grifo nosso]

Como Altman, encaramos a variedade linguística e, em nossos tempos, a pluralidade nos estudos linguísticos, como constitutivas do campo.

1.2 O cânone e seus exemplos

[...] la diversité successive des combinaisons linguistiques (dites états de langue) [...] sont **éminemment comparables à la diversité des situations d'une partie d'échecs**.(Saussure,2002:206)¹⁴ [grifo nosso]

La langue est um système de signaux : ce qui fait la langue est le rapport qu'établit l'esprit entre ces signaux. **La matière, en elle-même, de ces signaux, peut être considérée comme indifférente**. (Saussure, 1907/1996:23) [grifo nosso]

[...] la langue est un système qui ne connaît que son ordre propre. **Une comparaison avec le jeu d'échecs** le fera mieux sentir. [...] si je remplace des pièces de bois par des pièces d'ivoire, **le changement est indifférent pour le système**. (Saussure, 1916/1972[1995]: 43) [grifo nosso]

Em nossa faculdade, o ingresso do estudante de Letras no universo heteróclito e multifacetado das Ciências da Linguagem passa pelo estudo do legado de Ferdinand-Mongin de Saussure (1857-1913), tomado como ponto de partida na formação do ingressante. Lançado em 2013, na senda da divulgação científica, a obra *Linguística? Que é isso?*¹⁵, apresenta Saussure ao leitor alheio aos estudos linguísticos:

[...] vamos tratar de um dos objetos teóricos criados pela Linguística: a língua. Esse objeto foi estabelecido por Ferdinand de Saussure, **considerado o criador da Linguística moderna**. Saussure era suíço, faleceu no dia 27 de fevereiro de 1913, aos 56 anos. **Sua obra mais importante é o Curso de Linguística Geral, cuja primeira edição é de 1916**. Na verdade, não foi o linguista suíço quem escreveu o *Curso*. **Ele expôs suas ideias sobre a ciência da linguagem em três cursos ministrados na Universidade de Genebra, em 1907, 1908-1909 e em 1910-1911**. A partir de notas dos alunos, Charles Bally e Albert Sechehayé, com a colaboração de Albert Riedlinger, organizaram **esse texto que influenciou, de maneira decisiva, o rumo dos estudos linguísticos**. (Fiorin, 2013:46) [grifo nosso]

O trecho em destaque revela, sem tardar e como não poderia deixar de ser, o caráter *coletivo* da obra, além de situar essa produção em espaço e tempo definidos. Certamente que a profusão de publicações de manuscritos autógrafos e de seus respectivos estudos tende a

¹⁴ SAUSSURE, F. de. *Ecrits de Linguistique Générale*. Éd. Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Editions Gallimard, 2002. Na presente dissertação, o compêndio de manuscritos será doravante referido como ELG, sigla eventualmente acompanhada da página da referida edição, como em 'ELG: 23'.

¹⁵ FIORIN, J.L. (org.) *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2013.

produzir novas interpretações sobre Saussure, além do *Curso*. O caso é que, para o estudante brasileiro de Letras, a comparação com o jogo de xadrez, celebrizada na vulgata¹⁶ para ilustrar o conceito de *língua*, faz parte do repertório dos neófitos até nossos dias.

O *Curso* recebeu tradução em português no ano de 1971, por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, equipe ligada à então editora Cultrix, que já vinha traduzindo e traduziria obras consideradas pós-estruturalistas, como as de Jakobson (1968), Dubois (1970) e Barthes (1974). Na percepção de Blikstein, também professor de Letras, a chegada de Saussure juntamente com as outras obras não foi motivo de ‘confusão’:

Eu diria que não dificultou a divulgação da tradução [do *Curso*] porque o **texto** que era considerado leitura obrigatória, básica, **continuou figurando na bibliografia universitária, sendo sempre citado. Mas é evidente que nós não podemos parar em Saussure**, para citar o caso de Benveniste, ele é um herdeiro de Saussure, é evidente que ele desenvolveu, por exemplo, a noção da enunciação, [...] E o que me parecia uma atitude prudente, sábia, da parte dos professores e especialistas, era entender tudo isso como um processo, de intertextualidade, de crescimento, de desdobramento, portanto era importante conhecer Saussure, mas era importante conhecer o que veio depois também. Mesmo porque me parece que o texto de Saussure, apesar de tantos trabalhos, tanto empenho, tanta dedicação estudando os manuscritos de Saussure, eu diria o seguinte, **o texto de Saussure não foi ainda totalmente perscrutado. Cada nova leitura implica novas descobertas.** (BLIKSTEIN, 2013:104) [grifo nosso]

Com o valor de testemunho a ser ponderado por uma historiografia, Blikstein encara a chegada do CLG ao currículo universitário como um elo de uma cadeia de desenvolvimento sem que, entretanto, o elo mais antigo seja encarado como ‘ultrapassado’. Voltando-nos para a obra de Fiorin, acima referida, o jogo de xadrez é retomado e parafraseado, o que reforça a eficácia epistemológico-pedagógica da já célebre comparação:

Saussure compara a linguagem a um jogo de xadrez (1969: 31-32). O jogo constitui um sistema, em que não importam o material de que são feitas as peças, o lugar onde o jogo apareceu, etc. O que importa ao sistema são as peças (seu número, suas funções), bem como as regras do jogo. Cada partida é um acontecimento, que manifesta o sistema. (Fiorin, 2013:47) [grifo nosso]

¹⁶ De forma alguma aderimos a qualquer conotação pejorativa para o termo *vulgata*. Em nosso estudo, o referido termo tem valor descritivo, atestando tão somente o nível de adesão alegada e de reconhecimento atestado de que o *Curso de Linguística Geral* desfrutou nas comunidades científicas de ciências humanas, sobretudo a partir dos anos 50 do século XX.

No centenário de falecimento de Saussure, o dossiê biográfico que a ‘Tribune de Genève’ publicou a seu respeito o apresenta aos leitores como “[...] un géant de la linguistique”, imediatamente caracterizado como “[...] un père espiègle et un mari aimant”¹⁷. A reportagem, que não hesitou em abordar episódios da vida privada do mestre, propôs aos leitores um teste de dez perguntas, relativas a gostos pessoais de juventude e a ideias famosas de nosso “génie pluriel”. Respondamos à primeira delas:

Figura 2 Quiz da ‘Tribune de Genève’ (13/7/2013)

A consagrada comparação acompanhava Saussure, ao que sabemos, desde, no mínimo, o decênio de 1890. No trecho apresentado logo abaixo, autógrafo, o jogo de xadrez aparece de maneira nuançada. Meditando consigo sobre a metáfora do jogo, ‘Ferdd’ duvida que o contraste entre os termos ‘posição’ (*position*) e ‘jogada’ (*coup*), traga algo de efetivamente relevante e operacional ao conceito de *língua*:

Il n’y a **aucune analogie en effet** pour l’esprit **entre ce qu’est une *position d’échecs* et un *coup d’échecs***. [...] **il est impossible de dire laquelle de ces deux choses**, totalement dissemblables, **constitue plutôt que l’autre le côté décisif de l’ensemble**, de manière à permettre de le classe quelque part. (ELG:208) [grifo nosso]

¹⁷ “Pai espoleta e marido adorável” (tradução nossa).

A nuance entre *posição* e *jogada* é apenas uma das variantes da metáfora sobre a qual Saussure meditou¹⁸. Em artigo que trata dos conceitos de diacronia e sincronia, J.-L. Chiss reproduz, em *apud*, uma afirmação de um dos grandes difusores iniciais do CLG, o linguista R. Jakobson. O expoente da fonologia de Praga toma como ponto de partida de sua reflexão a comparação entre língua e jogo de xadrez, chamada de ‘analogia’, explicitamente creditada a Saussure, desta vez para compreender o mecanismo das mudanças linguísticas em termos de uma provável *intenção* ou *finalidade*:

L'analogie saussurienne entre la langue et le jeu d'échecs peut être poussée jusqu'au bout. Il existe des changements linguistiques qui, pareillement aux déplacements dans le jeu d'échecs, ont « l'intention d'exercer une action sur le système » [...] (Chiss, 1978:110) [grifo nosso]

Nesse sentido, aquilo a que vimos chamando genericamente de *exemplo*, a despeito de uma terminologia mais precisa, se revela valioso expediente pedagógico, informativo e retórico, tanto para seus destinatários, na condição de alunos e leitores, quanto para aqueles que o reformulam, na condição de autores. Desta maneira, Jakobson “leva até o fim” o que ele chama de analogia entre língua e jogo de xadrez.

Do mesmo modo, A. Sechehaye, em seu livro *Programme et Méthodes de la Linguistique Théorique* (1908), debate a questão da mudança linguística apresentando os mesmos exemplos de Saussure anotados por A. Riedlinger sobre o curso de 1907 (Joseph, 2012:505).

Adotando-se por ponto de partida o CLG, o rápido exame de citações que retomam o jogo de xadrez nos permite afirmar que os exemplos são uma via de investigação pela qual “[...] les énoncés saussuriens continuent à être admis, explicités, commentés et discutés, à définir un corps de vérités et un domaine de validité [...]” (Chiss e Puech, 1994 :41). Quando Chiss e Puech ‘constatam’ a contínua admissão dos enunciados saussurianos na pauta dos estudos linguísticos, nós nos perguntamos se, a repetição de exemplos como o do jogo de xadrez não chega a provocar certo *efeito* de verdade na leitura da obra, como se pudéssemos testemunhar parte das aulas do professor M. de Saussure, através de exemplos ‘originais’.

Se assim for, a replicação de exemplos contribui para a preservação do cânone, sobretudo no caso de Saussure, reverenciado pela comunidade acadêmica menos no que toca à filologia

¹⁸ Para uma análise da metáfora do jogo de xadrez nos *Escritos de Linguística Geral*, consultar Vincent (2013:89-90).

comparatista do século XIX, ramo em que efetivamente publicou, e mais como teoria da linguística geral e da semiologia do século XX, embora se saiba, neste caso, que ele não tenha sido o autor efetivo do que foi publicado postumamente em seu nome (Altman, 2013).

Para nós, leitores, aprendizes, pesquisadores, os exemplos são mecanismos que credenciam uma teoria, legitimando sua argumentação. Um bom exemplo provoca um *efeito* de naturalidade, de aparente evidência que apenas ‘demoramos’ a descobrir, que esteve ‘sempre lá’. Em última instância, o que está em jogo, na questão dos exemplos, é se estes são mais um efeito da teoria ou se, em outro sentido, são ocorrências do mundo dos fenômenos, mais ou menos bem capturadas pela própria teoria. Saussure, por sua vez, pende para a primeira opção, quando nos lembramos de que o ponto de vista precede o objeto (CLG:23), assim como “[...] le lien qu’on établit entre les choses pré-existe aux choses” (ELG:200).

Sabemos que o jogo de xadrez é apenas uma das ocorrências de exemplos e comparações tematizados por Saussure que a tradição insiste em retomar, no ensino e na divulgação das Ciências da linguagem, como pudemos observar nas citações que compuseram esta seção. Mais adiante, na mesma obra de Fiorin, flagramos outra herança do CLG, a palavra *nu*:

No início da obra [CLG], Saussure pergunta-se qual é o objeto da Linguística. Para refletir sobre ele, **toma a palavra *nu* e diz que** ela pode ser três ou quatro coisas diferentes conforme o que se leva em consideração: um conjunto de sons, a expressão de uma ideia, a forma atual que corresponde ao **latim *nudum***, etc. (Fiorin, 2013:46) [grifo nosso]

É intrigante que alguns dos exemplos possivelmente empregados em sala de aula tenham não apenas sobrevivido, mas que continuem atuantes nas sucessivas sínteses feitas a partir dos ensinamentos de Saussure, como é o emblemático caso da vulgata de 1916 e da obra de divulgação científica - *Linguística? Que é isso?* -, por nós citadas. Na biografia *Saussure* (Joseph, 2012), encontramos inúmeras reproduções de exemplos que o ‘mestre genebrino’ teria empregado em aulas ou que foram registradas em manuscritos. Tais retomadas demandam, por parte do biógrafo, uma textualização diferente daquela que a fonte apresentou. É assim que encontramos, ao longo da volumosa obra, reorganizações, paráfrases e adaptações, como poderemos constatar através de dois casos: (a) o caso do exemplo dos sinais marítimos e (b) o caso dos exemplos *cor* e *civitas*.

(a) O caso do exemplo dos sinais marítimos

O biógrafo faz hipóteses sobre o desenvolvimento das ideias de seu biografado, apontando que um mesmo exemplo é sujeito a diferentes qualificativos. Para tanto, destaca a permanência do exemplo dos sinais marítimos ao longo de vinte e dois anos de reflexão em Saussure, entre uma fonte autógrafa manuscrita (1885) e um curso oral cujas anotações discentes foram editadas (1907), como veremos na próxima página.

Saussure gives the example of maritime signals, first explored in his notes of 1885 and revisited in the ‘Double Essence’ manuscripts, where he says that the system would not change if the colours of the flags faded. **This time** [no Curso I, 1907] **he seems to be treating it as a straightforward example of semiology, not subject to the qualifications he posed sixteen years earlier.** (Joseph, 2012:498). [grifo nosso]

Vemos, assim, que a teorização sobre a semiologia teria evoluído acompanhada pelos sinais marítimos, em notas para uso próprio (1885) e em curso para uso com alunos (1907). Embora se possam tratar separadamente as atribuições de professor e de pensador, custa-nos crer que a primeira atividade não tenha repercutido na segunda em termos de conceitualização teórica.

(b) O caso dos exemplos *cor* e *civitas*

Examinemos o quadro a seguir, em que dispusemos lado a lado os exemplos latinos *cor* e *civitas* entre um texto discente, preparado em 1907, editado em 1993, publicado em segunda edição em 1996, e a uma biografia de 2012:

Quadro 2 Exemplos *cor* e *civitas* entre o *Curso I* (1907) e a biografia *Saussure* (2012)

<i>Primeiro Curso de Linguística Geral (1907)</i> [Komatsu & Wolf (eds.), 1996:8]		<i>Saussure</i> (Joseph, 2012:494)	
<u>Son</u>	<u>Ecriture</u>	Early Latin	Late Latin
<i>cor civitas</i>	<i>cor civitas</i>	<i>cor/kor/</i> ‘heart’	<i>cor/kor/</i>
(k) (k)		<i>civitas/kiwitas/</i> ‘city’	<i>civitas/tsiwitas/</i>
<i>cor civitas</i>	<i>cor civitas</i>		
(k) (ts)	c=k c=ts (un signe pour deux valeurs phonétiquement différentes)		

Um primeiro olhar sobre o percurso dos exemplos *cor* e *civitas* entre uma e outra obra constata, de imediato, mudança na disposição espacial dos elementos. Revela-se, ainda, sem maiores análises, que Saussure se serviu daqueles exemplos para tratar, anacronisticamente falando, da dinâmica entre a oralidade e a escrita [*k* e *ts*, em anotação de A. Riedinger], enquanto que J. Joseph, envolvido por objetivos e demandas de seu próprio texto, tendo imaginado certo público-alvo para ele, privilegiou a nomenclatura e o período do idioma (*Early Latin/Late Latin*); além de ter transcrito os exemplos no alfabeto fonético hodierno, eles foram traduzidos para a língua inglesa, em que a biografia foi redigida.

No mesmo sentido, a obra crítica *Saussure, entre linguistique et sémiologie* (Fehr, 2000) reutiliza exemplos saussurianos, desta vez mobilizados para uma compreensão sistemática das dúvidas do pensador. Em outras palavras, Fehr utiliza exemplos atinentes ao CLG para explicar as próprias ideias de Saussure, sem lhes imputar um caráter definitivo, assim como Joseph (2012) observou a mudança na maneira com que Saussure caracterizou certos exemplos em sua trajetória de estudos. Da mesma maneira por que procedemos para com a biografia, selecionamos dois casos em que os exemplos saussurianos são reproduzidos em Fehr (2000): (c) o caso do contraste de versões de exemplos anotados a partir do segundo curso de Linguística Geral (1908) e (d) o caso da tradução alemã do *Curso*.

(c) o caso do contraste de versões de exemplos anotados a partir do segundo curso de Linguística Geral (1908)

Em uma concepção segundo a qual a língua existe como sistema de signos apenas na medida em que circula, é decisivo o papel do falante, munido de seu repertório, sempre parcial, de seu sistema latente de associações, no dizer do CLG. É em análise da atividade de tomada de notas que Fehr mostra, ‘experimentalmente’ a maneira como o tesouro de cada ouvinte é diferente.

O pesquisador observou as variações nas anotações de três ouvintes, para um mesmo conjunto de exemplos¹⁹ referentes ao segundo curso (1908). Veremos que, nas três versões, encontramos o signo *défaire* destacado de algum modo das demais ocorrências. Enquanto que

¹⁹ Na data de 14 de janeiro de 1909: Cf. CLG/E (I), p.293, n. 2064-2066.

Riedlinger e Constantin utilizam barras horizontais para separar blocos de signos, Gautier separa unicamente o signo em questão. Observemos outras particularidades no quadro abaixo:

Quadro 3 Exemplos de língua nas anotações de Riedlinger, Gautier e Constantin

Anotação de Albert Riedlinger	Anotação de Léopold Gautier	Anotação de Émile Constantin
<div> <div>refaire</div> <div>parfaire</div> <div>faire</div> <hr/> <div>défaire</div> </div> <div>associatif</div>	<div> <div>l'axe</div> <div>syntagm. :</div> <div> <div>décrire</div> <div>dé-</div> <div>déplacer</div> <div>déranger</div> </div> </div> <div> <div>refaire</div> <div>-faire</div> <div>défaire</div> <div>parfaire</div> </div>	<div> <div>Ce qui est pensé</div> <div>à côté</div> <div>(associatif)</div> </div> <div> <div>parfaire</div> <div>refaire</div> <div>faire</div> <hr/> <div>dé-faire</div> <hr/> <div>dé-placer</div> <div>dé-ranger</div> <div>dé-mettre</div> <div>etc.</div> </div>

(adaptado de Fehr, 2000:158)

Riedlinger lista quatro termos sem separação e dois com separação; Gautier, por sua vez, lista seis termos sem separação e um termo, o central, com separação. Por fim, Constantin apresenta três termos não separados e quatro termos separados, além de ter terminado a lista com *etc.* que, sabemos, prolonga virtualmente a enumeração. Vemos que difere, ainda, a ordem de apresentação das ocorrências. Considerando-se, como Fehr, que a Linguística Geral de Saussure toma como pilar o processo de transmissão das línguas, ou seja, toma por princípio que as línguas estão ‘condenadas’ a variar, observaremos a versão dos conjuntos associativos de *défaire* apresentada pelo CLG (1916). Embora Bally e Sechehaye tenham tido acesso apenas às notas de Riedlinger e de Gautier²⁰, a representação gráfica dos editores elaboraram difere consideravelmente das variações propostas pelos alunos:

Figura 3 Exemplos de língua no CLG (2005/1972[1916]:178)

²⁰ Fehr esclarece que as notas de Constantin vieram a público em 1958.

Como sintetiza Fehr, apenas o ‘original’ *déplacer* foi preservado. *Décoller* e *découdre* substituem *déranger* e *décrire*, assim como *contrefaire* substitui *parfaire*. O contraste das quatro versões revela, uma vez mais, que, para cada falante, “[...] les éléments de la série associative ne se présentent ni en nombre déterminé ni en ordre déterminé.” (Fehr, 2000:160) As quatro versões manipulam elementos de um mesmo idioma, mas a maneira como estão dispostas as ocorrências não decorre da língua francesa em si, mas dos falantes que a manipulam, atestadas pelas variedades.

(d) o caso da tradução alemã do *Curso*

Ciente de que a série francesa *redouter*, *craindre*, *avoir peur* demanda a tradução da gradação entre os três signos, e diante do fato de que a língua alemã não proporciona tal gradação com tais verbos, o tradutor propôs como exemplos a série *denken*, *meinen*, *glauben* (*pensar*, *opinar*, *acreditar*). Segundo Fehr, a necessidade de tal solução ilustra o ‘fato’ de que as grandezas linguísticas não são isoláveis; de que não se trata de procurar pela referência de cada signo, mas antes de descrever relações entre signos de uma dada língua, no projeto saussuriano entre linguística e semiologia. (Fehr, 2000:137)

Em diferentes situações de produção, pudemos observar as reorganizações, mais ou menos expressivas, de alguns exemplos creditados a Saussure. Entretanto, o que sabemos sobre sua prática de ensino ao longo dos trinta anos de docência (1881-1891, em Paris, 1891-1911, em Genebra)?

1.3 Aspectos da atividade docente de Saussure

Em relatório de aproveitamento para a École Pratique des Hautes Études (EPHE, Paris, 1882-1883), Saussure tematizou uma maneira de tratar a variedade de dialetos de alemão antigo quando se lida com público de iniciantes:

For beginning students the multiplicity of dialects would effectively pose all the greater difficulty given that there still does not exist an elementary grammar intended to guide them [...] grammars are, for these reasons, of little help; **beginners must compose their own grammar based on a particular text which they must make it a rule not to go beyond [...]** (Saussure, traduzido e citado por Joseph:2012, 292) [grifo nosso]

Saussure se tornou *maître de conférences de gothique et de vieux haut-allemand* na referida escola, por nomeação de Michel Bréal (1832-1915). Em seu primeiro ano, o novato ministrou gramática gótica através do principal texto remanescente na língua, fragmentos de tradução da Bíblia, de autoria de um bispo, Ulfilas (Fehr, 2000:237). O desempenho do novo conferencista foi, de fato, reconhecido pela instituição francesa, o que não impediu a manifestação de desapontamento do professor em relação aos alunos:

The large jump in the size of Saussure's audience might appear to have made **1883-4 his most succesful teaching year to date**. In addition, the École was sufficiently satisfied with his performance **to raise his pay by 25 per cent** [...] **But his annual report to the École is the first one to reflect real disappointment in the students, and to lack a sense of intellectual excitement in the work**. (Saussure, traduzido e citado por Joseph: 2012, 295) [grifo nosso]

Durante os dez anos em que permaneceu vinculado à EPHE, Saussure ministrou os seguintes cursos: Interpretação de textos de alemão antigo (*Ulfilas, Hildebrandlied*), Gramática comparada de dialetos alemães antigos, Vocalismo de dialetos de alemão antigo, Norrois antigo, Vocalismo anglo-saxão, Gramática do alto alemão antigo, Gramática comparada do alto alemão antigo, Língua lituana, Gótico, Gramática comparada do grego e do latim, Gramática histórica do grego e do latim (Fehr, 2000:237-238).

Joseph nos apresenta mais um testemunho de Saussure sobre sua própria atividade de ensino, quanto ao uso da abordagem comparativa entre o gótico e o alemão, desta vez no relatório de 1883-4 para a EPHE:

Each chapter of Gothic Grammar was followed by the corresponding chapter of German Grammar; **before passing to a new topic, the same chapter was studied again from the historical and comparative point of view**. This order appeared the most favourable both for the work of memorization and for making theorethical explanations interesting. (traduzido e citado por Joseph, 2012:318) [grifo nosso]

No trecho em destaque, o contraste entre o gótico e o alemão é utilizado para retomar os estudos dos dois idiomas, que haviam sido ministrados separadamente, o que melhoraria a aprendizagem e o interesse por questões teóricas dos alunos. Paralelamente ao cargo de ensino, Saussure foi secretário adjunto da Société de Linguistique de Paris, entre 1883 e 1891 (Fehr, 2000:237-238).

Em Genebra, na Faculté de Lettres et Sciences Sociales, instituição em que atuou de 1891 a 1911, Saussure, titular da cadeira de sânscrito, ministrou os cursos que se seguem, a maior parte deles mais de uma vez: Sânscrito, História das línguas indo-europeias, Fonética grega e latina, Estudos de etimologia grega e latina, O verbo grego, Estudos de inscrições gregas arcaicas, Estudos de declinação grega, Dialectos gregos, Estudos etimológicos de grego e latim, Estudos etimológicos e gramaticais sobre Homero, Inscrições persas, Gramática gótica, Leitura do léxico de Hésychius, Teoria da sílaba, Alemão antigo, Gramática comparada de grego e latim, Fonologia do francês atual, Estudos do dialeto homérico, Versificação francesa: estudo de suas leis, do século XVI a nossos dias, Linguística geográfica da Europa, Norrois antigo, Os *Nibelungen*, Gramática histórica do inglês e do alemão, Gramática histórica do alemão, Linguística Geral, Gótico e saxão antigos, Proto-germânico, Etimologia grega e latina: as famílias de palavras e os procedimentos de derivação.

Um primeiro olhar sobre os cursos entre as duas instituições nos permite observar a maior variedade de idiomas e de temas no período genebrino. Em contrapartida, no ano de 1912, já afastado da Faculté por motivo de saúde, Saussure era referido no jornal 'Le Genevois' como anti-exemplo de docente:

MENU PROPOS

Le professeur idéal

Dans l'Université bien gouvernée qu'on nous prépare et que l'Europe ne tardera pas à nous envier, quel serait le professeur idéal, selon le coeur de M. William Rosier? Ce ne serait sûrement pas M. Ferdinand de Saussure. (citado por Joseph, In Université de Genève, 2013)

O que pode ter acontecido entre um início promissor na docência, imediatamente acompanhado de desencanto, e um término escarnecido da carreira, publicizado em um meio de comunicação local? Esta questão ultrapassa, evidentemente, o alcance desta dissertação, mas sua validade reside em tornar mais intrigante, para nós, o objeto de estudo.

A atual Universidade de Genebra passou a ser afetada, sobretudo entre 1906 e 1912, por intenções de reformas curriculares e administrativas, algumas delas ligadas à introdução de línguas modernas em nível superior, antes mesmo do referido período. Na listagem de cursos proferidos por Saussure, por exemplo, pudemos observar *Phonologie du français actuel*, ministrada desde 1898-1899 pelo professor, e *Versification française: étude de ses lois du XVI siècle à nos jours*, a seu cargo desde 1901-1902. Embora as tentativas de mudança não

tenham sortido efeito nos primeiros anos do século XX (Vincent: 2013:128), foi intenso e publicizado o desgaste político que tomou por alvo professores considerados ‘velhos mandarins’ da Faculté, como no caso de Saussure. A chegada de W. Rosier à presidência do Departamento de Instrução Pública permitiu o trâmite de propostas como a criação de uma graduação (*licence*) em Economia, a integração de ciências comerciais nos currículos e a divisão do curso em duas habilitações (*sections*), uma em letras clássicas e modernas, outra em ciências sociais.

Em 1908 Saussure foi presenteado com a coletânea de artigos de colegas (*Mélanges de linguistique offerts à M. Ferdinand de Saussure*), preparada sobretudo por Meillet, em comemoração aos seus cinquenta anos de idade, na tradicional cerimônia conhecida como *Festschrift*. O prefácio da obra, de que veremos extensa porção a seguir, enfatiza a todo o momento a transmissão do trabalho de Saussure através da dimensão do ensino:

Les quelques années où M. Ferdinand de Saussure a été, sur l'initiative de M. Bréal et auprès de lui, secrétaire adjoint de notre Société (1883-1891) et maître de conférences à l'École des Hautes Études (1881-1891), ont été décisives pour le développement de la linguistique en France. Depuis, rentré dans la ville à laquelle sa famille a fait tant d'honneur, M. F. de Saussure a continué son bel enseignement. Quelques-uns de ses anciens élèves et de ceux qui, sans l'avoir entendu directement, à Paris ou à Genève, ont subi son influence à travers l'enseignement de ses disciples, ont tenu, par ce recueil, à lui marquer leur reconnaissance. La Société de linguistique de Paris est heureuse de pouvoir lui dédier l'un des premiers volumes de sa nouvelle collection. Elle remercie les éminents linguistes, compatriotes de M. F. de Saussure, qui ont bien voulu joindre leur hommage à celui des anciens élèves de l'auteur du *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes*.

(Société de Linguistique de Paris, 1908)

Dentre outras informações, vemos que suas “conferências” foram “decisivas para o desenvolvimento da Linguística na França”; que o professor continuou seu “bel enseignement” em Genebra; que seus discípulos propagaram o seu “enseignement” e que seus “ancien élèves” fizeram questão de homenagear o “auteur du *Mémoire*”. C. Bally, o organizador da cerimônia, que transcorreu em Genebra, proferiu um discurso em que a

atividade de ensino foi, novamente, tematizada. Seleccionamos, a seguir, extensa porção do texto, pela riqueza de detalhes e pelo teor elogioso que carrega, condizente com o contexto de produção e com a presença física do homenageado:

[...] **To give an ideia of your mode of exposition is something impossible** because it is something **unique**; it is a scientific imagination, the most fecund that would be dreamed of, **from which creative ideas explode**; **it is a method at once supple and severe** which, while holding back any overly lively mental leaps, **gets the maximum from one's effort**; it is also a stunning clarity of vision, which sheds light on the most obscure questions; it is, finally, **something indefinable**, a *je ne sais quoi* which reveals **an artist's nature** and which manages to add a note of beauty and of sober elegance to the discussion of the most arduous problems. (Bally, traduzido e citado por Joseph, 2012:527) [grifo nosso]

A despeito das convenções de gênero que um discurso de *Festschrift* deveria demandar, intriga-nos a constante tematização da atividade de ensino de Saussure, tanto pela sinceridade que o testemunho pode ter apresentado quanto pela ausência de comentários sobre os trabalhos publicados do mestre, a não ser pelo *Mémoire*, evocado no documento escrito que examinamos há pouco. Para o tipo de trabalho e para os objetivos que estabelecemos nesta dissertação, o *je ne sais quoi* de Bally permanece conosco. Em que consistiria, mais precisamente, ser dotado de um “modo de exposição” “único”, “artístico”, “sutil e severo”, “indefinível”, “criativo”?

A atual Universidade de Genebra, elaborou material audiovisual no âmbito das comemorações do centenário de falecimento de Saussure (1913-2013):

Figura 4 Encenação de aula de Saussure

(‘Ferdinand de Saussure: la Linguistique comme passion’, DVD comemorativo, elaborado pela Universidade de Genebra, 2013; extratos de 22’’e 19’54’, em duração total de 21’’ do trecho)

Além de entrevistas de especialistas e de informações biográficas, o DVD propõe, como vimos nas imagens anteriores, uma ‘reconstituição’ da aula de Saussure. O ator Michel Kullmann discorre durante vinte e um minutos sobre o signo linguístico, tema que se apresentou no terceiro curso de Linguística Geral (1911), ausente no Curso I. Dentre as inúmeras informações sobre a cultura institucional que as imagens nos fornecem, destacamos apenas, na primeira imagem, os recursos de que dispunham os professores: quadro negro, púlpito, mesa e suporte escrito para a leitura das aulas. Na segunda imagem, atentamos apenas para a possibilidade de uso da lousa.

Se a audiência não fez parte da reconstituição proposta no DVD, o conteúdo encenado, entretanto, leva os interlocutores em conta, desde o início do texto dramatizado: “Avant de terminer ce chapitre, je vais mettre une sorte de post-scriptum comme réponse à une lacune apparente qu’on pourrait relever; peut-être direz-vous que [...]” (0:22- 0:35). Não nos importa saber se Saussure se referia a comentários de alunos sobre a “aparente lacuna” relativa a um tema qualquer, ou se o professor adotava como estratégia retórica a identificação de possíveis objeções a seu discurso, que poderiam provir não da audiência, mas do clima de opinião dos estudos linguísticos. Basta-nos constatar, depois do breve exame de aspectos da atividade docente de Saussure, que nosso professor foi bastante ‘elogiado’ em sala de aula, e que os elogios são informações demasiado difusas para o estudo de sua prática de ensino.

Fora da sala de aula, no âmbito da escrita cujos destinatários são pares, e não alunos, Saussure foi alvo de estudos de crítica genética que buscaram compreender modalidades argumentativas no processo de elaboração textual do autor. Sofía (2012), dentro do projeto de estudo de possíveis especificidades da escrita em ciências humanas, retomou manuscritos saussurianos já analisados por Marchese (2002b), redigidos por conta de uma resenha de livro sobre a teoria da sonante, publicada em 1897. Marchese insistiu na profusão de repetições e na dificuldade de Saussure em encontrar maneiras que considerava adequadas de expressar suas críticas mais que contudentes ao livro (Sofía, 2012:61). Em sintonia com Marchese, Prosdocimi (1988) propôs uma sequência típica para a escrita teórica de Saussure, no âmbito de manuscritos relativos ao estudo de lendas germânicas, atividade a que Saussure se dedicou particularmente na época do Curso I (1907).

O estudo de Chidichimo (2011) sobre o manuscrito ‘De l’essence double du langage’ foi também citado por Sofía, para tratar da preocupação com a “coerência e com a sistematicidade” na escrita (Sofía, 2012:61), auferida pela análise de repetições com modalizadores do tipo *valeurs oppositives*, *valeurs purement négatives*, *valeurs essentiellement négatives*, *valeurs éternellement négatives*. O trabalho de Sofía consistiu em confirmar as interpretações e apurações dos três pesquisadores. A sequência estabelecida por Prosdocimi foi assim organizada por Sofía:

[...] [a] Il aborde le sujet offert à son esprit **par une situation quelconque**, [b] il s’en fait rapidement une **opinion personnelle** [...] [c] Cette opinion personnelle arrive à revêtir le caractère fulgurant de **la révélation qu’il a tout résolu**, où tout élément trouve sa place. [d] **Il met alors le tout à l’épreuve**, par des dispersions/complications dans tous les sens qui [...] [e] conduisent à une masse désormais indomptable, qu’il réduit à l’impuissance opérative et [dont il] **rend possible une confection unifiée** en vue de la publication [...] (Sofía, 2012:59) [grifo nosso]

O pesquisador, ao ter mostrado, por exemplo, as trinta e cinco reelaborações que um único parágrafo sofreu antes de sua versão original, insiste que os manuscritos saussurianos devem ser tratados como importante fonte de elaboração teórica, não como rascunhos “irréfléchis” (Sofía, 2012:72). Ele se utiliza da classificação genética de d’Iorio (2003:9) para resumir o ‘caso’ de Saussure, um pensador que escreve para pensar e não o contrário (Sofía, 2012:73). Sofía aponta, ademais, que os cursos orais podem ficar no meio-termo entre os manuscritos, em que Saussure não esconde suas opiniões, e a modalização de tais críticas em um texto dirigido a seus pares, como no caso da resenha: “Saussure aurait été plus à son aise à l’oral qu’à l’écrit” (Sofía, 2012:64, 74). Não podemos deixar de nos lembrar da entrevista que o professor teria concedido ao aluno L. Gautier em 1911, no final do terceiro curso. Em resumo escrito, a insatisfação de Saussure com a disciplina é o tema dominante:

Je suis toujours très tracassé par mon cours de linguistique générale. (*Je lui dis qu’on serait très désireux de connaître au moins un élément de son système de philosophie du langage*). **Je ne le crois pas. Tout cela n’est pas assez élaboré.** (*Je lui demande si, avant la mort de Wertheimer, il ne s’était guère occupé de ces sujets*). Au contraire, je ne crois pas avoir rien ajouté depuis lors. **Ce sont des sujets qui m’ont occupé surtout avant 1900.** J’ai parlé cette année de beaucoup de questions extérieures au langage, j’ai commencé par là cet hiver ; mais cela ne peut suffire. **Je me trouve placé devant un dilemme : ou bien exposer le sujet dans toute sa complexité et avouer tous mes doutes, ce qui ne peut convenir pour un cours qui doit être matière à examen. Ou bien faire quelque chose de simplifié, mieux adapté à un auditoire d’étudiants qui ne sont pas linguistes.** Mais à

chaque pas je me trouve arrêté par des scrupules. Pour aboutir, il me faudrait des mois de méditation exclusive. (citado por Fehr, 2000 :30, baseado em material presente nas *Sources Manuscrites du Cours de Linguistique Générale*, de Robert Godel, 1957) [grifo nosso]

Diante da variedade de temas e de idiomas que foram objeto de ensino de Saussure; diante do esquema interpretativo da escrita saussuriana e, mais ainda, diante do testemunho do professor, presumivelmente anotado por seu aluno, como capturar a dimensão do ensino em Saussure?

Encontramos em Aurox (2009) a possibilidade de adentrar o terreno da ‘didática’ de Saussure com o mínimo de interferência de nossa própria concepção de ensino. Inspirado em trabalhos de Culioli (1968), o historiógrafo se apropriou de duas noções elaboradas pelo linguista francês, e as transferiu para seu projeto que consistiu em retratar a reflexão sobre a linguagem nas culturas ocidentais e orientais:

O saber linguístico é múltiplo e principia naturalmente na consciência do homem falante. Ele é *epilinguístico*, não colocado por si na representação, antes de ser *metalinguístico*, isto é, representado, construído e manipulado enquanto tal com a ajuda de uma metalinguagem [...] A continuidade entre o epilinguístico e o metalinguístico pode ser comparada com a continuidade entre a percepção e a representação física nas ciências da natureza. (Aurox, 2009:17)

A continuidade existente entre os saberes epilinguístico e metalinguístico em sala de aula consiste, por exemplo, na ação do professor, que insere, a seu modo e na dependência de seu público, a metalinguagem que pretende fazer manipular pelos alunos, participantes estes que dispõem, em princípio, de mais saberes epilinguísticos do que metalinguísticos. De modo algum, assim como Culioli e Aurox, encaramos que um tipo de saber seja ‘melhor’ do que outro. A questão é aquilo que se pode fazer, em termos de dominação social, por exemplo, dispondo de um e outro.

Para nossa dissertação, julgamos proveitosa a referida distinção porque ela nos permite, por exemplo, organizar um primeiro levantamento de termos que Saussure define (ou não) no Curso I. Mais ainda, a distinção entre epilinguístico e metalinguístico nos lembra do princípio da neutralidade epistemológica, outrora proposto por Aurox (1994), segundo o qual rótulos como ‘cientificidade’, ‘primitivismo’ não condizem com propostas de investigação historiográficas. Em nosso caso, classificar procedimentos de Saussure como

‘mais dinâmicos’, ‘mais interativos’ nos limites de uma dissertação seria uma precipitação, para não dizer uma incompreensão profunda. Nesse sentido, o domínio da Historiografia Linguística nos ofereceu outras categorias de análise para as definições e para os exemplos de língua, de cuja origem trataremos na próxima seção.

1.4 Estudos da definição e do exemplo

Em ‘Du discours au discours par l’usage: pour une problématique de l’exemple’, A. Rey (1995) admite oferecer poucos exemplos para responder à pergunta principal do artigo: de que maneira a seleção e a fabricação dos exemplos que acompanham as definições se relacionam com a concepção de *uso* que nutre o lexicógrafo, personagem curiosamente discreta da história dos dicionários?

O autor recorre à *fala* saussuriana para falar da necessidade, por parte do lexicógrafo, de dar a ver uma imagem de *certos* usos da língua. Com seus procedimentos heurísticos e didáticos, o lexicógrafo age sobre um discurso-fonte (*discours-source*), definido como a totalidade teórica da fala saussuriana para certo sistema. Segundo Rey, embora as circunstâncias de enunciação estejam muito pouco presentes nos dicionários, na prática, a totalidade teórica existe ou como um *corpus* finito ou como um conjunto indeterminado de enunciados (observados, modificados ou produzidos *ad hoc*). (Rey, 1995 :95). Em outras palavras e sem rodeios, “[...] il faut toujours réprimer la parole irrépressible; [...] c’est ce que font les dictionnaires avec leurs exemples.” (Rey, 1995:120).

O discurso-fonte sobre o qual age o lexicógrafo para extrair seus exemplos deixa traços mais ou menos explícitos nos dicionários. Quando os traços são menos visíveis, cogita-se que o exemplo possa ter sido retirado de texto que, ele mesmo, não o tenha referenciado, ou que o próprio lexicógrafo tenha suprimido a fonte enunciativa. Para Rey, “Il arrive même que ces manipulations soient constitutives d’une méthode.” (Rey,1995:105). Para a problemática mais imediata de nossa dissertação, lembramos que, no Curso I, o professor precisou selecionar, fabricar, elencar, julgar exemplos que falassem ‘por todas as línguas’, que revelassem mecanismos supostamente partilhados por ‘todas as línguas’, ainda que nem todos os idiomas do globo tenham fornecido exemplos concretos para as aulas. É assim que, fatalmente, Saussure recorre a um *corpus*, mais ou menos determinado, de acordo com as demandas de

sala de aula e da universidade em que então atuava, como veremos no capítulo dedicado às análises.

De início, Rey propõe uma definição mais descritiva de *exemplo*, como sequência discursiva com pretensão de autonomia (Rey, 1995:109). Se a possibilidade de ser isolável é suficiente como definição geral, no plano prático, entretanto, a variabilidade de cada caso precisa ser assinalada: “L'exemple est par sa nature un signe dont les signifiés sont extrêmement variables et souvent pluriels. Il est constitué de collocations et constructions supposées usuelles ou nécessaires, référencées ou non.” (*idem*). A investigação da elaboração – diária e cultural – dos exemplos passa, no estudo de Rey, pelo exame daquele fato de discurso na longa tradição retórica, dialética, moral e judicial, o que acaba por repercutir na própria definição de exemplo que acabamos de apresentar.

Na tradição latina, o verbo *emere* (pegar) permite a prefixação observada em *eximere* (extrair). O supino *exemptum* e o substantivo *exemplum* remetem, dentro de um raciocínio jurídico que busca produzir provas válidas, à indução de um fato particular através de outro fato particular, implicando regra ou tendência, modelo a ser imitado, sobretudo em Cícero e em Quintiliano.

Na tradição grega, o verbo *deiknumai* (mostrar) e o substantivo *paradigma* são, também, encontrados na *Retórica* e nos *Tópicos* de Aristóteles (Rey, 1995:95-97). O exame de Rey se estende até dicionários monolíngues franceses dos séculos 17 e 18, quando a nova definição de *exemplo*, para o autor, passa a abranger a *norma* linguística: “[...] signe inductif d'une catégorie de faits singuliers, renvoyant implicitement à une règle ou à une tendance, c'est-à-dire une norme.” (Rey, 1995:103). Em seu entender, é quando uma norma passa a tomar corpo que o dicionário monolíngue entra em ação. É assim que o *bom* uso, definido como “[...] habillage démocratique d'une loi du plus fort socialement, politiquement, intellectuellement.” (*idem*, p.99) passa a ser representado no dicionário, na medida em que

[...] le caractère toujours discursif de l'exemple requiert, pour qu'exemple il y ait, que le fragment prélevé, par quelque aspect que ce soit, **représente un usage**, um registre, **un style**, un type de contenu [...] **dûment reconnu et classé, c'est-à-dire du socio-culturel repéré ou repérable**. (*idem*, p. 111)
[grifo nosso]

Se a questão da norma não se relaciona diretamente com o Curso I de Saussure, a figura do gramático, entretanto, por muitas vezes participou da apresentação dos conteúdos temáticos. A título de curiosidade, vejamos a comparação, estabelecida na página seguinte.

[...] on arrivera à dire que **la somme des associations <-conscientes ou non-> bien étudiées <équivaldra aux> classements conscients, méthodiques que pourra faire un grammairien**, sauf sur un <seul> point: le grammairien fera intervenir l'histoire. (ICLG:67) [grifo nosso]

O professor optou por comparar o conhecimento epilinguístico do falante com o saber metalinguístico do gramático, saber este que classifica consciente e ‘metodicamente’ as associações que o falante realiza de maneira mais ou menos consciente. Em seção anterior, pudemos observar retomadas, repetições e reformulações de certos exemplos creditados a Saussure, realizadas por alguns de seus comentadores que, assim, contribuíram e contribuem para a longevidade de tais fatos de discurso. Afirmamos, na ocasião, que um ‘bom’ exemplo provocaria uma espécie de efeito de verdade, pela evidência que proporcionaria em relação àquilo que exemplifica.

O estudo de Rey vai de encontro à naturalidade que creditamos aos ‘bons’ exemplos pois, como vimos, é a *crença* na possibilidade de representar de maneira *homogênea* o idioma que dá caução à prática lexicográfica, cuja objetificação da língua no discurso metalinguístico requer técnicas e gera problemas de um verdadeiro *métier*. A despeito da diferença de contextos histórico-culturais e de condições de trabalho, as personagens do lexicógrafo, do gramático e do linguista vivem às voltas com a representação da(s) língua(s)-objeto(s) de que tratam, no comum objetivo de refletir, selecionar, criar, hierarquizar e instruir. No Curso I, Saussure convocou, uma vez mais, o ponto de vista do gramático, para contrapô-lo ao do falante não-especializado (*la langue*): “[...] le tout est de savoir dans quelle mesure le classement de la langue et du grammairien se correspondent.” (ICLG:71).

Estudos da definição no âmbito da gramaticografia espanhola

Em texto programático, Swiggers (2009) ressalta a importância de se realizarem estudos sistematizados das terminologias linguísticas como sistemas nocionais. O pesquisador reúne e sistematiza, por sua vez, orientações para o trabalho terminológico, de que as definições são objeto privilegiado. Para seu estudo específico, Swiggers aponta os seguintes três critérios: a

incidência da definição, o conteúdo da definição e a forma linguística que a definição assume no material de análise.

O objeto com o qual a definição pretende estabelecer uma relação de representação pode ser por ela referido em *definitio rei* (*O substantivo ...*), ou, de outra maneira, como um nome, em *definitio nominis* (*O termo ‘substantivo’ ...*). Já o conteúdo da definição pode apresentá-la de modo *essencial*, como sendo a ‘expressão’ de algo (*X designa, expressa, ...*), *formal* (*X se caracteriza por*) ou *funcional* (*X ocupa certa posição, serve para*). Por fim, a forma linguística da definição pode ser sistematizada em, no mínimo, quatro tipos de predicação: (a) copulativa (*X é ...*), (b) *final* (*X serve para ...*), (c) inclusiva (*X agrupa os elementos ..., X são os elementos ...*) ou (d) estipulativa (*Deve-se entender por X ..., No presente método se deve entender X como ...*) (Swiggers, 2009:27).

Os instrumentos analíticos que Swiggers reuniu na publicação consultada foram particularmente aplicados em um estudo sobre o termo ‘pronome’, feito em conjunto com Quijada Van den Berghe, nas gramáticas da língua espanhola entre os séculos XVI a XIX. Uma das principais conclusões de suas análises aponta para mudança em relação ao próprio estatuto do pronome:

La consideración del pronombre como parte de la oración autónoma ha sido, para la mayoría de los gramáticos hasta finales del siglo XVIII, una “evidencia” ou um “dogma” [...] solo a partir de finales del siglo XVIII se pone en duda el estatuto autónomo y específico del pronombre – una interrogación que se inserta dentro de una revisión global del modelo gramaticográfico grecolatino [...] (Quijada Van den Berghe e Swiggers, 2009:287)

No referido estudo, os dois pesquisadores se concentraram na incidência das definições (ou seja, no objeto e no conteúdo). Eles apontam, ainda a necessidade de combinar o estudo terminológico com a análise da organização e da argumentação de cada obra (Quijada Van den Berghe e Swiggers, 2009:266).

Estudos de exemplos de língua no âmbito da gramaticografia francófona

No âmbito da gramaticografia francófona se desenvolveu uma série de estudos cuja unidade de análise é o exemplo. O número 166 da revista *Langages* (2007), intitulado ‘L’exemple

dans les traditions grammaticales’, propôs oito artigos que visam a investigar as práticas de uso do exemplo em tradições gramaticais. Comentaremos mais detidamente o primeiro dos artigos (Chevillard et al., 2007), pela importância metodológica que toma nesta dissertação, e, com brevidade, outro artigo, de Lallot (2007).

Embora possamos conceber dois pólos, um para uma gramática cujo objetivo seja o de conter ‘toda’ a língua, como foi o caso das *Institutiones* de Prisciano, e outro pólo, que apresente uma gramática sem qualquer exemplo, apenas com metalinguagem, observa-se, na realidade, que todas as gramáticas apresentam exemplos. Assim, o artigo de abertura da revista, ‘L’exemple dans quelques traditions grammaticales (formes, fonctionnement, types)’ (Chevillard, Colombat, Fournier, Guillaume, Lallot, 2007) propõe uma abordagem tipológica da diversidade de formas com que o exemplo de língua se apresenta em cinco tradições gramaticais: árabe, francesa, grega, latina e tâmul.

Os autores partem, justamente, de uma definição geral de *exemplo*, como *fragmento da língua-objeto inserido no discurso gramatical* (Chevillard et al., 2007:6), imediatamente acompanhada de uma observação que destaca a didática como componente inseparável da compreensão de nosso “verbete”: “Une définition de l’exemple peut difficilement faire l’économie de ses fonctions aux plans épistémologique et didactique.” (*idem*). Como já advertira Rey, a ‘totalidade’ linguística que o exemplo pretende representar não se manifesta por meio de ‘todos’ os enunciados já proferidos, em vias de proferimento e a serem proferidos, mas antes como a partir de um *corpus*, mais ou menos explícito. Nas palavras do lexicógrafo, que aqui repetimos, a totalidade sempre se *reduz* à un *corpus* finito ou a um conjunto indeterminado de enunciados observados, modificados ou produzidos *ad hoc*. (Rey 1995:95).

Nesse sentido, Chevillard et al. apontam que os exemplos são sensíveis ao tipo de *corpus* da tradição a que se filiam. No caso latino, em que os gramáticos versam sobre um conjunto finito de textos escritos ao longo de mais de dois mil anos, os dados mais frequentemente apresentados são de tipo “atestados” e pretendem conservar e elucidar as escolhas dos poetas antigos. Já no caso de *corpora* aberto, como o da língua francesa, trabalha-se não apenas com dados legitimados pela tradição, mas ainda com dados “possíveis”, no intento de descrição para normalização. Para os dois tipos de *corpora* a atividade de fabricação de exemplos está

presente e revela a técnica, a engenhosidade e a estrutura de raciocínio do gramático, como é o caso dos alexandrinos, em que o escriba se sente autorizado a inventar e a criar dados em grego (Chevillard et al., 2007:28).

Após as sistematizações que acima resumimos, o artigo insiste na relação de dependência entre o exemplo e a realidade empírica da língua-objeto, retomando-se a questão de se tratar de um *corpus* aberto ou fechado, propondo-se nova questão sobre a orientação da obra em estudo: didática ou erudita? Na tradição grega, por exemplo, os autores afirmam que vigora a distinção entre *manual* e *tratado*. O primeiro enumera classes, filiando-se à *technè*, cujo modelo, para nós, vem de Dinoísio da Trácia. Neste gênero de obra, os mesmos exemplos tendem a ser repetidos e, quando se trata de mostrar um conjunto fechado, todos os elementos são enumerados, tais como fonemas, letras, artigos, preposições. Já o segundo gênero de obra, monografia descritiva e demonstrativa, tem por modelo o alexandrino Apolônio Díscolo (século II), em que se atesta maior variedade de exemplos, desde um segmento mínimo isolado até uma expressão complexa, providos por citação literária pela criação do próprio gramático. Neste ponto, os autores apontam a semelhança da maneira de apresentar exemplos entre tratados alexandrinos e obras de linguística moderna (Chevillard et al. 2007:28)

O tratado *Syntaxe*, do alexandrino Apolônio Díscolo (II a.C.), é o material de análise que deu origem ao artigo ‘Dis-moi comment tu traites les exemples, je te dirai quel grammairien tu es’, de J. Lallot (2007). O pesquisador nos lembra que o gramático é herdeiro de quatro séculos de uma tradição que trata subconjuntos de dados da *Iliada* e da *Odisseia*. Em Díscolo, as designações de *exemplo* remetem também a uma função argumentativa. Segundo o pesquisador, dois parecem ser os procedimentos recorrentes em *Syntaxe*: por um lado, o gramático constrói regras de grande generalidade para que os exemplos que as sustentem sejam abundantes; ao mesmo tempo, ele afirma ser inútil permitir o acúmulo de exemplos para as regras, porque o que sustentaria uma demonstração é o *logos*, não a quantidade de exemplos. Lallot constata que Díscolo, dentro dos níveis de análise alexandrinos (fonema-letra, sílaba, palavra e frase), assume que a língua de Homero e a língua grega alexandrina (*koinè*) são uma mesma unidade, a tal ponto que, abolido o filtro diacrônico, dados atestados nos poetas e dados fabricados pelo gramático possuem um mesmo estatuto. Assim é que os exemplos da pluma de Díscolo se tornam normativos, segundo o que o gramático julga dever ser o grego.

Como já pudemos antecipar na Introdução, os exemplos de língua não cessam de aparecer no material de análise do Curso I (mais de duas mil ocorrências). Teríamos, ainda, a pesquisa de Saussure sobre o indoeuropeu, que foi omitida da edição do curso de que nos servimos. O fato de que um curso de Linguística Geral não trabalhe, entretanto, com a noção de normatização, fundamental para os gramáticos, não elimina em nada o teor argumentativo que os exemplos de língua carregam. Do mesmo modo, as definições fazem parte de nosso material de análise e, como apontou Rey (1995), definição e exemplo são procedimentos argumentativos.

1.5 Estudos Comparativos e Linguística Geral

Il est entendu que l'astronome observe et calcule, que le critique critique, que l'historien raconte, et que le linguiste *compare*. Pourquoi le linguiste [...] serait-il condamné de <son métier> à comparer? (CLG/E:3286)

L'étude du langage croit dès à présent pouvoir affirmer qu'en effet [...] c'est une idée très fausse de croire que le problème de l'origine du langage soit un autre problème que celui de ses transformations. (CLG/E:3284)

Saussure começa o texto de crítica à expressão 'gramática comparada' imaginando seus alunos como destinatários: "Le titre de *grammaire comparée* assigné au Cours que j'ai l'honneur de commencer devant vous [...]" (CLG/E, 3286 = N 1.4). Em seguida, o professor opta por introduzir a expressão juntamente com 'estereótipos' de outros ofícios (*observer, calculer, critiquer, narrer*) o que acaba, no discurso, por conferir à tarefa de comparação o mesmo papel. O professor prosseguirá, dizendo que a comparação é antes uma solução para as lacunas de documentação do que um método preferido pelos linguistas. A primeira epígrafe nos coloca, assim, em um lugar-comum da época, o comparativismo de línguas antigas, muitas vezes no objetivo de se reconstituir uma língua dita 'original'.

Segundo Colombat et al. (2010), as continuidades do século 19 passam pela inserção, sistematizada e metodologicamente diferente em relação aos séculos 17 e 18, na pauta europeia, de outra antiga tradição gramatical que não a grega nem a latina, mas a sânscrita. Se a F. Schlegel (1772-1829) é creditado o feito de ter 'popularizado' o estudo do sânscrito em obra de teor questionável (Colombat et al., 2007:182), *Sur la langue et la sagesse des Indiens* (1808), é F. Bopp (1791-1867), seu pupilo, quem teria cunhado o termo *gramática histórica e*

comparada (1816), além de ter efetivamente consolidado a empreitada de comparação das línguas não mais pela genealogia e pelo sentido, como procedia a Etimologia dos séculos anteriores, mas na base de elementos inferiores à *palavra*, unidade da escrita; elementos da ordem do som e da forma. Como vimos em nossa Introdução, Saussure toma o trabalho de Bopp como ponto de partida da cientificidade linguística.

Aluno da Escola de Estudos Orientais, em Paris, Bopp elaborou, a partir do saber de gramáticos indianos, um método de comparação de paradigmas entre sânscrito e outras línguas. Podemos resumir seu método em duas etapas, não sem incorrer em simplificação exagerada: a segmentação, que busca triar as unidades da *raiz*, dos *afixos* e *desinências*, isolados e agrupados segundo a função que exercem em um mesmo idioma. Procede-se, em seguida, a comparação entre os grupos de segmentos entre idiomas, no objetivo de discriminar os elementos herdados de uma língua a outra, dos elementos inovados dentro de cada uma delas, assumindo-se que o parentesco presumido se dê através de empréstimos. (Colombat et al., 2007:188). Desta forma, os estudos indoeuropeus concentram a atenção majoritária do século 19 e, repetimos, servem como protótipo da cientificidade da época. (idem:185). Para os pesquisadores, “Le XIXe siècle constitue un moment rare d’accélération du *rythme cumulatif des résultats* des recherches dans les sciences du langage. (Colombat et al., 2007 :184) ”, acúmulo que não pode, entretanto, ser separado dos séculos anteriores. Na visão dos autores, a gramatização dos vernaculares europeus e “exóticos”, pelo uso do latim como metalinguagem, nos séculos 16 e 17, é que permitiu o referido acúmulo. (Colombat et al., 2007:175).

A sucessão das obras de F. Bopp e de A. Schleicher (1821-1868) é detalhada, pelos mesmos autores, como exemplo de ritmo ‘acelerado’ de acúmulo de *representações comparáveis* de línguas, isto é, de *dados*. A primeira edição da *Gramática comparada das línguas indoeuropeias*, de Bopp, se estende de 1833 a 1852; a segunda edição data de 1857 e será traduzida para o francês, por M. Bréal, em 1865, quando Schleicher já publicara seu *Compêndio de gramática comparada das línguas indogermânicas* (1861-1862), a partir de dados estabelecidos por Bopp, acrescidos e/ou retificados pelo novo autor. Mais ainda, o *Compêndio* terá quatro edições no intervalo de quinze anos, com traduções em inglês e italiano que servirão de *modelo a manuais*. Parece curioso que Schleicher pare de ser citado explicitamente já em 1870 (Colombat et al., 2007:185); entretanto, a presença elíptica do

autor, assim como de Bopp, em manuais, através dos dados e do método que estabeleceram, proporcionou uma estabilização dos saberes da época, o que favoreceu, justamente, a ‘manualização’ dos conteúdos, sobretudo se pensarmos em currículos universitários.

Como vimos, foi-se consolidando a manipulação de dados linguísticos como dados especializados sobre as línguas, mais do que como informações sobre certa cultura ou civilização, a despeito dos usos políticos e ideológicos de alegados parentescos linguísticos que o século 19, como outros, promoveu. Mesmo sem que adentremos a questão propriamente política da busca por *uma língua nacional* supostamente original e pura, Schleicher é também, para nós, exemplo da tentativa de aproximação dos estudos comparativos com uma ciência nascente à época, a Biologia, pelas idéias de *teleologia*, *leis necessárias*, *organismos vivos*, *independência dos seres vivos*. O próprio Bopp via a língua como um organismo (Colombat et al., 2007: 185-192), mas o mais relevante, em nosso caso, é que, além dos idiomas céltico, gótico, grego, latino, persa e sânscrito, o rol de línguas submetidos ao método comparativo se estendeu para o albanês, armênio, eslavo e lituano. Ademais, o acúmulo de possibilidades de estudo deu origem a subgrupos comparatistas, como o da filologia românica (ou lingüística românica), de que F. Diez (1794-1876) é considerado fundador. A vasta documentação remanescente em latim garantiu um refinamento metodológico dos procedimentos de comparação ao longo de distintas épocas.

Sabemos que os estudos superiores de Saussure nas ciências da linguagem foram realizados em Leipzig (1875-1890), época em que terminou o *Mémoire* (1878) e sua tese na universidade (1891) e que, no período de Paris, teve Michel Bréal como professor de gramática comparada na École Pratique des Hautes Études.

A segunda epígrafe que abriu a presente subseção, captura a afirmação de Saussure segundo a qual o mecanismo originário da linguagem não difere de seus mecanismos de transformação. Extraída da segunda conferência de Saussure na Universidade de Genebra (1891), a citação marca, justamente, o abandono da preocupação genealógica em favor do estudo das mudanças linguísticas, o que nos coloca na temática particularmente em evidência desde a metade do século 19 europeu. O tema da origem da linguagem foi textualmente proibido, no artigo II, da Sociedade de Linguística de Paris (Colombat et al. 2010:105). V. Henry, em seu livro *Antinomies linguistiques* (1896), expõe-nos a impossibilidade de se resolver tal questão:

Thèse: Le bon sens à lui Seul, à défaut d’aucun document, **indique que le langage, comme toute chose au monde, a dû avoir un commencement** [...] **Antithèse : L’origine du langage est un problème** non seulement inabordable à la science du langage, mais dont tous les documents qu’elle étale ou accumulera dans l’avenir ne sauraient **jamais lui entrevoir même la plus lointaine solution**. (V.Henry *apud* Colombat et al., 2010 :205) [grifo nosso]

Joseph aponta que Saussure dispunha, em sua biblioteca, do livro de Henry, com dedicatória manuscrita do autor, e que a obra resultava, na verdade, de uma década de “[...] Saturday evenings listening to Saussure’s discussion of papers at the Société de Linguistique de Paris.” (Joseph, 2012:499). A partir do exemplo de Henry, a origem da linguagem passa a ser uma *impossibilidade* para as preocupações de que a Linguística pode dar conta. Na mesma senda, a etimologia é por três vezes proscrita dos estudos linguísticos no Curso I. Na primeira vez, dentro do tema das mudanças fonéticas, Riedlinger anotou que “L’étymologie n’a aucune place dans la linguistique.” (ICLG:45). Mais adiante, nas mudanças analógicas, frisa-se que a capacidade de análise linguística de que dispõe o falante *não* consiste em utilizar “dicionários etimológicos” nem a recorrer “aux documents historiques de la langue!” (ICLG:48). Por fim, a etimologia considerada ‘popular’ é dissociada do mecanismo da analogia, recebendo o lugar de “patologia” na organização daquilo a que Saussure chama de “campo diacrônico”:

Changement phonétique	Création analogique	Phénomène pathologique (étymologie populaire)
--------------------------	------------------------	--

(ICLG:102)

Parece ter sido J. Grimm (1785-1863) que deu uma nova orientação para a *mudança* lingüística, ao apontar que as semelhanças entre as línguas seriam antes decorrentes de mudanças regulares ao longo do tempo do que propriamente indicativas de origem comum. Sua *Deutsche Grammatik* (1819-22) se concentra no material fônico para tratar de mudanças consonantais (Colombat et al., 2007:186), estudo que se tornou modelo para as ulteriores leis fonéticas do final do século.

A interpretação das regularidades linguísticas obtidas pelo método histórico-comparativo sofreu críticas de um grupo de estudiosos, em sua maioria formados e/ou atuantes na universidade de Leipzig, que se dedicaram a reexaminar um tipo de ocorrência, por eles considerada problemática e inconsistente com o estudo das mudanças linguísticas: as

numerosas *exceções*, tais como classificadas pelos “comparatistas” e pelos “gramáticos” (Faraco, 2005:32). O estudo das regularidades sonoras se apresentou em termos de leis fonéticas, cuja validade foi especialmente debatida na ‘querela das leis fonéticas’, como chamou Caussat ao evento que reconstruiu (1978). Em grandes linhas, a exceção era um indício de que a lei de regularidade ainda não tinha sido encontrada ou mesmo de que havia ocorrido um empréstimo entre idiomas diferentes, mediante analogias.

O marco simbólico do debate é o ano de 1878, quando foi lançado o primeiro número da revista ‘Investigações Morfológicas’, por H. Osthoff (1847-1909) e K. Brugmann (1849-1919) e, lembremo-nos, finalizado o *Mémoire sur le système primitif ...* de Saussure, publicado no ano seguinte. Os autores apresentam a lei fonética como uma fórmula de correspondência entre sistemas fonéticos sucessivos de uma mesma língua nos diversos períodos de sua existência (*apud* Caussat, 1978:36).

As décadas de 1870 a 1890 sediaram numerosos trabalhos em língua alemã, nomeados, como vimos, ‘neogramáticos’, cujas preocupações se enquadram, em certa medida, no próprio tema da Linguística Geral. H. Paul (1846-1921), em seus *Princípios de Linguística Histórica* (1880) defende haver uma parte geral da linguística que deveria se separar da filosofia da linguagem. Ele propõe, ainda, a teoria da analogia sob a forma de uma equação proporcional (Chiss 1978:107) e fala na busca por resultados aplicáveis a todas as línguas. Em seu entender, a partir do momento em que é unânime perceber que as línguas mudam sem trégua, a única possibilidade para a Linguística é a ser uma disciplina histórica. Já na época da querela, Saussure apresentava reservas em relação a Paul, como formulou Joseph:

He stresses that **he is in perfect agreement with Paul’s overall conception of language, but cannot understand why the author [...] ‘seems to oppose descriptive and comparative grammar to historical grammar, as if the latter did not rest equally on description within comparison’.** (Joseph, 2012:324). [grifo nosso]

De nosso ponto de vista, sabemos que os conceitos saussurianos de *sincronia* e *diacronia* deram outro estatuto ao fluxo de mudanças, no sentido de que estabelecem como única possibilidade metodológica o estudo comparativo de duas ou mais sincronias, duas ou mais redes relativamente estáveis de relações entre elementos, cuja ‘explicação’ deve ser procurada nas relações provisórias que entretém entre si, e não na comparação com estados precedentes.

Para os neogramáticos, a mudança decorria de fatores físicos e psicológicos, mas as dimensões do psicologismo precisavam ser definidas; a mudança se propagaria pela ação recíproca dos indivíduos e poderia, ainda, ter origem no processo de aquisição da língua. Os próprios neogramáticos relativizam o conceito de lei. Ainda em Paul, ele precisa que “[...] la loi phonétique [...] constate seulement l’uniformité régnant à l’intérieur d’un groupe de certains phénomènes historiques.” (Caussat, 1978:33), enquanto que E.Sievers (1850-1932) frisa diferenças em relação a leis das ciências naturais e restringe a constância ao quesito ‘articulação’:

[...] **pas de lois naturelles** [...] il [a mudança] indique seulement que, **partout où sous certaines conditions un déplacement du mode articulatoire s’est produit, le mode articulatoire nouveau s’applique désormais sans exception** dans tous les cas qui tombent précisément sous les mêmes conditions. (*apud* Caussat, 1978:33) [grifo nosso]

As mudanças de som são o tema da “tese de Brugmann-Osthoff”, como enxerga Caussat (1978): “Tout changement phonétique, pour autant qu’il procède de manière mécanique, s’effectue selon des lois sans exception.” (Caussat, 1978:36). Como consequência para o sistema linguístico, as mudanças de som acarretam irregularidades, entre transformações graduais e outras abruptas, entre uma fase de inovação individual e posterior fase de adoção coletiva. No intuito de sistematizar as pesquisas da época, Caussat esquematiza uma ‘vulgata neogramática’, em que constam dois domínios de estudo, domínios estes que beneficiam do mesmo grau de “legalidade”, mas que têm funções invertidas: o fonetismo (*phonétisme*) e a analogia (*analogie*) (Caussat, 1978:32).

O primeiro é responsável pela produção fisiológica, inconsciente, material, interna e inovadora, da linguagem; já o segundo demanda mais consciência da parte do falante, o que coloca o domínio em afinidade com a psicologia. A analogia, quando não resiste completamente às mudanças de som, regulariza a instabilidade decorrente das últimas, em procedimento considerado formal e externo. (Caussat, 1978:32) Lembremos que a gramática antiga também distinguia dois domínios: o da analogia formal (declinações e conjugações) e o da analogia material (substantivos) que, para o grupo a que chamamos neogramáticos, não fazia sentido. (Caussat, 1978:39) Saussure, como sabemos, desenvolveu sua carreira nesse ambiente. Em Paris, por exemplo, foi aluno de J. Darmesteter (1849-1894) em curso sobre persa antigo (1881), que tratou da ação da analogia sobre os substantivos. Joseph observa que

Saussure readaptou certos exemplos que o professor (Joseph, 2012:323) utilizou em persa para o francês, em seus cursos de 1884 na EPHE.

A.Meillet (1866-1936), considerado o grande comparatista francês, formado por Saussure, é quem elimina a suposta previsibilidade das leis, que passam apenas a constatar algo que aconteceu:

les lois phonétiques [...] formules qui constatent des successions régulières en un certain temps et en un certain lieu ; **elles n'ont par définition aucun caractère général ni, par suite, aucun caractère explicatif.** (Caussat, 1978:39) [grifo nosso]

Se as leis apenas registram acontecimentos, em que contribuem para o entendimento de princípios *gerais* da linguagem? As críticas sofridas pelos neogramáticos provieram não apenas de linguistas, mas de psicólogos como W.Wundt (1879-1920), para quem o psiquismo não ficava restrito ao domínio da analogia, mas reinava por toda a parte, em virtude do princípio de associação.

Dentro da linguística, H. Schuchardt (1842-1927) foi responsável por uma das críticas mais contundentes aos neogramáticos. Ele não opera com o conceito de *lei* e trata as mudanças a partir de variedades da fala (idade, gênero etc); o austríaco critica a cisão entre fatores fisiológicos e físicos e descrê na possibilidade de se delimitarem os idiomas com pureza, uma vez que, na prática, existem apenas contatos constantes de idiomas individuais em contínua mudança. Pela clareza e concisão, reproduzimos abaixo sua crítica:

La notion de loi ? Elle introduit **des divisions factices** (empirique/a priori, analogie/phonétisme etc) et des distributions réversibles. **L'absence d'exception ?** On y tire argument d'une notion ambiguë sans y découvrir autre chose qu'un **slogan**. La preuve : **on attendait une théorie des forces agissantes, ou au moins des lois générales**; or, les premières sont réduites à des **hypothèses invérifiables**, et les secondes à **un lieu et à un temps très limités**. (citado por Swiggers, 2013b)

Se apresentamos a crítica de Schuchardt como exemplar, ela não foi a única, como já afirmamos. J. Gilliéron (1854-1926), suíço que trabalhava na Escola de Hautes Études em Paris na mesma época que Saussure, afastou-se de teses neogramáticas e se concentrou em um modelo de mudança mais psicológico e social, além de conceber as leis fonéticas como séries de 'acidentes' encadeadas por propagação. A crise das leis fonéticas deixa mais salientes

propostas que privilegiam o *espaço* como unidade de variação, como o trabalho de dialetólogos, proponentes de atlas como o próprio Gilliéron, para o francês, e Henker, para os falares alemães.

Apesar do desgaste das leis fonéticas, os neogramáticos e os comparatistas como um todo produziram obras fundadoras que, até nossos dias, fornecem *dados* técnicos para as pesquisas (Colombat et al., 2007:185); é inevitável que façamos um paralelo com a situação dos dicionários etimológicos do século 18, que serviram como matéria-prima para as transformações do comparatismo do século posterior, apesar do descrédito do método de parentesco por filiação semântica.

A profusão de línguas em estudo que o método da comparação agremiou foi tematizada na primeira conferência de Saussure na Universidade de Genebra, em novembro de 1891. No trecho que segue, o novo professor não deixa de criticar a suposta falta de especialização de um linguista vienense que se preocupa com “todos os idiomas do planeta”, para elogiar a “extrema especialização” de um romanista, Gaston Paris (1839-1903):

On se rend compte que c'est le **détail ultime des phénomènes qui est aussi leur raison ultime, et qu'ainsi l'extrême spécialisation peut seule servir efficacement l'extrême généralisation. Ce ne sont pas** des linguistes comme Friedrich Müller, de l'Université de Vienne, qui embrassent à peu près **tous les idiomes du globe, qui ont jamais fait faire un pas à la connaissance du langage**; mais les noms qu'on aurait à citer dans ce sens seraient des [...] romanistes comme **M. Gaston Paris**, [...] (ELG:147) [grifo nosso]

É oportuno enxergar a importância que Saussure dava a dados especializados como caução para generalizações, haja vista também a profusão de exemplos de língua no Curso I (cerca de duas mil ocorrências apenas nos domínios apurados). A eficácia do método comparativo era tamanha que, no entender de Gaston Paris (1863), toda *boa* gramática deveria ser um estudo comparado. (Colombat et al., 2007:180).

Para Auroux (1988), a Linguística Geral aparece como uma temática dentro dos estudos comparativos, antes de se ‘oficializar’ em disciplina. Os termos *filologia comparada*, *gramática comparada* e *linguística* designaram, em francês, a disciplina responsável pela

história das línguas e de sua comparação. O último deles, *linguística*, registrado em 1812 na língua francesa, é um calque da língua alemã (Auroux, 1988:32)²¹.

Na Faculdade de Letras e Ciências Sociais, em Genebra, por exemplo, Joseph Wertheimer (1833-1908), ministrava a disciplina de Linguística Geral desde 1873. A faculdade oferecia, desde 1896, além dos doutoramentos em Filosofia e em Sociologia, quatro *licences ès-lettres*: clássicas, modernas, história e filosofia. O sistema de avaliação previa dois exames: o período ideal para o primeiro era de quatro semestres e, para o segundo, seis semestres. À exceção das letras modernas, as outras habilitações (*sections*) tinham como pré-requisito o conhecimento da língua grega. Para um dos exames escritos de letras clássicas, era possível escolher Linguística Geral como matéria. (Vincent, 2013:131-140). Em levantamento das inscrições de alunos nos exames (Vincent, 2013:135), entre os anos de 1906 e 1911, encontramos as seguintes variações dos registros da disciplina de nosso interesse: *linguística* (1907, 1910, 1911), *linguística geral* (1911) e *linguística e filologia* (1906, 1908, 1909, 1910).

Para Colombat et al. (2010), ‘Linguística Geral’ é termo que sofreu, pelo menos, duas interpretações. Meillet exemplificaria uma delas, ao encarar a generalidade em questão de maneira mais enciclopédica, exaustiva e próxima a ciências como a anatomia comparada, ao passo que Saussure e Henry estariam mais preocupados com a busca por uma unidade geral e articulada de *princípios* para descrever a diversidade das línguas (Colombat et al., 2010:210). Nesse sentido, Koerner (1988) já havia comentado que, Saussure, na iminência de ministrar seu primeiro curso de Linguística Geral, havia recebido de Meillet alguns escritos, como a aula inaugural no Collège de France, na cadeira de estudos comparativos. O historiógrafo frisou, ainda, que Saussure nada aprendeu com o antigo aluno (Koerner, 1988:67-69).

Auroux (1988) prossegue sua investigação acerca da noção de Linguística Geral complementando uma listagem inicialmente elaborada por L.Bloomfield (1887-1949). Ao todo, foram recenseadas 41 (quarenta e uma obras), publicadas entre 1861 e 1933, em alemão, francês e inglês, que tocavam, no entender dos autores, em temas ‘mais gerais’. Destacamos, a seguir, as que mais se aproximam de nosso estudo, e que antecedem ao Curso I (1907):

²¹ Colombat et al. registram o termo em 1808, no seguinte trecho: “La linguistique recherche des propriétés des différentes langues, en donne une classification et, à partir de là tire les conclusions sur leur généalogie et leur parente. (J.S.Vater, 1808)” (Colombat et al., 2010:175).

- ✓ *The Life and Growth of Language* (1875), de W.D. Whitney (1827-1894), a quem Saussure considerava “le premier généralisateur” (ELG:209);
- ✓ As obras *Grundriss der Sprachwissenschaft* (1876), de F. Müller (1834-1898), linguista criticado por Saussure na conferência, como vimos há pouco; *Das physiologische und psychologische Moment in der Sprachlicher Formenbildung* (1879), de H. Osthoff (1847-1909), professor de Saussure em Leipzig, além do consagrado manual de H. Paul, *Prinzipien der Sprachgeschichte* (1880); o livro de W. Wundt (1832-1920), *Völkerpsychologie, I. Die Sprache*. (1900);
- ✓ Duas publicações de V. Henry (1850-1907), *Essai sur l’analogie* (1883) e as próprias *Antinomies linguistiques* (1896), de que citamos um trecho anteriormente.

A partir da recensão completa, Auroux propõe as seguintes recorrências temáticas de ordem geral:

- i. **présentations de la linguistique et de ses résultats, sous formes de cours introductifs ou synthétiques;**
- ii. traité sur le langage à tendance plus ou moins vulgarisatrice;
- iii. encyclopédies concernant l’ensemble des langues [...] à valeur essentiellement bibliographique [...];
- iv. monographie sur des catégories utilisées par la discipline et dont les assertions sont appuyées sur des exemples provenant de langues différentes. Ces catégories peuvent être : **le genre**, la dissimilation consonantique, **l’alternance phonétique**, **l’analogie**, **le changement linguistique**, etc.

(Auroux, 1988 :44) [grifo nosso]

Parece-nos possível enquadrar o Curso I em i., quanto ao seu público, ou em iv., quanto aos seus conteúdos temáticos. Para Auroux, a consagração de Saussure como ‘inventor’ da Linguística Geral fez parte de uma versão sustentada por Meillet, para defender o campo de atividade francófono (Auroux, 1988:41). Sem tomar parte no complexo debate, apontamos, ao menos, algumas considerações de Saussure sobre o tema, em manuscritos postumamente publicados. Na primeira delas, o professor revela os caminhos não-necessários de um livro sobre a Linguística Geral:

Car si ce livre est vrai, il montre avant tout qu’il est profondément faux de s’imaginer qu’on puisse faire une synthèse radieuse de la langue, en partant d’un principe déterminé qui se développe et s’incorpore avec
[]²²(ELG :95) [grifo nosso]

²² Trecho inacabado no próprio manuscrito ([]), segundo a convenção editorial dos ELG.

Se não é possível fazer uma “síntese radiosa” da língua, Saussure não deixa de enfatizar, em tom quase militante, a necessidade de profunda revisão que enxerga em seu campo de estudos:

[...] déclarer **une guerre impitoyable à deux de nos locutions les plus courantes et les plus innocentes** en apparence: *le français vient du* latin, ou bien tel mot, par ex. *Chanter vient du* latin *cantare*. (ELG:152) [grifo nosso]

A preocupação de Saussure com a terminologia em suas expressões mais corriqueiras é um tema de estudo frequente (Chiss,1978 :103). No ano de 1906, Saussure ministrou seus habituais cursos de sânscrito, de versificação francesa e de gramática histórica do alemão. Ainda no mesmo ano, o relatório do Reitor atestou que **(a)** consideráveis mudanças foram feitas nos programas de Química, Letras e Direito; **(b)** a partida do professor Wertheimer obrigou a que os programas de ensino que lhe incumbiam fossem modificados; **(c)** foi solicitada a supressão do ensino de filologia *geral, devenu superflu* (Vincent, 2013:128) [itálicos nossos]; **(d)** a Linguística Geral foi remanejada para a cadeira de História e gramática comparada das línguas indoeuropeias.

Segundo Joseph (2012), em lugar da supressão da cadeira de Linguística Geral (d), a solução habitual teria consistido em promover um professor da própria instituição (*Privatdozent*). Um dos candidatos, caso a cadeira tivesse vingado, teria sido C. Bally (Joseph, 2012:490), que já havia publicado obra sobre *estilística*. Segundo o professor, a disciplina versava sobre recursos expressivos dos falantes, em oposição à maneira como as línguas modernas vinham sendo tratadas na universidade. Em seu entender, as línguas vivas eram ensinadas da mesma maneira como as mortas; o que caberia investigar, de fato, eram os mecanismos expressivos do falante, que Bally classificava em *afetivos* e *intelectuais*. Assim como Bally levou em conta a crítica de Saussure sobre essa distinção, Saussure, por sua vez, reteve a necessidade de ‘novos’ estudos para o que sinalizava o trabalho do colega, como anunciava a nova disciplina de seu colega. Ainda segundo Joseph (2012), foi uma inovação nas práticas germanísticas de Saussure o fato de ele ter avançado até o alemão *moderno* na disciplina de gramática histórica do alemão (1906). Cabe antecipar que, também no futuro Curso I (1907), conviverão línguas vivas e línguas mortas, em cerca de dois mil exemplos, apurados apenas em nosso *corpus*, que responde por cerca de setenta por cento do volume da edição. De 1 de setembro de 1906, quando o professor J. Wertheimer, então responsável pela cadeira de Linguística Geral, entra com pedido de aposentadoria, até 8 de dezembro de 1906, a fortuna da Linguística Geral na

faculdade foi oficializada pela nomeação de Saussure como *professeur ordinaire de linguistique générale*. O curso tinha dois semestres de duração, e era oferecido a cada dois anos. Joseph assim resume a motivação do novo docente:

Now he was taking on **the burden** of lecturing two hours per week on a topic for which he had no great enthusiasm, having repeatedly tried and failed to articulate what he thought about. (Joseph, 2012:491) [grifo nosso]

A nova disciplina, somada às outras matérias que ministrava e à função de bibliotecário da faculdade, é assumida como fardo pelo experiente professor. Saussure foi também convocado, no próprio ano de 1906, a se exprimir oficialmente sobre os tópicos que um curso de linguística geral deveria conter, considerando-se que os estudantes preferenciais da disciplina não possuíam conhecimentos técnicos refinados e que podiam ser alunos de ciências sociais (Vincent, 2013:127).

O objetivo das breves considerações que vimos fazendo sobre os estudos comparativos e sobre a emergência da Linguística Geral consistiu em nos preparar minimamente para nossa tarefa de análise que incidirá, embora de maneira secundária e não-exaustiva em relação aos objetivos internos de nossa dissertação, sobre a estrutura institucional do Curso I. Apesar das especificidades de cada manuscrito e da complexidade do tema da Linguística Geral, ilustramos, uma vez mais, a postura crítica e relativizadora de Saussure em relação à terminologia de sua época:

Mais il est temps de nous demander autrement qu'en prenant un quelque exemple isolé en quoi consistent les changements qui se produisent avec une nécessité si constante en toutes les langues. [...] L'essence de ces phénomènes [...] se retrouvent partout la même, et [...] qu'elle a toujours été la même [...] il y a d'une part le changement *phonétique* et d'autre part **le changement appelé de divers noms, <dont aucun n'est excellent>, mais dont le plus usité est le changement analogique**. (CLG/E, 3284 = N1.2) [grifo nosso]

Um tipo de investigação que nos parece fascinante e historiograficamente fundamental é o estudo do progressivo enriquecimento do repertório do professor. Embora insistamos não ser este o objetivo a que nos propusemos, permitimo-nos discorrer brevemente sobre o tema, com as informações introdutórias de que dispomos, mais como fundo inspirador para nossa análise, eminentemente interna, do que como parâmetro metodológico operante.

Sabemos que Saussure estudou a língua lituana (cfe. Swiggers, 2008), e que visitou, em 1880, a parte do país que se encontrava então sob domínio germânico (cfe. Petit: 2012). O professor ministrou curso sobre o idioma-cultura pelo menos duas vezes, uma em Paris, outra em Genebra. Esta profusão de experiências é sintetizada, no Curso I, em três singelas linhas por Riedlinger:

Par exemple le lithuanien (idiome indoeuropéen: Pologne russe), consigné seulement en 154, s'est moins écarté de son point de départ que d'autres langues notées depuis une haute antiquité. (ICLG:5)

Do mesmo modo, Vincent (2013:141) selecionou e estabeleceu seis conjuntos de manuscritos, a que chamou 'co-textos', em que identificou sintonia com a elaboração do Curso I proferido. Dos seis conjuntos, cinco são autógrafos e tratam de temas como mudanças fonéticas nos estudos germanófonos (*Umlaut* – 'variação vocálica em raízes', classificações de mudanças, lei de Verner, as *Lautverschiebungen* – 'mudanças fonéticas') e fonologia. Um dos conjuntos é um manuscrito de Riedlinger com um plano analítico de curso de gramática comparativa ministrado por Saussure (Vincent, 2013:164-181). Muitas são as frentes de trabalho que o texto de Saussure nos abre:

Les erreurs linguistiques sont aussi bien **ce que Bacon appelle les cavernes (malentendus)** linguistiques que **les idoles** de la linguistique. (ICLG:3) [grifo nosso]

Por curiosidade, o compacto trecho acima destacado, que abre o segundo parágrafo das preliminares do Curso I, teria sido fruto de quais experiências intelectuais de Saussure?

Capítulo 2 / Metodologia

No primeiro capítulo da dissertação, expusemos os pressupostos teóricos de nossa pesquisa. Apresentamos a Historiografia Linguística como um campo de estudos da produção e da evolução de ideias linguísticas propostas por actantes em mútua interação, e também com um contexto cultural e político e com seu passado científico e cultural (Swiggers, 2013:3). Nesse sentido, trouxemos para nossa problemática, a título de informação decisiva, e não como detalhe menor, o fato de que a primeira síntese contemporânea dos últimos trabalhos de Ferdinand de Saussure (o CLG, 1916) se deu a partir de textos produzidos por seus alunos, em situação de ensino-aprendizagem. Em seguida, construímos a problemática de nosso estudo a partir de observações sobre a transmissão, em sala de aula e em traduções, de alguns exemplos creditados a Saussure. Percorremos, ainda, algumas questões históricas sobre a natureza dos estudos linguísticos, da metade do século XIX até o início do século XX.

No esforço de minimizar nossas próprias idéias pré-concebidas sobre ensino e educação, conviemos ser oportuno adotar a distinção entre saberes ‘epilinguísticos’ e ‘metalinguísticos’ (Auroux, 2009, a partir de Culioli, 1968) para encarar a relação de Saussure com seus alunos, distinção que nos liberou de tomar como ponto de partida de nossa reflexão didática as célebres ‘dúvidas’ e ‘dificuldades’ do professor para sistematizar e publicar suas reflexões sobre o tema da Linguística Geral. Antes de qualquer dado biográfico mais contundente (Joseph, 2012) ou mesmo antes de atentarmos para informações sobre o processo de escrita saussuriana oriundas da genética dos textos (Sofía, 2012), optamos simplesmente por postular que Saussure, como docente, viveu a experiência de tornar (mais) metalinguísticos, em maior ou menor grau, os saberes epilinguísticos de seus alunos.

Mais adiante, situamos nosso objeto de pesquisa entre a definição e o exemplo, unidades que entendemos, na presente dissertação, como estratégias didáticas. Adaptamos categorias historiográficas de análise provenientes da lexicografia francesa (Rey, 1995) e das gramaticografias espanhola (Quijada Van den Berghe e Swiggers, 2009) e francófona (Chevallard et al., 2007). No presente capítulo, converteremos, primeiramente, as seções anteriores em objetivos de pesquisa. Prosseguiremos com as apresentações da periodização e do material de análise adotados. Exporemos, ainda, os critérios de escolha do Curso I e

estabeleceremos os parâmetros de análise. Por fim, apresentaremos os critérios de organização das análises (Capítulos 3 a 6).

2.1 Objetivos

O objetivo central da dissertação consistiu em identificar e descrever ‘estratégias didáticas’ empregadas por Saussure no Curso I (1907), no que diz respeito aos domínios de *Fonologia*, *Fonética* e *Analogia*, tal como designados no texto que nos serve de material de análise. O objetivo foi desdobrado nas seguintes etapas, das quais as três primeiras foram priorizadas:

1. Levantamento e caracterização de definições propostas por Saussure no tratamento dos diferentes conteúdos de cada um dos domínios;
2. Levantamento e caracterização dos exemplos de língua propostos por Saussure no tratamento dos diferentes conteúdos de cada um dos domínios;
3. Correlação entre as definições e os exemplos de línguas, nos três domínios em estudo;
4. Correlação dos resultados obtidos em 3. com o contexto institucional imediato do Curso I, ou seja, o ensino da disciplina Linguística Geral na Faculté de Lettres et Sciences Sociales em 1907.

2.2 Periodização

Partimos de uma periodização externa, cronológica, referente ao intervalo entre janeiro e julho de 1907, momento em que o Curso I efetivamente ocorreu, na Faculdade de Letras da Universidade de Genebra [cf. Komatsu (1996:VIII) e Joseph (2012: 492-529)], embora as tratativas para que Saussure ministrasse este curso tenham começado antes, e seu impacto, como sabemos hoje, tenha se prolongado para muito além de tais datas.

Mas, se uma data clara e precisa atua como ponto cardeal para as gerações futuras, ela é ponto de partida apenas provisório para as reconstruções a que se propõe uma abordagem historiográfica. O estabelecimento do período do Curso I, inclusive, é exemplo interessante da importância, para a metodologia da historiografia linguística, da utilização de, no mínimo, três

fontes independentes, mesmo para o estabelecimento de ‘fatos’ considerados menores, como datas e locais.

A nos valermos unicamente da indicação do principal testemunho do nosso material de análise, Albert Riedlinger (1883-1978), o Curso I teria ocorrido um ano antes, em 1906 (cf. Komatsu, 1996: VIII), e não em 1907²³. Depois dos estudos de Godel (1957) e Engler (1968-1974) sobre os manuscritos saussurianos, e da vasta literatura hoje disponível sobre os cursos orais de Saussure, tal questão é irrelevante: o Curso I é de 1907 e a anotação de Riedlinger foi, certamente, um lapso. No que nos diz respeito, tal detalhe não alterará, tampouco, a natureza da análise que aqui se busca. O importante é que se registre a necessidade metodológica, para o historiógrafo, de estabelecer os dados a partir dos quais erigirá a sua análise, e que, ao fazê-lo, trabalhe com um número razoável de fontes independentes.

Deste modo, o ano de 1907 ancora nossa operação de reconstrução do evento a que chamamos Curso I. Intensificado naquele ano, tal evento é, antes, parte de um fluxo ininterrupto de atividades nas trajetórias de Saussure, Riedlinger e de seus editores. A duração do Curso I pode, por exemplo, englobar toda a experiência de ensino de Saussure que precedeu às datas apontadas. Essa foi a tese defendida por Vincent (2013), em seu estabelecimento de novos manuscritos de gênese do referido curso, com a qual concordamos. Sua visão, inserida em proposta de história das idéias, se diferencia, por exemplo, da apreciação do renomado biógrafo Joseph (2012), para quem o Curso I é um ‘aquecimento’ para os dois próximos cursos. O pesquisador encara as mudanças que Saussure promoveu de um curso a outro como tentativas de não ser repetirem ‘erros’ (Joseph, 2012:722).

Reconhecemos que toda atividade, mediante um mínimo de visão retrospectiva, está sujeita a modificações quando novamente realizada, e que reformulações podem estar ligadas à percepção de ‘erros’ por parte do agente, e pensamos que Joseph acaba por minimizar o referido curso. Sabemos que a volumosa biografia de Saussure de sua autoria (780 p.) não pode ‘privilegiar’ o período que nós decidimos estudar, mas não deixamos de notar, na divisão dos capítulos do sumário da obra, que o primeiro curso faz parte de um bloco diferente dos dois outros.

²³ Albert Riedlinger não separa as anotações por aula. Encontramos, na abertura do curso, um cabeçalho em que consta o primeiro dia do curso, 16/1/1906 (*sic*) (ICLG:1); no final do curso, a inscrição “Fin 31 VII 1907 . [...] (ICLG:125).”

O autor classificou o período ‘1907-1908’ (cap. 16) como a última porção da parte IV, ao passo que os períodos ‘1908-1909’ (cap. 17) até ‘1911-1913’ (cap. 19) foram acomodados na parte V. O que nos parece interessante notar, por revelar as opções do biógrafo, é que a parte IV foi nomeada de maneira mais ‘neutra’, “Return to Geneva” (Joseph, 2012:vii), enquanto que, a parte V, foi intitulada “Final Flourish”(idem, viii). Assim, Joseph enxerga que ‘alguma coisa ficou diferente’ depois do Curso I, o que acaba por nos instigar a olhar mais detidamente para o referido curso.

Em nosso caso, o Curso I engloba, também inevitavelmente, toda a experiência de estudos de Riedlinger, pelo simples fato de basearmos nosso estudo em suas anotações de aula²⁴. A duração pode, ainda, avançar para as sucessivas revisões semanais das anotações que o aluno realizava com outros colegas de classe (Komatsu, 1997:vii), até sua edição-tradução por Komatsu & Wolf (1996), e os circuitos de circulação da mesma, de que nossa pesquisa é um exemplo.

2.3 Material de análise

Entendemos por *fonte primária* o documento do qual extraímos os dados sobre os quais efetuamos nossa tarefa de análise. A análise que aqui se pretende toma como fonte primária central os três cadernos manuscritos de Riedlinger²⁵ referentes ao Curso I, em edição bilíngüe (francês-inglês)²⁶, tal como estabelecidos por E.Komatsu²⁷, e traduzidos para o inglês por G.Wolf, em edição de 1996.

²⁴ Não foram encontradas provas de que Riedlinger tenha frequentado o Curso I, mas apenas o Curso II, no estudo genético de Vincent (Vincent 2013:112). O que se pode afirmar com precisão é que o aluno releu seus três cadernos relativos ao que se considerou como o primeiro curso já tendo realizado o segundo curso (1908), e que suas notas são bastante parecidas como as notas estenografadas de L. Caille, aluno que atuou como presumivelmente como secretário do Curso I. Na edição que nos serviu de material de análise, Komatsu preservou anotações originalmente a lápis e marginais, como “[*en crayon*] (voir 2e cours – en quoi consiste l’unité d’un verbe?)> “(ICLG:80).

²⁵ Então considerados os mais detalhados para o Curso I (Komatsu & Wolf, 1996: IX), os cadernos foram catalogados pela Biblioteca Pública e Universitária de Genebra junto ao Departamento de Manuscritos, *Ferdinand de Saussure*, como *Cours universitaire 761/I-III*. As anotações de Riedlinger vieram a público em 1979, por doação de sua família (Komatsu:1996, VII).

²⁶ Saussure, F. de, 1996, *Premier Cours de Linguistique Générale* (1907), d’après les cahiers d’Albert Riedlinger/ Saussure’s First Course of Lectures on General Linguistics (1907), from the notebooks of Albert Riedlinger, E.Komatsu (ed.) & G. Wolf (trad.), Oxford/New York/Seoul/Tokyo, Pergamon Press. A primeira edição do também primeiro curso data de 1993. Em 1996 foi adicionada, como vemos, a tradução para o inglês. J. Joseph assim comenta, laconicamente, o processo : “Some corrections were made between the 1993 and 1996 editions, and some new errors were introduced.” (Joseph, 2012 :722). De qualquer modo, a edição em que nos baseamos é a que possui a biblioteca de nossa faculdade.

Nesse sentido, precisamos dissociar *fonte primária*, unidade metodológica sobre a qual construímos dados de primeira mão, de *fonte autógrafa*, unidade enunciativa que, nesta dissertação, atua como fonte secundária, fornecedora de informações que contextualizam os dados, de modo que a autoria autógrafa não é um critério mais válido do que outro pelo fato de provir da *plume* de Saussure. Encontramo-nos em típica situação de *corpus saussuriano*, tal como foi sintetizado por Fiorin (2013), em que coexistem trabalhos baseados em manuscritos autógrafos, mais tardiamente disponibilizados para a comunidade de pesquisa do que os escritos não-autógrafos, sobre os quais se construiu, historicamente, a paradigmática pedagógico-universitária de Saussure no século XX.

A edição de Komatsu & Wolf (1996, 165 p.) dispõe lado a lado os textos em francês e em inglês, parte esta de que nos servimos apenas em caso de dúvida sobre a interpretação em língua francesa. A convenção adotada pelos editores segue os padrões abaixo [(a) – (h)]:

- (a) as abreviações dos cadernos foram expandidas, silenciosamente;
- (b) a indentação dos parágrafos foi homogeneizada;
- (c) as variações de escrita dos símbolos fonéticos e da ortografia foram mantidas²⁸;
- (d) os exemplos linguísticos foram colocados em itálico:

Maladrerie (hôpital de lépreux) pour *maladerie* dérivé de *malade*. Le mot a été influencé par *ladre* (lépreux), *ladrerie*. (ICLG:101)

- (e) os sublinhados a tinta foram mantidos:

Le français du moyen âge a fait de souffraite (= privation) *soufreteux* qu'aujourd'hui tout le monde interprète comme se rapportant à *souffrir* avec lequel il n'a rien à faire. (ICLG:99)

- (f) as correções de Riedlinger, à margem e/ou entre as linhas dos cadernos, aparecem inseridas no texto corrido entre parênteses angulares (< >):

L'histoire est une évolution. Nous prenons ici évolution dans le sens de marche dans le temps sans nous préoccuper <de savoir> si c'est un développement, <une marche> en avant ou en arrière. (ICLG:28)

²⁷ Pesquisador responsável, ainda, pelo estabelecimento de três outros textos saussurianos, como mostra, de maneira impecável e operacional, a bibliografia construída por Fehr até o ano de 1994 (2000:250-285). Nela encontramos (1) *Tristan : notes de Saussure*, de 1985, publicados pela Universidade de Gakushuin (Tóquio, Japão), (2) o primeiro e o terceiro cursos de Linguística Geral, baseados em notas de A. Riedlinger e de E. Constantin, em 1993, publicados pela mesma instituição e, por fim, (3) a edição bilíngue (francês-inglês) do terceiro curso, do mesmo ano de 1993, traduzida por Roy Harris e publicada pela Pergamon Press.

²⁸ O editor faz observação quanto ao potencial significado da alteração entre maiúsculas e minúsculas, por Riedlinger, na escrita do alemão : “[...] however, it would appear that when he capitalizes he intends to indicate the German word in strict sense, as opposed to the way the word could be used more loosely in French.” (Komatsu&Wolf, 1996: XI). O tema dos graus de consolidação da terminologia em língua alemã e em língua francesa nos parece, sem dúvida, interessante, mas não é contemplado por nossos objetivos de pesquisa.

(g) os parênteses retos nos manuscritos ([]) foram transformados em parênteses curvos (()), ficando os primeiros reservados para intervenção dos editores;

2. Les changements phonétiques (généraux et particuliers) en eux-mêmes (ICLG:28)

(h) os desenhos foram escaneados dos cadernos:

(ICLG:65)

De nossa parte, para fazer citações parciais do texto, utilizaremos parênteses retos, como os editores, mas preenchidos por reticências, para evocar o conteúdo suprimido ([...]); para referenciar as citações dentro da dissertação, adotaremos o formato “(ICLG:20)”, lido como “Primeiro Curso de Linguística Geral, página vinte”.

Como *fontes secundárias*, consideramos o conjunto aberto de textos críticos e ensaios do *corpus* saussuriano, a fim de reunir informações sobre o contexto de emergência e desenvolvimento do Curso I, isto é, interessaram-nos todos os dados do contexto que considerarmos pertinentes para a interpretação dos dados da fonte primária, como o currículo no qual se inseria a disciplina de Linguística Geral à época.

2.3.1 Critérios de escolha do Curso I

O *Curso de Linguística Geral* de 1916 é composto por pouco mais de **vinte por cento** das anotações do Curso I de Riedlinger²⁹, mas não foi esse nosso critério de seleção do material de análise. Nosso **primeiro critério de seleção** reside no fato de que o Curso I se configurou em **atividade nova para um experiente professor**. Embora Saussure já contasse com mais de vinte anos de ensino de sânscrito e de outras especialidades e, apesar de sabermos que o linguista vinha meditando (amargamente) sobre as condições de possibilidade de uma Linguística dita ‘geral’ desde, no mínimo, 1900 (Fehr, 2000), jamais o professor precisara ministrar uma disciplina ‘específica’ sobre a linguística ‘geral’. Confiando neste primeiro

²⁹ Mais precisamente 22,6% (vinte e dois vírgula seis por cento). Joseph efetua seu cálculo a partir da edição crítica de R.Engler, em que constam 3281 (três mil, duzentas e oitenta e uma) passagens do Curso I com eco direto na vulgata. (Joseph, 2012:722).

critério de seleção, acreditamos que a inexperiência em proferir tal curso torne mais necessárias e, assim, mais salientes, as estratégias didáticas do docente.

O **segundo critério de seleção** do Curso I é o consenso sobre o **pouco tempo de preparação** para a nova tarefa, de dezembro de 1906 a janeiro de 1907. Este fator teria compelido Saussure a readaptar rapidamente antigas referências, como suas pesquisas para o *Mémoire* (1878), as aulas de H. Osthoff assistidas em Leipzig (Joseph 2012: 71, 492; Komatsu & Wolf, 1996:viii) e, mais radicalmente, “todos” os cursos de especialidade que já havia ministrado, na visão de Vincent (2013). Convém frisar que nossa percepção de escassez de tempo não configura, por si só, mérito nem demérito ao Curso; tal intervalo apenas *agiu* inevitavelmente sobre o desenrolar da atividade, ao lado de fatores outros como a audiência, o ritmo de aula etc. Komatsu & Wolf, entretanto, associam falta de tempo de preparação com a incompletude do programa efetivamente ministrado:

Only the first part of the first course was to be devoted to linguistic evolution. The fact that he did not get beyond **this is doubtless explained by Saussure’s hurried situation** of having to accept the post in general linguistics just before the academic year 1906-7. (Komatsu, 1996: VIII) [grifo nosso]

Vincent (2013), por sua vez, aponta que Saussure sabia perfeitamente o que tratar em seu primeiro curso, o docente tendo, inclusive, opinado sobre reforma curricular, a pedido da universidade, em 1906. Seja como for, confiando nessa última tese, acreditamos que o Curso I nos permite observar uma “boa” síntese de Saussure como professor.

2.3.2 Estabelecimento dos domínios *Fonologia, Fonética, Analogia*

Em exame inicial do sumário do Curso I, observamos que ‘fonologia’, ‘fonética’ e ‘analogia’ nomeiam tópicos do curso. Vemos, ainda, que os ‘Principes de phonologie’ figuram nas preliminares, antes de ‘Linguistique’ propriamente dita. O curso é dedicado, em sua maior parte, ao tema das transformações (‘Les évolutions’), de que ‘phonétique’ e ‘analogie’ são exemplos:

Quadro 4 Sumário do *Curso I* (1996 [1907]:v) [grifo nosso]

	Cahier I
Préliminaires	
§ 1 Introduction	
§ 2 Analyse des erreurs linguistiques	
Principes de phonologie	
Linguistique	
Première partie. Les évolutions	
Chapitre I. Les évolutions phonétiques	
§1	
§2	
§3 Causes des changements phonétiques	
§4 Effets ou conséquences des changements phonétiques	
	Cahier II
Chapitre II. Changements analogiques	
Analogie, principe général des créations de la langue	
Le classement intérieur	
Préfixes	
Racines	
Rôle conservateur de l'analogie	
	Cahier III
Aperçu sur l'histoire interne et externe de la famille des langues indoeuropéennes	
Méthode reconstructive et sa valeur	
§1 Identité de la méthode comparative et de la méthode reconstructive	
Reconstruction de formes et recomposition de faits	
But de ces reconstructions, leur certitude	
Conséquences de la perte des syllabes	

Extraímos três porções dos conteúdos temáticos acima destacados em negrito, às quais chamamos *domínios*, à primeira *Fonologia* (1), à subsequente, *Fonética* (2), à posterior, *Analogia* (3):

- (1) *Fonologia* inicia no último parágrafo da seção *Préliminaires* (ICLG:12) e termina no subtítulo *Linguistique* (15 p.; ICLG:12-27);
- (2) *Fonética* se estende do penúltimo parágrafo do subtítulo *Linguistique* e vai até o final do capítulo primeiro, *Les évolutions phonétiques* (28 p.; ICLG:27-55);
- (3) *Analogia* compreende o chamado *Capítulo 2, Changements analogiques* (49 p.; ICLG:55-104).

Como hipótese de trabalho, selecionamos as três porções acima descritas do material de análise para poder, entre elas, *contrastar* o uso de definições e de exemplos de língua. Embora possamos, eventualmente, fazer hipóteses a respeito de suposto ‘estilo’ didático de Saussure, ou de uma ‘argumentação típica’ do professor, independentemente do conteúdo ministrado, julgamos oportuna a possibilidade de *comparar* variações no uso de definições e de exemplos de língua quando se trata de ensinar diferentes ‘conteúdos’. Em termos numéricos relativos, a distribuição do conteúdo temático do Curso I se organiza da seguinte maneira:

Tabela 2 Conteúdos temáticos do Curso I (1907), na edição de 1996 de E. Komatsu e G. Wolf

Conteúdo relativo	Nome do conteúdo (sumário do ICLG)	Páginas do conteúdo (/páginas editadas)	Intervalos das páginas
39,6%	Chapitre II. Changements analogiques	49,5/125	55-104
21,6%	Chapitre I. Les évolutions phonétiques	27/125	28-55
11,6%	Principes de phonologie	14,5/125	12-26
11,6%	Méthode reconstructive et sa valeur	14,5/125	111-125
9,2%	§1 Introduction, § Analyse des erreurs linguistiques	11,5/125	1-12
5,2%	Aperçu sur l’histoire interne et externe de la famille des langues indo-européennes	6,5/125	105-111
1,2%	Linguistique	1,5/125	27-28
100%			

Para delimitar cada uma das três porções selecionadas, empregamos o termo *domínio*, inspirados no estudo de Caussat (1978:32), sobre recorrências temáticas no âmbito dos neogramáticos, como vimos no primeiro capítulo. Os três domínios por nós estabelecidos respondem por pouco mais de setenta por cento (72,8%) do material de análise.

2.3.3 Estabelecimento dos parâmetros de análise

Entendemos *parâmetros de análise* como categorias de desconstrução de um todo tendo em vista sua articulação, descrição e interpretação. Para atingir os objetivos a que nos propusemos nos limites desta dissertação, estabelecemos três parâmetros, repartidos segundo a natureza dos dados que nos forneceram.

Os parâmetros internos, oriundos dos estudos historiográficos de gramaticografia, nos permitiram tratar os dados referentes às estratégias didáticas (objetivos 1, 2 e 3), ao passo que, o parâmetro externo nos forneceu informações que sinalizam mais diretamente para o contexto imediato do Curso I (objetivo 4). O quadro a seguir resume os parâmetros da dissertação:

Quadro 5 Resumo dos parâmetros metodológicos da dissertação

Incidência	Uso	Nome	Subparâmetros	Capítulos
interna	não-exaustivo	Definições	<i>Definitio rei</i> ou <i>definitio nominis</i> (quanto ao objeto definido); definição <i>essencial</i> , <i>formal</i> ou <i>funcional</i> (quanto ao conteúdo definido).	3 a 6
interna	exaustivo	Exemplos de Língua	Contagem por língua, exame da demarcação, da representação e dos tipos.	3 a 6
externa	não-exaustivo	Estrutura Institucional	Menções a si como professor e à audiência, menções à situação de ensino-aprendizagem.	6

Estabelecimento dos parâmetros internos

Em número de **dois** e inspirados nos trabalhos de Quijada Van den Berghe e Swiggers (2009), para a tradição espanhola de gramáticas, e de Chevillard et al. (2007), para as tradições gramaticais árabe, francesa, grega, latina e tâmul, adotamos os seguintes parâmetros internos para a análise das estratégias didáticas de Saussure nos domínios *Fonologia*, *Fonética* e *Analogia*:

(1) Definições

Existem procedimentos recorrentes na elaboração das definições? A textualização das definições preza mais pela ‘coisa’ a ser definida ou pelo termo que a define? Existe alguma discrepância entre definições essenciais, formais e funcionais? Existem definições mais assertivas do que outras? Existem definições que exemplificam diretamente o termo? Tais são as perguntas gerais que nortearam a descrição das definições.

Procedemos, primeiramente, com a seleção de termos imediatamente salientes no conteúdo temático do domínio, como o de *fonologia*, no domínio homônimo. A partir dessa primeira

listagem, procuramos termos que estivessem em relação epilinguística com aqueles. O conceito de *ato fonatório*, por exemplo, é apresentado, em *Fonologia*, como o uso dos sons linguísticos em cadeias de fala, em oposição à preocupação dos estudos fonológicos com a classificação individualizados sons linguísticos. Nesse sentido, no âmbito do domínio *Fonologia*, *ato fonatório* se aproxima mais dos saberes epilinguísticos em comparação com *fonologia*, mais próxima dos saberes metalinguísticos. Por fim, realizamos uma última seleção de termos, às vezes não prioritários pelo conteúdo temático, mas que julgamos apresentar particular interesse didático. No domínio *Analogia*, por exemplo, o termo *aglutinação* se distancia do assunto principal, mas é justamente seu contraste com o termo privilegiado, *analogia*, que confere clareza a esse último conceito, no entender do professor (ICLG:93).

A etapa seguinte no tratamento das definições consistiu em descrever cada ocorrência selecionada através das categorias de Quijada Van den Berghe e Swiggers (2009), concebidas para o estudo da terminologia do pronome em gramáticas espanholas ao longo de três séculos, como vimos no Capítulo 1. Ativemo-nos à incidência e ao conteúdo da definição, categorias que apresentam suas respectivas subdivisões.

Quanto à incidência, a definição pode se apresentar agindo sobre uma ‘coisa’ ou, diferentemente, sobre um ‘termo’. Os exemplos canônicos de Swiggers (2009:266) nos parecem elucidativos: *O substantivo é ...* recebe a classificação de *definitio rei*, ao passo que *O substantivo é o termo que ...* apresenta uma *definitio nominis*.

Quanto ao conteúdo definido, a definição pode ser *essencial*, *formal* ou *funcional*. Se *essencial*, encontramos enunciados do tipo *O pronome* (ou *O termo pronome*) *é/expressa ...*, ao passo que enunciados do tipo *O pronome* (ou *O termo pronome*) *se caracteriza por ...* são considerados portadores de definição formal, que desmembra uma totalidade pré-estabelecida ou que atribui características que não possuem o mesmo efeito que a essencial. Por fim, a definição funcional trata o conceito em termos de função ou de posicionamento, como em *O verbo é/ocupa o núcleo da construção, serve para ...*

Desse modo, para tratar as definições, dispomos de dois subparâmetros para a incidência, que foram cruzados com os três subparâmetros referentes ao conteúdo. Frisamos que, para o

referido parâmetro, não temos preocupação quantitativa, que também não se realizou para os pesquisadores, no âmbito da publicação (Quijada Van den Berghe e Swiggers, 2009).

(2) Exemplos de língua

Contagem

Quanto são os exemplos de língua anotados nos três domínios? Quais línguas fornecem tais exemplos? Comparam-se porventura os idiomas entre si, quanto a supostos níveis de dificuldade, ‘exotismo’ ou de pertinência para o estudo da Linguística Geral? Na citação abaixo, por exemplo, Saussure frisa que é diferente propor exemplos em francês ou em grego quando se trata de estudar raízes e prefixos:

Dans ces analyses (comme pour les préfixes), nous sommes toujours dans le plus ou moins. Il y aurait un cote, un chiffre à donner au français pour < la facilité d’analyse des unités du mot>. Le tableau serait tout différent si nous prenions le grec: [...] (ICLG: 76)

Para produzir esse tipo de dado, começamos por grifar, no texto impresso, cada uma das ocorrências. Em seguida, cada unidade grifada foi ordenada com um algarismo arábico. A cada novo domínio – *Fonologia*, *Fonética*, *Analogia* – recomeçamos a contagem:

Figura 5 Material de análise: ordenação (ICLG:29)

Quanto à inteireza das ocorrências, consideramos como exemplos autônomos também fonemas e morfemas, de modo que *t* e *k* (ICLG: 41), *quadr* – e – *plex* (ICLG:67) foram contabilizados como quatro exemplos, assim como o foram signos que, nas anotações, aparecem separados em uma mesma linha, como no caso de *cup-idi-tat-em* (ICLG:68), porque o foco, pela argumentação do texto, são suas subunidades.

É imperativo mencionar que encontramos várias repetições dos exemplos de língua. Excluí-las de nossa contagem seria, a nosso ver, privilegiar os exemplos em si mais do que seu uso durante a aula. Como nossa preocupação de estudo é justamente a maneira de empregar tais exemplos, optamos por inserir as repetições no cálculo da contagem. Sustentamos que repetição pode cumprir uma função didática, seja para manter o fio condutor do raciocínio, seja para fazer memorizar ou simplesmente para participar do tempo de elaboração do discurso do professor. Para ilustrar nosso procedimento, no trecho em destaque foram contabilizadas doze ocorrências; três para *chapeau*, três para *hôtel*, três para *chapelier*, três para *hôtelier*:

Deux mots comme *chapeau*, *hôtel* <sont dans deux cases séparées>; avec *chapeau*, *chapelier* nous n'en dirons pas autant, de même que pour *hôtel*, *hôtelier* <ou l'on sent quelque chose de commun, deux cases voisines>. [...] ainsi le rapport ne sera pas le même entre > *chapelier* et *hôtelier* <qu'>entre *hôtel:hôtelier* et *chapeau:chapelier*. (ICLG:66)

Por fim, copiamos em um caderno, sob a forma de listas, todas as ocorrências que haviam sido grifadas e numeradas no texto impresso:

Figura 6 Material de análise: catálogo (ICLG:29)

A partir do momento em que as três listas para cada um dos três domínios estavam prontas, passamos a classificar cada ocorrência em algum idioma, com um hiperônimo tão genérico quanto possível. “Alemão”, por exemplo, possui como hipônimos “alemão moderno”, “antigo alto alemão”, “germânico”, porque nossa proposta de análise não tem por objetivo atingir o nível de especificidade de cada período ou de cada variedade das línguas exemplificadas. Sempre que possível, mantivemos nomenclaturas do próprio texto, como “línguas semíticas”. Em seguida, realizamos a contagem dos exemplos em função dos idiomas nomeados, buscando mapear o uso dos idiomas em função dos assuntos abordados. O presente subparâmetro, de natureza quantitativa, não está presente no estudo de Chevillard et.al (2007), que nos forneceu os próximos subparâmetros.

Demarcação, Representação e Tipos

Na etapa seguinte da tarefa de análise, examinamos os exemplos listados a partir da tipologia de Chevillard et al. (2007), estudo coletivo que se concentrou em propor uma tipologia conjunta de exemplos apurados nas tradições gramaticais árabe, francesa, grega, latina e tâmul, como vimos no Capítulo 1. Cientes de que os autores apresentam seu projeto como uma “primeira tentativa” e que reconhecem haver sobreposição entre algumas categorias (Chevillard et al., 2007:27), convertemo-las em três subparâmetros para a dissertação: Demarcação (*démarcation*), Representação (*représentation*) e Tipos (*types*).

A demarcação trata da apresentação dos exemplos de língua no texto escrito e se distribui em demarcação *tipográfica* (*typographique*, pontuação em geral, parênteses, mudanças de fonte, mudanças de linha e de parágrafo) e em demarcação *robusta* (*robuste*, termos metalingüísticos que designam o exemplo, como a própria locução “por exemplo” e sequências como “diz-se que ...”).

O subparâmetro seguinte, o da representação, diz respeito à maneira como a totalidade da língua-objeto é apresentada. Essa apresentação pode ser feita de maneira exaustiva, chamada de representação *por extensão* (*par extension*), como quando se tomam Autores como o corpus de referência (caso de gramáticas gregas e latinas) ou quando, ainda, se apresenta a totalidade dos casos de um determinado fenômeno construído pela gramática, como uma lista finita de plurais irregulares, por exemplo. Por outro lado, a representação *por compreensão* mostra a unidade do exemplo como válida para além de si própria, mais como uma matriz geradora de novos exemplos. Esse tipo de representação é verificado no uso do que os pesquisadores chamam de variáveis (como em “*Ele saiu*”), de listas abertas, de partículas (*etc*) e marcadores (*como*). Em suma, quaisquer mecanismos que indiquem a continuidade da enumeração e que estendam a validade de um exemplo para outro.

Por fim, o terceiro subparâmetro de análise de exemplos de língua os classifica em tipos (*types*), categoria bastante flexível, em nossa percepção, por admitir critérios diferentes. Ela apura tanto listas (abertas ou fechadas), paradigmas (conjugações e declinações) e séries, que tratam da disposição gráfica dos exemplos, quanto ‘funções’, como ‘exemplo e contra-exemplo’, além de sua proveniência (como ‘herdados’, ‘inventados’).

A despeito da especificidade dos parâmetros internos que adotamos e do nível de detalhamento que podem alcançar, nosso norte foi a função dos exemplos de língua na argumentação pedagógica do Curso I. As tipologias que adaptamos à nossa dissertação nos interessam, primeiramente, na medida em que tematizam a definição e o exemplo como unidades passíveis de estudo e que foram legitimadas por pesquisadores prestigiosos na área de ciências da linguagem. Em segundo lugar, elas foram coletivamente elaboradas a partir de seis diferentes tradições gramaticais, o que confere a ela grau de generalidade compatível com nosso objeto, um curso de *Linguística Geral*.

Para ilustrarmos nossa proposta, examinemos a sequência abaixo, encontrada no domínio *Fonologia*:

On distingue deux sortes de longues: *māter*, longue de nature, *factus*, longue par position. Pourquoi *factus* est-il mesuré comme longue? Cela tient au mot conson<n>antique dans lequel *a* est suivi de deux consonnes. Mais si cela suffit, dans n’importe quel mot commençant par deux consonnes, la voyelle sera longue.> Pourquoi dans *cliens* l’*i* est-il bref? La raison est celle-ci: l’explosion est si rapide qu’elle est, pour l’oreille, une donnée irrationnelle; seule l’implosion peut être appréciée [...] (ICLG: 22-23)

Os exemplos de língua se apresentam em demarcação tipográfica, com itálicos, a cargo do editor, e com dois pontos, a cargo do aluno. O latim é representado por compreensão, na medida em que *māter*, *factus* e *cliens* são válidos como *um caso* em que se coloca o problema da percepção de sílabas breves e longas. Embora outros casos semelhantes não sejam enumerados nem precisados numericamente, o caso apresentado é generalizável, como nos sugerem alguns termos genéricos: *deux sortes*, *mot conson<n>antique*, *n’importe quel mot commençant par deux consonnes*. Quanto aos tipos, os exemplos se apresentam em uma unidade que poderíamos chamar de *palavra*, assim nomeada no próprio curso (ICLG:62). Trata-se, ainda, de exemplos herdados, provavelmente recolhidos na fonte enunciativa anotada por Riedlinger no final do parágrafo acima destacado: “<Vide M. Niedermann, *Phonétique historique du latin*, Paris, 1902, p.145 sv.>.” (ICLG:23)

Estabelecimento do parâmetro externo

(3) Estrutura Institucional

Nossa opção por concentrar os objetivos da dissertação na análise das definições e dos exemplos de língua nos coloca em sintonia com o princípio da imanência, um dos princípios da prática historiográfica enumerados por Koerner (1996, Cf. Capítulo 1). Como vimos, esse princípio toma o texto como unidade de sentido completa e autônoma, procedimento que nos permite o estudo mais apurado da metalinguagem que ele oferece. Ao mesmo tempo, procuramos contextualizar o texto em relação a sua emergência, parâmetro que nomeamos **Estrutura Institucional**. Estudamos, assim, a Universidade de Genebra, então Faculté de Lettres et Sciences Sociales, entre os anos 1906 e 1907. No Curso I, organizamos as menções à situação de ensino-aprendizagem, as maneiras pelas quais os interlocutores se referiram uns aos outros e aquilo que foi dito sobre o andamento das aulas e sobre a maneira de ensinar. Em “[...] *Z* en français est doux, donc puisque nous sommes Français il nous faut prononcer *Zürich*.” (ICLG:10), observamos que Saussure se refere a si e à audiência como “franceses”. As categorias linguísticas que respondem preferencialmente por este parâmetro são os pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa e todo elemento com função dêitica de espaço e tempo. Já o seguinte comentário, sobre a organização do conteúdo do curso, trata mais diretamente da situação de ensino-aprendizagem:

On peut hésiter beaucoup sur le meilleur plan. Il est plus profitable de placer certaines idées générales à la fin du cours plutôt qu’au commencement. C’est pourquoi nous ne voulons pas définir la nature du langage. (ICLG: 27)

O trecho acima foi anotado na exígua rubrica “Linguística”, que ocupa uma página do Curso I, entre dois assuntos, os princípios de fonologia e as mudanças fonéticas. Já no exemplo a seguir, o filólogo e romanista Charles Thurot (1823-1882) tem sua obra desaconselhada:

Ch. Thurot a écrit son grand ouvrage sur la prononciation française (2 vol., <1881-1883>) sans avoir recours à la phonologie: son livre est plein de renseignements précieux, mais <il> est illisible; [...] (ICLG: 11)

Frisamos, entretanto, que as menções a autores e a obras não foram priorizadas nas análises, tanto pelos limites que a dissertação precisou comportar quanto pela opção de se estudarem estratégias didáticas em circulação no texto de que serviu de material de análise. Nesse

sentido, quando cogitamos, por exemplo, ‘descobrir’ que Saussure teria reutilizado exemplos de língua de certo manual, como no exemplo anterior de Niedermann, deparamos com uma informação secundária, porém classificável no subparâmetro dos tipos de exemplos de língua (‘exemplos herdados’). Se o fato de saber que exemplos já foram usados pelo próprio professor ou por autores outros dirige a pesquisa para a dimensão externa da produção do conhecimento, ele não nos informa *a maneira pela qual* Saussure inseriu os exemplos na argumentação específica no Curso I, nossa maior preocupação, nos limites deste trabalho.

Crítérios de organização da análise

Como antecipamos na Introdução, organizamos a apresentação das análises em quatro capítulos, três deles restritos a um domínio em particular, *Fonologia* (Capítulo 3), *Fonética* (Capítulo 4) e *Analogia* (Capítulo 5), o último deles dedicado à análise cruzada dos três domínios, juntamente com a Estrutura Institucional (Capítulo 6). Mais detalhadamente, dentro dos capítulos 3, 4 e 5, as análises se apresentam na seguinte ordem:

- (1) ‘Conteúdo temático’: primeira seção, que resume o conteúdo temático do domínio, sem a preocupação de tratar *como* Saussure o ministrou;
- (2) ‘Definições’: segunda seção, que descreve linguisticamente *como* as definições foram tratadas, nas categorias de Quijada Van den Berghe e Swiggers (2009);
- (3) ‘Exemplos de língua’, terceira seção, em que se apresentam a contagem por língua, a demarcação, a representação e os tipos de exemplos, nas categorias de Chevillard et al. (2007);
- (4) ‘Organizadores’, quarta seção, que lista recursos de ordenação do conteúdo temático, como numerais arábicos e grafemas do alfabeto latino, usados para enumerar e repartir as observações feitas sobre determinados assuntos. Tais recursos nos pareceram informativos sobre a didática de Saussure, mas julgamos prudente conservá-los em subseção à parte e não erigi-los em parâmetro metodológico, deixando-os, assim, em situação ‘exploratória’;
- (5) ‘Esquematisações’, quinta e última seção, em que reunimos a atuação conjunta de definições, exemplos de línguas e organizadores no que toca a compactar conteúdos.

Aquilo a que chamamos ‘esquematizações’ (tabelas, desenhos, esquemas, fórmulas, símbolos) realizam frequentes rompimentos e sucessivas restituições da linearidade da exposição oral, do professor, e da tomada de notas em língua francesa, do aluno. Do mesmo modo que a subseção anterior, optamos por organizar esse tipo de recorrência em subseção autônoma, sem o compromisso de torná-la um parâmetro de leitura, mas apenas uma ‘recorrência exploratória’.

Capítulo 3 / Fonologia

A análise do domínio *Fonologia* estabeleceu 22 (vinte e duas) definições, 302 (trezentos e dois) exemplos de língua, 7 (sete) estratégias de organização e 8 (oito) símbolos que participam de processos de esquematização. A primeira menção ao termo *fonologia* (*études phonologiques*), no Curso I, nos leva para fora do domínio em estudo. É nas preliminares (ICLG:2) que a fonologia aparece em meio a um percurso que consiste em designar disciplina por disciplina – etnologia e filologia, por exemplo – para, em seguida, afirmar-se que Linguística *não* se confunde com nenhuma delas. Nesse sentido, a fonologia é tematizada por Saussure como uma *reação* aos ‘excessos’ do ponto de vista filológico. A própria fonologia teria cometido seu ‘excesso’, por ter-se focalizado demasiadamente nas descrições dos sons linguísticos, o que levou, por sua vez, à reação de outro ponto de vista, que passou a predominar dentro dos estudos linguísticos: o ponto de vista psicológico, com seus estudos do som como “imagens psíquicas” (ICLG:2) que, uma vez mais, *não* é Linguística. Tal é a narração inicial em que fonologia se apresenta ao leitor.

3.1 Resumo do conteúdo temático

O domínio propriamente dito se inicia com a definição do termo *phonologie*, reservado para o estudo daquilo que, fisiologicamente, “[...] se produz em nossos órgãos quando pronunciamos um som” (ICLG:12). Saussure passa, imediatamente em seguida, a criticar aquilo que entende como limitada preferência dos manuais de fonologia, concentrados no estudo da produção dos sons (lado articulatório), em detrimento de pesquisas sobre sua compreensão (lado acústico). A crítica se estende para a maneira como os mesmos manuais tratam os sons, qual seja isolados uns dos outros, ao passo que, como falantes que somos, temos acesso apenas a sons encadeados.

O professor prossegue, afirmando que, dos dois lados do ato fonatório, apenas o lado articulatório é visível, o que permite que ele seja descrito, enquanto que, o lado acústico, essencial para a discriminação dos sons linguísticos, não se deixa descrever nem definir, como anotou, sucintamente, Riedlinger. Essa configuração do ato fonatório faz com que suas unidades não sejam ‘unitárias’, mas complexas, de modo que as unidades fônicas, os fonemas,

são obtidas pela razão entre a soma de atos articulatórios pela de impressões acústicas, em mútuo condicionamento.

Riedlinger anota que classificações dos sons linguísticos são elaboradas a partir da análise de centenas de cadeias de fala. Saussure frisa que as classificações fonológicas operam em um nível de abstração que suprime o tempo do fonema, embora o fator que pesa sobre essa unidade seja justamente o de preencher um tempo da cadeia da fala. É a partir dessa ressalva que o lado articulatório é apresentado em mais detalhes, por meio da enumeração das chamadas “partes do aparelho vocal”: as cavidades nasal, bucal e a glote. Cada uma das partes recebe, em seguida, comentários sobre suas possibilidades de articulação.

A atividade da cavidade nasal e da glote incide sobre o ar, em duas opções, deixando-o passar ou bloqueando-o, à diferença que a primeira não produz sons, mas pode fazê-los reverberar, ao passo que, a segunda, produz, voluntariamente, um som uniforme. Se a glote produz um som pela vibração das cordas vocais, o som é chamado laríngeo a que, em nossa terminologia atual, chamamos vozeado. A cavidade bucal, assim como as duas anteriores, está sujeita a abertura e a fechamento, mas, diferentemente delas, apresenta variedade infinita de articulações, devidas, por exemplo, aos movimentos da língua. Quanto à produção de sons, a cavidade bucal pode atuar tanto como geradora quanto como ressonadora de sons.

A enumeração de órgãos e de possibilidades de combinação se converte, em seguida, em três critérios de classificação articulatória dos fonemas: articulação bucal (como vimos, variada), som laríngeo (como vimos, presente ou ausente) e ressonância nasal (do mesmo modo, presente ou ausente). A partir daí, Riedlinger anota as espécies fonológicas, agrupamentos de fonemas que Saussure ordena segundo o grau de fechamento da cavidade bucal, a partir das oclusivas, de fechamento máximo, passando-se pelas fricativas, líquidas e por grupos de vogais, até o fonema *a*, de fechamento mínimo sem, entretanto, que se distingam consoantes de vogais. Após o exame de cada agrupamento, outras classificações são criticadas, tais como as que se baseiam exclusivamente no ponto de articulação do fonema, *bilabiais*, *dentais*, *labiodentais*. Saussure as considera demasiado arbitrárias e cogita mesmo a possibilidade, jocosa, de se cunharem termos que aponta como “grotescos”, a exemplo de sua criação, *cérébrales* (ICLG:25).

O último tema abordado no domínio trata da inserção dos sons na cadeia fônica, o que significa, para Saussure, tratar das modificações que cada som sofre ao se colocar em sucessão temporal e linear. Se o professor reconhece que a fonologia proporciona à

Linguística uma visão *raisonnée* dos sons, em virtude das classificações que deles propõe, ele não deixa de criticar os estudos fonológicos pelo mesmo motivo, porque suas classificações, inevitavelmente abstratas, não explicam a maneira, concreta, pela qual se combinam os sons. A partir daí, o fator tempo passa a ser estudado na passagem do silêncio ao som, do término de um fonema ao início do sucessor, processo que se dá através de uma implosão ou de uma explosão, independentemente do ponto de articulação típico do fonema. No exemplo anotado por Riedlinger, caracteriza-se *appa* como um grupo de oclusivas em que o primeiro *p* se termina com um fechamento, uma implosão, enquanto que o segundo *p* começa com uma abertura, uma explosão. Por fim, a fonologia é apontada como um estudo que não faz parte da Linguística, mas que a auxilia, à medida que permite a descrição das variedades de som que compõem um estado fônico, assim como das mudanças atestadas ao longo do tempo.

3.2 Definições

Como foi antecipado no capítulo de Metodologia, a saliência dentro do conteúdo temático de *Fonologia* foi o primeiro critério que adotamos para selecionar alguns dos termos submetidos à análise de definições. Nesse sentido, a relevância de *fonologia* e de *fonema*, por exemplo, é autoexplicativa. Outros termos, menos prioritários, passaram a também ser contemplados na análise, por um dos dois motivos, não-excludentes, a seguir: se tratava de termos que estavam em flagrante relação epilinguística com outro termo, este prioritário, como no caso de *cavidade bucal*, que designa uma porção corporal na experiência de qualquer ser humano, em relação ao termo *aparelho vocal*, conceito este mais próximo de um saber metalinguístico porque, no Curso I, ele reúne outras porções do corpo humano para compor um todo maior, destinado à atividade de linguagem, convertido, ainda, em categorias de análise de traços de fonemas.

O segundo motivo que nos levou a analisar termos aparentemente menos relevantes foi o que identificamos como sendo sua pertinência didática. É assim que a brevidade das definições de *sonante* e *consonante* reflete o papel que exercem no Curso I: se não são prioritárias nem expostas de maneira exaustivas, elas são importantes, entretanto, no sentido de que permitem ao professor, em seu entender, antecipar fontes de dúvidas entre os alunos. No caso em questão, não se deveria confundir os dois termos com o de *consoante*. Para tanto, é necessário

que o docente selecione o mínimo de informações suficientes para, idealmente, impedir a confusão.

O quadro a seguir dispõe os 22 termos selecionados em dois blocos que, sabemos, estão em relação de continuidade, de modo que o mais importante é a organização dos termos uns em relação aos outros, segundo o princípio da convivência dos saberes epilinguísticos e metalinguísticos (Cf. Capítulo 1). À esquerda, dispusemos os termos mais próximos do saber epilinguístico; à direita, aqueles mais afeitos ao saber metalinguístico. Em seguida, fizemos breve comentário explicativo dessas relações e prosseguimos com a análise de cada um dos termos:

Quadro 6 Definições analisadas em *Fonologia* (22)

próximas ao saber epilinguístico	próximas ao saber metalinguístico
ato fonatório	fonologia classificar espécies fonológicas oclusivas fricativas líquidas fórmula
cadeia falada	cadeia fônica fonema
abertura fechamento	explosão implosão sílabas sonante consonante
cavidade bucal cavidade nasal glote	aparelho vocal

O *ato fonatório* é alvo de estudo da *fonologia*, que *classifica* os sons linguísticos em *espécies fonológicas*, como as *oclusivas*, as *fricativas* e as *líquidas*. Já a *cadeia falada*, modo através do qual os sons linguísticos nos chegam à compreensão, é decomposta pelo falante em uma *cadeia fônica*, desmembrada em unidades chamadas *fonemas*, unidades ao mesmo tempo ouvidas e compreendidas. Os lábios realizam, com maior ou menor sutileza, movimentos de

abertura e de *fechamento* quando pronunciamos sons. No âmbito da Linguística e no momento em que se analisa a consecução dos sons na cadeia falada, esses movimentos recebem nuances metalinguísticas pelos conceitos de *explosão*, *implosão*, *sílaba*, *sonante* e *consonante*. Por fim, *as cavidades bucal e nasal*, assim como a *glote*, são porções do corpo humano convertidas, pela Linguística, no *aparelho vocal*.

Ato fonatório (*acte phonatoire*)

La méthode suivie en général dans les manuels de phonologie n'est pas bonne car elle oublie [...] <qu'>**il y a deux côtés dans l'acte phonatoire**; [...]
(ICLG :12) [grifo nosso]

On aura déterminé le phonème en déterminant l'acte phonatoire, et réciproquement, nous aurons déterminé toutes les espèces de phonèmes en déterminant tous les actes phonatoires. (ICLG :15) [grifo nosso]

O primeiro trecho apresenta *definitio rei formal*, por desmembrar o ato fonatório em dois componentes, ou lados, acústico e articulatório, como vimos no resumo do conteúdo temático. O tempo verbal do presente do indicativo do verbo *y avoir* contribui para o discurso teórico com pretensão de generalidade e atemporalidade. Já o segundo trecho se aproxima mais de *definitio rei essencial*, porque enuncia simplesmente que a definição de *ato fonatório* depende daquela de *fonema*, sem que os dois termos sejam necessariamente sinônimos. O futuro do presente composto do indicativo se repete duas vezes (*on aura déterminé*, *nous aurons déterminé*), como o gerúndio do mesmo verbo (*en déterminant*). Em francês, sabemos que o futuro pode ter valor deôntico, de dever ou conselho, além de seu valor temporal. Ao mesmo tempo, o gerúndio coloca as ações em simultaneidade ou como um instrumento para atingir determinado objetivo. Atentamos, ainda, para a repetição dos artigos definidos no singular com valor geral, *le* e *l'*, e dos mesmos artigos, no plural, *les*, acompanhados dos advérbios *toutes* e *tous*, que enfatizam a generalidade e ampliam do alcance das definições a serem realizadas.

Fonologia (*phonologie*)

Il est donc de toute nécessité de faire ce que les Allemands appellent « *Laut-(Sprach-) physiologie* », de ce que **nous appellerons de la « phonologie »**. <**La phonologie sera fondée sur ce qui se produit dans nos organes lorsqu'on prononce un son; elle a donc une base physiologique**

(*Lautphysiologie*). Sievers appelle cette physiologie de la parole phonétique (les Anglais : phonetics), mais ce mot de phonétique doit être réservé pour l'étude purement historique et linguistique.> (ICLG:12) [sublinhado do autor, grifo nosso]

O trecho em destaque configura *definitio nominis essencial* (*sur ce qui se produit dans nos organes*) e *formal* (*elle a ... une base physiologique*). A definição pelo termo (*nominis*) se justifica pela abertura da citação, em que a questão terminológica é evidente, através dos termos em alemão, do verbo *dicendi* (*appellerons*) e das aspas em *phonologie*. A definição essencial é composta pelo verbo *ser*, no futuro simples do indicativo, e pelo particípio passado de *fundar*, em sintagma de valor deôntico – algo como ‘deverá ser fundada’, de modo que a fonologia diz respeito a “tudo aquilo que se produz em nossos órgãos quando pronunciamos um som”, caracterizada pela base fisiológica, parte formal. A definição prossegue, expondo o aluno a mais termos, entre alemão, francês e inglês (*Lautphysiologie*, *phonétique* e *phonetics*), de modo que a definição de fonologia se consolida na medida em que se delimitam os outros termos. *Phonétique*, por exemplo, terá novo lugar no Curso I, em que designará o estudo da mudança dos sons ao longo do tempo, a despeito do uso que se faça de *phonetics*, em inglês. Se não se afirma que a fonologia é o ‘contrário’ de fonética, salientamos, ainda, assim, o procedimento de excluir aquilo que *não* é o termo. Apontamos, ainda, o uso da partícula de conjunção *donc* e do sintagma *de toute nécessité* como mecanismos que, retoricamente, elevam a pertinência do assunto e que, ao mesmo tempo, promovem a passagem de um assunto anterior ao novo tema, a fonologia.

Classificar (*classer*)

Après avoir obtenu des éléments en analysant des centaines de chaînes parlées, j'arrive par abstraction à les classer [...] **Ce classement se fera avant tout suivant la forme de l'articulation** [...] (ICLG :13) [grifo nosso]

Pour classer les phonèmes, **il s'agit bien moins de savoir en quoi ils consistent que en quoi ils diffèrent les uns des autres**. Aussi bien des facteurs négatifs ont-ils pour la classification plus d'importance que des positifs. Par exemple, [...] l'absence de résonance nasale (-) ou du larynx est un élément de différenciation [...] (ICLG :15) [grifo nosso]

O primeiro trecho se aproximaria de *definitio rei essencial*, no sentido que a forma de articulação é um *exemplo* de classificação. Do mesmo modo, o segundo trecho, ao afirmar que classificar “é” saber em quê diferem os fonemas, propõe *definitio rei funcional*, pois tematiza o ‘fazer’ do conceito, qual seja, apurando-se as diferenças. O termo aparece como um

procedimento (-ment) que trata centenas de cadeias faladas e as submete, em seguida (*après*), a um processo que deverá, preferencialmente (*avant tout*), se basear na articulação do som, trecho em que se observa o valor deôntico do futuro simples do indicativo (*se fera*). Inicialmente, *classificar* consiste em adotar certo critério para se examinar a cadeia falada. Mais adiante, o mesmo conceito aparece de maneira mais apurada, através de uma estrutura sintática proporcional e comparativa (*il s'agit bien moins de ... que ...*), segundo a qual mais vale apontar aquilo que diferencia os fonemas do que aquilo que os reúne, de forma que o professor não revela toda a definição de uma vez, lapidando-a de acordo com o avanço da aula.

Espécies fonológicas (*espèces phonologiques*)

De ce classement résulteront diverses « **espèces phonologiques** » que je considère d'une manière abstraite, comme des variétés possibles, en marquant les différences d'articulation, et non à un point de vue concret, car alors je leur reconnaîtrais la qualité de remplir un temps dans la chaîne parlée.[...] (ICLG:13) [sublinhado do autor, grifo nosso]

As espécies fonológicas são apresentadas em *definitio rei essencial*, pois “são” variedades possíveis dos sons linguísticos, variedade possível pelo critério da articulação. Chama-nos atenção, em seguida, a presença de uma característica que *não* define as espécies fonológicas (*et non à un point de vue concret*). A qualidade de preencher um tempo na cadeia falada, que caracteriza o ponto de vista concreto, é ligada àquilo que as espécies fonológicas *não são* por meio da locução *car alors*, que traduzimos como ‘se assim fosse’, e pelo tempo verbal de³⁰ *reconnaîtrais*, que marca uma hipótese.

Oclusivas, fricativas, líquidas (*Occlusives, fricatives, liquides*)

Que l'articulation buccale se fasse par le jeu de la langue sur le palais ou par le rapprochement des lèvres, il y a toujours un degré de fermeture. Nous irons du maximum au minimum:

A) Premier degré de fermeture: maximum:

Les Occlusives (toutes espèces de phonèmes obtenues par la fermeture complète, hermétique mais momentanée de la cavité buccale. [...]) (ICLG :15) [grifo nosso]

³⁰ Inserido no modo verbal *conditionnel*, em francês, que possui os tempos *présent* (*je reconnaîtrais*) e *passé* (*j'aurais reconnu*). Cf.: <http://www.cnrtl.fr/definition/conditionnel> . Consulta realizada em 21/4/2015, às 23h51.

- B) Deuxième degré : **semi-fermeture de la cavité buccale** ; <l'air continue de passer> : **les fricatives**. Leur nom ne dit rien sur le degré de fermeture ; un autre « les spirantes » est tout à fait général. Appelées fricatives **à cause de l'impression de frottement que ces phonèmes produisent**. (ICLG:17) [grifo nosso]
- C) Troisième degré : ouverture plus grande que dans les fricatives : **les liquides**. **Nous appuyons la langue contre la partie antérieure du palais, mais en laissant à droite et à gauche une ouverture** :[...] La famille *l-r* porte depuis l'antiquité le nom de « liquides » ; il n'y a pas lieu de s'arrêter à ce nom. (ICLG:18) [grifo nosso]

Os três termos, da maneira como se apresentam em *Fonologia*, explicitam a convivência entre saberes epilinguísticos e metalinguísticos. O trecho evoca a experiência cotidiana de movimentar a língua e os lábios e organiza alguns de seus movimentos em um contínuo estabelecido pelo grau de fechamento. Os fonemas continuam a ser descritos pela maneira como devemos articulá-los ou por características fisiológicas (*l'air continue de passer*). A partir daí, duas metalinguagens passam a conviver: a primeira é a escala que o professor construiu (*nous irons du maximum au minimum*), que coloca os três termos em relação entre eles mesmos [A) *maximum*, B) *demi-fermeture* e C) *ouverture plus grande que*], mais do que em relação com a nomenclatura que a tradição lhes atribuiu (*occlusives*, *fricatives* e *liquides*). As oclusivas não recebem comentário sobre seu nome “tradicional”; o das fricativas é brevemente justificado pela acústica (*impression de frottement*) e um nome alternativo (*spirantes*) é criticado (*tout à fait général*) como o próprio termo (*leur nom ne dit rien sur le degré de fermeture*); vemos, ainda, que o das líquidas apenas assinala, também brevemente, a origem do nome e desencoraja tal pesquisa (*il n'y a pas lieu de s'arrêter à ce nom*). Quanto à escala proposta pelo professor, os termos apresentam *definitio rei funcional*, pois cada termo é um grau de fechamento descrito em termos de seu posicionamento relativo (*maximum*, *demi*, *plus grande que*). Quanto à nomenclatura *occlusivas*, *fricativas* e *líquidas*, observamos *definitio rei formal*, porque os termos são descritos por traços, como se pudéssemos construí-los a partir das instruções articulatórias que nos foram dadas.

Fórmula (formule)

Le même **mécanisme** continue en réalité à rester le même :

$$i = \frac{i}{t} \quad u = \frac{u}{v}$$

[] [] (ICLG:19)

[...]

A é ô õ correspondent trois sons nasaux : in [...] on [...] un [...], **qui ont la même formule que m** :

ẽ	õ	õ
ε	o	ö
...	...	...

(ICLG:20)

O termo *fórmula* aparece no final do domínio *Fonologia*, e não é alvo de explícita definição. Como vemos no primeiro trecho, ele é precedido pelo substantivo *mecanismo*, que apresenta um esquema de descrição dos fonemas *i* e *u* de acordo com três critérios propostos no início do curso: articulação bucal, cujas variedades são representadas pelo alfabeto grego; vozeamento, descrito como “som laríngeo, presente (~~) ou ausente ([...]) e, por fim, ressonância nasal presente (...) ou ausente ([...]). No segundo trecho, a “fórmula” equipara os sons nasais [grupo “F”) ao fonema *m*, que pertence ao grupo “A)”. As barras horizontal e verticais remetem à tabela de classificação apresentada no início do domínio (Cf. ‘Esquematisações’). Como o termo *fórmula* aparece diretamente “exemplificado”, sem menção a qualquer tentativa de definição explícita, podemos caracterizar sua apresentação como *definitio rei essencial*.

Cadeia fônica (*chaîne phonique*) e cadeia falada (*chaîne parlée*)

[...] il y a dans la langue non seulement des sons mais des étendues de sons parlés; [...] or, ce qui nous est donné tout d’abord, ce ne sont pas les sons isolés mais des étendues, des chaînes de sons. [...] C’est de l’acoustique que sont partis les Grecs et les Latins quand ils ont marqué leur alphabet:

| F | E | N | E | S | T | R | A |

La ligne représente la chaîne phonique de *fenestra*. Les petites barres transversales marquent les silences entre <les> sons. L’espace compris entre deux petites barres équivaut à un temps homogène. L’essentiel [...] <c’est> la division de la consécution parlée en temps homogènes. [...] <L’analyse acoustique est donc la vraie analyse qui permet de distinguer les sons de la **chaîne parlée**. [...] (ICLG:12,13) [grifo nosso]

O termo *cadeia fônica* aparece em *definitio rei formal*, no sentido que sofre uma decomposição em partes. Essa caracterização é bastante particular, no sentido de que é pelo esquema de um exemplo de língua, *fenestra*, que “visualizamos” a decomposição do referido termo pelas pequenas barras transversais e pelos espaços, auxiliados pelo uso descritivo dos verbos *marquent* e *équivaut*. A cadeia fônica, pela divisibilidade inicial das sequências sonoras que promove, é um princípio de metalinguagem em relação à indistinção da cadeia

falada na experiência cotidiana da linguagem. Atentamos para a presença de sintagmas negativos (*ce ne sont pas les sons isolés*) que caracterizam aquilo que a cadeia falada *não é*. Vemos que esse termo não recebe definição no formato ‘cadeia fônica é ...’, mas o fato de repetir informações de trechos anteriores nos permite aproximá-lo de *étendues de sons parlés*, *chaînes de sons* e *consécution parlée*, em *definitio rei essencial*.

Fonema (*phonème*)

A primeira ocorrência do termo *fonema* se dá dentro da seguinte fórmula:

$$\text{Le phonème} = \frac{\text{son}}{\text{acte phonatoire}}$$

(cf. deux pages plus haut la formule

$$\frac{F}{f}$$

‘et l’explication). On aura déterminé le phonème en

On aura déterminé le phonème en déterminant l’acte phonatoire, et **réci-proque-ment**, nous aurons déterminé toutes les espèces de phonèmes **en déterminant tous** les actes phonatoires. (ICLG :15)
[grifo nosso]

O termo aparece de maneira esquemática, isto é, acompanhado de símbolos que rompem, mais ou menos ostensivamente, com a linearidade característica da exposição oral do professor e da tomada de notas do aluno. Podemos “ler” a fórmula como “o fonema é uma razão entre o som e o ato fonatório”, o que configura *definitio rei formal*, pois o termo é desmembrado em partes constitutivas.

Abertura, fechamento, explosão e implosão (*explosion, implosion*)

1.Observation fondamentale

Si l’on nous donne un groupe <d’occlusives> « *appa* », nous pouvons observer que **ce qui correspond au premier p c’est une fermeture et au second une ouverture**. Cette double impression est assez analogue pour que la plupart des alphabets aient eu recours aux même deux consonnes : cependant elle me permet de marquer pour *appa* : *ap>p<a* et *ap>p<ta* [...] de même pour les liquides : *al>l<a* [...] **On a donné le nom d’*implosion* (>) et d’*explosion* (<) à ces deux phénomènes d’ouverture et de fermeture et l’on parle de *p> implusif* et de *p< explosif*. Le degré de fermeture ne fait**

rien pour l'implosion et l'explosion (ICLG :21) [sublinhado do autor, grifo nosso]

Como vemos, os termos *explosão* e *implosão* se encontram no final do parágrafo em que ocorrem pela primeira vez. Antes de defini-los, Saussure dá um destaque inicial ao tema, chamado de *observação*, qualificado de *fundamental*. Em seguida, o professor propõe aos alunos uma situação de análise, introduzida pelo hipotético *si*, pelo impessoal *on* e pelo verbo ostensivo *donner*. O verbo *observer* acaba por conferir um tom de percepção ‘natural’ ou de evidência na condução da observação do exemplo proposto, *appa*, já classificado com uma nomenclatura – *occlusives* – aprendida no próprio curso. Ademais, a observação inclui os alunos, *nous pouvons*, de modo que se apresenta um percurso para que se chegue à ‘percepção’ de fechamento e de abertura dos sucessivos *p*, já com o verbo *ser* no presente do Indicativo.

Abertura e fechamento são apresentados com *definitio rei essencial*, porque podemos saber o que eles são através de um exemplo em que ocorrem, o chamado “grupo de oclusivas *appa*”. Já os termos *explosão* e *implosão* aparecem em *definitio nominis funcional*, pois explicitam que são resultado de uma operação de nomeação (*on a donné le nom*) e tratam do posicionamento dos termos. O último trecho grifado reforça seu conteúdo funcional, pois aponta que o grau de fechamento, categoria que classifica isoladamente as espécies fonológicas, não se relaciona com o fechamento em questão, que se trata da combinação de sons.

Reconhecendo que a percepção dos termos (*cette double perception*) é sutil, o professor recorre à experiência, metalinguística desta vez, do falante ordinário, mostrando que a maioria dos alfabetos simplesmente repete os grafemas, a despeito de as consoantes se inserirem na cadeia falada ora em implosão, ora em explosão. Em seguida, o advérbio *cependant* retoma o olhar do linguista que, este sim, distingue, para o fonema *p*, momentos de realização em abertura ou em fechamento, através, inclusive, de notação específica, já inserida no próprio exemplo inicial e também expandida para outra categoria, já ensinada, a das líquidas (*ap>p<a* et *ap>p<ta [...]* de même pour les liquides : *al>l<a*).

Nesse sentido, os termos *implosão* e *explosão* foram definidos apenas *após* ter sido proposta aos alunos uma “situação de análise”, a partir da qual o olhar é dirigido (*nous pouvons*

observer) para o resultado a que se pretendeu chegar. Do mesmo modo, apenas *após* terem sido utilizados termos e situações supostamente familiares para alunos (*oclusivas, líquidas, abertura, fechamento* e o caso dos alfabetos) é que os novos termos foram definidos. O teor de novidade para os alunos é rompido apenas no final, quando se diz que alguma tradição de pesquisa, difundida pelo *on*, ‘já’ percebera e nomeara o fenômeno. Para encerrar a definição, Saussure antecipa aquilo que entende como foco de confusão, o entendimento de explosão e de implosão fora da cadeia dos sons e dentro do ponto de articulação dos fonemas. Em outros termos, a definição se encerra apontando algo que ela *não* é.

Sílaba (*syllabe*)

La frontière <où l’on passe des implosions aux explosions> est la frontière syllabique que l’on peut quelquefois placer différemment dans le même mot suivant que l’on passe plus ou moins vite des implosions aux explosions. Le partage du mot suivant ce principe nous donne une base solide pour <déterminer> l’unité de la syllabe. **Cette unité est très discutée : les uns ont donné cette définition de la syllabe : ce qui est prononcé d’une expiration. D’autres ont fait dépendre la définition de la syllabe de la définition de la voyelle. Tout cela porte à faux. On peut bien parler séparément d’unité syllabique et <de> sonante mais en fait dans toute unité syllabique il y a une sonante.** (ICLG :22) [grifo nosso]

Foi necessário definir *sílaba* porque se tocou no assunto da *fronteira silábica*, dentro da discussão sobre a consecução dos sons, diante da banalidade dos fenômenos de abertura e de fechamento dos lábios na atividade de linguagem. Nesse sentido, *implosão* e *explosão* são apontados como possíveis critérios de decomposição de uma palavra em termos fonológicos. Vemos que duas definições de *sílaba* são propostas e refutadas (*tout cela porte à faux*), sem que se chegue a uma definição assertiva. O trecho *ce qui est prononcé lors d’une expiration* configura *definitio rei essencial* de maneira diferente do mesmo tipo de definição para *ont fait dépendre la définition de la syllabe de la définition de la voyelle*. Neste último caso, podemos supor que, nessa segunda acepção *sílaba* é *tudo aquilo que não é vogal*, sem que tenhamos confirmação explícita de nossa conclusão.

Sonante e consonante (*sonante, sonnante, consonante, consonnante*)

En continuant nos observations, nous remarquerons **qu’à l’endroit où l’on passe d’un silence <à une première implosion> (*i>r>ta*) ou d’une**

explosion (*k<s<i>r>ta*) ce son se distingue des autres comme étant une unité ayant un effet très particulier. Cette particularité ne vient pas du tout du degré d'ouverture plus grand de l'*i* [...] En effet c'est toujours la première explosion quelle que soit son espèce phonologique (degré de fermeture) ou sa place (après un silence ou une explosion) qui donne cette impression. **On a donné à cette unité le nom de sonante <et à> toutes les autres <celui de> consonantes.** Il ne faut pas confondre sonnantes et consonnantes avec voyelles et consonnes. (ICLG:22) [sublinhado do autor, grifo nosso]

Cette distinction entre sonante et consonante doit être soigneusement séparée de terminologies analogues qu'on rencontre dans les différents ouvrages de phonétique [...] Ne pas confondre non plus sonante et consonne sonore (*Sonorlaute*) = qui a le son laryngé et qui est opposé à consonne sourde (*p, t, s*, etc). (ICLG :24,25) [sublinhado do autor, grifo nosso]

Assim como para os termos *implosão* e *explosão*, já analisados, as definições de *sonante* e *consonante* começam com a proposição de uma 'observação', em que se dirige o olhar do aluno para o aspecto desejado pelo professor, com expressões que constataam "fatos" (*nos observations* e *nous remarquerons qu'*). A observação se termina com os verbos *ser* e *ter* no particípio presente, com valor durativo, o que configura *definitio nominis formal* para *sonante*, uma *unidade* caracterizada por apresentar um *effet très particulier*. Antes de explicar em que consiste a especificidade do efeito provocado pela primeira implosão, Saussure mostra em que ela *não* consiste (*ne vient pas du tout du degré d'ouverture plus grand de l'i*), excluindo, pelo modalizador *pas du tout*, uma possível explicação. Em seguida, a locução adverbial *en effet* introduz a 'verdadeira' explicação. A sonante é a primeira explosão, conceito que depende da posição do fonema, uma *definitio nominis funcional*.

Apenas após ter realizado o raciocínio que começou com uma observação, prosseguiu com a exclusão de uma explicação falsa e terminou com a explicação correta é que se nomeou o processo, em acordo com terminologia então em voga, *sonante* e *consonante*. Atentamos para o detalhe da variação das grafias com um *n* e com dois *n*, no final do primeiro trecho (ICLG:22), o que poderia indicar a hesitação que acompanhou a novidade dos termos para Riedlinger. Mais adiante, os termos *sonante* e *consonante* são retomados e, uma vez mais, separados daquilo que *não são* (*terminologies analogues*), através do presente do indicativo do verbo *dever*, modalizado por *cuidadosamente*. Como se o professor antecipasse novo foco de confusão, o imperativo negativo (*ne pas confondre non plus*) apresenta aquilo que sonante *não* é. A consoante sonora é acompanhada pelo termo em alemão (*Sonorlaute*), sinteticamente definido por um sinal de igualdade e por critérios e exemplos ministrados no Curso (*son laryngé, sourde, p, t, s*).

Aparelho vocal, cavidade bucal, cavidade nasal e glote (*appareil vocal, cavité buccale, cavité nasale, glotte*)

I L'appareil vocal
Nous pouvons nous borner à une
figure schématique:

a = cavité nasale
b = cavité buccale
c = glotte (cordes
vocales du larynx)

(ICLG:13)

O termo *aparelho vocal* é apresentado diretamente em um esquema gráfico mediante, por um lado, organizadores (número romano *I*, grafemas latinos *a*, *b* e *c* como legendas, símbolo de igualdade e desenho, chamado *figure schématique*) e, por outro lado, três componentes (*cavité nasale, cavité buccale, glotte*), quesito este que configura *definitio rei formal*. Logo em seguida, todos os três termos que o compõem recebem, por sua vez, subdivisões e funções específicas dentro do ato fonatório. Ilustramos, abaixo, o trecho que se refere à cavidade bucal:

Dans la cavité buccale, il est essentiel de distinguer la partie postérieure (molle, mobile : le voile du palais) et la partie antérieure (osseuse, immobile). En outre, il y a les parois, la langue et les lèvres.

La cavité buccale peut être ouverte ou fermée en avant par les lèvres. [...] La cavité buccale [...] **offre**, dans ses différents organes, un jeu possible très varié : on peut allonger la longueur du canal (par les lèvres), [...] rétrécir ou fermer la cavité par <le jeu infiniment> varié de la langue au milieu de cette cavité.

[...]

Le jeu de la cavité nasale n'offre aucune variété ; c'est une porte fermée ou ouverte, un oui ou non. <De même la glotte ne peut être qu'ouverte ou fermée> [...]

(ICLG:14) [grifo nosso]

No primeiro parágrafo, vemos que a cavidade bucal é caracterizada por componentes, o que nos coloca, uma vez mais, em *definitio rei formal*. Já o segundo parágrafo nos mostra possíveis movimentos do conjunto (*ouverte, fermée, allonger, rétrécir, fermer*). Em certo

sentido, reconhecemos que essa nova caracterização nos distancia do caráter formal da definição anterior, aproximando-nos de *definitio rei funcional*, pelas “ações” que atribui à cavidade bucal. Já para a cavidade nasal e para a glote, o caráter funcional da definição é bastante acentuado, pelo emprego de *jeu*, da metáfora da porta, que ‘mostra’ o que ‘fazem’ os componentes, duas definições do tipo *rei funcional*.

*

As vinte e duas definições apuradas se apresentaram em sua maioria (quatorze) em *rei*, quanto ao objeto definido, e em definição essencial, seguida de perto por definições formais e funcionais, quanto ao conteúdo da definição.

3.3 Exemplos de língua

Os 302 (trezentos e dois) exemplos de língua, em *Fonologia*, se distribuem na seguinte proporção:

Tabela 3 Exemplos de língua no domínio *Fonologia*

Nome do agrupamento	Valor relativo	Valor absoluto
todas as línguas	59,6%	180
latim	11,9%	36
nenhuma língua	9,6%	29
francês	5,96%	18
indoeuropeu ou sânscrito	5,62%	17
grego	4,3%	13
alemão	1,65%	5
outras línguas que não a francesa	0,66%	2
semitas	0,33%	1
francesa e escandinavas	0,33%	1
302 exemplos		

A partir da saliência numérica do quadro, mais da metade dos exemplos foi classificada como estando em **‘todas as línguas’ (59,6%)**. Essa categoria abriga exemplos de fonemas de línguas, de combinações de fonemas supostamente válidas para todos ou para quase todos os

idiomas, embora tais exemplos se apresentem, inevitavelmente, na língua de trabalho do Curso I, o francês, e em símbolos do alfabeto latino, ao lado de alguns símbolos fonéticos, na acepção contemporânea do termo (Cf. “Quadro de símbolos usados em *Fonologia*”). Do mesmo modo, a categoria ‘**nenhuma língua**’ (9,6%), que ocupa o terceiro lugar de ocorrência, reúne fonemas apontados como raros ou apenas teoricamente possíveis, como em “[...] mais dans la série fricative le *m* n’a pas d’équivalent linguistique important.” (ICLG:18).

É grande o intervalo entre a primeira categoria mais numerosa (quase 60%) e a segunda, em **latim** (11,9%). Destacamos duas possibilidades que a exemplificação com essa língua, em *Fonologia*, permite. A primeira é a de tratar um tema como a determinação de critérios para sílabas breves e longas (ICLG:23), assunto mais opaco em línguas modernas como o francês. A segunda é a de ‘gerar’ exemplos. A primeira ocorrência do latim é *fenestra* (ICLG:12) que, logo adiante, é convertida em *F.N.S.T.R.* (ICLG:13), para ilustrar como “les Sémites” deixam de representar graficamente sons vocálicos em seu alfabeto. Assim, temos um exemplo ‘à moda’ semita, construído, evidentemente, a partir do latino *fenestra*, o que concentra a atenção do aluno para o ponto em questão, e não para a necessidade de compreender um exemplo ‘autenticamente’ semita, em alfabeto e em significado. Outro caso em que o latim ‘facilita’ o entendimento de novos exemplos se dá, inicialmente, através de *aba* (ICLG:12), ‘pai’, usado para tratar da representação alfabética por tempos homogêneos, que produziria grafias como *abba*. O que nos interessa é o fato de que, páginas à frente, Saussure propõe o que chama de “grupo de oclusivas *appa*” (ICLG:21) para ilustrar um tópico compatível com o de *aba/abba*, o da inserção do tempo na cadeia fônica.

De início, o professor tratou o tema do tempo por meio de um exemplo atestado em uma língua morta – *aba/abba* –, no âmbito da experiência de povos que adotaram um alfabeto, como o latino. Já no final de *Fonologia*, o tempo é tratado com conceitos da Linguística - *implosão* e *explosão* (Cf. Definições e Esquematizações), através de um exemplo desprovido de significado, *appa*, anunciado com a metalinguagem aprendida, ‘grupo de oclusivas’ mas que, materialmente, se assemelha a *aba/abba*, da experiência epilinguística de tempos à solução metalingüística histórica dos latinos e à metalinguagem do Curso I, oclusivas.

As ocorrências em **grego** (4,3%) são sempre grafadas com o respectivo alfabeto e, também sempre, acompanham exemplos em latim. Em um primeiro caso, dois exemplos em grego ilustram a questão de sílabas breves ou longas, que começou a ser tratada a partir de exemplos em latim. Em outro momento, o grego é contrastado com o latim, dentro do estudo de

símbolos diacríticos. Já os exemplos em **francês (5,96%)** ilustram descrições abstratas de fonemas, como o fazem *pluie*, *Louis* e *colline* no trecho destacado:

$$\frac{l}{\lambda} \quad (= p \text{ et } s)$$

$$\begin{bmatrix} l \\ \lambda \end{bmatrix}$$

$$\begin{bmatrix} l \\ \lambda \end{bmatrix}$$

Ceci existe, en français même: *l* qui suivra une forte sera prononcé sans son laryngé (*pluie* différent de: *Louis*, *colline*). Il frappe beaucoup moins notre (ICLG:18)

O verbo *exister*, no presente do indicativo, começa a trazer ‘concretude’ ao esquema abstrato de *l*, assim como o advérbio *mesmo* (*en français même*) aproxima a abstração ao idioma de trabalho do Curso I. A categoria **‘outras línguas que não a francesa’ (0,66%)**, embora marginal, nos mostra duas ações do docente. Por um lado, sua preocupação em antecipar possíveis dúvidas sobre algum fonema, como nos dois trechos em que a antecipação recorre ao francês, por sintagmas negativos: “Y [...], pas le même que y français dans yeux.” (ICLG:17) e “C’est l’*i* nasal qui n’existe pas en français [...]” (ICLG:19). Por outro lado, a opção do professor em delimitar, também pela negativa (*mais non*), o alcance dos exemplos: “En prenant l’articulation des lèvres, [...], <on peut dire que> *f* correspond au *p* (dans certaines langues mais non en français, [...])” (ICLG:17).

A **língua alemã (1,65%)**, muito pouco representada no domínio, além de fornecer alguma terminologia como *Sonorlaute*, evidentemente não contabilizada como exemplo de língua, atua como glosa de alguns fonemas:

χ = *ch* suisse allemand
 γ = son guttural dans le Nord de l’Allemagne: *die Tage*.
 χ' = *ich* allemand
 γ' = comme dans *Jahr*, pas le même que y français dans yeux. (ICLG:17)

A familiaridade dos alunos com o alemão é presumida pelas variedades do idioma (*suiça* e do *norte da Alemanha*).

Os exemplos de língua no domínio *Fonologia* são majoritariamente **demarcados** por procedimentos tipográficos. Raramente encontramos demarcação robusta. Seguem-se abaixo citações que ilustram as demarcações mencionadas:

- ✓ aspas : “[...] En prononçant « amba » le clapet de la cavité nasale se ferme [...]” (ICLG :16);

- ✓ dois pontos: “C’est de l’acoustique que sont partis les Grecs et les Latins quand ils ont marqué leur alphabet : [...]” (ICLG :12);
- ✓ fontes em itálico: “[...] De même pour *fuisse* que les Latins ont écrit *fuisse* [...]” (ICLG :12);
- ✓ mudança de linha: “Il nous faut donc dédoubler le tableau des phonèmes.<Nous aurons comme unités irréductibles> :

p>p< t>t< etc [...]” (ICLG:21) ;

- ✓ Sintagmas nominais, preposições e advérbios, que configuram demarcação robusta: “Par exemple, dans *hu* on avance les lèvres [...]” (ICLG:20) ; “Par exemple nous voyons qu’un groupe comme *alda* a donné *alla* [...]” (ICLG:23) [grifo nosso] ; “[...] en français même, [...]” (ICLG:18)

O subparâmetro da **representação**, sabemos, trata do nível de generalidade dos exemplos, de seu alcance e de suas limitações em relação às línguas que representam. Nesse sentido, as categorias ‘todas as línguas’ e ‘nenhuma língua’, específicas de *Fonologia*, representam os idiomas por compreensão, porque têm pretensão de exaustividade sem, entretanto, enumerar cada elemento representado. Por outro lado, a enumeração finita das espécies fonológicas - *m, b, p, n, d, t, ñ, g, k, f, v, s, z, θ, ð, χ, γ, χ’, γ’, l, r, i, u, ü, h, é, ô, ö, è, o, õ, a, ê, ã, ã, ε, o, ö, w* – representa por extensão os fonemas, como lista fechada que é.

A generalidade, ou a representação por compreensão, embutida nos exemplos de ‘todas as línguas’ se apresenta de três modos: primeiramente, no próprio assunto, o estudo da fisiologia de produção e de recepção dos sons linguísticos; em segundo lugar, por construções com modalizadores que acompanham os exemplos de língua, especialmente advérbios, que amplificam o alcance da ocorrência, como *presque dans toute langue* (ICLG:18), *pour toutes les voyelles* (ICLG:19), *dans toutes les langues* (ICLG:20). Em terceiro lugar, a partícula *etc*, que sucede alguns exemplos (ICLG:12,21), sinaliza para a existência de exemplos outros que cumpram certas condições sem, no entanto, que se listem exaustivamente as possibilidades. ‘Toda’ a nulidade, por sua vez, também é representada, como ilustra o trecho que se segue:

5. **Théoriquement** un quatrième **phonème** est possible pour **chaque famille**: [...]

Il existe dans la première [famille] c’est un m sourd (dans **les langues scandinaves actuelles** après une forte ; on en découvrirait aussi **en français**). Mais, **c’est une espèce rare**, qui> n’a d’application courante **dans aucune langue**. (ICLG:17) [grifo nosso]

Parte-se de duas situações de generalidade: a primeira, pela classificação de um elemento já abstrato (*phonème*) em uma categoria hiperônima (*família*). A segunda, quando se cogita a possibilidade (*théoriquement*) de mais um fonema (o *m* surdo). Antes que se encerre a questão com uma argumentação baseada na frequência do item (*rare*), manifestada por sintagma verbal com *ser* no presente do indicativo, dois idiomas são nomeados também de maneira difusa. O artigo definido no plural, *les*, o substantivo *langue* no plural e o gentílico (*les langues scandinaves*) conferem generalidade ao grupo linguístico, assim como o futuro do pretérito do indicativo³¹ (*découvrirait*) dificulta que se ateste o *m* surdo, embora possamos atestar tal *m* na língua francesa, sem que nenhum exemplo nos seja efetivamente apresentado.

Por fim, os **tipos** de exemplos que encontramos em *Fonologia* são:

- ✓ Grafemas de fonemas (ICLG:16-20);
- ✓ A lista fechada de fonemas (ICLG:16-20);
- ✓ “Palavras soltas”, como os exemplos em francês e em alemão modernos que ilustram os fonemas ou que os glosam (Cf. tabela “Exemplos de língua no domínio *Fonologia*”);
- ✓ Um paradigma de latim contrastado com um de grego (ICLG:25);
- ✓ Exemplos inventados: *F.N.S.T.R* (ICLG:13), *amba* (ICLG:16), *appa*, *apta*, *atpa*, *alla*, *alta*, *atla*, *aiia*, *auwa*, *auua* (ICLG:21), *pla*, *plya*, *alp*, *ailp*, *irta*, *ksirta*, *ksrta* (ICLG:22);
- ✓ Exemplos emprestados a obras e/ou autores: *airta*, *aya*, *andra* [...] “Cf. *Grammaire historique*, I, p.76” (ICLG:22); *māter*, *factus* (ICLG:22), *cliens*, *factus*, *patrem*, *agfa*, *agefa*, *θέσει*, *φύσει* (ICLG:23) [...] “<Vide Niedermann, *Phonétique historique du latin*, Paris, 1902, p.145 sv.>”(ICLG:23); *mirta*, *mairta*, *miarta* (ICLG:25), exemplos usados por K. Brugmann (ICLG:25), referenciados, por Riedlinger a outro material, “*Grammaire historique*, cahier I, p.76” (ICLG:25).

³¹ Inserido no modo verbal *conditionnel*, em francês, que possui os tempos *présent* (*je découvrirais*) e *passé* (*j’aurais découvert*). Cf.: <http://www.cnrtl.fr/definition/conditionnel> . Consulta realizada em 21/4/2015, às 23h51.

3.4 Organizadores

As sete estratégias de organização identificadas em *Fonologia*, com seus respectivos usos principais, consistem em:

- ✓ algarismos arábicos, que ordenam, sem hierarquizar. Destacamos seu uso para especificar grupos de fonemas dentro de uma mesma família [1.,2.,3. (ICLG:16), bem como para enumerar os comentários feitos após a apresentação de tabelas ou de desenhos [1., 2., 3. 4. (ICLG:16, 17)];
- ✓ algarismos romanos, que ordenam, sem hierarquizar. Destacamos os casos da enumeração dos elementos do aparelho vocal [I, II, III (ICLG:13)] e das colunas dentro de uma tabela, em se que configuram os casos possíveis de modificação dos fonemas [I, II, III, IV (ICLG: 15)];
- ✓ letras do alfabeto latino, ora para colocar as famílias de fonemas em um contínuo, organizado do máximo ao mínimo grau de fechamento [A), B), C), D), E), F) e G), (ICLG:15- 20)]; ora para enumerar partes do aparelho bucal [*a, b, c* (ICLG:13)];
- ✓ letras do alfabeto grego, para diferenciar os pontos de articulação bucal dos fonemas [α , β , γ , δ , λ , ι e υ (ICLG:15-19)];
- ✓ números ordinais por extenso, para organizar os graus de fechamento da boca na classificação das espécies fonológicas. Parte-se de *premier degré* (ICLG:15) até *septième* (ICLG:20);
- ✓ parênteses [()], para expor uma exceção, como em “(L’inspiration ne joue un rôle phonique que dans quelques idiomes nègres.)” (ICLG:14); para fazer um lembrete, como em “Maximum (des facteurs en jeu)” (ICLG:14) e em “Les phonèmes d’une même famille ne se distinguent donc plus [...] par l’articulation, mais par les concomitances (vibration laryngique, résonance nasale) [...]” (ICLG:15) ; para inserir terminologia estrangeira, como em “[...] consonne sonore (*Sonorlaute*) [...]” (ICLG:25); para abordar um assunto secundário, que pode ajudar a compreensão daquilo que vem sendo dito, como em “[...] ce> qu’on appelle “fermeture des consonnes”(on s’en aperçoit en introduisant le petit doigt entre la langue et le palais.)” (ICLG:25);

- ✓ sublinhados, para se dirigir a atenção ao fonema, como em “[...] c’est un m sourd [...] (ICLG:17)”, ou à porção do exemplo que deve ser focalizada, como em “[...] pluie différent de: Louis, colline [...] (ICLG:18).

3.5 Esquematisações

A presente rubrica diz respeito à maneira como os conteúdos ministrados sofrem sucessivas sínteses e compactações no domínio, juntamente com as definições e os exemplos de língua. Esse procedimento, em *Fonologia*, se dá na própria linearidade da exposição oral e da tomada de notas em francês, através do verbo *résumer*. Tão logo ele se apresenta, a linearidade é rompida:

En résumant les facteurs <en jeu> du son, nous obtenons:

<u>Maximum</u> (des facteurs en jeu)	Expiration Articulation buccale (tout le rôle de la bouche comme généra- teur et résonateur) Vibration <du> larynx Résonance nasale	Expiration Articulation buccale	<u>Minimum</u>
	ces deux facteurs ne sont pas constants		

(L’inspiration ne joue un rôle phonique que dans quelques
idiomes nègres.)

(ICLG:14)

Colocado na forma do gerúndio, o verbo *résumer* anuncia uma maneira de se organizarem, no espaço do caderno, os fatores em jogo no ato fonatório, o que rompe com a linearidade anterior. As barras verticais enumeram tais fatores de maneira icônica, de modo que o máximo de fatores ocupa o máximo de espaço e demanda a maior barra vertical, assim como o mínimo de fatores demanda a menor barra. Atentamos para a terceira barra vertical, a menor, que relembra a inconstância de dois dos fatores mencionados. A parentética, descolada das barras, apresenta um possível fator em jogo na produção do som, a inspiração que, entretanto, é sucintamente excluído do curso, sob o argumento de pouca representatividade (*que dans quelques*) em um grupo de idiomas apresentado de maneira indiferenciada (*idiomes nègres*). Mais do que listar porções sintagmáticas já mencionadas, esse resumo reorganiza as informações, pelo critério de *máximo* e *mínimo*.

Podemos admitir que a ação de resumir seja uma forma de organizar o conteúdo, o que nos faria deslocar a análise que acabamos de realizar para a rubrica anterior (‘Organizadores’). Mais ainda, o uso, por exemplo, de organizadores numéricos como “1.2.3.” já nos permite sair

da linearidade da exposição oral. Reconhecemos que, no Curso I, os procedimentos aparecem juntos, sendo separados para fins de análise. Entretanto, nossa visão da ação de resumir prioriza a compactação das informações e, nesse ponto, ela partilha de mesma característica do que as esquematizações por símbolos, tabelas e desenhos. Os **símbolos** encontrados em *Fonologia* foram ordenados na tabela que se segue, contabilizados em número de 8 (nove) pela função exercida:

Quadro 7 Símbolos usados no domínio *Fonologia* (8)

Uso geral	Nome adotado	Símbolo no original	Usos particulares
Colocam as unidades em interação: uso algébrico	acréscimo	+	caracterizar um fonema em termos de outro (ICLG:16).
	equivalência	=	definir um termo, no texto corrido (ICLG:25) ou em uma fórmula (ICLG:13, 16-19), glosar alguns símbolos fonológicos (ICLG:17).
	módulo		isolar o fonema de sua realização na cadeia falada (ICLG:21)
	travessão	—	colocar duas grandezas em relação (ICLG:13,15)
Descrevem as unidades: uso fonológico	alfabeto	<i>m, b, p, n, d, t, ñ, g, k, f, v, s, z, θ, ð, χ, Y, χ', Y', l, r, i, u, ü, h, é, ô, ö, è, o, õ, a, ê, ã, õ, ε, o, ö, w</i>	apresentar e descrever os fonemas, sem que a questão da representação gráfica nem o nome dessas unidades sejam levantados. (ICLG:16-20)
	ausência	[]	marcar, em um fonema, a ausência de vozeamento e/ou de ressonância nasal.(ICLG:15-20)
	tempo	< e >	marcam a realização do fonema em uma cadeia fônica, com explosão (<) ou implosão (>) [nomenclaturas originais]. (ICLG:21-24)
	presença	~~ ou	marcam, em um fonema, a presença de vozeamento (~~) e/ou de a presença de ressonância nasal (....) (ICLG:15-20)

O grupo de símbolos por nós classificado como de uso *algébrico* permite a redução de sintagmas nominais como *equivale a*, *está em relação de proporção ou de razão com*, como sugerem os usos descritos na tabela. Do mesmo modo, o grupo de símbolos classificados

como de uso *fonológico*, na acepção de ‘fonologia’ do Curso I, permite com que se descrevam graficamente os fonemas a partir dos critérios estabelecidos em aula: ponto de articulação (variado, indicado pelo alfabeto grego), som laríngeo (presente ou ausente), ressonância nasal (presente ou ausente):

(ICLG:17)

No esquema, separa-se por traço horizontal o fonema a ser descrito de sua efetiva descrição. Abaixo do traço consta o ponto de articulação do fonema *m*, bilabial (α), é apontada a presença do som laríngeo ($\sim$) e a presença de ressonância nasal (...). Os três critérios para a caracterização dos fonemas são representados graficamente em uma **tabela**:

Il nous faudra donc établir pour chaque acte phonatoire quel est :

1. articulation buccale
 2. son laryngé
 3. résonance nasale
- et l'on aura:

I	II	III	IV	
α	α	α	α	Tableau des modifications possibles
$\sim$	$\sim$	$\sim$	$\sim$	
...	...	...	...	
...	...	...	...	

(ICLG:15) [grifo nosso]

O esquema de classificação é introduzido em tom de necessidade, com o verbo *falloir* no futuro simples do indicativo, em valor possivelmente deôntico (*il nous faudra*), e também com a conjunção (*donc*). De maneira mais sintética, as funções dos órgãos (boca, laringe e nariz) se tornam elementos do ato fonatório, em explícita ordenação por algarismos arábicos (1.,2. e 3.) e em implícita caracterização nas linhas horizontais da tabela.

A primeira linha, em algarismos romanos (I-IV), nomeia agrupamentos de características, chamados ‘casos’ (*cas*). Na sequência, a segunda linha marca a intervenção do fator 1, o ponto de articulação, cuja variedade extrema é proporcionalmente reduzida aos símbolos do alfabeto grego. A letra alfa, como vimos, representa o ponto de articulação bilabial. A terceira linha apresenta a intervenção do fator 2 que, em termos de variedade, sabemos que apresenta apenas as opções ‘com vozeamento’ (simbolizada por $\sim$), e ‘sem vozeamento’ (simbolizada

por []). A ausência de intervenção do fator recebe o mesmo símbolo, [], tanto para 2 quanto para 3 que, como 2, apresenta também duas opções, ‘sem ressonância’ e ‘com ressonância’, esta última simbolizada por quatro pontos em sucessão (....).

Além de compactar as informações ministradas até aquele ponto, a tabela fornece um mecanismo (*mécanisme*) de descrição de um fonema em termos de outro. É assim que a algebrização não tarda a aparecer em *Fonologia*. Em um dos comentários à tabela que reúne as oclusivas, por exemplo, encontramos a seguinte série: “Comme on le voit, $m = b + \text{résonance nasale et } b = p + \text{son laryngé}$ ” (ICLG:16). Descrever um fonema em termos de outro significa poder derivá-los uns dos outros, para além das famílias em que foram classificados, como nos mostra a seguinte caracterização:

$$\frac{l}{\lambda} \quad (= p \text{ et } s)$$

$\left[\begin{array}{c} \text{ } \\ \text{ } \\ \text{ } \end{array} \right]$

$\left[\begin{array}{c} \text{ } \\ \text{ } \\ \text{ } \end{array} \right]$

(ICLG:18)

O fonema l , classificado na família das líquidas, é caracterizado por um ponto de articulação λ , por ausência de som laríngeo e de ressonância nasal. A equivalência com p , da família das oclusivas, e com s , das fricativas, só não é total pelo ponto de articulação.

O domínio *Fonologia* apresenta doze ‘tabelas das modificações possíveis’, diferentemente preenchidas, cujo modelo é dado por:

I	II	III	IV	
α	α	α	α	Tableau des modifications possibles (ICLG:15)
...	...	...	...	
...	...	...	...	
...	...	...	...	

Para as oclusivas e as fricativas, cada tabela foi preenchida por completo:

Phonème	m	b	p	n	d	t	n^*	g	k	
Articulation	α	α	α	α'	α'	α'	α''	α''	α''	
Son laryngé	...	...	...	...	...	...	...	...	...	
Résonance nasale	...	...	...	...	...	...	...	...	...	

**n* dans l'allemand *singen* (ICLG:16)

Phonème:	f	v	s	z	θ	d	χ	γ	χ'	γ'
Articulation	β	β	β'	β'	β''	β''	β'''	β'''	β''''	β''''
Son laryngé	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
Résonance nasale	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...

χ = *ch* suisse allemand
 γ = son guttural dans le Nord de l'Allemagne: *die Tage*.
 χ' = *ich* allemand
 γ' = comme dans *Jahr*, pas le même que *y* français dans *yeux*. (ICLG:17)

Como vimos na rubrica dos organizadores, os fonemas são agrupados de A) a G), das oclusivas [A]) até o fonema a [G)]. O que nos parece importante, neste momento, é observar a

que as primeiras duas famílias recebem nome e caracterização ‘completos’, como ilustram as imagens acima destacadas. A partir da espécie *E*), a apresentação dos grupos fica cada vez mais sintética:

E) Cinquième degré d'ouverture: $\acute{e} \ \grave{o} \ \ddot{o}$
 F) Sixième " " : $\acute{e} \ \acute{o} \ \ddot{o}$ (ouvert)
 G) Septième " " : a ouverture maximale
 A $\acute{e} \ \grave{o} \ \ddot{o}$ correspondent trois sons nasaux: *in* ($\acute{e}$) *on* ($\grave{o}$) *un* ($\ddot{o}$), qui ont la même formule que *m*:

$\acute{e}$	$\grave{o}$	$\ddot{o}$
$\acute{e}$	$\acute{o}$	$\ddot{o}$
...	...	...

(ICLG :20)

Vemos que são representados em tabela apenas os sons nasais de *E*), imediatamente reduzidos à mesma fórmula de *m* (*qui ont la même formule que m*). Os próprios pontos de articulação são, ainda, por três vezes esquematizados:

(ICLG:16)

(ICLG:19)

(ICLG:20)

As duas primeiras imagens mostram nuances de articulação, ora no grupo das oclusivas (*occlusives*: α para *m, b, p*; α linha para *n, d, t*; α duas linhas para $\acute{n}, g, k$), ora no grupo de *i* e *u*. A terceira e última, a mais esquemática de todas, transforma o palato em uma silhueta que remete ao corte sagital do rosto, com nove pontos, e encerra a crítica de Saussure à terminologia dos pontos de articulação. Em lugar de propor nomes arbitrários como *dentales*, “[...] le mieux serait de considérer le palais et de le diviser en sept ou huit lieux: [...] on pourra alors toujours dire vis-à-vis de quel point se trouve le resserement principal.” (ICLG:20)

Capítulo 4 / Fonética

A análise do domínio *Fonética* estabeleceu 17 (dezessete) definições, 826 (oitocentos e vinte e seis) exemplos de língua, 5 (cinco) estratégias de organização e 18 (dezoito) símbolos que participam de processos de esquematização. A primeira menção ao termo *fonética* (*phonétique*), no Curso I, nos leva para fora do domínio em estudo. A fonética nos é apresentada desde as preliminares (ICLG:2), juntamente com a fonologia (*phonologie*), em um percurso que delimita a Linguística em relação a outras disciplinas. Os dois termos são agrupados por ‘études phonologiques’, à diferença que o primeiro, *phonologie*, como vimos, não faz parte da Linguística, ao contrário do segundo, *phonétique*, que trata, segundo o Curso I, de um dos pontos de vista passíveis de estudo na disciplina: o histórico.

4.1 Resumo do conteúdo temático

O domínio *Fonética* se abre com a definição de *história*, entendida como marcha no tempo. Em seguida, *fonética* é apresentada como o estudo das mudanças dos sons linguísticos no tempo. As mudanças fonéticas, pela regularidade e pelo alcance que as caracterizam, são representantes exemplares das mudanças linguísticas. Às definições apresentadas se segue um plano do *capítulo*, assim denominado, dividido e numerado em quatro tópicos, chamados *parágrafos*, que versam sobre (1) o reconhecimento das mudanças fonéticas e questões de método correlatas, (2) as mudanças fonéticas propriamente ditas, (3) as causas de tais mudanças e, por fim, (4) seus efeitos.

O primeiro deles nos relata que, ‘inicialmente’ (*au début*), o estudo dos sons em mudança se deu pelo estabelecimento de correspondências entre idiomas a partir de palavras semelhantes entre eles, sem a preocupação de se compararem termos dentro de um mesmo idioma. Essa configuração, no entender de Saussure, era inadequada para o estudo da fonética.

Quando as comparações passaram a ser feitas em um mesmo idioma, restava, entretanto, pelo menos uma imprecisão: as mudanças postuladas explicitavam apenas o elemento que se transformou e o elemento novo. A correta maneira de se enunciar o processo, para o professor, consistiria em mostrar que o elemento inicial já se opunha a outro(s) termo(s) a ele

contemporâneos no estado linguístico em que se encontrava antes de se transformar, do mesmo modo que o termo novo passou a se opor diferentemente a outros termos em seu novo estado. É justamente deslocando relações entre elementos que as mudanças fonéticas criam a diversidade linguística: em lugar de criar duas formas a partir de uma, o fonetismo acentua potenciais diferenças entre termos contemporâneos e, assim, oferece uma forma por tempo e por espaço (ICLG:34).

O primeiro parágrafo se encerra com a constatação de que, pelo fato de o passado das línguas nos ser acessível apenas através de documentos escritos, e pelo *grand fait* (ICLG:30) de que as línguas sempre mudaram e continuam mudando, o linguista está condenado (*voué*) ao método histórico. Saussure reparte a história das línguas em dois períodos, o *histórico* ou documentado, situação em que se aplica o método filológico, e período *ante-histórico*, sobre o qual se fazem reconstruções indiretas, através do método comparativo.

O segundo parágrafo reagrupa os dois métodos anteriormente distinguidos, quando se afirma que ambos proporcionam o mesmo resultado, qual seja o de mostrar a passagem de um elemento a outro em um tempo e em uma comunidade determinados (ICLG:31). Idealmente, o importante é poder *reduzir* os dados obtidos pelos métodos a *processos de mudanças*, pois as mudanças são regulares. A regularidade linguística seria, entretanto, compatível com o estatuto de *lei*? Em outras palavras, pode-se falar em *leis fonéticas*? Sim e não.

A questão das leis fonéticas é aberta, no Curso I, com uma crítica terminológica: “C’est [...] un contre-sens de parler de lois phonétiques mais nous n’avons pas d’autre mot.” (ICLG:28). Sim, elas ‘existem’, se entendermos *lei* como *princípio de regularidade*. Elas não existem se optarmos por entender *lei* como *estado permanente*. De todo modo, o professor insiste que as mudanças fonéticas ocorrem a despeito da categoria gramatical da palavra em que se encontra o *elemento* sobre o qual age a ‘lei’ fonética.

No mesmo parágrafo, três possibilidades de classificação das mudanças fonéticas nos são apresentadas mediante a crítica de que não levam em conta a causa de tais regularidades. Sem menção à fonte enunciativa que dividiria os fenômenos entre *absolutos* e *condicionais*, sabemos apenas que tal divisão é “superficial”. Tampouco a proposta alemã (*les Allemands*) de classificação em *espontâneos* e *combinatórios* é suficiente, apesar de mais “profunda” do que a primeira (ICLG:32). O professor não hesita em propor alternativa própria que, em seu entendimento, atinge a causa mais imediata das mudanças (*la cause prochaine*): “Nous

dirions plutôt: changements par cause interne et changements par cause externe.” (ICLG:33) Ele faz, ainda, a ressalva de que permanecerá para sempre um mistério o porquê, a causa determinante, de um elemento de longa data estável se transformar precisamente em certo tempo e em certo espaço, e não em outro.

O professor encerra as classificações alertando que a adoção de quaisquer delas demanda a mesma atenção à fórmula (*la formule*) com que se exprime uma mudança fonética. Ele aponta três inexatidões apresentadas como correntes a esse respeito. Incorrer em demasiada generalidade é a primeira delas. Isso significa, por exemplo, anotar a mudança sem os devidos símbolos de implosão ou de explosão que indicam, sabemos³², justamente a ação do tempo nos elementos (ICLG:34). A segunda imprecisão consiste em apresentar uma mudança apenas com seus pontos inicial e final, sem fases intermediárias (ICLG:35). Por fim, empregar o presente para se enunciar uma mudança fonética é uma imprecisão, porque aquele tempo verbal exclui o tempo do processo e dá margem a sua generalização, ao passo que o primeiro fator que condiciona as mudanças fonéticas é tempo (ICLG:35). Assim, o tempo verbal conveniente para tanto é o passado perfeito, por atestar que uma mudança se deu, sem o compromisso com sua recorrência em quaisquer tempo e espaço.

O terceiro parágrafo do capítulo apresenta e critica seis causas alegadas para as mudanças linguísticas, a primeira das quais é chamada “lei do menor esforço” (*loi du moindre effort*), que transformaria, em “mais fáceis”, sequências articulatórias “difíceis”. A crítica de Saussure aponta, primeiramente, que o difícil é determinar em que consiste o mínimo esforço para cada um dos idiomas existentes. Ademais, um mínimo esforço articulatório pode vir a demandar maior esforço acústico da parte do ouvinte. Já a segunda causa defende que a instabilidade política das “nações” favorece as mudanças linguísticas. O professor aponta que, em realidade, o estado “natural” da língua é o de mudar constantemente, a não ser quando se encontra artificialmente fixada por instituições como escolas e academias que, estas sim, se fortificam na estabilidade política (ICLG:39).

Em terceiro lugar, o conceito de *raça* pretende explicar as mudanças linguísticas. Saussure não acata o critério: “[...] un nègre transplanté dès sa naissance en France y parlerait aussi bien la langue que les indigènes.” (ICLG:40) Ele prossegue, afirmando que o aparelho de fala

³² Termos introduzidos, no Curso I, nos ‘Principes de phonologie’, analisados, no domínio *Fonologia*, nas rubricas ‘Resumo do conteúdo temático’ e na tabela de símbolos em ‘Esquematisações’.

humano não varia mais de entre as raças do que o faz de indivíduo para indivíduo. As causas de números 4 e 5 também são refutadas pelo professor. Nem as condições geográficas e climáticas, nem a “educação fonética que recebemos na infância” seriam contundentes o suficiente para causar mudanças fonéticas (ICLG:41). A última causa alegada para as mudanças lingüísticas as associa a leis de imitação, psicológicas, semelhantes às da moda. Para o docente, essa causa nem chega a ser uma explicação, mas, segundo ele, tem o mérito de ampliar a questão para além do terreno lingüístico, embora não se encontrem explicações razoáveis sobre o ponto de partida das mudanças no campo da moda (ICLG:41).

No quarto e último parágrafo das evoluções fonéticas, são examinados seus efeitos, também chamados de consequências, apontados como “diversos e incalculáveis” (ICLG:42). Em seguida, o professor organiza o assunto em efeitos no tempo e efeitos no espaço, frisando que ambos são igualmente importantes. O tempo, por exemplo, pode tornar irreconhecível uma palavra, o que significa que essas mudanças têm etapas delimitadas, progressivas, mas que se acumulam de maneira ilimitada, a ponto de desconfigurar sensivelmente as palavras. O espaço, por sua vez, mostra que não é possível fixar fronteiras absolutas entre as línguas, pois é tamanha a variedade de dialetos que o procedimento adequado consiste em demarcar territórios de certa mudança com territórios de certa outra mudança (ICLG:44).

Além dos efeitos no tempo e no espaço, as mudanças fonéticas repercutem no “instinto dos falantes” quanto ao grau de divisibilidade dos elementos. Assim, a ruptura da “ligação gramatical” é um efeito freqüente das mudanças fonéticas (ICLG:45). Uma desinência de caso, por exemplo, percebida como sendo destacável da palavra em certo espaço e tempo, passa a não ser mais percebida como tal à medida que sofre transformações fonéticas. Ao mesmo tempo, a produção de novo contraste, gramaticalmente significativo é, também, um efeito das mudanças fonéticas. O processo recebe o nome de *alternância*, embora, segundo o professor, “a maior parte” dos linguistas o classifique como fenômeno fonético (ICLG:55).

4.2 Definições

A saliência dentro do conteúdo temático de *Fonética* foi o primeiro critério que adotamos para selecionar alguns dos termos submetidos à análise de definições. Nesse sentido, a relevância de *fonética* e de *leis fonéticas*, por exemplo, é autoexplicativa. Do mesmo modo

como procedemos em *Fonologia*, outros termos, menos prioritários, passaram a ser contemplados na análise, pela possibilidade que apresentam de ser organizados em relações que vão dos saberes epilinguísticos para os metalinguísticos, relações essenciais para nossa preocupação com o contexto de ensino da Linguística Geral. Foi assim que o termo *analisar*, cujos detalhes serão expostos oportunamente, ganhou importância nas definições. Ele sintetiza, no Curso I, a maneira pela qual os falantes lidam com a linguagem, processo que a Linguística conceitualizou e para o qual propôs termos metalinguísticos como *alternância*, *correspondências fonéticas*, *ligação gramatical* e *fórmula*. O segundo motivo que nos levou a analisar termos aparentemente menos relevantes foi sua pertinência didática. As definições de *causa combinatória* e *causa espontânea*, nos mostram a atitude do professor em relação à terminologia da época, da maneira como ele a critica e a aplica em sala de aula.

O quadro situado na página seguinte dispõe os 17 termos selecionados em dois blocos que, sabemos, estão em relação de continuidade, de modo que o mais importante não foi a categorização fixada, mas a organização de uns em relação aos outros, segundo o princípio da convivência dos saberes epilinguísticos e metalinguísticos. À esquerda, dispusemos os termos que consideramos como estando mais próximos do saber epilinguístico à direita, aqueles mais afeitos ao saber metalinguístico. Em seguida, fizemos breve comentário explicativo dessas relações e prosseguimos com a análise de cada um dos termos.

Quadro 8 Definições analisadas em *Fonética* (17)

Termos próximos ao saber epilinguístico	Termos próximos ao saber metalinguístico
mudanças fonéticas	história evolução fonética leis fonéticas Lei de Verner
analisar	alternância gramatical correspondências fonéticas ligação gramatical fórmula
caráter cego do fenômeno fonético	elemento
causa	causa combinatória causa espontânea

Embora o adjetivo em *mudanças fonéticas* possa soar demasiado metalinguístico, veremos que, no Curso I, ele também faz parte daquilo que é dito sobre a experiência inconsciente do falante com a linguagem. Os saberes metalinguísticos desenvolvidos em relação à experiência da diversificação das línguas³³ aparecem nos conceitos de *história*, *evolução*, *fonética*, *leis fonéticas* e *Lei de Verner*. O *caráter cego do princípio fonético*, por sua vez, estabelece que a ação do fonetismo não se organiza por categorias gramaticais e, em continuidade, a fonética estabelece o *elemento* como sua unidade. Por fim, o termo *causa*, em acepção epilinguística será apontado como demasiado amplo e desafiante para a Linguística, de modo que, nessa área, trabalha-se com tipos de causa mais distantes das origens e mais próximas de fatores que influenciam diretamente as mudanças fonéticas, como as *causas combinatória* e *espontânea*.

³³ Não nos preocupamos, neste momento, em distinguir *mudança* (diacrônica) e *variação* (sincrônica), distinção que não aparece no Curso I da maneira como o Curso de 1916 a consagrou.

Mudanças fonéticas (*changements phonétiques*)

Nous commençons l'étude des évolutions par **les évolutions phonétiques** parce que, **par leur importance et leur caractère de régularité, elles sont les représentants par excellence et la meilleure illustration des évolutions du langage en général.**

Les changements phonétiques sont un des phénomènes de langue **dont nous n'avons pas conscience et qui naturellement ne nous est pas donné:** [...]

Ces changements sont **plus ou moins considérables, plus ou moins nombreux**, mais tous ont le caractère de se **produire avec une certaine régularité:** [...](ICLG:28) [grifo nosso]

[...] toutes les évolutions **se trouveront rapportées à des régulières transformations** [...](ICLG:32) [sublinhado do autor, grifo nosso]

O primeiro termo apresentado em *definitio rei formal* é o de *evoluções fonéticas*, dotado de três características: regularidade e representatividade das evoluções da linguagem em geral. Logo abaixo, encontramos outra *definitio rei formal*, que atribui as características de “inconsciência” e “inacessibilidade” a outro termo, *mudanças fonéticas*. Em seguida, o mesmo termo recebe as mesmas caracterizações do primeiro: representatividade e regularidade, o que acaba por colocar como sinônimos *evoluções* e *mudanças* que, por fim, são equiparados a *transformações*.

História e Evolução (*histoire, évolution*)

L'histoire est une évolution. Nous prenons ici évolution dans le sens de **marche dans le temps sans nous** préoccuper <de savoir> **si** c'est un développement, <une marche> en avant ou en arrière. (ICLG:28) [grifo nosso]

História é apresentada em *definitio rei essencial*, de maneira assertiva e sucinta, no sentido de que apresenta afirmação com verbo *ser* no presente do indicativo, seguida de um único predicativo, *évolution*. A brevidade da definição demanda, entretanto, maiores explicações. A ligação de *história* a ‘um tipo’ de evolução, pelo artigo indefinido singular feminino (*une*), suspende sua ligação imediata com a ideia de ‘passado’ e, assim, se torna um desenvolvimento (*développement*) no tempo. A voz do professor (*nous prenons ici*) nos relembra o ato de seleção de uma acepção do termo, o que converte para *definitio nominis*

essencial a apresentação de *evolução*. Ao mesmo tempo em que insere novo sentido para *história*, exclui outro (*sans nous préoccuper si*), o de direção da marcha, através da metáfora do caminhar para frente ou para trás.

Fonética (*phonétique*)

Nous réservons <expressément> **le mot phonétique pour désigner les changements des sons dans le temps et nous excluons la physiologie phonologique de la phonétique**. Même en linguistique nous n'employons pas ce mot où il s'agit d'états de langue (ainsi nous dirons d'une écriture qu'elle est phonologique et non pas phonétique. (ICLG:28) [sublinhado do autor, grifo nosso]

Na abertura do capítulo 'Les évolutions phonétiques' (ICLG:28), o professor chama a atenção para o *uso* do termo (*mot*) *fonética*, em vez de optar por uma formulação que diga 'o que' ele é. Mais precisamente, o termo se apresenta antes como a opção (*nous réservons*) pelo uso restrito (*expressément*) de um termo (*mot*), colocado em relação de designação (*désigner*) com outro sintagma (*les changements ...*), o que configura *definitio nominis essencial*. O foco no uso do termo se confirma através do concessivo *même en linguistique*, que trata justamente do uso de *fonética* em um campo do saber, bem como com o exemplo final do trecho, que não trata da escrita, mas da "correta" maneira de se dizer (*nous dirons*) algo sobre ela. Nessa configuração, *fonética* inclui (*désigner*) as mudanças de som no tempo e exclui (*nous excluons, nous n'employons pas, non pas*), pela mesma escolha do enunciador, a fisiologia fonológica, campo cuja preocupação é a de configurar a língua em estados, em constâncias, tema que acabara de ser objeto de estudo, na progressão do Curso I³⁴.

Leis fonéticas (*lois phonétiques*)

Cette constance est l'effet **des lois phonétiques, auxquelles sont soumis les changements phonétiques**. Mais dans ces changements, nous sommes en présence d'éléments et non de mots : [...] un élément ne peut pas être régi par une loi ! **C'est donc un contre-sens de parler de lois phonétiques**, <mais> nous n'avons pas d'autre mot. (ICLG:28) [sublinhado do autor, grifo nosso]

³⁴ Após os 'Principes de phonologie' (ICLG:12), o tópico de estudo, que se estende para pouco mais de uma página, é chamado 'Linguistique' (ICLG:27). Em seguida, encontra-se o primeiro capítulo do Curso, "Les évolutions phonétiques" (ICLG:28).

[*] <Digression: On parle de lois phonétiques et de lois d'alternance mais dans les deux cas «loi» a un sens différent : **loi phonétique** = événement phonétique est faux car la loi est quelque chose de permanent qui correspond à un état ; il faudrait dire : événement phonétique qui a sa loi. L'emploi de loi quand il s'agit d'alternance est bon (**loi=arrangement, principe de régularité**). S'il fallait choisir entre ce double emploi, il vaudrait mieux garder le mot loi pour les faits, les états grammaticaux (dont l'alternance fait partie).> (ICLG:54) [sublinhado do autor, grifo nosso]

A primeira menção a *leis fonéticas* coloca o termo dentro de uma *definitio rei formal* das mudanças fonéticas, caracterizadas por serem presididas pelas leis. Tão logo o texto nos informa que *elementos* são as unidades de observação em fonética (*dans ces changements, nous sommes en présence d'éléments et non de mots*), o termo analisado já se mostra incompatível com essa mesma unidade (*un élément ne peut pas être régi par une loi!*). O comentário que encerra o primeiro trecho trata não da definição do termo, mas aponta a maneira de dizer (*parler*) deficiente, a própria metalinguagem da área (*c'est donc un contre-sens, nous n'avons pas d'autre mot*), o que acresce o caráter *nominis* à definição de 'leis fonéticas'.

Por outro lado, a última menção a *leis fonéticas* organiza o problema em duas definições (*lois phonétiques* e *lois d'alternance*), a partir de dois sentidos diferentes que atribui a *lei*. Observamos que esse refinamento da definição é inserido, no texto, como uma digressão, em nota de rodapé ([*] *Digression*). O trecho coloca a questão em termos da maneira de dizer (*on parle de*), e organiza as duas definições com o sinal de igualdade (*loi phonétique = événement phonétique* e *loi [d'alternance] = arrangement, principe de régularité*), em *definitio nominis essencial*, apresentando-nos, primeiramente, a definição que *não está* correta, a que toma “lei fonética” por “evento fonético”, para, em seguida, apresentar-nos a maneira que *está* correta, “lei de alternância” como “princípio de regularidade”.

Nesse sentido, o uso do sintagma *on parle* recupera um discurso da Linguística para o qual Saussure deu um destino: o de ser corrigido (*il faudrait dire*) e substituído (*s'il fallait choisir entre ce double emploi, il vaudrait mieux garder le mot loi pour les faits, les états grammaticaux*). A partir das páginas das citações, vemos que a definição de *leis fonéticas* não foi apresentada no Curso I de uma só vez; ela foi refinada na medida em que se caminhou para capítulo seguinte, dedicado às mudanças gramaticais.

Lei de Verner (*loi de Verner*)

Il faudra mettre aussi sur le compte d'une formule mal rédigée une véritable erreur sur la nature de ce qui s'est passé ! **C'est ce qu'on appelle la loi de Verner : « en germanique il se trouve que le son *þ* (θ) a été régulièrement changé en la douce *ð* si l'accent était après *ð* et à condition que *ð* ne fût pas initial »**

[...]

La loi, pour être exacte, devra <en conséquence> être exprimée différemment : « **Tout *þ* intérieur est devenu *ð* à moins que l'accent placé immédiatement avant lui ne s'y oppose.** » (ICLG:35)

A lei de Verner é apresentada, no Curso I, como exemplo de fórmula imprecisa (*une formule mal rédigée*) em vigor nos estudos linguísticos (*on appelle*). Ela, por sua vez, definida também através do exemplo de como *não* deve ser enunciada, entre aspas. Essa configuração nos permite enxergar uma *definitio nominis essencial*. Como vimos, a lei é apresentada com um verbo *dicendi* (*on appelle*), que nos lembra da operação de nomeação do termo. Ao mesmo tempo, a expressão da lei de Verner a descreve em termos de posições de sons e acentos, motivo pelo qual a classificação *funcional* é, também, apropriada, inclusive para a definição apontada como correta, no segundo trecho. Nas duas vezes em que a lei é enunciada, estão presentes as aspas, o que contribui para o efeito de discurso “pronto”, “acabado”. O tempo verbal em que a mudança é enunciada é o pretérito perfeito do indicativo (*a été changé, est devenu*)³⁵ e ambas as fórmulas apresentam construções conjuntivas condicionais (*si, à condition que; à moins que*).

Entre uma e outra vez, Saussure realiza o que entende serem correções à primeira fórmula, em um “tom” dado pelo sintagma *pour être exacte*. A versão “corrigida” é mais sucinta do que a primeira: o nome do idioma desaparece; a variação da notação fonológica do elemento θ desaparece; a regularidade da mudança em *a été régulièrement changé en* se torna simplesmente *tout ... est devenu*; a nomenclatura *douce* desaparece; o imperfeito do subjuntivo (*fût*) dá lugar ao subjuntivo presente (*s'oppose*), o que acrescenta um aspecto durativo ao trecho; a “cláusula” relativa à posição inicial é também suprimida.

Quanto ao deslocamento do acento, mais especificamente, observamos significativa mudança entre a fórmula “errada”, *si l'accent était après* e a fórmula corrigida, *l'accent placé*

³⁵ Chamado *passé composé de l'indicatif*, em francês.

immédiatement avant. A nova posição do acento carrega não apenas a precisão de *immédiatement*, mas a mudança trata, como veremos, de uma tendência de *þ* que a lei de Verner, tal como apresentada no Curso I, desconsiderou. A mudança de *avant* para *après* foi uma necessidade que se impôs pelo fato de Saussure ter recorrido ao latim para invalidar a lei de Verner, logo após tê-la enunciado pela primeira vez:

En réalité le principe **est complètement différent**. Si l'on **compare** des faits entièrement semblables **en latin**, on voit que *þ* **avait spontanément une tendance à s'adoucir** aussitôt qu'il était à l'intérieur d'un mot et <que> tout *þ* serait devenu ð si l'accent placé devant lui ne l'en avait empêché! **Tout est donc renversé : le phénomène s'accomplit par lui-même et l'accent n'est qu'un obstacle**. La loi, pour être exacte, devra <**en conséquence**> être exprimée différemment : « Tout *þ* intérieur est devenu ð à moins que l'accent placé immédiatement avant lui ne s'y oppose. » (ICLG:35) [grifo nosso]

Saussure estabelece uma base de comparação, no presente do indicativo, entre alemão e latim (*si l'on compare des faits entièrement semblables en latin*), sem dar exemplos deste idioma, mas afirma que o elemento *þ*, na mesma língua, apresenta uma tendência que *não* se deixa afetar pela posição eventualmente posterior do acento (já em desacordo com a primeira enunciação da lei de Verner). Em seguida, o acento vira um obstáculo à mudança de *þ* (*à moins que l'accent ... ne s'y oppose*), ao passo que, na primeira lei formulada, ele era uma das condições de mudança de *þ* (*si l'accent était après*).

Em lugar de restringir a lei de Verner ao idioma alemão, ou de simplesmente invalidá-la por não se estender para outro idioma que não o germânico, Saussure adota a estratégia de corrigi-la, a partir de informações do latim, de modo que o resultado “corrigido” dá conta de ambos os idiomas, o que, reconhecemos, amplia a generalidade da referida lei.

Analisar (*analyser*)

B) Effet grammatical du changement phonétique consistait en ce qu'**un mot dont les parties étaient analysables** grammaticalement devienne un tout indivisible [...](ICLG :47) [grifo nosso]

Quand nous disons que les sujets parlants pouvaient analyser *undecim*, cela ne peut avoir d'autre signification <il ne s'agit pas en effet d'analyser au moyen de dictionnaires étymologiques ou en recourant au documents historiques de la langue !> **que : ces sujets avaient dans la langue des mots concurrents comme *unus* et *decem* avec lesquels ils pouvaient comparer *un* et *decim***. (ICLG :48) [grifo nosso]

O termo aparece, no primeiro trecho, como adjetivo, dentro da explicação metalinguística de um dos efeitos da mudança fonética. A necessidade de definir o termo *analisar* apresentada, no segundo trecho, como um comentário sobre a maneira de dizer alguma coisa, no presente do indicativo afirmativo (*quand nous disons que*), o que nos permite classificá-la como *definitio nominis* quanto ao objeto; quanto ao conteúdo, enxergamos em *ces sujets avaient ... un et* decim, uma definição *funcional*, que mostra o uso que fazem os falantes da língua, o que aproxima seu conteúdo dos saberes epilinguísticos. O uso da conjunção de subordinação *ne ... que* anuncia uma restrição, a delimitação do termo. Essa delimitação, entretanto, é entrecortada por uma anotação inicialmente marginal do manuscrito, posteriormente inserida no texto corrido (símbolos < e >). É assim que, *antes* de apresentar o que se quer dizer com *analisar*, vemos aquilo que o termo *não é* (uma consulta a dicionários etimológicos, por exemplo).

Alternância (*alternance*)

Uma leitura panorâmica das três citações nos permite observar, tanto na primeira quanto na segunda, definições de *alternância*, com maior concisão na segunda. Na última citação, observamos a exclusão do termo *permutation* como possível sinônimo de *alternância*:

C) L'alternance : le plus important, le plus ordinaire et le plus vaste des effets grammaticaux que peuvent avoir les changements phonétiques. En nous plaçant devant *fèvre // forge* nous **ne** pourrions préciser leur différence. **Lorsqu'au contraire** la différence est telle que **1)** l'on peut dégager l'élément sur lequel elle repose et que **2)** elle se répète régulièrement dans une série de couples parallèles, dans ce cas **on donne à cette différence le nom d'alternance.** (ICLG:50,51) [grifo nosso]

Si nous essayons de **définir de plus près l'alternance**, nous dirons qu'elle **est** : « une correspondance par laquelle deux sons déterminés **permutent** plus ou moins régulièrement entre deux séries de formes coexistantes. » (ICLG :52) [grifo nosso]

On pourrait appeler les alternances permutations mais ce terme offre un grand **danger de confusion, car il a été employé** un peu au hasard pour désigner le changement phonétique. [...] **Alors que** dans le changement phonétique il s'agit de deux termes successifs dont le second n'existe qu'à condition d'éliminer l'autre, l'alternance est le fait par lequel deux éléments phoniques sont opposés: [...] **La condition du changement phonétique est que l'un chasse l'autre, de l'alternance qu'ils soient l'un en face de l'autre.** (ICLG:52) [grifo nosso]

Em uma análise mais detalhada, o primeiro trecho apresenta *definitio rei essencial*. *Alternância*, em aposto, tem qualidades que dizem respeito à relevância do fenômeno (*le plus important*), à sua frequência (*le plus ordinaire*) e à sua generalidade (*le plus vaste*). Imediatamente após a enumeração das características da alternância, ela é ligada ao capítulo do Curso I como sendo um efeito do fonetismo. Ainda no primeiro trecho, à definição daquilo que alternância *é* seguem dois exemplos que *não* a ilustram, *fèvre* e *forge*. Saussure monta uma “situação” de análise, através do gerúndio *en ...-ant* e da significação espacial da locução *se placer devant*, que nos permite visualizar as duas ocorrências, *fèvre* e *forge*, na tarefa de verificar se elas se conformam a certa classificação. A conclusão a que se deve chegar é antecipada pelo uso das barras oblíquas na apresentação dos exemplos (/), símbolo já utilizado no capítulo para indicar que o falante não percebe uma afinidade de significado entre os vocábulos. Em seguida, a voz do especialista (*nous*) confirma a percepção do falante, (*nous ne pourrions préciser*), não mais pela afinidade de significados, mas pela impossibilidade de se perceberem critérios de *diferenciação* entre *fèvre* e *forge* (*leur différence*).

A partir daí, como se transmitisse um modo de proceder, Saussure organiza a dúvida em duas etapas de observação [1) e 2)], anotadas no presente do indicativo afirmativo, com duas novas características da alternância: ser perceptível e regular, em *definitio rei formal*. O termo *diferença*, ligado à percepção ordinária do falante, é mantido até a conclusão, momento em que se passa a nomeá-lo (*on donne ... le nom*), em *definitio nominis essencial*, com a terminologia linguística, *alternância*. Nesse sentido, o professor parece se preocupar mais em ensinar mecanismos de percepção das diferenças relevantes para a Linguística do que em listar nomenclaturas.

No segundo trecho, a espacialidade na maneira de conceber o problema é mantida pelo uso da locução adverbial *de plus près*, em sintonia com o sintagma *nous placer devant* do trecho anterior. O verbo *ser* no presente do indicativo afirmativo convive com os dois pontos (*elle est:*), em *definitio rei essencial* (*une correspondance*) e *funcional* (*deux sons déterminés permutent*). A definição, desta vez, é apresentada entre aspas, cujo efeito é o de parecer uma definição acabada, completa, que resume os dois passos da definição anterior, 1) (*correspondance, deux sons déterminés*) e 2) (*permutent, plus ou moins régulièrement*). A terceira definição, entretanto, chama a atenção para o uso de um termo possivelmente problemático (*ce terme offre un grand danger de confusion*). Isso é feito pela mesma lógica

anterior, de nomeação (*on pourrait appeler les alternances permutations mais ...*), inclusive na justificativa para o ‘perigo’ de confusão, pois o termo já era metalinguagem que designava (*désigner*) outro fenômeno (*phonétique*).

A confusão é supostamente desfeita pela diferenciação entre os termos metalinguísticos *mudança fonética* e *alternância*, promovida pela conjunção *alors que*. Esse contraste é, por fim, reformulado na metáfora de expulsar (*que l’un chasse l’autre*), que elabora o dito sobre *eliminar* (*à condition d’éliminer l’autre*), assim como a metáfora espacial (*qu’ils soient l’un en face de l’autre*) elabora o dito sobre a oposição (*sont opposés*). Frisamos que a assonância entre *chasse* e *en face* parece favorecer a memorização da diferença entre *mudança fonética* e *alternância*, apresentados, em sua última formulação, em termos de posicionamento, o que configura *definitio rei funcional*.

Gramatical (*grammaticale*)

Il peut arriver que

2) l’alternance soit distribuée d’une manière régulière mais **grammaticale** (**dans le sens précis et étroit du mot <cf. *Grammaire historique* de A. Darmesteter, I (*Phonétique*), p.4> = formations grammaticales telles que présent, pluriel, adjectif, etc.), soit réductible à une catégorie grammaticale. (ICLG:53) [grifo nosso]**

O termo *gramatical* aparece em *definitio nominis essencial* à semelhança de entrada de dicionário (*dans le sens précis ... cf. ...*) por alguns de seus exemplares (*présent, pluriel, adjectif*). O adjetivo é apresentado como um tipo de regularidade (*d’une manière régulière mais grammaticale*) e definido por meio de citação de autor e obra, qualificada de “sens précis et étroit”, juntamente com o sinal de igualdade, que repete o termo (*grammaticales*), definindo-o por meio da enumeração reduzida, mas ampliável (*etc*), de seus exemplos (*telles que*). Para que a alternância seja considerada gramatical, os elementos que a sofrem devem poder ser reunidos e classificados (*reduzidos*, no original), por categorias gramaticais, não fonéticas. Essa operação de redução nos permite enxergar um tratamento funcional para o conteúdo de *alternância*. Frisamos que a citação de Darmesteter, da maneira como foi anotada por Riedlinger, sofre ela mesma uma redução, pela conjunção *soit*.

Correspondências fonéticas (*correspondances phonétiques*)

Au début le phénomène phonétique n’a pas été traité comme il le devait. On ne pouvait pas immédiatement procéder d’une manière directe, en comparant

entre eux les mots d'un même idiome, mais **on rapprocha entre eux les différents idiomes indogermaniques**. De cette façon **on fut amené à reconnaître** non pas des changements phonétiques <dans un même idiome> mais **des correspondances phonétiques d'un idiome à l'autre**. (ICLG:29) [grifo nosso]

O termo *correspondências fonéticas* é apresentado apenas no início do domínio, sem maiores desdobramentos, imediatamente associado a um sintagma que o especifica, *d'un idiome à l'autre*, e que sintetiza o trecho *on rapprocha entre eux les différents idiomes indogermaniques*. Nesse sentido, enxergamos *definitio rei funcional*. O termo está inserido no “relato” acerca da “história” dos estudos do fenômeno fonético. A locução adverbial *au début*, o passado perfeito passivo (*a été traité*), o pretérito imperfeito do indicativo (*devait, pouvait*) e o *passé simple* do indicativo (*rapprocha*) nos colocam nesse relato que, através dos sintagmas *n'a pas été, on ne pouvait, non pas*, acaba por mostrar a maneira de *não* se estudar o referido fenômeno. Assim, o fenômeno fonético precisa receber nomes diferentes caso se estudem relações *entre* idiomas (*correspondances phonétiques*), ou sucessões temporais *em um mesmo* idioma (*changements phonétiques*).

Ligação gramatical (*lien grammatical*)

A) **effet fréquent : rupture du lien grammatical**

Le lien grammatical **qui unissait deux mots** cesse d'exister par **conséquence directe** du phénomène phonétique. Nous voyons cette conséquence dans des exemples comme ceux-ci:

[...]

Un mot et ce qui dans la conscience de tout le monde est son dérivé deviennent, chacun étant abandonné aux vicissitudes phonétiques, des mots séparés. (ICLG:45) [sublinhado do autor, grifo nosso]

O termo *ligação gramatical* é apresentado em *definitio rei funcional*, por seu papel na linguagem (*qui unissait deux mots*). Os trechos se concentram, na verdade, na quebra da ligação (*rupture, cesse d'exister, deviennent ... des mots séparés*), apontada como efeito do fenômeno fonético. O presente do indicativo é usado, em *cesser*, com valor quase atemporal, no “espaço teórico”, ao passo que, em *voyons*, seu valor é de tempo presente, pois se trata de observar os exemplos apresentados em sala de aula.

Fórmula (formule)

Par exemple la formule pour

salter
sauter

sera: «*l* s'est changé en *u* quand il était suivi de consonne» (*saler* reste en effet *saler*!). Par suite de cette formule la classification devient fausse; on (ICLG :34)

Vemos que o uso do verbo *ser* define o termo *fórmula* através de um exemplo do termo (“*l s'est changé ... consonne*”). Quanto ao objeto, *temos definitio rei*; quanto ao conteúdo, *essencial*, pelo exemplar entre aspas e, dentro do exemplar, *funcional*, porque a mudança fonética é descrita com verbos de mudança e de posicionamento (*se changer, suivre*). O prosseguimento do trecho (*par suite de cette formule la classification devient fausse*) nos mostra, na verdade, como *não* se deve enunciar um exemplar de *fórmula*. Mais adiante, apresenta-se novo exemplo de fórmula, enunciada também do futuro simples do indicativo afirmativo, considerada “la vraie formule”:

[...] Par suite de cette formule la classification devient fausse; on se croit en présence d'un changement combinatoire, **ce qui est faux** : comme tout *l* devant consonne est *l*> et devant voyelle *l*< , **la vraie formule sera** : «*l*> est devenu *u* », ce qui fait que nous nous trouvons dans un changement spontané ! **Une telle inexactitude peut être toléré dans l'usage courant, mais non en linguistique !** (ICLG:34) [grifo nosso]

Atentamos para os comentários sobre a mudança de classificação (de combinatória para espontânea) que a imprecisão da fórmula acarretou e sobre a própria noção de inexatidão, noção pertinente para o campo dos estudos linguísticos. Esses comentários parecem ser, da parte do professor, mais importante do que as classificações acabadas.

Caráter cego do princípio fonético (caractère aveugle du principe phonétique)

[...] il faut dire deux mots du **caractère aveugle du principe phonétique**, car c'est un caractère essentiel des changements pris en eux-mêmes. L'effet donc des changements phonétiques se fait sentir sur toute espèce de mots et ne distingue pas entre substantif ou adjectif, radical ou désinences. Il doit en être ainsi, car s'il dépendait de la nature grammaticale du mot de s'opposer aux changements, nous pourrions bien parler de changements grammaticaux mais non phonétiques. (ICLG :37) [sublinhado do autor, grifo nosso]

O termo em análise, em *definitio rei essencial* é apresentado tanto como uma característica das mudanças fonéticas (*caractère essentiel*) quanto como efeito de tais mudanças. Outra característica que é atribuída a ele, apontada adiante, é a de não fazer distinção, para agir, entre substantivos, adjetivos e outras categorias. Nesse sentido, enxergamos *definitio rei funcional* para esse último caso.

De início, o termo é anunciado com promessa de brevidade (*deux mots*), em tom de necessidade (*il faut*), com um verbo *dicendi* exemplar, *dire*. No final, o verbo *dever* (*Il doit en être ainsi*), por outro lado, não diz respeito à “ontologia” do fenômeno, mas à coerência da metalinguagem: se o princípio fonético fosse sensível a categorias gramaticais, não poderíamos *falar* (*parler*) em mudanças fonéticas, mas somente gramaticais. Novamente um verbo *dicendi* (*parler*) trata da metalinguagem. Atentamos, ainda, para as duas construções negativas do trecho. A primeira elabora o sintagma afirmativo *se fait sentir sur toute espèce de mots* em termos de *ne distingue pas entre substantif, adjectif, radical ou désinences*; a segunda exclui (*mais non*) a nomenclatura que é objeto do capítulo, *phonétiques*.

Elemento (*élément*)

Ces changements [...] **ont le caractère de** se produire avec une certaine régularité : un **élément placé dans les mêmes conditions changera de la même façon dans tous les mots**.[...] Mais dans ces changements, **nous sommes en présence d’éléments et non de mots**: un élément est atteint par le phénomène phonétique dans tous les mots, etc ... : [...] (ICLG:28) [sublinhado do autor, grifo nosso]

[...] les articulations se rapprochent; le changement est provoqué par le voisinage **d’un autre élément (ici t)** [...] (ICLG:33) [grifo nosso]

O primeiro trecho nos informa que os elementos são as unidades atingidas e modificadas de uma mesma maneira pelas mudanças fonéticas. A classificação como *definitio rei funcional* nos parece apropriada, ao passo que, no segundo trecho, o elemento é exemplificado, o que pode ser considerado *definitio rei essencial*. A negação (*et non*) exclui a possibilidade de se confundir *palavra* e *elemento*. A última afirmação aponta *elemento* como unidade *inferior* à palavra, sem que possamos enxergar hierarquia nessa primeira caracterização. O que parece importar, no trecho, é a caracterização de *elemento* como unidade de estudo apropriada para o fonetismo. No segundo trecho destacado podemos ver um elemento destacado (*ici t*) em um comentário sobre um exemplo, que não coincide, efetivamente, com *palavra*.

Causa (cause)

En effet **qu'est-ce que nous appelons cause ? C'est l'occasion déterminante, la chiquenaude** par laquelle on passe **tout d'un coup** au principe du moindre effort : le phénomène phonétique intervient à un moment donné ; pendant 4000-5000 ans par exemple on a prononcé *ĩ* et dans l'espace de deux générations il se produit le changement en *ī* [...] **Pourquoi cela, quelle en est la cause? C'est ce qu'il y aura toujours de plus difficile à expliquer** et cela pour n'importe quel phénomène phonétique (comme la rotacisation par exemple) qu'il soi dû, ou non, à un moindre effort. (ICLG:39) [grifo nosso]

O termo *causa* aparece em destaque por meio de duas perguntas. A primeira, construída no presente do indicativo do verbo *dicendi* 'appeler', é uma pergunta retórica, cuja resposta é dada pela metáfora do estalar de dedos (*la chiquenaude*), em *definitio nominis essencial*, imediatamente reformulada, menos metaforicamente, com o modalizador *tout d'un coup* e com o sintagma nominal *principe du moindre effort*. A segunda pergunta, construída sem verbo *dicendi*, mas com *ser* no presente do indicativo afirmativo, é, pragmaticamente, sincera, e trata justamente da ontologia da 'causa', restringindo o alcance das explicações linguísticas (*c'est ce qu'il y aura toujours de plus difficile à expliquer*).

Causa espontânea (cause spontanée) e Causa combinatória (cause combinatoire)

Os termos *causa espontânea* e *causa combinatória* se encontram na seção 'Division des changements phonétiques' (ICLG:32), e suas definições convivem, mais ou menos claramente, com as de *mudanças fonéticas absolutas*, *mudanças fonéticas condicionais*, *mudanças por causa interna* e *mudanças por causa externa*, e com tipos de *causa*. De início, sabemos apenas que dois dos termos, *absolutos* e *condicionais*, nos são apresentados com valoração negativa (*très superficiel*); dois outros, espontâneos e combinatórios, com valoração positiva (*plus profonde*), como vemos abaixo:

Il serait **très superficiel** de diviser les changements phonétiques en absolus et conditionnels, **car** une telle division <n'atteint> **aucune des causes** de ces changements. Une division **plus profonde** sera celle qu'on introduite <les> **Allemands** en

changements spontanés (*spontane-*)

et changements combinatoires (*kombinatorische-*)

Nous dirions plutôt : **changements par cause interne et changements par cause externe**. Il s'agit ici de la **cause prochaine** (**pas même** déterminante **mais seulement** conditionnelle) car il restera toujours mystérieux de savoir

pourquoi ce qui a subsisté pendant quelques milliers d'années change subitement. (ICLG:32,33) [sublinhado do autor, grifo nosso]

Não se definem *absolutos* e *condicionais*, como se bastasse saber que *não* tratam das *causas* das mudanças fonéticas. Ao mesmo tempo, o pronome indefinido³⁶ no sintagma *aucune des causes* sugere que há mais de um 'tipo' de causa. Ligadas diretamente à tradição linguística alemã, como atestam os termos entre parênteses e o sintagma nominal *les Allemands*, as mudanças *espontâneas* e *condicionais* são apenas caracterizadas como estando em relação com as causas das mudanças, o que configura *definitio rei formal*, mas logo são substituídas pela proposta (*plutôt*), no futuro pretérito simples do indicativo (*dirions*)³⁷ do professor (*nous*), que explicita o critério de classificação pela causa, ausente ou oculto nas definições anteriores, e propõe adjetivos relacionais (*externo/interno*).

Atentamos para o fato de que a proposta se firma por meio de um verbo *dicendi* (*dire*) e de uma nova nomenclatura, em que se preserva o substantivo *changements*, usado inicialmente para traduzir a terminologia alemã, mas a ele acresce o critério de classificação: a *causa*, subdividida, por Saussure, em *interna* e *externa*. É neste momento que se caracteriza a *causa* como sendo a causa próxima e não a causa determinante, *mas somente* a condicional, pelo recurso da parentética. Convém notar que esse último termo, *condicional*, quando usado para dividir o fonetismo em mudanças absolutas ou condicionais foi criticado como superficial. Parece que, associado a *causa*, ele é bem-vindo. Riedlinger anota, ainda, alguns exemplos, previamente classificados com a causa em estudo:

Exemples:
I. cause combinatoire:

kt (<i>facto</i>)	pt (<i>captivo</i>)
tt (<i>fatto</i>)	tt (<i>cattivo</i>)

(consiste en une accommodation: les articulations se rapprochent; le changement est provoqué par le voisinage d'un autre élément (ici t), donc cause externe.) (ICLG:33)

A terminologia alemã (*combinatoire*) continua a classificar o exemplo. As duas sucessões, *facto-fatto* e *captivo-cattivo* são, em seguida, comentadas entre parênteses, no presente do indicativo, como se pudéssemos testemunhar o fenômeno transcorrido, na realidade, em algum lugar do passado. O comentário descreve a sucessão com nova metalinguagem,

³⁶ Chamado *adjectif indéfini*, em francês.

³⁷ Inserido no modo verbal *conditionnel*, em francês, que possui os tempos *présent* (*je dirais*) e *passé* (*j'aurais dit*). Cf.: <http://www.cnrtl.fr/definition/conditionnel> . Consulta realizada em 21/4/2015, às 23h51.

acomodação, e explica o processo fisiologicamente, pela articulação e, foneticamente, pelo entorno do elemento *t*. A descrição confirma a classificação anunciada na forma de conclusão (*donc*). Nesse sentido, seria plausível encontrar, no final do trecho, a repetição do termo *combinatória*. Encontramos, neste momento, a terminologia sugerida pelo professor, *externe*. Dentro do mesmo mecanismo, que consiste em anunciar o tipo de mudança que será imediatamente ilustrado, encontramos os seguintes exemplos:

2. cause *spontanée*
 Quelques exemples pris dans les grands changements de la
Lautverschiebung allemande:

k (<i>kartus</i>)	(kaput)
h (<i>hardus</i>)	(haubip)

(ce changement ne dépend en rien du milieu, de l'entourage; donc
 spontané). (ICLG:33)

A informação inicial trata da origem dos exemplos (a *Lautverschiebung* alemã³⁸), aos elementos em transformação são antecipados, à esquerda, conectados por barra vertical, exemplificados pelas palavras entre parênteses. No comentário, entre parênteses, a circularidade conclusiva é nítida e sucinta (*donc spontané*), com o presente do indicativo em negação, que exclui um fator de mudança (*ne dépend en rien du milieu*). Assim, a terminologia alemã continua a ser utilizada na exemplificação e, neste segundo exemplo, não temos a confirmação explícita de que, assim como *combinatória* foi usado como sinônimo de *externa*, no exemplo 1, *espontânea* possa ser sinônimo de *interna*, no exemplo 2. Prosseguindo-se com o exame dos exemplos que participam da definição das causas espontânea e combinatória, deparamos com uma última série que se apresenta de modo diferente das duas anteriores:

i (<i>piscis</i>)	ō (<i>σκόρος</i>)
i (<i>fisks</i>)	a (<i>skadus</i>)

(Le changement est spontané bien que conditionnel: le phénomène est
 spontané dans ce qu'il a de positif (le changement de o en a ne dépend pas (ICLG:3
 3)

Embora a série apresente os elementos na mesma disposição gráfica que os anteriores e que seja, do mesmo modo, comentada entre parênteses, ela não é introduzida por numeração (3, por exemplo) nem por classificação prévia (combinatória ou espontânea), diferentemente de 1 e 2. Além disso, o comentário entre parênteses classifica a mudança tanto como espontânea

³⁸ Abordada no Capítulo 5, em que tratamos do Clima de Opinião.

(*dans ce qu'il a de positif*) como quanto condicional, não através da conclusão (*donc*), atestada em 1 e 2, mas de uma relação de concessão (*bien que*). Lembramos que o termo *conditionnel* foi criticado desde a primeira vez em que apareceu em *Fonética*, mas continua a classificar os exemplos, em detrimento do par *interna/externa* sugerido pelo professor.

No exemplo 1, *combinatória* (que se opunha a *espontânea*) pôde ser sinônimo de *externa* (que se opunha a *interna*). No exemplo 2, manteve-se o termo *espontânea*. No terceiro exemplo, *espontânea* se opõe a dois termos, um deles criticado logo no início da exposição sobre as classificações das mudanças fonéticas: *condicional* (que se opunha a *absoluta*). O segundo termo ao qual *espontânea* se opõe é apresentado no final do comentário:

[...] le phénomène est spontané **dans ce qu'il a de positif** (le changement de *o* en *a* **ne dépend pas** se *sc* ou *t*), il est aussi **combinatoire considéré négativement** (l'*ō* dans *σκότος* **ne serait pas devenu** *a* (*skadus*), **si** *sk* au lieu de précéder avait suivi *ō* <cf. *piscis*>) (ICLG:34) [grifo nosso]

O retorno ao termo *combinatória*, em oposição a *espontânea*, foi possível pela mudança de critério de classificação. Como diz o trecho, considerado positivamente, *o* para *a* foi uma mudança espontânea, por não depender de *sc* nem de *t*. É curioso que essa explicação seja feita com construção negativa do verbo 'depende'. Por outro lado, *o* para *a* foi uma mudança combinatória, no sentido de que, se *sk* tivesse ocupado posição diferente da que ocupou, *o* não teria se transformado em *a*. É nisto que consiste o 'lado negativo' da classificação que é, ademais, enunciada com hipótese passada (*si ... avait suivi ... ne serait pas devenu*) e, uma vez mais, com negação (*ne serait pas devenu*). Para concluir, a definição de *causa espontânea* e de *causa combinatória* passou pela delimitação, talvez pela confusão, com outros termos. O verbo *ser*, no presente do indicativo em afirmação, não os define, mas antes os classifica (*est spontané*, por exemplo).

*

As dezessete definições apuradas se apresentaram em sua maioria em *rei* (onze), quanto ao objeto definido, e em definição predominantemente essencial, seguida de perto por definições formais e funcionais, quanto ao conteúdo da definição. Nesse aspecto, essa apuração se assemelha à de *Fonologia*.

4.3 Exemplos de língua

Os oitocentos e vinte e seis (826) exemplos de língua, em *Fonética*, se distribuem na seguinte proporção:

Tabela 4 Exemplos de língua no domínio *Fonética*

Nome do agrupamento	Valor relativo	Valor absoluto
Alemão	36,1%	300
Latim	28,7%	239
Francês	17,6%	147
Grego	11%	92
vários idiomas	1,4%	12
Exótico	1,2%	10
Italiano	1%	9
eslavo, iraniano, hindu	0,9%	8
não identificados	0,3%	3
outros idiomas que não o alemão	0,2%	2
Espanhol	0,2%	2
outros idiomas que não eslavos, iranianos ou hindus	0,1%	1
Inglês	0,1%	1
		826 exemplos

A partir da saliência numérica da tabela, os idiomas que fornecem mais de oitenta por cento dos exemplos em *Fonética* provêm de alemão, latim e francês (84,4%).

Os exemplos em alemão (36,1%), língua por meio da qual e na qual se desenvolveram estudos históricos que se organizaram em compêndios, espécies de bancos de dados, com terminologia própria. Saussure extrai grande parte dos exemplos em alemão daquilo a que chama de *vaste champ de ce que les Allemands appellent les Lautverschiebungen* (ICLG:29). Encontramos, adiante, o seguinte comentário, que contribui para a compreensão da grande representatividade da língua alemã em *Fonética*, em detrimento de idiomas como o francês: “Si nous prenions des exemples [...] en allemand (où les phénomènes ne sont pas voilés par l’écriture comme en français) [...]” (ICLG:31).

A língua é referida por dois tipos de termos. O primeiro deles são os nomes do idioma, que variam de acordo com a cronologia dos dados, desde a pré-história, até a modernidade:

germanique (ICLG:29,35), *vieux haut allemand* (ICLG:37), *vieil allemand* (ICLG:38), *germain préhistorique* (ICLG:42), *période historique du german* (ICLG:42), *allemand pur* (ICLG:42), *moyen-haut-allemand* (ICLG:47), *allemand* (ICLG:50), *allemand moderne* (ICLG:51,53).

O segundo tipo de termos, se não nomeia o idioma alemão da maneira como o fazem os sintagmas citados há pouco, sempre acompanha exemplos em alemão, de modo que, ao lê-los, sabemos que, dentro em pouco, serão apresentados exemplos naquele idioma. Sabemos que *Lauverschiebungen* (ICLG:33), *Umlaut* (ICLG:33) e *lei de Verner* (ICLG:35) são parte da terminologia dos estudos históricos desenvolvidos em alemão, sobre a mesma língua.

Frisamos que a importância desse tipo de termo, em nossa dissertação, reside na ilustração de como terminologia e exemplo se acompanham. Hipoteticamente, mesmo que pudéssemos generalizar, por exemplo, a lei de Verner, para todos os idiomas do globo em todos os tempos da humanidade, o fato é que o referido conceito foi, geneticamente, concebido dentro do estudo da língua alemã, língua diferente de diversas outras, como os *idiomes nègres*³⁹.

Observamos, ademais, que uma relação de “praticidade” se instaura entre o idioma alemão e seus estudos, de modo que Saussure manteve como exemplos, a despeito de seu conhecimento de inúmeras línguas, dados consolidados em língua alemã para o mesmo idioma. O próprio agrupamento “**outros idiomas que não o alemão**” (0,2%), embora de pouca representatividade, invalida, por completo, em suas duas ocorrências, um discurso supostamente em vigor na Linguística, segundo o qual o princípio do mínimo esforço seria a causa das mudanças fonéticas:

Enfin, pour citer **un exemple qui établit que le principe du moindre effort peut avoir des résultats contradictoires dans des cas identiques, l’allemand ajoute un *h* à *t* initial où il y avait une simple consonne (*thanne, thun*), tandis que dans d’autres langues *h* après *t* initial a disparu**>. (ICLG :39) [grifo nosso]

³⁹ Saussure não compara diretamente a língua alemã ao agrupamento “idiomas nègres”. Essa nomenclatura é assim citada em *Fonologia*, no momento em que se exclui a inspiração como fator de classificação dos fonemas, dentro de um resumo que se propõe a organizar os fatores em jogo nos sons linguísticos. O professor aponta, entre parênteses, que a inspiração tem papel diferencial “somente em” *quelques idiomes nègres* (ICLG:14). Não é nosso objetivo tratar da ideologia do referido sintagma mas, para evitar interpretações precipitadas, cabe lembrar que Saussure refuta a explicação segundo a qual a “raça”, conceito de sua época, seria uma causa para as mudanças fonéticas, alegando que a variabilidade dos órgãos envolvidos na fala é tão expressiva de indivíduo para indivíduo quanto de “raça” para “raça”(ICLG:40).

O **latim (28,7%)**, por sua vez, é encontrado desde o início do capítulo, para ilustrar que a prática da comparação se desenvolveu a partir dessa língua e do grego (ICLG:29). A língua latina é usada, ainda, para o contraste com exemplos em alemão (ICLG:30,32,47). Assim como as *Lautverschiebungen* possuem ‘casos consagrados’, alguns deles selecionados para o Curso I, o latim também possui os seus, como a *rotacisation latine de s entre deux voyelles* (ICLG:34). Mais especificamente, esse último caso é criticado e se aponta uma “solução” para ele (ICLG:35,36). Em outros usos, há uma relação direta entre os dois idiomas, como em “Le latin *aewon* est devenu (en germain préhistorique): *aivom* [...]” (ICLG:42). Observamos, ainda, o uso do latim para tratar de questão opaca em outro idioma, como o francês:

Par exemple, ces centaines de mots latins composés **où le français ne peut, ne doit pas voir des composés:**

inamicus insignare
en(n)emi enseigner

(ICLG:47) [grifo nosso]

Nesse sentido, a língua latina é apropriada para ilustrar ponto fundamental da exposição sobre os efeitos das mudanças fonéticas: porções das palavras que, para os falantes de determinada comunidade em determinada época, possuíam certo significado, deixam de apresentá-lo, pela desconfiguração que o fonetismo veio a promover. O idioma grego também fornece exemplos de língua para tratar de assunto opaco no francês, o de sílabas breves e longas, como na citação a seguir:

Mais si l’on dit « *ā* est devenu *η* », on se reporte à une date [...] où *l’α était bref*: [...] donc point de *ā* au moment où la loi agit et par conséquent point de transformation en *η*. **Il en va ainsi pour chaque langue (ainsi en français** pour *l* devant consonne qui est devenu *u* mais pas <en> tous temps [...]” (ICLG :36) [grifo nosso]

Como vemos, a questão específica das sílabas breves e longas contém uma porção de generalidade – sobre a transformação de elementos – aplicável para outras línguas (*il en va ainsi pour chaque langue, ainsi en français*). O **idioma grego (11%)** sempre acompanha exemplos de língua em latim, na maioria das vezes apresentando as mesmas regularidades ou os mesmos problemas dessa língua (ICLG: 29, 33, 34, 36): “Mais si [...] on dit « *s* intervocalique est devenu *r* **en latin** », immédiatement on est reporté à une époque (IV^e siècle avant J.Ch.) [...] mais si l’on dit « *ā* est devenu *η* », on se reporte à une date [...] (ICLG :36)”. Uma única ocorrência mostra uma tendência, em grego, diferente da que se verifica em latim: “Mais il n’est pas de même en grec <cf. *septem* et *ἑπτα*>” (ICLG:47).

Assim como o idioma grego, a **língua francesa (17,6%)** acompanha exemplos em latim com grande frequência (ICLG: 45-48, 50). Mais precisamente, as ocorrências em francês são ligadas ao latim não pela etimologia, mas pelas mudanças fonéticas, como em:

(vervex ~ vervecarius)
 lat. pop. berbix ~ berbicarius
 |
 brebis // berger (dans le parler local a même le
 sens de gardien de boeufs!) (ICLG:45)

O exemplo que reúne francês e latim tem por objetivo mostrar que, em certa época, dois termos (*berbix* e *berbicarius*) de certo registro de língua (*lat. pop.*) possuíam afinidade de sentido entre si, de acordo com os falantes da época, inclusive com duas variantes de outro registro (*vervex* e *vervecarius*). Ao longo do tempo, pela ação do fonetismo (|) *berbix* resultou em *brebis*, assim como, pela ação do mesmo princípio, *berbicarius* se tornou *berger*. Embora integrantes do mesmo idioma, o francês, *brebis* e *berger* não possuem mais (//) a afinidade que os unia em outro tempo e em outro espaço, tempo e espaço estes que receberam o nome de outro idioma, o latim.

Ademais, a língua francesa exerce apenas uma vez a função de glosa, e o faz para exemplos em alemão (ICLG:35). As ocorrências restantes de francês pretendem ilustrar mudanças fonéticas (ICLG:32,38,51), juntamente com exemplos de outros idiomas, o que reforça justamente a generalidade de tais mudanças que se pretende demonstrar no Curso I.

Prosseguindo-se com a observação dos exemplos da tabela, “**idioma exótico**” (1,2%) é uma nomenclatura que o próprio texto adota. Suas dez ocorrências reforçam conclusões obtidas com apoio de exemplos em idiomas como alemão e francês. Para ilustrar que um dos efeitos do fonetismo, com o tempo, é o de tornar irreconhecíveis algumas palavras, exhibe-se uma série de exemplos que começa com uma palavra latina, *aevom*, modificada para *aivom* em germânico pré-histórico, até chegar à forma do alemão moderno *jē* (ICLG:42). Como se não bastassem tais exemplos históricos, atestados, apresenta-se, em seguida, um comentário e uma nova série de exemplos, que estende o caso da desconfiguração de palavras ‘até para’ línguas ‘exóticas’:

On pourrait prendre [...] un autre **qui appartient à une langue exotique**. A un certain moment on a constaté un mot : « *kalido* »

<i>kalido</i>	<i>kalido</i> (1 ^{er} siècle)
<i>k'ald</i>	—
<i>tšald</i>	—
<i>šaud</i>	—
<i>šau</i>	—
<i>šø</i> (chaud)	<i>šø</i> (17 ^e siècle)

Les mêmes remarques s'appliquent ici comme précédemment : [...]
(ICLG :43) [grifo nosso]

Não é difícil perceber que a língua ‘exótica’ se parece, pela sonoridade, com latim (*calidum*), italiano (*k'ald*) e, ao final, com francês (*šaud*, *šau* e *šø*). No cenário construído para se ‘exotizar’ uma língua, foi preciso, inicialmente, empregar o verbo ‘constatar’, como se a questão se resumisse a uma observação, mais do que a uma argumentação. Foi preciso, ainda, fabricar os termos listados e os períodos de tempo para o percurso de *kalido* a *šø*, em dezesseis séculos. O comentário final sobre a língua exótica nos diz que ela, como as línguas atestadas, também é passível de transformação (*les mêmes remarques s'appliquent ici comme précédemment*). Seis páginas adiante, quando se fala ainda sobre o efeito de ruptura da ligação gramatical que a mudança fonética frequentemente acarreta, encontramos os mesmos exemplos, com ligeira diferença de ortografia (*calidum*):

[...] le phénomène phonétique n'a pas créé deux formes pour une : ce serait contraire à son principe de régularité. **De même pour *calidum* qui est devenu d'abord *tšald* puis *šo*** on peut se demander s'il n'y a pas eu création de plusieurs formes pour une; mais ce n'est pas le cas [...] (ICLG :49) [grifo nosso]

A ortografia diferente sugere que o exemplo esteja em latim, e que *tšald* e *šo* são grafias adotadas por Riedlinger para facilitar a compreensão dos exemplos. Seja como for, em relação ao exemplo exótico *kalido*, as grafias nos mostram a fabricação dos exemplos.

Os outros idiomas, representados também em minoria, participam de *Fonética* em momentos em que a argumentação precisa se apoiar sobre os idiomas para se sustentar. É assim que o **inglês (0,1%)** ‘reforça’, de maneira concisa, outros exemplos de língua, apresentados em latim, alemão e francês: “Nous constaterons également que ce qui était prononcé comme um *w* anglais sonne maintenant comme *v*.” (ICLG:32). O **espanhol (0,2%)** é exemplificado quando Saussure contesta que o princípio do mínimo esforço seja uma causa de mudança fonética, pelo ‘fato’ de que a própria noção de ‘esforço’ varia de língua para língua. Assim, ele exemplifica a relatividade do mínimo esforço com exemplos em latim, indoeuropeu, alemão, eslavo antigo e espanhol [“[...] comme en espagnol quand de *hijo* [...] on a fait *hiço*

[...]” (ICLG:38)]. Por fim, o agrupamento das línguas “**eslavas, iranianas e hindus**”(0,2%), nomenclatura do próprio Curso I, é apresentado como um subgrupo das línguas indogermânicas:

Même pour **la masse indogermanique prise dans son ensemble** on trouve ces germes de différenciation. Ainsi le changement du *k* en *s* inconnu à tout l’occident est commun **aux langues** slaves, iraniques et indoues ; **ces mêmes langues** ont gardé le *k* = *k* **tandis que d’autres** l’ont changé en *kw*.(ICLG:45) [grifo nosso]

As mudanças de *k* para *s* ou para *kw*, assim como conservação de *k* (*k* = *k*), nos são apresentadas com generalidade, sem exemplos de língua, do mesmo modo que os próprios idiomas de que se fala se apresentam reunidos em grupos ‘massificados’ (*la masse, aux langues*), sem precisões como épocas ou dialetos em que tais fenômenos ocorreram. Essa generalidade não impede que se construa um ponto de diferenciação geral entre as línguas (*ces mêmes langues ... tandis que d’autres*), e sabemos que, no Curso I, a possibilidade de construir contrastes e pontos de diferenciação é bastante valorizada. Não podemos deixar de atentar que, o grupo eslavo, iraniano e indiano, este sim pareceria ‘exótico’, aos olhos de Europeus, mais do que propriamente a forma em língua ‘exótica’, *kalido*, de que tratamos há pouco.

No capítulo dedicado à metodologia da dissertação, expusemos os critérios de contagem dos exemplos. Suas repetições foram contabilizadas como exemplos completos, porque assumimos a hipótese de que a repetição teria uma função didática, seja para facilitar a leitura das anotações, a memorização e a própria compreensão do assunto. Nesse sentido, em *Fonética*, o seguinte caso de repetição nos parece expressivo:

- ✓ O par *faber* e *fabrica*, em latim, é repetido em dois trechos, no primeiro para tratar do efeito da mudança fonética sobre a antiga ligação gramatical que os unia, de modo que os exemplos são apresentados em esquema de três linhas, no qual se contrastam latim e francês (ICLG:45). Já a segunda menção ao par é feita de maneira mais compacta, como se ele já tivesse se tornado, no âmbito do curso, um ‘caso consagrado’. O trecho “[...] il y a toujours un couple (par exemple *faber-fabrica*) [...]”(ICLG:49)”, trata das unidades sobre as quais opera a mudança fonética que, para Saussure, *não* produz duas formas a partir de uma, mas acentua as diferenças já existentes, sempre entre duas formas. A mesma

repetição, para tratar dos mesmos assuntos, ocorre para o par, também em latim, *présbiter* e *presbíterum* (ICLG:46,49);

Em *Fonética*, encontramos os seguintes procedimentos de **demarcação** de exemplos de língua:

- ✓ alfabeto grego, que acaba por demarcar, inevitavelmente, exemplos na referida língua (ICLG:40,47);
- ✓ aspas: “C’est dans le cas où « *me* » <n’>était pas accentué qu’il est devenu « *me* » et dans le cas contraire il est devenu « *moi* » ” (ICLG:50);
- ✓ asterisco, redundado por legenda entre parênteses, usado em exemplos reconstruídos: “[...] **vivipăra* (mot restitué) [...] comme **aevitas* [...]” (ICLG:47);
- ✓ dois pontos⁴⁰, precedendo imediatamente a apresentação do exemplo (ICLG:29-55);
- ✓ fontes em itálico, em todas as ocorrências (ICLG:29-55), como em “[...] De même pour *fuisse* que les Latins ont écrit *fuisse* [...]” (ICLG:12);
- ✓ mudança de linha⁴¹, em todas as ocorrências que consistem em blocos de exemplos, ordenados por relação de simultaneidade (dispostos em mesma linha) ou de cronologia (dispostos em linhas diferentes) (ICLG:29-55);
- ✓ parênteses, que contêm ora uma unidade linguística mais familiar para o leitor, como em “*wi (oui)*” (ICLG:43), ora uma unidade linguística maior (*facto, fatto, captivo, cattivo*):

<i>kt (facto)</i>	<i>pt (captivo)</i>	
<i>tt (fatto)</i>	<i>tt (cattivo)</i>	(ICLG:33)

- ✓ sintagmas nominais e adverbiais, que configuram demarcação robusta: *ainsi* (ICLG:34, 36, 39), *comme* (ICLG :29), *dans* (ICLG:33,34), *en nous plaçant devant* (ICLG:50), *par exemple* (ICLG:34,37), *quelques exemples* (ICLG:39);

⁴⁰ Analisados também na função de símbolos, na rubrica ‘Esquematisações’.

⁴¹ Idem.

- ✓ sintagmas nominais e verbais, que configuram demarcação robusta e que apresentam uma fonte enunciativa para o exemplo ou que delimitam sua validade: *l'enfant* (ICLG:41), *dans la conscience de tout le monde* (ICLG:45); *dans le parler local* (ICLG:45), *lat.pop.* (ICLG:45), *récément le mot picard* (ICLG:50), *le parisien* (sic) (ICLG:50);
- ✓ sublinhados, que dirigem a atenção para porções dos exemplos, como em *pouvons:peuvent* (ICLG:51).

A demarcação mais frequente, quase unânime, é feita pelas fontes em itálico. A demarcação robusta merece, ainda, um comentário sobre a representação da fonte enunciativa de alguns exemplos. Marcadores minoritários, como *le mot picard*, *le parisien*, *l'enfant* e *la conscience de tout le monde* apontam para fontes de locutores. Ao mesmo tempo, mais frequentes são as menções a nomes de idiomas que circundam os exemplos de língua, como *ainsi en allemand moderne* (ICLG:53), *empruntés à l'italien* (ICLG:50), *pris dans les grands changements de la Lautverschiebung allemande* (ICLG:33). Essa frequência causa a impressão de que a fonte enunciativa 'é' o próprio idioma, quase personificado, como se 'o alemão' falasse tal coisa, 'o italiano' tal outra.

Os exemplos recebem, ainda, comentários sobre sua pertinência, suas limitações, suas funções na argumentação ou, de maneira mais clara, sobre 'o que se quer dizer com eles':

- ✓ **"Dans ce cas les choses sont ultra simples, mais il en est d'autres** où il y a grand danger à se tromper de quelques années seulement dans l'antériorité ou la postériorité." (ICLG :36) [grifo nosso];
- ✓ **"Par ces exemples toutefois nous n'avons pas voulu opposer une réfutation au pied levé à la solution proposée.** En effet il est très délicat de déterminer dans chaque langue ce qui <était> plus facile et plus difficile." (ICLG :38) [grifo nosso];
- ✓ **"<Enfin, pour citer un exemple qui établit que le principe du moindre effort peut avoir des résultats contradictoires dans des cas identiques, [...]"** (ICLG :39) [grifo nosso];
- ✓ **"[...] le principe final de toute différenciation de dialectes et ensuite des langues est représenté par la différence de changements phonétiques suivant les régions. Nous en avons un excellent exemple** dans la constitution de la langue hollandaise : [...]" (ICLG :44) [grifo nosso];
- ✓ **"Pour préparer l'exemple** il faut remarquer que, en latin, pour des formes comme: [...]" (ICLG :47) [grifo nosso]

A maneira pela qual os exemplos se relacionam com as línguas-objeto pode ser tratada, sabemos, pelo critério da **representação**. Neste quesito, observamos, por um lado, que os exemplos de línguas em *Fonética* representam seus idiomas por compreensão, pelo fato de que as ocorrências são exemplos de um processo que atingiu elementos além delas, elementos ilustrados por elas:

<i>wîn</i>	<i>trîben</i>	<i>lîhen</i>	<i>zît</i>		<i>î</i>
<i>wein</i>	<i>treiben</i>	<i>leihen</i>	<i>zeit</i>		<i>ei.</i>

(ICLG:31)

Embora não se forneçam mais exemplos da transformação evocada, sabemos que *wîn*, *trîben*, *lîhen* e *zît* exemplificam um processo que atingiu o elemento *î*, de modo que o agrupamento das quatro ‘palavras’ pode gerar novos exemplos, caso o professor quisesse ter listado mais alguns da lista não-exaustiva. O que importa, de fato, é que a transformação de *î* para *ei* se torna, para o aluno, uma categoria que poderá vir a ser utilizada em alguma tarefa de análise, com novas ocorrências. Por outro lado, o ‘terreno’ sobre o qual pode se estender a referida transformação é o da língua alemã, e não o de ‘todas’ as línguas, embora *î* e *ei* possam ser elementos presentes em outros idiomas que não o alemão. A fim de ilustrar a ampliação da generalidade dentro do idioma alemão e a respectiva redução de generalidade para outros idiomas, apresentamos a imagem anteriormente citada em um trecho mais extenso:

Si nous prenions des exemples [...] en allemand [...] **dans une période voisine de nous**, nous voyons que **tout** ce qui était *î* est devenu **aujourd’hui** *ei* :

<i>wîn</i>	<i>trîben</i>	<i>lîhen</i>	<i>zît</i>		<i>î</i>
<i>wein</i>	<i>treiben</i>	<i>leihen</i>	<i>zeit</i>		<i>ei.</i>

De même, *û* a donné dans les mêmes limites de temps généralement *au* :

<i>hûs</i>	<i>zû</i>	<i>rûch</i>		<i>û</i>
<i>haus</i>	<i>zaun</i>	<i>rauch</i>		<i>au</i>

De même, si nous prenions l’*ü* nous verrions qu’il est devenu *eu*.(ICLG:31)

A ampliação da generalidade dentro da língua alemã se dá pelo uso constante de exemplos no idioma, pela repetição da locução adverbial *de même*, e pelos advérbios *tout* e *généralement*. Ao mesmo tempo, a redução da generalidade se constrói nas delimitações espaço-temporais

que acompanham os exemplos, com função adverbial (*dans une période voisine de nous, aujourd'hui, dans les mêmes limites de temps*), bem como com o passado perfeito do indicativo (*est devenu, a donné*), tempo verbal que não nos permite prever se as mudanças continuarão em vigor apenas por terem já sido constatadas na língua alemã. Por fim, a possibilidade de se gerarem exemplos sem que estes precisem ser citados é dada pela hipótese final, *si*, que reúne o pretérito imperfeito (*nous prenions*) e o futuro do pretérito (*nous verrions*).

Por fim, pudemos observar os seguintes **tipos** de exemplos de língua no domínio *Fonética*:

- ✓ palavras, unidade além da qual os exemplos não avançam;
- ✓ séries, que lembram a disposição gráfica de paradigmas verbais mas que, efetivamente, misturam verbos e substantivos. Elas apresentam a relação entre termos coexistentes em certo tempo e em certo espaço, ora apenas horizontalmente, como em “*wîn trîben lîhen zît*” (ICLG:31), ora horizontal e verticalmente, como em:

<i>p<u>ou</u>vons</i>	:	<i>pe<u>u</u>vent</i>	
<i>vo<u>u</u>lons</i>	:	<i>ve<u>u</u>lent</i>	
<i>no<u>u</u>veau</i>	:	<i>ne<u>u</u>ve, neu<u>f</u></i>	
<i>doulo<u>u</u>reux</i>	:	<i>doule<u>u</u>r</i>	(ICLG:51)

- ✓ exemplos inventados, como *kalido* (ICLG:43,49);
- ✓ exemplos emprestados a obras, autores ou a compêndios: é o caso dos exemplos em alemão extraídos das *Lautverschiebungen*, para transformações como *î* para *ei*, *û* para *au*, dentre outras (ICLG:31-32), e dos exemplos reconstruídos (ICLG:47);
- ✓ idiomas em relação de exemplo e contra-exemplo: no caso da lei de Verner⁴²(ICLG:35), exemplificada com alemão, o latim é apresentado como portador de uma tendência oposta àquela prevista pela referida lei.

4.4 Organizadores

⁴² Examinada na rubrica das definições.

Foram identificados 5 (cinco) tipos de organizadores em *Fonética*, abaixo listados com seus respectivos usos principais:

- ✓ algarismos arábicos, para ordenar a apresentação do plano do capítulo (“1. Moyens que nous avons de reconnaître les changements phonétiques [...]; 2. Les changements phonétiques [...] ; 3. Les causes de ces changements ; 4. Les effets de ces changements.” ICLG:28); para manter a progressão do tema de acordo com os parágrafos (“§1”, ICLG:28, “§2”, ICLG:30); para ordenar a apresentação de exemplos de língua (“1.cause combinatoire [...] 2. cause spontanée [...]”, ICLG:33); para organizar a apresentação de duplas (“Pour ne pas s’égarer, il faut tenir la main à deux distinctions : 1. [...] 2. [...]”, ICLG:40 e “Il y a deux remarques à faire pour éviter toute confusion: 1) [...] 2) [...], ICLG:46); para organizar comentários feitos após a apresentação de exemplos de língua (“[...] et nous constatons: 1. [...], 2.[...], 3.[...], ICLG:42); em sua versão ordinal, para itens de uma mesma categoria (“1° de l’inexactitude de l’expression [...] [2°] Un autre exemple d’inexactitude consiste à [...] [3°] [...] [4°] Une autre source d’erreur vient de [...], ICLG:34-35); para organizar o próprio Curso I (“Première partie: les évolutions”, ICLG:28);
- ✓ algarismos romanos, para organizar a apresentação de uma sucessão cronológica de exemplos de língua (“I *facio*: *affācio* [...] II *fācio* *affīcio*”, ICLG:55); para ordenar a apresentação de uma sequência relativamente longa (“I^{ère} cause [...] II^e cause ... VI^e cause: [...]”, ICLG:41); para ordenar o capítulo (“Chapitre I Les évolutions phonétiques”, ICLG:28);
- ✓ grafemas latinos, para organizar os efeitos das mudanças fonéticas [“A) dans le temps, et B) dans l’espace”, ICLG:42];
- ✓ parênteses (), para se adicionar nova informação a um tema já abordado {“(ainsi nous dirons d’une écriture qu’elle est phonologique et non pas phonétique)” (ICLG:28)}; para se apresentarem informações redundantes, como um lembrete {“[...] on ne pouvait même pas établir la réciprocité ($\theta = \phi$).” (ICLG:29), “Nous aurions à parler [...] des perturbations des phénomènes phonétiques [...] par les mélanges dialectaux (dans les grandes villes) [...]” (ICLG:36), “§3 (Causes des changements phonétiques) [...]” (ICLG:37)}; para inserir informação secundária, que pode ajudar a compreensão daquilo que vem sendo dito {“[...]dans une série de cas (très peu nombreux), il est vrai [...]” (ICLG:31) e “Si nous

prenions des exemples [...] en allemand (où les phénomènes ne sont pas voilés par l'écriture comme en français) [...]”(ICLG :31), “Puis il arrivera (ce qui est très important) que deux ou plusieurs phénomènes aient [...] la même limite” (ICLG:44)} ; para se comentarem exemplos de língua {“(a devant un i de la syllabe suivante est changé en e [...]”) (ICLG :33)}; para inserir a palavra em que se encontra o elemento que sofre a mudança fonética [“ k (*kartus*) (*kaput*)” (ICLG:33)];

- ✓ sublinhados, para se dirigir a atenção aos elementos em que ocorre mudança fonética [“*pouvons: peuvent*” (ICLG:51), “[...] cet *i* est devenu *e* dans *wittern, gefilde* [...] (ICLG:53)”].

4.5 Esquematizações

Esta seção diz respeito à maneira como os conteúdos ministrados sofrem sucessivas sínteses e compactações ao longo do domínio, juntamente com as definições e os exemplos de língua. Em *Fonética*, o verbo *resumir* aparece em única ocorrência, no modo imperativo, reduzindo o conteúdo ministrado nas oito páginas anteriores:

Résumons: Pour nous il n'existe pas de doublets phonétiques; le phénomène phonétique ne fera qu'accentuer les différences; si elles ne viennent pas de causes extérieures nous arrivons <en dernier lieu> à des circonstances grammaticales qui ne sont nullement dues au phénomène phonétique. (ICLG :50) [sublinhado do autor, grifo nosso]

O trecho retoma a classificação das mudanças em função de suas causas, a questão gramatical contra a fonética, e precisa o papel desta última, o de acentuar diferenças. Prosseguindo com nosso estudo sobre estratégias de síntese em *Fonética*, destacamos um trecho em que a linearidade da anotação escrita é rompida do ponto de vista visual, sem que, entretanto, a linearidade da leitura seja bastante afetada, de modo que o esquema abaixo ainda está bastante integrado à linearidade da exposição oral:

En effet il est très délicat de déterminer dans chaque langue ce qui <était> plus facile et plus difficile. Ainsi dans les cas où

ā	et	ā
<est devenu>		<est devenu>
ā		ā

on peut selon les prédispositions présenter les choses sous une couleur inverse:

[...] (ICLG:39)

Já no trecho que segue, a linearidade é rompida e restituída por comentário que “traduz”, pela conjunção *soit*, o esquema que contém as variáveis *a* e *b*:

N’importe quelle méthode conduira à voir qu’il s’agit de :

a
↓
b

soit du passage d’un élément à un autre dans un temps et un milieu (communauté) déterminés.(ICLG:31) [grifo nosso]

O mesmo processo de rompimento, por esquemas, e de restituição da linearidade ao texto se apresenta no seguinte trecho:

Mais si au lieu de dire « *s* intervocalique devient *r* en latin » on dit « *s* intervocalique est devenu *r* en latin » immédiatement on est reporté à une époque (Ive siècle avant J.Ch.) où

causa r̄isus positus
étaient
caussa r̄issus po-situs

(pas d’*s* intervoc.!) (pas d’*s* intervoc.
dans le mot simple!)

et tout s’explique. (ICLG:36) [grifo nosso]

Neste caso, a conclusão, linearizada, preza pela concisão (*et tout s’explique*), diferentemente do papel explicativo da conjunção *soit*, no trecho anterior. Mais ainda, é como se proferir corretamente a mudança de *s* para *r* em latim (*s intervocalique est devenu r en latin*) demandasse ter em mente o esquema acima exposto. Mais adiante, encontramos um trecho em que os símbolos do esquema parecem explicar a questão mais do que os próprios sintagmas que os circundam:

A) effet fréquent : rupture du lien grammatical

Le lien grammatical qui unissait deux mots cesse d'exister par conséquence directe du phénomène phonétique. Nous voyons cette conséquence dans des exemples comme ceux-ci:

faber ~ fabrica
 | (faürdze)
fèvre // forge

Un mot et ce qui dans la conscience de tout le monde est son dérivé deviennent, chacun étant abandonné aux vicissitudes phonétiques, des mots séparés.(ICLG:45) [sublinhado do autor, grifo nosso]

Os sintagmas que precedem os exemplos de língua anunciam aquilo que será exemplificado: o processo de ruptura da ligação gramatical. Dentro do esquema, vemos a afinidade entre *faber* e *fabrica* ser representada por ~, afinidade esta que não se mantém entre *fèvre* e *forge*, transformações fonéticas de cada uma das palavras iniciais, como indica a barra vertical. Como vemos, a ruptura é representada por //. O comentário que segue aos exemplos apenas repete a questão da ruptura (*deviennent ... des mots séparés*), através da experiência do falante (*dans la conscience de tout le monde*). Desta forma, vemos que os símbolos encontrados em *Fonética* participam do processo de esquematização dos conteúdos. A tabela abaixo lista e descreve os símbolos mais frequentes do domínio:

Quadro 9 Símbolos no domínio *Fonética* (18)

Uso Geral	Nome Adotado	Símbolo Original	Usos Particulares
Representam e/ou dão destaque aos elementos que sofrem mudanças fonéticas	alfabeto	<i>p , ð</i>	ocorrências utilizadas na exposição sobre a lei de Verner (ICLG:35,36).
	barra vertical		destaca, à esquerda ou à direita, os elementos que sofrem a mudança fonética dentro de uma série de exemplos (ICLG:31)
	grafemas latinos	<i>a , b , c</i>	usados como variáveis, representam a generalidade dos elementos que sofrem mudanças fonéticas (ICLG:29).
	hífen	-	separa, dentro de uma palavra, elemento sobre o qual incorre a mudança fonética, como em “ <i>ur-laub, ur-teil</i> ” (ICLG:50)
	Parênteses	()	apresenta a palavra dentro da qual algum elemento sofre mudança fonética, como em “ <i>tt (fatto)</i> ” (ICLG:33)
Representam a	barra vertical		conecta o elemento inicial e o elemento final de uma mudança fonética (ICLG:33)
	barras verticais		limitam, no espaço interior, e separam duas mudanças fonéticas, colocando-as em paralelo, sem interferência mútua (ICLG:29)
	colchete	}	combinado com o numeral 1, colocado à sua direita, enfatiza que cada um dos elementos listados à sua

sucessão dos elementos, sua transformação cronológica	dois pontos	:	esquerda é uma unidade em certo tempo, ou seja, que não se trata de uma forma que originou várias, mas de várias formas que se transformaram (ICLG:49).
	flecha horizontal	→	em uso pouco frequente, colocam os elementos em uma relação de transformação, da esquerda para a direita, como em “ <i>λυπα̃: λυπη</i> ” (ICLG:36)
	flecha vertical	↓	mostra o elemento inicial, à sua esquerda, e o elemento final, à sua direita (ICLG:30,31)
	Numeral	1	mostra o elemento inicial, acima, e o elemento final, abaixo (ICLG:34)
	pontilhado horizontal	-----	ênfata que cada elemento é uma unidade dentro de uma mudança, de modo que cada forma sofre uma mudança em certo tempo e em certo espaço (ICLG:49)
			coloca um fim para um processo de mudanças. É encontrado abaixo de listas verticais de elementos em transformação (ICLG:36)

Representam a simultaneidade dos elementos, sua oposição contemporânea	barra oblíqua dupla	//	coloca os exemplos de língua em relação de ruptura gramatical, como em “ <i>fèvre//forge</i> ” (ICLG:50)
	barra vertical		coloca os exemplos de língua em relação de ruptura gramatical parcial, como em “ <i>comes~comitem baro~baronem</i> ” (ICLG:46)
	dois pontos	:	coloca os exemplos de língua em relação de alternância, contrastando elementos, como em “ <i>pouvons:peuvent</i> ” (ICLG:51)
	Equivalência	=	usado uma única vez, coloca termos que evoluíram em diferentes épocas e espaços em relação de igualdade (ICLG:29)
	Til	~	coloca os exemplos de língua em relação de afinidade, ou presença de ligação gramatical, como em “ <i>faber~fabrica</i> ” (ICLG:45)

No exemplo abaixo, inserido no tema das correspondências fônicas entre latim e grego, a passagem dos elementos *a* e *b* do sentido horizontal para o vertical não é simplesmente uma maneira de repetir aquilo que já foi dito:

[...] on fut amené à reconnaître non pas des changements phonétiques <dans un même idiome> mais des correspondances phonétiques d’un idiome à l’autre [...] on ne pouvait pas même établir la réciprocité [...] Ce qui donna la clarté à ces correspondances ce fut de les considérer comme le résultat de changements dans le temps et non comme équation d’éléments de nature différente, **ce fut de transformer les équations $a=b$ et $a=c$ en expressions comme :**

$$\left| \begin{array}{c} a \\ \downarrow \\ b \end{array} \right| \left| \begin{array}{c} a \\ \downarrow \\ c \end{array} \right|$$

(ICLG:29)

Pelo contrário: a comparação entre idiomas em épocas diferentes demanda uma representação diferente da equação linear $a=b$ e $a=c$. O fator tempo, desse modo, é representado verticalmente, e os idiomas se tornam variáveis nas equações. Eles aparecem apenas após o raciocínio ter sido efetuado, como veremos na próxima página.

$$\left| \begin{array}{c} d \\ \downarrow \\ t \end{array} \right| \quad \left| \begin{array}{c} d \\ \downarrow \\ d \end{array} \right|$$

germain latin (ICLG:30)

As barras verticais isolam os fenômenos em questão, representando uma forma por tempo e por espaço. As flechas, por sua vez, passam a registrar a passagem de uma época a outra, ao passo que o sinal de igualdade ilustrava uma equivalência em ‘todos’ os tempos e espaços, por assim dizer. O mesmo sinal, combinado com algarismo arábico convertido em número de quantidade una, é encontrado com exemplos de língua:

$$\left. \begin{array}{l} calidum = 1 \\ tsald = 1 \\ so = 1 \end{array} \right\} \text{ par époque} \quad (\text{ICLG:49})$$

A igualdade estabelece que, a despeito das transformações, havia uma unidade em cada época.

Observamos, em mais um caso, a variação entre linearidade e esquematização. Os elementos latinos *făcio* e *afficio* são um par de exemplos que se repete na discussão sobre a possibilidade de ser convertido em lei o processo, atestado, de transformação de *ă* em *ĩ*. Em caso afirmativo, seria preciso, ainda, julgar se a lei é fonética ou gramatical. As primeiras informações para que cheguemos a uma resposta se encontram resumidas no trecho a seguir:

[...] 1) **il y a toujours un couple** (par exemple *faber-fabrica*) et 2) **le changement phonétique ne fait qu’accentuer a différence des deux termes du couple, il ne peut pas créer le couple**. On pourrait dans beaucoup de cas <être tenté de> croire le contraire. (ICLG :49) [grifo nosso]

No primeiro trecho em que aparecem, *făcio* e *afficio* são precedidos pelo uso de dois pontos como marcadores tipográficos, e pelo nome do idioma, *latim*. Os vocábulos, em itálico são colocados em contraste através de dois pontos, desta vez símbolos do contraste simultâneo, de modo a formarem três linhas:

En latin:

fácio : *afficio*
amicus : *inimicus*
rapio : *arripio*

(ICLG:53)

A observação desses exemplos, segundo o professor, não nos permite concluir que se trata de um caso de alternância, em que oposições fônicas guardam informações gramaticais. No Curso I, embora ela seja apresentada como um dos efeitos das mudanças fonéticas, a alternância é considerada um fenômeno gramatical, no sentido de que é a composição de palavras que está em jogo e que o fonetismo que enxergamos nos referidos exemplos é apenas um traço visível do processo gramatical, que não se limita ao domínio da fonética. Assim, teríamos uma lei gramatical.

Para pôr à prova a série de exemplos latinos que inclui *fácio-afficio*, recorre-se à língua alemã. Antes da série acima destacada, apresentam-se seis exemplos em alemão no mesmo formato do agrupamento em latim: três linhas, dois pontos, mas os elementos em observação são *a* e *ä*. Passa-se à referida sequência em latim, após a qual alguns dos exemplos em alemão são retomados para justificar a recorrência da alternância para além do latim em si: “Ainsi pour *Länge, Härte* etc” (ICLG:54). É assim que os exemplos em alemão, datados de época provavelmente muito posterior aos latinos, confirmam a regularidade do processo de alternância, de maneira que a força argumentativa do exemplo não depende de sua data. Mais adiante, encontramos uma sequência em que a linearidade é rompida com séries paralelas destacadas do corpo do trecho, e logo retomada, com comentários ao mesmo trecho:

Le cas de *facio* est aussi réductible à une loi phonétique, cf.

fácio : *afficio* avec *Agragant*
 ...grī...
pāter : *Iupiŕ* *māchāna*
 māchīna (ICLG:54)

Facio é novamente inserido em séries paralelas em que ocorre o mesmo fenômeno de alternância. Os exemplos em estudo são retomados linearmente no comentário que segue às referidas séries:

Dans *facio-afficio*, [...] on peut dire encore maintenant que « *ä* de *fácio* ou de tout autre mot » placé entre deux syllabes **permute** avec *ĩ* ». L’essentiel est de savoir de quelle loi il s’agit dans **tous les cas** où « *ä* ... permute avec <devient> *ĩ* » [...] **Ce disant, ai-je formulé une loi phonétique ou d’alternance grammaticale ? Impossible de le dire et c’est pourquoi cette formule courante est mauvaise** [...] Il n’y a pas d’alternance il est vrai

sans phénomène phonétique mais **pour <être> expliquée elle demande deux formules.**

(ICLG:54,55) [grifo nosso]

A retomada de *fácio* e de *afficio* neste pequeno trecho já permite com que uma generalidade se apresente, através do *ã* para *tout autre mot*, para *tous les cas*, e do uso do presente do indicativo para se enunciar uma possível lei. Em seguida, Saussure insiste em perguntar se estamos diante de lei fonética ou lei de alternância gramatical. Uma vez que a questão já foi respondida, perguntamo-nos se tal repetição traria algo de diferente ao assunto.

O trecho que vai de “Impossible de le dire” a “elle demande deux formules” nos informa que a insistência se volta, no momento, para uma crítica à terminologia, que tem por alvo o sintagma *ã ... permute avec <devient> ĩ*, enquanto que, nas citações iniciais de *fácio-afficio* e dos exemplos em alemão ela participava do processo de simplesmente fazer ver uma regularidade. Trata-se, logo, de exprimir tal regularidade *com clareza*, ou seja, é preciso abandonar a fórmula anterior em favor de *duas* outras. Como veremos, as novas fórmulas são chamadas *quadrilatère*. Elas rompem com a linearidade das anotações e se apresentam em um esquema dividido por fases temporais (I e II):

Pour être clair il faut se servir du quadrilatère :

(ICLG :55)[grifo nosso]

O trecho condensa diversos detalhes. O “quadrilátero” retira da linearidade horizontal a maneira de se enunciar uma lei fonética. O fenômeno passa a ter por unidades ‘formas’ e é dividido em uma ‘esfera’ anterior, sem alternância (I), e uma ‘esfera’ posterior, com alternância (II). O sublinhado e a flecha dirigem a atenção para a transição de I para II.

Os pontilhados horizontais separam, por um lado, os dados atestados (I e II) e, por outro, a generalidade teórica que será feita a partir deles, a começar por uma ‘primeira fórmula’, em que as formas *ã* e *ĩ* estão isoladas e ‘contextualizadas’ pela posição na sílaba (*en 2^e syllabe*).

Passa-se à ‘segunda fórmula’, em que os exemplos são retomados e novamente inseridos em um sintagma verbal linear (*fãcio:afficio ... loi d’alternance ...*).

Capítulo 5 / Analogia

A análise do domínio *Analogia* estabeleceu 21 (vinte e uma) definições, 1296 (mil duzentos e noventa e seis) exemplos de língua, 5 (cinco) estratégias de organização e 15 (quinze) símbolos que participam de processos de esquematização. Assim como *fonologia* e *fonética*, o termo *analogia* está presente, no Curso I, desde a seção das Preliminares (ICLG:9):

De même en français l'inconséquence d'écrire le son **oua:oi** vient-elle d'une distribution fôlatre des lettres ? Point du tout ; [...] **analogue** pour **ai** :

analogue pour *ai*:

<u>Son</u>	<u>Ecriture</u>
<i>maïson</i>	<i>maïson</i>
<i>meson</i>	<i>maïson</i>

ai = *e* d'où résulte la notation absurde
e = *ai* = *è* = *ê*

(ICLG:9) [grifo nosso]

Usado como advérbio, contrariamente aos dois primeiros termos, *analogia* não aparece em acepção técnica antes do capítulo efetivamente a ela dedicado (“Chapitre II, Changements analogiques”, ICLG:55). Como vemos, o termo é inserido na discussão sobre ortografias, para conectar duas séries de exemplos em francês; a primeira, sobre a grafia *oi*, a segunda, sobre *ai*.

5.1 Resumo do conteúdo temático

O capítulo segundo, chamado “Changements analogiques” (ICLG:55), apresenta a sequência dos seguintes subtítulos : *Analogie, principe général des créations de la langue* (ICLG:63-66), *Le classement intérieur* (ICLG:66-72), *Préfixes* (ICLG:72-75), *Racines* (ICLG:75-97) e *Rôle conservateur de l'analogie* (ICLG:97-104). Em linhas gerais, o percurso anotado por Riedlinger se inicia com o distanciamento da ideia de *transformação* em relação ao conceito de *analogia*, cujo mecanismo criador é detalhado pelo professor. Em seguida, fala-se do mecanismo de classificação, involuntária, dos elementos linguísticos herdados das gerações anteriores com que o falante opera para realizar, na fala, as criações analógicas. Passa-se ao exame de subunidades da palavra, como prefixos e raízes, elementos que participam das criações analógicas no âmbito da percepção sincrônica do falante. A última seção do capítulo

trata da maneira pela qual a analogia conserva as formas que a língua proporcionou. Por fim, o capítulo se encerra com uma proposição de organização do campo da história da língua.

Saussure começa o capítulo com o que chama de “parte negativa da tarefa” (ICLG:63), qual seja a de mostrar que as mudanças analógicas, contrariamente às fonéticas, não são transformações de uma mesma forma, mas criações de formas em relação de concorrência com aquelas em que se inspiraram. O professor afirma que as mudanças analógicas unificam as diferenças provocadas pelas mudanças fonéticas, em um trabalho que vai de encontro às últimas. O termo *analogia* foi tomado emprestado à gramática grega, domínio que se opunha a *anomalia*. Uma forma analógica é definida como uma forma criada à imagem de outra, processo de teor psicológico (ICLG:56), de modo que a forma inspiradora pode vir a cair em desuso, mas não necessariamente. Ilustrando a maneira pela qual o falante opera em suas criações, a chamada “fórmula da quarta proporcional” representa o mecanismo da analogia. Assim, uma forma considerada historicamente “errada” encontra sua lógica no processo analógico. Saussure propõe como primeiro exemplo do capítulo uma forma creditada às crianças em seu processo de aprendizagem: o infinitivo do verbo *venir*, supostamente dito “viendre” por elas:

Les enfants dans leur langage disent «viendre» par analogie de

éteindrai : étendre

craindrait : craindre etc. [...] (ICLG :56)

Nessa introdução ao assunto, são apresentados exemplos em francês, latim, alemão e grego, em que se procura distinguir, em cada ocorrência, a parte de mudança devida à fonética da parte que diz respeito à analogia. A “verdadeira natureza” (ICLG:63) da questão consiste, entretanto, em compreender que a analogia é uma criação, e não uma transformação. A criação reside no fato de que a forma inspiradora da analogia não participa em presença do ato criador. É preciso que o falante se esqueça, momentaneamente (*une sorte d’oubli momentanée*, ICLG:61), da forma já disponível para que, apoiado em formas já análogas, crie uma nova forma. A aparência de sucessão, de transformação de uma forma a outra acontece quando a forma mais antiga desaparece no uso.

A analogia é, pois, um fenômeno psicológico, não intencional, supõe um esquecimento momentâneo do falante; ao mesmo tempo, ela precisa de sua consciência, no que diz respeito

a compreender relações entre formas e ideias, inseparáveis. É nisto que reside o caráter gramatical da analogia, no entendimento do Curso I. A atividade criadora da analogia é comparável a qualquer criação artística, no sentido de que se trabalha, em ambos os casos, com recombinações de formas legadas pelas gerações anteriores. Uma forma analógica passa a compor o inventário de formas de que cada falante dispõe quando é “improvisada” (ICLG:65) no âmbito da fala, em que a organização pela linearidade se impõe. Em seguida, caso a nova forma seja usada em uma frequência suficiente para provocar uma impressão durável no falante (ICLG:65), ela passará a integrar seu repertório linguístico. A organização desse repertório, chamada de classificação interior, não obedece à linearidade da fala, mas antes procede por associação, de formas a formas, ideias a ideias, formas a ideias, sem que haja, em momento algum, a separação entre forma e ideia (ICLG:66).

O professor assinala que o par língua (*langue*) e fala (*parole*) é uma oposição proveitosa para estudar a analogia, pela clareza com que apresenta o mecanismo criativo. Ele observa, ainda, que enxergar tal oposição no indivíduo oferece comodidade para o estudo do tema. É assim que o docente organiza os conceitos no que chama de duas *esferas*, a da língua e a da fala.

A primeira esfera, particularmente individual, é um repositório inconsciente de formas pensadas e conhecidas pelo pensamento, com atuação classificatória das formas que a fala consagrou. A organização procede por associação, processo que compreende: a aproximação de formas em nome de uma comunhão parcial de suas formas e sentidos; a separação daquilo que é constante daquilo que se modifica, ou seja, a “fixação do valor” (ICLG:67); a aproximação entre as diferenças, etapa que informa o falante sobre a ordem dos elementos, não apenas sobre quais elementos estão disponíveis para ser combinados. Nesse sentido, a classificação é um tipo de sintaxe, compatível com a frase. Em resumo, é pelo contraste entre as porções que mudam e aquelas que permanecem que o falante toma consciência das unidades linguísticas. A segunda esfera, social, possui uma ordem linear, diferente da ordem “intuitiva” da língua (ICLG:70). A formação analógica é instantânea, pelas necessidades da fala, mediante a comparação, pela língua, dos elementos diferentes e semelhantes.

Os gramáticos realizam suas classificações pelo mesmo método com que opera a consciência do falante ordinário, a confrontação de séries. Entretanto, eles fazem uma síntese da consciência dos falantes em diferentes épocas, ao passo que o falante em si não tem acesso

aos estados de língua de suas gerações anteriores. A percepção das porções divisíveis em uma palavra varia ao longo do tempo. Em latim, por exemplo, o professor comenta que um Autor ‘passou’ a formar palavras com o sufixo *-onalis* em lugar da subunidade então em voga, *-alis* (de *meridialis* para *meridionalis*, a partir da adoção de *septentrionalis* como modelo, ICLG:60). Nesse sentido, as subunidades das palavras, como os prefixos e as raízes, apesar de serem nomenclaturas propostas por gramáticos, têm existência na consciência dos falantes na medida em que se atestam suas criações analógicas e se pode monitorar o quão produtivas elas são pela criação de palavras.

O curso trata os prefixos como unidades abaixo da palavra que se localizam sempre a sua frente e que não podem ser usadas sozinhas. Sua classificação como prefixos independe, ademais, de origem popular ou erudita. Já as raízes são os elementos sem os quais a palavra perde sua unidade. O professor comenta que o termo é apropriado quando se pensa que a raiz de um vegetal tem funções específicas, diferentes das de outras partes do ser vivo, mas que o vocábulo passa a ser inapropriado quando entendido como a origem de alguma coisa. O nível de saliência das raízes para os falantes varia bastante de uma língua a outra, mas há pelo menos dois fatores que favorecem o sentimento de raiz para os falantes de certo idioma. O primeiro é o que chama de aspecto exterior da partícula. Em alemão, por exemplo, muitas raízes costumam ser monossilábicas, do mesmo modo que, em línguas semitas, o radical costuma conter três consoantes. O segundo fator que favorece, para o falante, a percepção da raiz, é a diversidade regrada, chamada de *alternância*.

Todas as subunidades da palavra podem sofrer alternância, mas a língua alemã, novamente, possui uma série de casos próprios consagrados, nomeados *Ablaut*, em que é a variação vocálica na raiz que está diretamente ligada ao sentido das palavras. Em francês, por exemplo, não se tem a mesma facilidade de reconhecimento. A própria unidade da raiz, por sua vez, pode ser decomposta, embora não todas as vezes, em radical e sufixo, cujas definições são relativas uma a outra. O professor comenta que, em termos de tendência, o radical é propenso a ser diminuído em favor do elemento formativo, quando não anexado a este, no caso de radical com terminação vocálica.

Saussure propõe um contraste que julga ser “pleno e perfeito” (ICLG:93) para a compreensão da analogia. Ele a compara com o outro processo de formação de palavras, o da aglutinação.

A analogia se forma com elementos que não são palavras, mas suas subunidades, em uma composição, enquanto que, a aglutinação, reúne duas palavras então independentes, na mesma ordem da frase, em justaposição. Se o contraste pretendeu ser elucidativo, permanece, ainda, diz o professor, o grande debate de conseguir precisar, diante de uma formação, qual dos dois casos a formou. Riedlinger anota mais um contraste, que exclui a etimologia do campo das mudanças analógicas. A etimologia – ‘popular’ – é entendida como uma deformação de palavras, no sentido de que o falante precisa da forma que o inspira para propor nova forma, ao passo que a analogia precisa do esquecimento da forma inspiradora para ser criada.

Como efeito geral, a analogia produz grandes modificações no tesouro que a língua organiza, mas exerce, ao mesmo tempo, papel conservador. Uma forma pode ficar impermeável a mudanças caso se encontre isolada mas, caso se encontre em um entorno de análogos, ela pode ser, do mesmo modo, preservada. O capítulo se encerra com uma observação sobre o termo *história da língua*. Saussure diz que essa área poderia ser desmembrada em dois campos, o diacrônico, preocupado com o estudo de estados de línguas sucessivos uns diante dos outros, e o sincrônico, dedicado aos fatos de língua em um mesmo estado (ICLG:102). Dentro do campo diacrônico, o professor distingue dois pontos de vista: o analítico (ou retrospectivo), quando se parte de estado posterior rumo ao anterior. Esse ponto de vista é exemplificado por pesquisas como a procura do correspondente de fonema de uma língua moderna em uma língua morta. O ponto de vista sintético, por sua vez, sinônimo de prospectivo, parte de estados anteriores para posteriores, como uma pesquisa sobre a fortuna de determinado som em uma língua morta até uma língua moderna. Por fim, o campo diacrônico é apresentado em suas componentes: as mudanças fonéticas, as criações analógicas e os chamado fenômeno patológico da etimologia, por misturar os pontos de vista analítico e sintético (ICLG:102).

5.2 Definições

A saliência dentro do conteúdo temático de *Analogia* foi o primeiro critério que adotamos para selecionar alguns dos termos submetidos à análise de definições. Nesse sentido, a relevância de *analogia*, *transformações*, *mudanças*, *criações* e *formas analógicas*, por exemplo, é autoexplicativa.

Do mesmo modo como procedemos nos domínios anteriores, outros termos, menos prioritários, passaram a ser contemplados na análise, pela possibilidade que apresentam de ser organizados em relações que vão dos saberes epilinguísticos para os metalinguísticos, relações essenciais para nossa preocupação com o contexto de ensino da Linguística Geral. Foi assim que o termo *existir*, cujos detalhes serão expostos oportunamente, ganhou importância nas definições. Ele possui, no Curso I, estreita relação com o sujeito falante.

O segundo motivo que nos levou a analisar termos aparentemente menos relevantes foi sua pertinência didática, a exemplo de *aglutinação*, definido como um processo de formação de palavras incompatível com o tema do capítulo, a analogia, mas que, justamente por conta dessa diferença alegada, proporcionaria um contraste “pleno e perfeito” entre os termos (ICLG:93).

O quadro a seguir dispõe os 21 termos selecionados em dois blocos que, sabemos, estão em relação de continuidade, de modo que o mais importante não foi a categorização fixada, mas a organização de uns em relação aos outros, segundo o princípio da convivência dos saberes epilinguísticos e metalinguísticos. À esquerda, dispusemos os termos que consideramos mais próximos do saber epilinguístico (Cf. Capítulo 1) e, à direita, aqueles mais afeitos ao saber metalinguístico.

Veremos que o primeiro bloco apresenta *criação* e *fala* como conceitos próximos à experiência do sujeito falante, embora *fala*, saibamos, seja um conceito formulado por Saussure. Por esse motivo, deslocamos *fala* para a direita. Como optamos por insistir em sua relação com o sujeito falante, mantivemo-la no pólo epilinguístico, o que é discutível, sabemos. Após a apresentação do quadro, faremos breve comentário explicativo das demais relações e prosseguiremos com a análise de cada um dos termos.

Quadro 10 Definições analisadas em *Analogia* (21)

Termos próximos ao saber epilinguístico		Termos próximos ao saber metalinguístico	
criação	fala	analogia	
		mudanças analógicas	
		transformações analógicas	
		criações analógicas	
		formas analógicas	
		formas engendradas	
		formas engendrantes	
<hr/>			
análise subjetiva		análise objetiva	
existir		classificação interior	
associação		fórmula da quarta proporcional	
	língua	gramatical	
		valor	
		aglutinação	
		campo diacrônico	
		campo sincrônico	

O falante cria palavras no ato do uso da linguagem, na fala, de maneira “instantânea” (ICLG:65) e segundo uma ordem linear, sem acesso aos estados linguísticos que o precederam. Entre *mudanças*, *transformações* e *criações analógicas*, o processo de criação do falante é designado, metalinguisticamente, como *analogia*, representado, ainda, pela *fórmula da quarta proporcional*, e não por paradigmas e declinações tal como tradicionalmente são propostos por gramáticos. A *analogia* é inserida em um processo de *formas engendrantes* e de *formas engendradas*, ou *formas analógicas*.

Os termos classificados como próximos ao saber epilinguístico, no segundo bloco, tratam da limitação do falante sobre seu passado linguístico (*análise subjetiva*), do processo pelo qual a língua se organiza no indivíduo (*associação*), e da maior ou menor impermanência das unidades com as quais o falante conta para criar suas palavras (*existir*). No pólo dos saberes metalinguísticos, encontramos tanto a *análise objetiva*, tarefa do gramático que consiste em sintetizar as maneiras de se dividirem as palavras ao longo de gerações de falantes, quanto os próprios processos de associação, no indivíduo, estudados como uma *classificação interior* individual de base *gramatical*. O mecanismo de classificação individual é a *língua*, um repositório que fixa o *valor* de formas criadas na *fala*, consagradas pelo uso. Por fim, A linguística evolutiva, como campo de estudo, se organiza em *diacrônica* e *sincrônica*,

segundo estuda as sucessões de estados linguísticos ou se concentra nos fatos linguísticos em um mesmo estado.

Criação (*création*)

[...] En réalité, **c'est une création, un paraplasme, l'installation d'un concurrent <à côté d'une forme>**. [...] (ICLG:61) [grifo nosso]

[...] **quand on parle de création** il ne s'agit pas de création ex nihilo: [...] L'activité créatrice ne sera qu'une activité combinatoire, **c'est la création de nouvelles combinaisons**. Mais une combinaison faite avec quels matériaux ? (ICLG :90) [grifo nosso]

O primeiro trecho aproxima, pelo mecanismo das vírgulas, dois termos de *criação*. A informação de que *criação* é um *paraplasma*, termo mais metalinguístico do que o de criação, configura *definitio rei essencial*, ao passo que o sintagma *l'installation d'un concurrent à côté d'une forme* mostra aquilo que *criação* 'faz', o que configura *definitio rei funcional*. Já no segundo trecho em destaque, o termo é apresentado com *definitio nominis funcional*, pelo verbo de dizer (*on parle*) que focaliza maneira de enunciar o termo e, quanto ao conteúdo, ele dirige a atenção para aquilo que ela "faz". No caso, são as combinações que a analogia cria, a partir dos materiais previamente decompostos e classificados pela língua, mecanismo involuntário do falante.

Fala e língua (*parole, langue*)

Il faut [...] se mettre en face de **l'acte de la parole** pour comprendre <une> création analogique. [...] Pour que cette forme pénètre dans la langue il faut que 1. quelqu'un l'ait improvisée et 2. Improvisée **à l'occasion de la parole, du discours** [...] (ICLG :64-65) [grifo nosso]

Cette opposition de langue et de parole <qui> nous est mise ici dans la main [...] **est très importante par la clarté qu'elle <jette dans> l'étude du langage**. On pourra [...] distinguer presque tangiblement **ces deux sphères : langue et parole** :

Tout ce qui est amené sur les lèvres par les besoins du discours et par une opération particulière : c'est la parole.

Tout ce qui est contenu dans le cerveau de l'individu, le dépôt des formes <entendues et> pratiquées et de leur sens : <c'est> la langue. (ICLG:65) [grifo nosso]

<la langue> passe son temps à interpréter et à décomposer ce qui est en elle, de l'apport des générations précédentes – c'est la sa carrière ! –

pour ensuite avec les sous-unités qu'elle a obtenues combiner de nouvelles constructions.[...] La langue recompose <dans la mesure où> elle décompose (ICLG :90) [grifo nosso]

A apresentação conjunta dos termos *fala* e *língua* é um recurso que nos parece didático, cujo efeito pretendido seria a clareza (*cette opposition de langue et de parole ... est très importante par la clarté ... langage*), metaforizada em duas *esferas*. A *fala* ocorre, primeiramente, no sintagma *acte de la parole*, o que pode configurar *definitio rei essencial*, pois estabelece que a *fala* é uma atividade, um ato. Mais adiante, os sintagmas *à l'occasion de la parole*, *du discours* expandem o sintagma inicial, com o mesmo tipo de definição, praticamente colocando *fala* como sinônimo de *discurso*. A metáfora das esferas confere uma base de comparação entre *língua* e *fala*, cujas definições são construídas de maneira semelhante no último trecho destacado, com o sintagma de generalidade *tout ce qui est* que apresenta *definitio rei formal*, que caracteriza os termos antes de nomeá-los efetivamente, após os dois pontos. A *língua* recebe, ainda, no último trecho, *definitio rei funcional*, que descreve seu “agir”.

Analogia (*analogie*)

Tou<tes> les <modifications normales de la langue qui ne viennent pas du changement>phonétique <sont des effets de> l'analogie. Ce terme <“d'analogie”> est emprunté à la grammaire grecque (opposé à anomalie).(ICLG:55,56) [grifo nosso]

No primeiro período da citação, identificamos *definitio rei funcional*, pois compreendemos que *analogia* ‘realiza’ efeitos. Tais efeitos são chamados *modificações* que, no caso, não provêm da fonética. Em seguida, o termo é brevemente comentado enquanto tal, o que configura, quanto ao objeto definido, *definitio nominis*. O que nos interessa efetivamente, entretanto, é completar sua definição quanto ao conteúdo. O trecho propõe que *analogia* não é *anomalia*, o que resulta em *definitio nominis essencial*, mesmo com a negação.

Mudanças, criações e transformações analógicas (*changements, créations, transformations analogiques*)

Le résultat le plus général du changement phonétique est une action différentiatrice, [...] <Nous verrons que> les changements analogiques sont

unificateurs et travaillent à l'encontre des <changements phonétiques>.
(ICLG:55) [grifo nosso]

No início do domínio, o termo *mudanças* permite a comparação entre analogia e fonética. A mudança analógica é apresentada por aquilo que realiza, a unificação e o trabalho de encontro ao do fonetismo. É nesse sentido que o termo é apresentado em *definitio rei funcional*. Mais adiante, a pergunta retórica que abre o trecho a seguir informa que será feita distinção entre *mudanças* e *criações*:

Devons-nous parler de changements analogiques ou de créations analogiques ? C'est un drame à trois personnages :

1. le type transmis <jusqu'alors>, héréditaire, légitime
2. le concurrent
3. un personnage collectif : les formes qui ont engendré le concurrent

Quand on parle du changement analogique de *honos* en *honor* on <considère> *honor* <comme> une modification du type légitime *honos*. <Celui-ci **aurait fourni** la substance principale de son concurrent et il lui **reviendrait** la plus grande part de paternité; *honor* **serait** un métaplasme de *honos*> ! <Or> la seule forme qui ne soit pour rien dans la génération de *honor* <c'est **justement** *honos*>. [...]

Si nous allons au fond du processus psychologique qui amène [...] le type *honor*, **il est certain que** la condition fondamentale de cette création est l'oubli <momentané> de la forme légitime existant jusqu'alors. La forme héréditaire **est** la seule qui ne participe pas à la formation du nouveau type. <**On ne peutparler de transformation** <puisque la première forme est absente dans la conscience au moment où s'opère cette soi-disant transformation>. **En réalité, c'est** une création, un paraplasme, l'installation d'un concurrent <à côté d'une forme>. [...] (ICLG:61) [grifo nosso]

No extenso trecho acima, observamos que o professor não revela todo o conteúdo de uma vez. O termo *mudança* vai sendo progressivamente abandonado em favor de *modification*, *génération*, *création*, *formation* e de *transformação*, este último descartado tão logo foi mencionado. O modo como *transformação* é inserida no trecho não permite a classificação em *rei* ou *nominis*, porque o sintagma que o acompanha (*puisque la première forme ... soi-disant transformation*) informa uma condição que *não* configura uma *transformação*, qual seja, a ausência da forma que inspirou a analogia. O termo *criação*, em *definitio rei essencial* (é um paraplasma) e *funcional* (instala um concorrente), analisado em primeiro lugar neste capítulo, se especializa na analogia, sem que possa ser associado a eventual “outro tipo” de criação.

Vemos, ainda, que todo o trecho organiza a resposta à pergunta retórica inicial com a metáfora do enredo e de seus personagens e com a retomada de exemplos em latim que já

havia sido comentados no início do domínio. Neste trecho, entretanto, o caso de *honos* e de *honor* é empregado na construção de dois raciocínios, o primeiro “errado”, o segundo “correto”, sem que o saibamos de antemão, como sugere o uso do presente do indicativo para “descrever” o primeiro dos raciocínios, no sintagma *quand on parle du changement analogique ... on considère ... honos*, que virá a ser considerado “errado”. A partir do uso do futuro do pretérito⁴³, da conjunção *or* e do advérbio *justement*, a imprecisão do raciocínio passa a ser mostrada, e sua “correção” se dá com o sintagma *Il est certain que*, com o presente do indicativo e com a locução *en réalité*.

Formas analógicas (*formes analogiques*), engendradas e engendradas (*engendrées, engendrées*)

Une forme analogique est une forme créée à l'image d'une autre. [...] C'est une création librement faite par l'esprit d'abord et par la langue ensuite.> [...] (ICLG :56) [grifo nosso]

Il y a donc différentes espèces d'unités, <la forme engendrée et les formes engendrées.> Il faut remarquer que la forme engendrée je trouve [...] On pourrait appeler la nouvelle forme : forme évoquée (<suscitée> réellement par la parole, par le besoin) et les autres évocatrices. (ICLG:64) [grifo nosso]

<[...]dans le changement analogique il n'y a pas nécessairement disparition de la forme qui a été remplacée (*honos*), tandis que le changement phonétique introduit une nouvelle forme (*honorem*) en annulant la précédente (*honosem*).[...] (ICLG :57) [grifo nosso]

Forma é um termo que não apresenta definição explícita nem caracterizável com nossos parâmetros. Em *Analogia*, o termo sempre discrimina os exemplos de língua, como vemos nos segundo e terceiro trechos (*je trouve, honos, honorem, honosem*). No primeiro trecho, “uma forma criada à imagem da outra”, vemos *definitio rei funcional* de *forma analógica*, no sentido de que o termo é o resultado de uma criação. No segundo trecho, *forma analógica* passa a ser classificada como “espécie de unidade”, em *definitio nominis*. As novas unidades reunidas em uma mesma categoria se distinguem dentro do processo de formação analógica: *forma analógica* é sinônimo de *formes engendrées, la nouvelle forme, forme évoquée, forme suscitée*, em *definitio nominis essencial*; e não é *forma engendrante*, termo sinônimo, por sua vez, de *la forme qui a été remplacée, formes évocatrices*, em nova *definitio nominis essencial*.

⁴³ Chamado *Conditionnel présent*, em francês.

Análise subjetiva e análise objetiva (*analyse subjective, analyse objective*)

[...] **L'analyse objective est celle qui considère** les époques différentes en les mettant sur le même plan. **Qui dit analyse subjective dit analyse actuelle et purement actuelle.** Toutes les deux ont le même but: <faire reconnaître des subdivisions ressenties dans le mot; **finalement le point de vue de l'une et de l'autre est subjectif**, seulement **l'analyse objective fait la synthèse** de toutes les manières de diviser le mot, quelle que soit leur date [...] < tandis que > **l'autre <ne> mélange <pas les> époques et ne s'occupe que de la façon dont les sujets parlants <actuels divisent> le mot.** (ICLG:85) [grifo nosso]

De início, observamos que os termos são diferenciados entre si. A análise objetiva é definida por aquilo que ela “faz”, no caso, ela coloca épocas diferentes em um mesmo plano (*celle qui considere, fait la synthèse*). Nesse sentido, temos *definitio rei funcional*, que se repete na última definição de análise subjetiva (*ne mélange pas, ne s'occupe que*), justamente quando as duas análises são comparadas diretamente pela conjunção *tandis que*. A análise subjetiva também recebeu, como vemos, *definitio nominis essencial*. A classificação em *nominis* se deve ao fato de que o sintagma *qui dit ...* trata do modo de dizer o termo, à semelhança de aspas, por exemplo. Já a classificação em *essencial* se deve à sinonímia entre *subjective* e *actuelle*. Antes do contraste final, já apontado (*tandis que*), as análises são reunidas em uma mesma categoria, a da análise subjetiva, com a diferença da síntese que a objetiva realiza.

Existir (*exister*)

[...] On ne peut se demander <en linguistique> si le suffixe existe en lui-même – cette question n'a pas de sens – mais seulement s'il existe < dans > la conscience < du sujet parlant >. **Exister <pour> un élément linguistique c'est être délimité <d'avant en arrière ou inversement> avec une valeur <le sens net> que lui <attribue le> sujet parlant.** <Mais en soi dans un mot fictif *avaker* la délimitation *ava-ker*> est sans valeur logique <ni> psychologique : au nom de quoi prendre plutôt *-ker* que *-aker* ? (ICLG:71) [grifo nosso]

O trecho citado mostra, em primeiro lugar, aquilo que *não* se deve fazer no âmbito da Linguística: buscar uma existência “em si”. Em seguida, o professor mostra a maneira “correta” de proceder com a indagação, substituindo *en lui-même* por *dans la conscience du sujet parlant*. Esse último sintagma passa, no trecho seguinte, a entreter uma relação de definição com o verbo *exister*. A *definitio rei funcional* descreve o verbo pela ação de

delimitar, justamente exemplificada pela dificuldade de decisão da delimitação do fictício *avaker*.

Associação (*association*) e classificação interior (*classement intérieur*)

<Si> la masse de formes qui composent la langue pour chaque individu ne <restait qu’>un chaos dans chaque tête <la parole et le langage seraient inconcevables.> La nécessité même **d’un classement, d’un ordre quelconque**, est une nécessité à priori. **Comme premier élément de cet ordre, nous devons poser : l’association primordiale entre forme et idée et groupe d’idées ; puis une autre association sans laquelle la première ne pourrait <pas> exister : l’association de forme à forme, de formes entre elles.**

[...] **quand nous disons <que l’esprit associe une> forme <avec une forme> nous voulons dire la forme revêtue de son idée [...]** (ICLG:66)
[grifo nosso]

Ce classement sera le trésor des matériaux constamment mis en oeuvre dans la parole. Seulement il y a a deux ordonnances très diverses pour ce classement interne et l’usage qui en sera fait dans la parole; nous aurons à opposer 1.l’ordonnance que prennent les unités du langage dans la parole et après cela 2. les principaux groupe<ments> existant dans la sphère de la langue elle-même. (ICLG:67)

O termo *associação* aparece como componente de *classificação interior*. Nesse sentido, este último termo é apresentado, de início, em *definitio rei formal*, e também em *rei essencial*, pelo sintagma *un ordre quelconque*. No segundo trecho, a definição por *rei formal* é mantida, pela enumeração de dois subtipos de classificação, a realizada pela fala e a operada pela língua. O mesmo tipo de definição incide em *associação*, no primeiro trecho, pois este termo é desmembrado, provisoriamente, em subtipos (forma e ideia com grupos de idéias, forma a forma). O final do primeiro trecho nos mostra que a interdependência dos subtipos é tamanha que não se consegue estabelecer um ponto de partida, uma escala a partir de um marco zero, motivo pelo qual os subtipos de associação parecem ser, epilinguisticamente, a mesma coisa, e são definidos de maneira parecida, embora metalinguisticamente discriminados na aula.

Fórmula da quarta proporcional (*formule de la quatrième proportionnelle*)

Les enfants dans leur langage disent « viendre » par analogie de
éteindrai : éteindre

craindrai : craindre etc.

[...]

Pour trouver la nouvelle forme créée par analogie avec d'autres ou pour exprimer cette analogie on se sert de la formule de la quatrième proportionnelle :

plaire : plaisait = traire : x

d'où

x = traisait

éteindrai : éteindre = viendrai : x
x = viendra (ICLG :56)

Em sua primeira ocorrência, a chamada *fórmula da quarta proporcional* (cujo sublinhado, de Riedlinger, chama a atenção para a unidade conceitual do sintagma) é ilustrada em uso, sem que seja nomeada, mas adaptada ao universo tipicamente epilinguístico da criança. É após ser ilustrada que conhecemos seu nome, o que nos desloca para o saber metalinguístico. Ao longo do domínio, a forma não é explicada em seus símbolos. Deste modo, consideramos que o exemplo de uso da fórmula corresponde a uma *definitio rei essencial*.

Gramatical (*grammatical*)

[...] Il faut [...] dire que la création analogique est d'**<ordre grammatical, c'est-à-dire que toute opération de ce genre suppose la conscience, <la compréhension> d'un rapport <de> formes <entre elles,>** [...] Donc **en disant grammatical** nous avons un épithète qui ne pourra pas s'appliquer au phénomène phonétique. (ICLG:63,64) [grifo nosso]

A definição de *gramatical* é embutida na *definitio rei formal* de *création analogique*. Esse último termo é qualificado de gramatical, donde a categoria *formal*. A partir de *c'est-à-dire* é que o termo *gramatical* é definido, em *rei formal*, porque a consciência, a compreensão de relações de formas o caracterizam. Já no final do trecho, compreendemos que o termo *não* pode ser usado para o fenômeno fonético. Esse tipo de informação, somado ao verbo *en disant*, configura *definitio nominis funcional*.

Valor (*valeur*)

Dans l'association il y a :

[...]

2.fixation de la valeur. La langue apprécie quelle portion du mot reste constante quand elle fait varier la forme avec ses analogues [...] De là vient l'intelligibilité même du mot en tous cas son exacte valeur. (ICLG:67)

O termo *valor* aparece como componente de uma *definitio rei formal de associação*. No trecho destacado, a associação é caracterizada em três fases. É na segunda delas que *valor* é definido no processo de sua fixação, descrita como a discriminação entre elementos constantes e elementos variáveis. Nesse sentido é que podemos falar em uma *definitio rei funcional* para o sintagma *fixação do valor*, ao passo que, no final do trecho, se entendermos que a inteligibilidade da palavra é um sinônimo de *valor*, encontramos, assim, *definitio rei essencial*.

Aglutinação (agglutination)

Qu'est-ce que le processus agglutinatif ? <C'est un processus, disons-nous,> et non <un> procédé : procédé implique une volonté, une intention ; [...] c'est <justement> **cette absence de volonté qui est un des caractères par lequel l'agglutination** se distingue de la création analogique. **L'agglutination est : la réunion en un mot de deux mots tels qu'ils sont donnés par la phrase.** (ICLG:92) [grifo nosso]

Como vemos, o trecho anuncia uma definição que incorre, primeiramente, sobre *processus*, acompanhado de cognato do termo, *agglutinatif*, diferenciado de *procédé*. É apenas em seguida que o termo *agglutination* aparece de maneira autônoma, primeiramente caracterizado em *definitio rei formal* pela *absence de volonté*, posteriormente explicado em *definitio rei funcional*, pelo fato de que a definição insiste na atividade de reunir realizada pela aglutinação.

Campo diacrônico e campo sincrônico (champ diacronique, champ synchronique)

Le grand domaine des évolutions linguistiques n'est pas très bien nommé quand on l'appelle l'histoire de la langue. Il n'est pas mauvais d'adopter un mot nouveau qui soit tout à fait clair : il vaut mieux dire : **ce qui est diachronique** dans la langue (= **les états de la langue successifs considérés les uns en face des autres**), et **ce qui est synchronique** (= **les faits de langue donnés quand on s'enferme dans un seul état**). Il y a donc **deux champs** dans la langue : le champ diachronique et le champ synchronique. (ICLG:102) [grifo nosso]

As definições de *campo diacrônico* e *campo sincrônico* respondem àquilo que o professor considera como sendo um problema terminológico (*n'est pas très bien nommé, on l'appelle,*

adopter un mot nouveau, il vaut mieux dire) que pediria mais clareza (*qui soit tout à fait clair*). As definições entre parênteses se configuram no modelo de *definitio rei essencial*. Ao mesmo tempo em que afirma o que diacrônico e sincrônico “são”, apresenta a perspectiva do observador embutida em tais definições. Na primeira, o observador *considera* os estados de língua uns diante dos outros; na segunda, o analista se concentra em apenas um estado. No final do trecho, quando se sai da construção relativa *ce qui*, que contribui com a *definitio rei*, para *deux champs*, observamos a passagem para a *definitio nominis*. Os campos da língua passam a ser definidos pelos seus exemplares, o diacrônico e o sincrônico.

*

As vinte e uma definições apuradas em *Analogia* se apresentaram em sua maioria em *rei* (dezoito), quanto ao objeto definido, e em definição predominantemente funcional, seguida de perto por definições essenciais e, menos frequentes, por definições formais, quanto ao conteúdo da definição. Nesse aspecto, essa apuração se assemelha menos às de *Fonologia* e *Fonética*.

5.3 Exemplos de língua

Os 1296 (mil duzentos e noventa e seis) exemplos de língua, em *Analogia*, se distribuem na seguinte proporção:

Tabela 5 Exemplos de língua no domínio *Analogia*

Nome do agrupamento	Valor relativo	Valor absoluto
francês	35,18 %	456
latim	24,38 %	316
alemão	20,37 %	264
grego	14,42 %	187
indoeuropeu	4,47 %	58
semitas, inglês, nórdico, dinamarquês e não identificados (2)	1,15 %	15
		1296 exemplos

A partir da saliência numérica da tabela, comentaremos, quanto à contagem, os quatro primeiros idiomas. As línguas que fornecem quase oitenta por cento dos exemplos em *Analogia* são alemão, latim e francês (79,93%).

Os exemplos em francês (35,18%) ilustram o fenômeno da analogia em diferentes categorias gramaticais: verbos, substantivos (número e gênero), prefixos e raízes, mas são bastante representativos no que chamamos de “neologismos”, chamados “formas analógicas”, no Curso I. Assim, vocábulos como *viendre* e *répressionnaire* são inventados pelo professor prioritariamente nessa língua (ICLG:62,63,65,66), o que nos remete ao papel de língua de trabalho que o francês exerceu nas aulas. A presumida familiaridade da audiência com o idioma torna mais “verossímil” a sensação de se estar diante de um neologismo, do que se, por exemplo, o professor tivesse optado por uma língua de menos domínio de seus alunos.

Em outra função, pouco freqüente, o francês glosa o idioma grego (ICLG:83,84), com o qual é, ainda, comparado quanto à possibilidade de se identificarem as raízes. A comparação abrange, ademais, o idioma alemão, e é precedida de comentário generalizante sobre a diversidade dos idiomas no quesito da divisibilidade da palavra:

L'inégalité entre les langues est très grande <pour> ce genre <d'unités [as raízes] [...] Telle langue peut présenter un état de choses qui permettra à ceux qui <la parlent de> ressentir cette unité de racine; telle autre ne leur en donnera que des occasions rares, accidentelles, ce qui limitera l'instinct. [...] **En français il y aurait [...] un chiffre à donner au français pour <la facilité d'analyse des unités du mot>. Le tableau serait tout différent si nous prenions le grec : [...] où je sépare presque automatiquement la racine du reste du mot. Parmi les langues modernes il y a en allemand une facilité très grande et <par suite> une espèce [...] d'instinct plus aiguisé qui se développe chez les sujets parlants pour dégager des éléments comme distincts. [...] C'est cette délimitation exacte qui est continuellement impossible en français.** (ICLG :76-77) [grifo nosso]

Embora não forneçam exemplos, o idioma chinês (*le chinois*) e o Esperanto (*l'espéranto*) são mencionados conjuntamente, de maneira a provocar grande contraste. Na primeira língua, “nada” é analisável; na segunda, “tudo” é analisável, decompönível. (ICLG:91).Mais adiante, o francês recebe um comentário sobre as origens de suas subunidades:

Les quatre cinquièmes du français sont indoeuropéens: un mot donné n'est pas indoeuropéen mais les éléments le sont. Les mots qui se sont transmis sans <changement> analogique sont très peu nombreux [...] (ICLG:97)

O tema da variação da divisibilidade da palavra em função da língua e do período do idioma aparece com um exemplo em latim, que ilustra a mudança de percepção do sufixo *-alis* para *-onalis* (Cf. ‘Resumo do conteúdo temático’).

De modo geral, os **exemplos em latim (24,38%)** apresentam-se nas categorias de verbo e substantivo (ICLG:68,69), e parecem trazer à aula ‘casos consagrados’, como o que mencionamos acima, creditado a um Autor (Lactânio, ICLG:60), além do caso de *fāctus* e *āctus*, creditados aos “gramáticos” (ICLG:77), como a analogia entre *honos*, *honosem*, *honor* e *honorem* (ICLG:55). A língua é, ainda, caracterizada como um idioma que, em certo estado, “[...] a poussé très loin la conscience, le sentiment d’un radical.” (ICLG:78)

O idioma também fornece um exemplo inventado, *fer-signum*, não no sentido de “neologismo”, mas do que hoje entenderíamos como “agramatical”. No tema da classificação interior, o professor exemplifica a noção de ordem ou sintaxe de que a língua dispõe, partindo da maneira como ela *não* procede:

Quand la langue aura perçu par les rapprochements indique **les unités** <qui sont> **dans «signifer» elle ne dira pas** une autre fois à l’occasion d’une formation nouvelle: *fer-signum*. En effet autre chose <que les unités> se dégage du rapprochement : c’est l’ordre des sous-unités dans le mot [...] c’est de la syntaxe, même quand il s’agit de suffixes. [...] (ICLG:70) [grifo nosso]

Prosseguindo-se com a saliência numérica da tabela, a **língua alemã (20,37%)**, sobretudo em seu estado moderno, tal como designado no texto, é alvo de constantes comparações, sabemos, com francês, mas também com grego. A estabilidade e a nitidez de suas subunidades são constantemente referidas, em relação de semelhança, como com o indoeuropeu, ou de flagrante diferença, no caso do francês. O alemão fornece exemplos nas categorias de substantivo (na distinção entre plurais analógicos e plurais fonéticos), verbo (conjugações). Ele também fornece o neologismo *Elephantlein* (ICLG:62), acompanhando a língua francesa nesse ponto, o que mostra a familiaridade da audiência com o idioma. Por outro lado, o idioma também fornece exemplos ‘consagrados’, como a alternância vocálica em raízes, nomeada *Ablaut*. Uma particularidade no uso de exemplos em alemão parece ser a de apresentar espécie de ‘passo-a-passo’ para a compreensão de relações analógicas ao longo do tempo. No trecho em destaque, o ponto de partida é o alemão moderno, que ilustra a “dualidade da vogal no pretérito” (ICLG:59). Em seguida, examina-se a ausência de

dualidade em outros verbos, também modernos, passando-se por um estágio anterior, não-especificado, do idioma:

Allemand moderne:

werden – ward, <pl.> wurden-geworden

Cette dualité de la voyelle <au prétérit> existe encore aujourd’hui pour ce verbe ; mais il n’en reste plus de trace pour d’autres verbes qui l’avaient également :

*helfen – half, hulfen
sterben – starb, sturben*

aujourd’hui:

*helfen - half, halfen
sterben – starb, starben*

half, starben sont des créations analogiques [...]

(ICLG:59) [grifo nosso]

O idioma alemão costuma ser acompanhado pelo **grego (14,42%)** [ICLG:57,59,71,76,87], caracterizado, também, pela facilidade de distinção das subunidades (ICLG:76). Saussure não deixa, entretanto, de nuançar tal afirmação, nela inserindo o contraste entre análises do gramático e do falante:

Il arrivera dans certains types de langues que l’analyse des grammairiens se présentera sans résidu [...] :<**c’est le cas pour le grec**>. **Mais** <il faut> nous demander combien de ces éléments **si facilement dégagés** étaient **réellement** ressentis par les Grecs et jusqu’à quel point leur analyse involontaire coïncidait avec l’analyse si rigoureuse, si satisfaisante des grammairiens. (ICLG :84) [grifo nosso]

Do mesmo modo como o grego acompanha exemplos em alemão moderno, aquela língua aparece próxima ao francês moderno, por exemplo, no assunto da aplicação da fórmula da quarta proporcional. No trecho que se segue, o francês é encaixado na fórmula e, logo adiante, o grego fornece seus exemplos:

Cela était déjà contenu dans notre formule de la quatrième proportionnelle : ***mur : emmurer = tour : entourer*** ; [...] **Dans le grec préhistorique**, [...] je suis obligé de prendre <d’autres formes concurrentes dans la langue> comme

$\nu\kappa\tau\tilde{\omega}\nu : \nu\acute{\kappa}\tau\epsilon\varsigma = \acute{\alpha}\nu\delta\rho\tilde{\omega}\nu : x$
 $x = \acute{\alpha}\nu\delta\rho\epsilon\varsigma$

(ICLG :64)

O fato de que a fórmula da quarta proporcional seja exemplificada com ocorrências modernas e antigas parece sugerir que o ser humano “sempre raciocinou” de determinada maneira.

Em *Analogia*, encontramos os seguintes procedimentos de **demarcação** de exemplos de língua:

- ✓ alfabeto grego, que acaba por demarcar o idioma (ICLG:64, etc);
- ✓ dois pontos⁴⁴, precedendo imediatamente a apresentação do exemplo (ICLG:55-104);
- ✓ fontes em itálico, em todas as ocorrências (ICLG:55-104);
- ✓ mudança de linha (ICLG:55-104);
- ✓ parênteses, como lembrete: “[...] dans le changement analogique il n’y a pas nécessairement disparition de la forme qui a été remplacée (*honos*) [...]” (ICLG:57 etc);
- ✓ sintagmas que configuram demarcação robusta: *en allemand* (ICLG:57), *les formes* (ICLG :57), *d’autres mots allemands* (ICLG:58), *un exemple* (ICLG:58), *exemple du grec* (ICLG:59), *de même* (ICLG :61), *la forme engendrée* (ICLG:64), *entre ... et ...* (ICLG:66), *comme* (ICLG:69) etc;
- ✓ sintagmas que configuram marcação robusta, mas que apresentam, ainda, uma fonte enunciativa, como em *les enfants disent* (ICLG :56), ou que mostram a ligação do exemplo com algum período de tempo, como em *on a dit longtemps* (ICLG:57), *maintenant* (ICLG:57), *en allemand moderne* (ICLG:59), *nous trouvons* (ICLG:60), *chez Lactance* (ICLG :60), *bas latin* (ICLG :60), *on disait* (ICLG :63), *les grammairiens nous disent que* (ICLG :77), *un Grec aurait dit* (ICLG:85), *le grec de Xénophon* (ICLG :87), *dans la langue moderne* (ICLG :89), *pendant la guerre franco-allemande* (ICLG :100);
- ✓ sublinhados, que dirigem a atenção para porções dos exemplos, como em *dominus* (ICLG:69) etc.

O professor faz, ainda, comentários sobre o alcance ou a pertinência dos exemplos de língua, que listamos de maneira não-exaustiva:

- ✓ “Nous sommes à même, après ces exemples, d’étudier la nature du phénomène qui nous occupe.” (ICLG :60);
- ✓ “Ces exemples nous montrent 1) la relativité du concept de changements analogiques [...]” (ICLG :63) ;
- ✓ “On peut remarquer que les préfixes qui nous ont servi d’exemple sont au plus haut point significatifs.” (ICLG :73);
- ✓ “Il y a un exemple insigne en ancien latin : [...]” (ICLG :77);

⁴⁴ Analisados também no uso como símbolos dentro do próprio domínio *Analogia*, na rubrica ‘Esquematisações’.

- ✓ “Mais ces exemples [...] font <penser> presque tout de suite aux mots composés.”(ICLG :94).

A maneira pela qual os exemplos se relacionam com as línguas-objeto pode ser tratada, sabemos, pelo critério da **representação**. Em *Analogia*, os exemplos de língua tratam de fenômenos dessa natureza no âmbito das categorias gramaticais de verbo (declinações e conjugações) e de substantivo (gênero e número), de modo que a língua alemã, por exemplo, é representada pelas duas categorias e pelos exemplos que as ilustram, o que entendemos ser uma representação por compreensão, ou seja, as categorias e os exemplos são amostras possivelmente generalizáveis ou fazem parte de um rol não listado exaustivamente, como no trecho

Ces pluriels se sont formés par processus analogique. <**La totalité des cas qui peuvent être englobés dans le phénomène analogique n’est pas fixée: n’est pas fixée** : ainsi **quelques-uns** de ces pluriels> ont résisté pour une raison ou pour une autre [...] (ICLG :58) [grifo nosso]

Encontramos, ainda, mecanismos que regulam a generalidade dos exemplos apresentados. A seguir, observamos que a generalidade é ampliada:

- ✓ “Le phénomène a fait boule de neige et s’est étendu à des verbes comme *helfen* et *sterben* ; il porte du reste sur la totalité des verbes forts (=irréguliers)[...]”(ICLG :60);
- ✓ “Ce perpétuel changement de point de vue peut être illustré par des exemples sans fin. Pour terminer, un exemple pris dans <la> langue moderne : [...]”(ICLG :92);
- ✓ “[...] et pour citer une formation de la plus grande envergure mais ne signifiant pas autre chose : tout le futur des langues romanes [...]”(ICLG :92);
- ✓ a partícula *etc* (ICLG:75,80).

Por outro lado, os trechos a seguir restringem a generalidade dos casos:

- ✓ “Maintenant nous avons *je trouve, il trouve* par analogie [...] (les formes *il pousse, nous poussons* sont au contraire phonétiquement explicables [...] l’analogie n’a rien à y voir.”(ICLG :57);
- ✓ “Les pluriels *Bälge* et *Gäste* sont donc parfaitement <phonétiques et s’expliquent par> pure et simple transmission des deux formes : *gast-gast-gäste*. Mais si l’on prend beaucoup d’autres mots allemands [...] on ne pourrait justifier de cette façon leur pluriel [...]”(ICLG :58);
- ✓ “Dans le vieux haut allemand (seulement !) on trouve que [...]” (ICLG :59) ;

- ✓ “Le français est <une> des langues qui donneront <lieu à> l’analyse intérieure de ressentir ces éléments radicaux. Exemple : savoir, savant, saurai (cela commence à se gâter !) [...]” (ICLG :76) ;
- ✓ Um caso de representação por extensão, em que todos dos elementos do conjunto são, em princípio, mencionados : “Les mots qui se sont transmis sans <changement> analogique sont très peu nombreux et tiendraient dans l’espace d’une page. Par exemple : *est(esti)*, *et (è)*, on dit même <que> *ours* en est.” (ICLG :97).

Como última análise dentro do subparâmetro da representação, observamos que, em *Analogia*, a regularidade das criações analógicas é tratada não em termos de “leis”, por exemplo, mas de “tendências”, noção que não é definida explicitamente, mas que é mencionada no seguinte percurso:

On peut se demander: comment <il> se fait que la division ressentie à un moment donné ne soit pas permanente, fasse place à d’autres manières de diviser le mot ? [...] **Sans <en> faire une classification, quelques exemples nous feront voir ce qui s’est passé :[...]** (ICLG :86)

É através do comentário de uma sequência de exemplos em indoeuropeu (declinações), grego (raiz, prefixo e sufixo), alemão (sufixo), francês (substantivo) e latim (substantivo) que o professor responde à pergunta retórica que empregou para iniciar o assunto da mudança de percepção do falante quanto à divisibilidade do material linguístico. Ao final da sequência, duas conclusões são apresentadas como *tendências*:

- 1.une tendance générale à diminuer l’élément radical au profit de l’élément formatif [...] ; et
2. une tendance très particulière d’annexer l’élément radical à l’élément formatif <si l’élément radical est vocalique>, [...] (ICLG :89)

Por fim, pudemos observar os seguintes **tipos** de exemplos de língua no domínio *Analogia*:

- ✓ declinações (ICLG:58,86 etc);
- ✓ exemplos emprestados a obras, autores ou a compêndios, como em *dans la poésie épique* (ICLG :94), dentre outras ocorrências (ICLG:59, 60 etc), além de um exemplo reconstruído (ICLG:78);
- ✓ exemplos em relação de exemplificação inversa, como em “<C’est l’exemple inverse de celui du verbe grec vu plus haut ou un élément fusionnel fusionnait avec le radical. Ici une partie du radical est fondue avec la terminaison.” (ICLG :60);

- ✓ “exemplos históricos” (ICLG:60), nomenclatura do próprio Curso I, que diferencia tais exemplos de ocorrências inventadas, como *viendre* (ICLG:56), creditada às crianças ou de exemplos em uma língua moderna;
- ✓ palavras, unidade além da qual os exemplos não avançam: “Notons que c’est arbitrairement que nous sommes partis de l’unité du mot ; nous aurions pu partir aussi bien de l’unité de la phrase.”(ICLG :68) e “Pour la création analogique, nous avons déclaré prendre l’unité du mot comme base de <notre exposé>[...]”(ICLG :92);
- ✓ séries, que misturam verbos e substantivos (ICLG:55-104).

No capítulo dedicado à Metodologia, expusemos os critérios de contagem dos exemplos. Suas repetições foram contabilizadas como exemplos completos, porque assumimos a hipótese de que a repetição teria uma função didática, seja para facilitar a leitura das anotações, a memorização, como a própria compreensão do assunto. Nesse sentido, em *Analogia*, selecionamos os dois casos abaixo:

- ✓ Os exemplos em latim *honos*, *honosem*, *honorem*, *honor* ocorrem pela primeira vez logo no início do domínio (ICLG:56). Eles são os primeiros exemplos históricos propostos, e aparecem encaixados na fórmula da quarta proporcional, que pretende explicar a criação analógica de *honor*, inspirada em *honorem*, palavra esta que se configurou não em criação analógica, mas que sofreu a ação fonética, no fenômeno chamado rotacismo. Mais adiante, os mesmos exemplos são citados fora da fórmula, dentro da explicação de uma metáfora que tem por objetivo mostrar que o termo compatível com a analógica é *criação*, não *transformação*: “Quand on parle du changement analogique de *honos* em *honor* on <considere> *honor* <comme> une modification du type légitime *honos*.[...] <Or> la seule forme qui ne soit pour rien dans la génération de *honor* <c’est justement *honos*>.[...]”(ICLG:61,62);
- ✓ O mesmo idioma apresenta outro caso de repetição, em que a fonte enunciativa é apagada de um exemplo a outro. Em sua primeira ocorrência, *-ālis* é um sufixo presente em *meridionalis*, que sofre uma mudança atestada através de um Autor:

Autre exemple du latin: De *septentrio*, *septentrionis* on formait l'adjectif *septentrion/ālis* et de *meridies meridi/ālis* ; **mais chez Lactance** (bas latin) nous trouvons *meridionalis* sur le modèle *septentrionalis*.(ICLG :60) [grifo nosso]

Em sua segunda ocorrência, o sufixo aparece relacionado a um entorno analógico, sem qualquer indício de fonte enunciativa mais precisa do que *on*:

De même pour *-ālis* : d'abord *causā-li-s*, puis **par la même annexion inconsciente** *-ālis* ; c'est alors qu'on peut former *verticalis* etc. On est allé plus loin : si l'on compare *meridi-ōnālis* avec *regi/ōn-alis* on voit que l'on a englobé une syllabe de plus à la faveur de la fin vocalique du radical. Il est vrai qu'il y avait influence toute particulière de *septentrionalis* ! (ICLG :90) [grifo nosso]

Este caso de repetição nos permite enxergar a passagem entre o foco no “caso” histórico *-ālis*, no início das aulas sobre analogia, para o foco no mecanismo da analogia, já tratado metalinguisticamente naquela altura do curso.

5.4 Organizadores

Foram identificados 5 (cinco) tipos de organizadores em *Analogia*, abaixo listados com seus respectivos usos principais:

- ✓ algarismos arábicos, para organizar elementos de um raciocínio [“1. le type transmis [...] 2. le concurrent [...] 3. un personnage collectif [...]”(ICLG:61)]; para ordenar a apresentação de exemplos de língua, sem que a ordenação reflita sequência temporal [“1.*honos* // 2. *honor* ← 3. *honoris, oratoris, orator* [...]” (ICLG:61)]; para organizar enumeração, em versão ordinal [“1ère question [...] 4e question” (ICLG:72)]; para organizar observações que precedem o início de novo assunto [“Trois observations préalables: 1.[...] 3. [...]” (ICLG:71)];
- ✓ algarismos romanos, para organizar comentários sobre séries de exemplos [“Remarquons: I [...] IV [...]” (ICLG:86-87)] e para organizar o capítulo no Curso I [“Chapitre II” (ICLG:55)];
- ✓ grafemas latinos “A” e “B”, para organizar etapas de mudanças fonéticas e analógicas [(ICLG:62)];

- ✓ parênteses curvos, para isolar unidades, como em (*forme/idée*) (ICLG:66); para se apresentarem informações redundantes, como um lembrete “[...] l’appréciation des deux éléments <(variant et constant)> à la fois.” (ICLG:69); para se inserirem informações secundárias, que podem ajudar na compreensão daquilo que vem sendo dito “[...] *entier* (de: *in*]tegrum = intact) [...]” (ICLG:72)];
- ✓ sublinhados, para os subtítulos do capítulo, como em “Changements analogiques” (ICLG:55) e para dirigir a atenção a porções dos exemplos de língua “[...] cupio et cupido”(ICLG:68).

5.5 Esquematisações

Esta seção diz respeito à maneira como os conteúdos ministrados sofrem sucessivas sínteses e compactações ao longo do domínio, juntamente com as definições e os exemplos de língua. Em *Analogia*, encontramos em única ocorrência o substantivo *récapitulation* (ICLG:71), que resume o conteúdo das vinte páginas anteriores com vistas a preparar a introdução de novo subtítulo, o dos prefixos. Para os outros casos em que identificamos esquematização, o processo é detectável pelas sequências de ruptura e de restituição da linearidade das anotações, com o apoio dos organizadores, que vimos na seção precedente, e dos símbolos a seguir listados.

Como vimos no resumo do conteúdo temático e nas definições, o professor constrói a metáfora do enredo e de seus personagens para explicar o processo da analogia e para qualificá-lo como *criação*, em vez de *transformação*. Nesse percurso, após ter discorrido sobre a interação entre as “personagens”, Saussure condensa as informações em uma representação gráfica que nomeia “esquema” e que preserva a ligação com a metáfora anterior:

Schéma du phénomène :

1. *honos* // 2. *honor* ← 3. *honoris, oratoris, orator*
(paraplasme) (groupe générateur)

Dans ce cas-là la forme légitime <persiste>. Mais la plupart du temps **le drame n'est complet qu'en deux actes :** la forme primitive tombe en désuétude à la fin [...] (ICLG:61) [grifo nosso]

Quadro 11 Símbolos no domínio *Analogia* (15)

Uso Geral	Nome Adotado	Símbolo original	Usos Particulares
Representam a sucessão dos elementos, sua transformação cronológica	barra vertical		conecta o elemento inicial e o elemento final de uma mudança fonética (ICLG:56)
	flecha horizontal direita	→	mostra o elemento inicial, à sua esquerda, e o elemento final, à sua direita, por motivo fonético (ICLG:56)
	flecha vertical para cima	↑	acompanha o descritivo do ponto de vista chamado “retrospectivo”, que estuda mudanças de uma época posterior em direção a época anterior. (ICLG:56)
Representam a simultaneidade dos elementos, sua oposição contemporânea	grafemas latinos	<i>a, b e x</i>	usados como variáveis, representam a generalidade dos elementos que se unem em criação analógicas (<i>a</i> e <i>b</i>) e o espaço da forma analógica na fórmula da quarta proporcional (<i>x</i>) (ICLG:55-68).
	multiplicador	x	reúne subunidades da palavra, incompletas por definição, chamadas “fatores” (ICLG:76,83)
	dois pontos	:	de grande frequência, confrontam dois termos que ocorrem em um mesmo estado de língua (ICLG:56)
	equivalência	=	de grande frequência, apresenta, à esquerda, termos que servem como modelo para criações analógicas, apresentadas à direita. (ICLG:56)
	flecha horizontal esquerda	←	apresenta, à direita, um grupo de termos inspiradores de criações analógicas, à esquerda (ICLG:61)
	flecha de duas pontas	↕	de ocorrência única, apresenta, em cada extremidade, termos em relação de concorrência, como os dois pontos.
	barra oblíqua dupla	//	isola a influência de um exemplo de língua sobre outro, como em “ <i>honos/honor</i> ” (ICLG:61).
	barra oblíqua simples e parêntese parcial	/ e [	isolam subunidades nas palavras, como em “ <i>en-/contourner</i> ” (ICLG:63) e “ <i>meridi[onalis]</i> ” (ICLG:60)
Têm função diferente ou mista	travessão	—	apresenta a razão que une forma e ideia (ICLG:66)
	colchete parcial	}	apreende o conteúdo colocado à esquerda como uma totalidade que recebe um nome, à direita (ICLG:64).
	adição	+	reúne subunidades de uma criação analógica (ICLG:58); apesar de comentário explícito de Saussure sobre a necessidade de se inserir o multiplicador (X) na representação de formas analógicas (ICLG:76), em trechos posteriores, entretanto (ICLG:88, 95), reúne palavras autônomas em justaposições, fenômeno diferente do da analogia.
	flecha vertical para baixo	↓	mostra uma sucessão temporal fonética, o elemento inicial, acima, e o elemento final, abaixo (ICLG:57) e ponto de vista prospectivo no campo diacrônico, que parte de época anterior em direção a posterior. (ICLG:102)

Mais adiante, quando o assunto é a mudança da divisibilidade da palavra, o professor organiza o comentário de um exemplo grego em cinco itens (I a V), dos quais o último pretende sintetizar o percurso anterior:

V **Pour fixer le chemin parcouru** par l'analyse, on posera :

	racine + <i>is</i> + <i>to</i>] + <i>s</i>
puis	racine + <i>ist</i> + [<i>os</i>
	(ICLG:87-88) [grifo nosso]

Em outro caso, Saussure se utiliza da quebra de linearidade para mostrar como *não* se deve esquematizar a ideia genérica de “mudança”:

A. <i>honosis</i>	{	changement	} idée générique du changement
B. <i>honoris</i>		phonétique	
A. <i>honos</i>	{	changement	
B. <i>honor</i>		analogique	
			(ICLG:62)

No caso em questão, a imprecisão consiste em considerar que *honor*, criação analógica, teve sua origem em *honos*, ao passo que, no entendimento do Curso I, *honor* se referiu a *honoris*, este elemento, corretamente esquematizado, sendo o resultado da mudança fonética chamada rotacismo, entre *honosis* e *honoris*. O que nos interessa na presente subseção é observar que Saussure constrói, propositalmente, um esquema que considera impreciso, no intuito de corrigi-lo em seguida.

O mesmo procedimento de tornar visível aquilo que *não é* se aplica ao tema do grau de sentido que corresponde a cada raiz. Saussure afirma que não se pode precisar com exatidão a porção do sentido carregada pela raiz, porque a formação da palavra *não* se dá pela justaposição de unidades autônomas, mas mutuamente complementares. Ele resume sua fala apresentando-nos dois esquemas, o primeiro considerado incorreto, o segundo, “corrigido”:

Il n'y a **pas**:
 idée complète + idée complète
 zeug + *nũ*
mais
 zeug- *X-nu*
 idée complète (ICLG :83) [grifo nosso]

A concisão e a recorrência dos esquemas não prescindem do texto corrido, que os antecipa e os comenta. No caso abaixo exposto, a repetição idêntica dos esquemas se refere, na verdade,

a duas unidades distintas, uma que reconhece *in-* (*inspiration*) como prefixo, outra que reconhece *in-* como não-prefixo (*inconnu*):

[...] si l'on donne: *inspiration*, *insufler*, *ingurgiter* ou d'autres ce préfixe *in-* <au point de vue de la forme> est incontestablement le même que celui de *inconnu*. *Est-ce une raison d'identifier in-(spiration) avec in-(connu) ?*
Non, <pour les sujets parlants il y a toujours

$\frac{in-}{valeur}$

(c'est-à-dire *in-* plus valeur, sens) et

$\frac{in-}{valeur}$

(ICLG :73) [grifo nosso]

Em relação aos temas prioritários de *Analogia*, encontramos esquematizações diferentes para o mecanismo de criação analógica, a organização linear da fala e a organização associativa da língua. A criação analógica, sabemos, é representada pela chamada “fórmula da quarta proporcional”:

oratore : *orator* = *honore* : *x*

x = *honor*

(ICLG:56)

Se a fórmula conserva certa linearidade, a partir do momento em que pode ser escrita em uma mesma linha, no máximo em duas, a sequência dos exemplos em latim nela embutidos, entretanto, não representa ordem genética no processo analógico. A fórmula reúne um primeiro contraste (:) entre duas formas (*oratore*, *orator*), que serve de modelo (=) para a completude de novo contraste (:) entre duas outras formas (*x*). A mesma característica gráfica de linearidade representa o esquema da ordem chamada “discursiva”, ou seja, a ordem da fala, previamente caracterizada como obedecendo a um princípio “tão elementar que parece ser pueril evocá-lo”⁴⁵ (ICLG:70), o da linearidade:

(ICLG:70)

Em seguida, dois exemplos de língua ilustram a maneira como o esquema *não* funciona:

[...] je ne puis avoir deux éléments combinés sur le même point de la ligne :

(*fer-signum*

signifer)

(ICLG:70)

A esquematização que mais rompe com a linearidade é chamada de “estrela” (ICLG:68) nas anotações, e se origina de outro esquema, que pretende ilustrar a classificação que a língua faz

⁴⁵ Tradução nossa.

do material linguístico das gerações anteriores. Cada palavra se situa em um ponto de intersecção de séries análogas (ICLG:68):

O esquema é imediatamente “preenchido” com termos em latim, o mesmo idioma usado para tratar da ordem da fala, como vimos anteriormente:

Muitos dos esquemas selecionados para esta seção apresentam símbolos que permitem justamente a redução da linearidade, e dotam o aluno de um mecanismo de representação dos conteúdos a que é exposto. O próprio Riedlinger registrou a seguinte anotação sobre o ‘bom’ uso de certo símbolo:

racine + *ist* + [*os*
 <[en crayon] Il vaudrait mieux écrire avec des « - » puisque le « + » a
 un sens spécial (de juxtaposition) dans ce chapitre!> [...]
 (ICLG:88) [grifo nosso]

Segundo o aluno, o símbolo + se refere ao processo de aglutinação que, no Curso I, não é analógico.

Capítulo 6 / Análises Cruzadas e Conclusões

O presente capítulo promove contrastes entre os domínios *Fonologia*, *Fonética*, *Analogia* e expõe, ainda, sua correlação com o contexto imediato de emergência do Curso I, contexto esse entendido como a estrutura institucional da então Faculté de Lettres et Sciences Sociales de Genebra, na primeira década do século XX.

Desta vez, organizamos a apresentação das seções partindo do parâmetro metodológico externo, Estrutura Institucional, apreendida pelo estudo do conteúdo temático dos três domínios (**6.1 Conteúdo temático e Estrutura Institucional**). Em seguida, apresentamos as correlações advindas dos parâmetros internos de análise (**6.2 Definições e Exemplos de língua**) e das recorrências observadas no material de análise, não contempladas diretamente pelos parâmetros anteriores (**6.3 Organizadores, Esquematizações e Perguntas Retóricas**). Se a correlação com o parâmetro ‘Estrutura Institucional’ foi apresentada em item à parte, sempre que oportuno, entretanto, correlacionamos elementos da referida estrutura dentro das próprias subseções 6.2 e 6.3, na medida da solicitação dos assuntos. Por fim, propomos alguns elementos conclusivos (**6.4 Conclusões**).

Nosso *corpus* compreendeu, no total, 60 (sessenta) definições, 2424 (dois mil, quatrocentos e vinte e quatro) exemplos de língua; nossas listagens de recorrências outras abrangeu 7 (sete) mecanismos de organização do conteúdo temático, 41 (quarenta e um) símbolos implicados em esquematizações e 59 (cinquenta e nove) perguntas retóricas⁴⁶.

Desde o primeiro capítulo da dissertação, expusemos nosso intuito de encontrar maneiras de estudar a atividade de ensino de Saussure, sem comprometê-la com categorias didáticas contemporâneas. De início, julgamos pertinente evocar o contínuo dos saberes epilinguísticos e metalinguísticos para adentrar a sala de aula. Esses dois pólos ilustram a situação de ensino do Curso I na medida em que o professor precisou apresentar e explicar metalinguagens

⁴⁶ As definições analisadas se encontram nos capítulos de análise dos domínios (*vide* “Listas de quadros” e Capítulos 3 a 5). Os exemplos de língua foram consignados e ordenados em suporte impresso, em um caderno de tipo brochura. Os organizadores e as esquematizações se apresentam como as definições (*vide* “Listas de quadros” e Capítulos 3 a 5), mas sem índices próprios. O rol de perguntas retóricas, por fim, é integralmente apresentado neste capítulo (*vide* seção 6.3).

referentes aos tópicos de Linguística Geral para sua audiência, que dispunha, em princípio, de mais conhecimentos epilinguísticos acerca da disciplina do que, idealmente, no final do módulo.

Em seguida, buscamos categorias que nos permitissem produzir dados para a pesquisa. Recorremos, assim, a estudos qualitativos desenvolvidos no âmbito da historiografia da gramatização espanhola, para as definições, e francófona, para os exemplos de língua (Capítulo 1), por nós convertidos nos parâmetros internos da dissertação (Capítulo 2). Durante as análises por domínio (Capítulos 3 a 5), percebemos dois procedimentos recorrentes em todos eles, que escapavam ao levantamento e à caracterização das definições e dos exemplos de língua propriamente ditos. Decidimos incorporá-los às análises, pelo teor didático que apresentavam, sem que, entretanto, pudessem ser erigidos à condição de parâmetros de análise autônomos, por se encontrarem demasiado “presos” ao texto do Curso I. As duas recorrências em questão foram chamadas de “Organizadores” e “Esquematisações”. Em nova confrontação, percebemos, ainda, mais uma recorrência comum aos domínios, com funções múltiplas, as perguntas retóricas, incorporadas à seção 6.3., em que tentamos dar um destino a esses elementos, em uma primeira sistematização.

6.1 Conteúdo temático e Estrutura Institucional

La commission m’ayant fait l’honneur de me demander mon opinion sur les matières qu’aurait à comprendre un cours de linguistique générale à la faculté, je lui sou mets les idées suivantes, en lui priant de n’attacher pas plus d’importance que je n’en mets moi-même à une énumération détaillée des sujets. (Saussure, apud Vincent, 2013 :129-130)

No primeiro capítulo da dissertação, mencionamos que, no ano de 1906, antes mesmo de assumir a disciplina de Linguística Geral, Saussure havia sido requisitado, pela Faculté, para se pronunciar sobre um programa de ensino da matéria. Na lista que se segue, resumimos as sugestões apresentadas pelo professor, tal como foram anotadas pelo relator da reunião administrativa, no mês de novembro de 1906. De nossa parte, grifamos as porções encontradas nos domínios *Fonologia*, *Fonética* e *Analogia*:

(a) encarar a língua como algo que, primeiramente, evolui: “[...] tous les facteurs qui amènent um changement dans la langue (phonétique et analogique)”;

- (b) caracterizar, por outro lado, um estado na língua: “[...] valeur limitée du changement, pouvant créer un état de langue”; le mécanisme de l’expression; la classification des langues selon le mécanisme d’expression (flexionnelles ou non-flexionnelles etc); **une incursion dans la phonétique physiologique**; accent, quantité, rythme poétique;
- (c) ilustrar, através da história das línguas indo-europeias, **a diferenciação geográfica, e sua concorrente, a diferenciação no tempo**;
- (d) como conteúdos secundários, a relação entre escrita e fala; erros provocados pela escrita; papel das línguas literárias; métodos e erros de métodos; método histórico, método comparativo, método reconstrutivo;
- (e) como conteúdos possíveis, em caráter introdutório: noção geral da língua; erros a esse respeito; estudo dos símbolos; o lugar da linguística no círculo geral das ciências sociais.

(adaptado de Vincent, 2013:129-130) [grifo nosso]

Nos temas que nos dizem mais diretamente respeito, vemos que três porções do plano inicial foram realizadas. A porção (a) agrupa nossos domínios de *Fonética* (“Chapitre I”) e de *Analógia* (“Chapitre II”). A porção (b), por outro lado, encontrou diferentes destinos no Curso I. A caracterização de “um estado de língua” foi brevemente abordada, como esclarece Saussure, no encerramento do capítulo segundo: “D’une manière générale, nous nous sommes tenus dans [...] le champ diachronique, et nous avons fait une seule fois une incursion dans le champ synchronique, quand nous avons traité de l’alternance.” (ICLG:102). Mais ainda, ele aponta a falta de tempo de tratar o assunto: “Mais la linguistique statique ne peut être traitée en cette fin de semestre (7-8 leçons!); elle fera plus tard l’objet d’un cours complet.” (ICLG:102). Não sabemos se o ponto de exclamação, que precisa o número de aulas restantes, mostra surpresa diante do tempo efetivamente restrito, ou estranhamento diante de “fin de semestre”, confrontado com “7-8 leçons”.

Para Joseph, o ensino da Linguística Geral, por ser baseado em tópicos, requeria habilidades de controle de tempo diferentes daquelas demandadas nos cursos de especialidade que Saussure vinha ministrando durante mais de vinte anos, em que o desenvolvimento do assunto se dava pela leitura contínua de textos, leitura que poderia ser interrompida com menos prejuízo do que os tópicos da nova disciplina (Joseph, 2012:512). Mesmo dentro do primeiro capítulo, dedicado às mudanças fonéticas, encontramos menção à escassez de tempo:

Nous aurions à parler ici des perturbations des phénomènes phonétiques réguliers par les mélanges dialectaux (dans les grandes villes) [...] **Mais le temps nous manquent. Avant de passer aux causes des changements, il faut dire deux mots** du caractère aveugle du principe phonétique, car [...] (ICLG :37) [grifo nosso]

Mais ainda, em sua análise da totalidade do Curso I, Joseph insiste que o professor terminou as aulas a uma velocidade vertiginosa [“at breakneck speed” (Idem, p.515)]. Ainda no item (b), o “mecanismo da expressão” não foi abordado no curso como um todo; já a classificação das línguas compôs o assunto posterior ao capítulo da analogia, sobre as famílias das línguas indo-europeias (ICLG:105); o domínio *Fonologia*, como produção fisiológica dos sons, foi anotado como “phonétique physiologique” e, no Curso I, foi ministrado, como vemos a seguir, na seção das Preliminares, como “Principes de Phonologie”, antes de “Linguística”, sem que os temas de “acento, quantidade, ritmo poético” tenham sido abordados plenamente:

Cahier I
Preliminaires
\$ 1 Introduction
\$ 2 Analyse des erreurs linguistiques
Principes de phonologie

Linguistique
(ICLG:v)

Quanto ao item (c), as diferenciações geográfica e temporal não foram tratadas por meio da história das línguas indo-europeias, mas apresentadas como efeitos das mudanças fonéticas, no referido domínio. Já o item (d), considerado secundário pelo professor, foi incluído no Curso I justamente no início, nos dois parágrafos da seção “Preliminares”. Podemos supor uma razão didática para tal procedimento, como a descoberta do nível de sua audiência.

Em outra reunião administrativa, em dezembro de 1906, a proposta de Saussure foi nomeada como “Linguística Geral e Gramática comparada das línguas indoeuropeias”. Naquela ocasião, salientou-se que a disciplina seria interessante para alunos da habilitação em Ciências Sociais (Vincent: 2013,130). O que não precisamos imaginar é a razão pela qual Saussure decide ministrar o item (a), sobre mudanças linguísticas, por ele considerado **menos** importante, **antes** do item (b), sobre a determinação de estados de língua, julgado **mais** pertinente pelo professor:

[...] **la langue, une chose qui évolue, n’est pas dans mon idée la plus importante, mais est la plus importante en ce sens que c’est la plus neuve pour les étudiants** qui sortent de l’apprentissage pur et simple d’une langue comme le grec ou le latin et la plus propre à leur **inspirer de l’intérêt pour ces langues sous un point de vue qu’ils n’avaient pas aperçu** (Vincent, 2013:129) [grifo nosso]

Vemos, assim, que um conteúdo considerado de menor familiaridade *para os estudantes* mereceu a primeira atenção. No Curso I, na passagem de “Linguística” para o capítulo das mudanças fonéticas, encontramos a seguinte explicação do docente:

Précisément pour cette raison, il sera bon de commencer l’étude de la langue par le point de vue historique, **non pas qu’il soit plus important que <le statique avec lequel il a une sorte d’antinomie> mais parce qu’il <nous échappe à première vue, il>** paraît nécessaire de compléter par là notre concept de la langue. (ICLG:27) [grifo nosso]

Na atividade prevista, Saussure explicita a preocupação com os conteúdos supostamente novos para os alunos. Na atividade realizada, o professor encontra um motivo para a ordem do programa dentro da complexidade do próprio assunto (*avec lequel il a une sorte d’antinomie, parce qu’il nous échappe à première vue*), frisando, entretanto, que a precedência do tema não implica que ele seja mais importante do que, no caso, o ponto de vista estático.

Mais ainda, a distinção entre *manual*, entendido como ‘livro didático’ de *método*, entendido como maneira de se apresentar determinado conteúdo: **“La méthode** suivie en général dans **les manuels** de phonologie n’est pas bonne car elle oublie 1) <qu’>il y a deux côtés dans l’acte phonatoire: [...]” (ICLG:12) [grifo nosso] Essa distinção que, para o programa do curso não é relevante, para nós, se converte em importante detalhe informativo sobre conceitos didáticos em Saussure. Adiante, encontramos menção explícita à maneira de ensinar:

[...] ici nous ne considérons que le changement phonétique, **ce qui n’est pas une mauvaise manière de procéder**, puisqu’il **représente éminemment les autres espèces de changements linguistiques**. (ICLG:43,44) [grifo nosso]

A ‘justificativa’ para se ‘restringir’ às mudanças fonéticas se dá pela ‘representatividade’ do fenômeno em relação às mudanças linguísticas. Após fazer não poucas críticas ao método comparativo, ao método histórico, às leis fonéticas, às classificações de mudanças fonéticas e a suas alegadas causas, Saussure reafirma a pertinência do referido estudo pela relação de exemplificação que ele tem com outras ‘espécies’ de mudanças linguísticas, o que acaba por reafirmar, ainda, sua própria posição sobre a pertinência do assunto em uma disciplina universitária (*pas une mauvaise manière de procéder*). Do mesmo modo, em *Fonologia*, o professor explicita o objetivo da exposição sobre os fonemas que acabara de ministrar: “Jusqu’ici nous n’avons fait que <de la> classification <des> espèces phonologiques pour

connaître surtout les termes en usage.” (ICLG:20) Entendemos que o professor expôs os alunos a uma classificação em voga, que será por ele criticada, pela arbitrariedade que ela apresentaria (ICLG:20).

Por fim, o item (e) também encontrou diferentes destinos em 1907. “Estudo dos símbolos” não foi tema ministrado, “noção geral da língua” foi rapidamente abordado no exíguo tópico “Linguística” (ICLG:27-28); “erros a esse respeito” esteve presente no parágrafo 2, como erros ligados ao uso da escrita para estudar a Linguística. “O lugar da linguística no círculo geral das ciências sociais” não foi tratado de maneira explícita. O que encontramos a esse respeito, no Curso I, foi, em primeiro lugar, a diferenciação, nas preliminares, entre Linguística e Sociologia (ICLG:2). Neste também exíguo trecho (duas linhas), afirma-se que é por intermédio desta última que a Linguística se contata com a Psicologia, sem maiores explicações. Em segundo lugar, encontramos, no tópico “Linguística”, a comparação da linguagem a uma instituição social, dentro do item que consistiu em comparar as chamadas “[...] trois conceptions principales du langage qui se presentent naturellement et qui sont insuffisantes.”(ICLG:27).

A Linguística Geral, recordemo-nos, era ensino realizado a cada dois anos, incluído dentre as opções do segundo exame da Faculté, o que demandava, da parte do aluno, seis semestres cursados. A duração semanal era de duas horas, repartidas em dois dias distintos. Vincent aponta 15 (quinze) alunos regularmente matriculados no Curso I (Vincent, 2013:171). Joseph, por outro lado, afirma que o público-alvo do Curso I se compôs de 6 (seis) estudantes “sem bagagem linguística” (Joseph, 2012:491). Na apresentação dos documentos a que teve acesso, Vincent (2013:141) não explicitou se foi possível apurar a proveniência de cada estudante, a não ser daqueles, em número de quatro, que optaram pelo exame na referida matéria, nas seções de julho e outubro de 1907: dois deles, L. Caille e H. Ziegler, cursavam a habilitação em letras modernas, ao passo que os dois outros, G. Ford e M. Wittmann, estavam inscritos em letras clássicas. Nesse sentido, podemos imaginar que uma audiência possivelmente mais avançada em relação à de ciências sociais possa ter agido sobre as mudanças que o programa efetivo sofreu. Entretanto, não sabemos se a maior parte dos frequentadores provinha da outra habilitação, ainda que não tenham optado pelo exame, nem temos informações sobre a efetiva frequência da turma.

O professor é referido por Riedlinger como “M. de Saussure” em três momentos: no cabeçalho que abre suas anotações revisadas para o Curso I (ICLG:1), porção não contemplada por nossa análise; ao final do domínio *Fonologia*, em que o aluno compara os sistemas de notação de “M. de Saussure” e de “Karl Brugmann” (ICLG:25) e, por fim, no domínio *Analogia*, quando uma pergunta retórica fica sem resposta: “Je le laisse à votre appréciation (de Saussure)” (ICLG:99).

‘M. de Saussure’, por sua vez, faz autorreferência preferencialmente por meio de *nous*:

En continuant **nous observations, nous remarquerons** qu’[...] (Fonologia, ICLG:22) [grifo nosso]

Nous réservons <expréssément> le mot: phonétique pour désigner les changements des sons dans le temps et nous excluons la physiologie [...] (Fonética, ICLG:28) [grifo nosso]

Nous disions plus haut que la loi du moindre effort ne pouvait élucider la question que dans um certain sens. (Fonética, ICLG:39) [grifo nosso]

Por vezes, o uso de *nous* engloba o professor, os alunos e ‘todos’ os seres humanos:

[...] or **ce qui>nous est donné** tout d’abord, ce ne sont pas les sons isolés mais des étendues de sons parlés; [...] (Fonologia, ICLG:12)

Maintenant **nous avons je trouve, il trouve** par analogie [...] (Analogia, ICLG:57)

O pronome *nous*, como dissemos, é mais frequente para designar o próprio professor. Encontramos, ainda, o pronome *je*. Em nossa interpretação, ele se aproxima do professor, como se nos permitisse acompanhar seu raciocínio diante de um problema; ao mesmo tempo, como Saussure ‘se deixa’ observar, *je* traz a voz do analista, do especialista:

Ainsi en allemand moderne: *Lang:Länge* [...] **Je pourrai** même user de cette régularité **si je fais** une grammaire et formuler une loi, mai ce será une loi grammaticale [...] En latin: [...] *rapio:arripio* [...] Ici la seule formule à laquelle **je puisse songer** est la grammaticale et **je l’exprimerai** [...] (Fonética, ICLG:53)

Já quando se trata de proporcionar um efeito de maior distância da enunciação, encontramos o pronome *on*: “On a dit longtemps: *il treuve* [...]” (Analogia, ICLG:57), “Une autre source

d’erreur vient de ce que l’on formule une loi, un changement phonétique au présent.” (ICLG:35).

De modo geral, os conteúdos dos domínios *Fonética* e *Analogia* versam sobre a ‘vulgata’ neogramática, tal como esquematizada por Caussat (1978), o que não significa que o professor a endosse. Frisamos que não se trata de classificar como ‘neogramático’, senão de apontar que, em termos de programa, o primeiro curso de Linguística Geral professado por Saussure, em 1907, toma como ponto de partida teses germanófonas particularmente em evidência entre os anos de 1870 e 1890, com as quais entrou em contato inclusive pelo fato de ter estudado em Leipzig, com professores como H. Osthoff e K. Brugmann. No mesmo capítulo, adotamos a historiografia de Caussat a respeito daquela corrente teórica, cujos pontos principais agora retomaremos. Desta vez, entretanto, adicionamos ao esquema, a título de ilustração não-exaustiva, um trecho de nosso material de análise, que explicita a sintonia que enxergamos, para além do próprio sumário do curso:

Quadro 12 Domínios neogramáticos [adaptado de Caussat (1978:32)]

fonetismo (<i>phonétisme</i>)	analogia (<i>analogie</i>)
produção fisiológica, inconsciente, material, [...] inovadora	maior demanda de consciência, regularização da instabilidade decorrente das mudanças de som

Le résultat le plus général du changement phonétique est une action différentiatrice, <la somme des formes existant dans la langue est augmentée.> <Nous verrons que> les changements analogiques sont unificateurs et travaillent à l’encontre des <changements phonétiques>. Tou<tes> les modifications normales de la langue qui ne viennent pas du changement> phonétique <sont des effets de>l’analogie (ICLG:55)

Joseph já havia apontado a presença do discurso neogramático no Curso I (Joseph, 2012:503), discurso este relativizado por Saussure. Como vimos nos capítulos 4 e 5, o termo *lei*, por exemplo, foi considerado uma contradição (ICLG:28) e, posteriormente, redefinido (ICLG:54), tanto assim que o professor adotou algumas classificações alemãs (*combinatórias*, *espontâneas*, *Ablaut*) sob o rótulo de “vaste champ des Lautverschiebungen” (ICLG:34), das mudanças de som, e não das leis, que dispunham, entretanto, do rótulo de *Lautgesetz*, do qual o professor optou por não se servir. Quanto à analogia, o conceito era visto como um tratamento à exceção, segundo uma tese neogramática, mas é apresentado, pelo professor, como uma habilidade involuntária, semi-consciente (ICLG:64,65), de tecer associações e classificações, por parte do falante.

Como vimos no final do Capítulo 1, o uso de prefixos, sufixos, raízes e radicais como subunidades da ‘palavra’ pode ser ligado ao trabalho de Bopp (1816), considerado fundador para o comparativismo.

6.2 Definições e Exemplos de língua

Fonética, fonologia e analogia: *nominis*

Comparando-se as definições de *fonologia* (Capítulo 3), *fonética* (Capítulo 4) e *analogia* (Capítulo 5), observamos que os três termos apresentam *definitio nominis essencial* acompanhada de menção àquilo que *não são*. *Fonologia*, por exemplo, foi definida em discussão sobre terminologias alemãs e inglesas e excluiu a fonética de seu alcance. Do mesmo modo, *fonética* excluiu a fonologia e, *analogia*, se não excluiu *anomalia*, foi a ela contraposta.

Demais definições: *rei*

Para as demais definições, nos três domínios prevalece a categoria da *definitio rei*, quanto ao objeto. A definição *nominis*, entretanto, foi mais frequente nos termos que havíamos classificados como estando mais próximos do pólo metalinguístico. Em *Fonologia*, a relação foi clara: todas as cinco definições apresentadas em *nominis* se enquadraram no referido pólo (*fonologia*, *implosão*, *explosão*, *sonante*, *consonante*)

Em *Analogia*, a relação se mostrou mais nuançada, ainda pendendo para a regularidade de *Fonologia*: das seis definições *nominis*, quatro incidiram em termos considerados “mais” metalinguísticos. Observamos que a definição *nominis* em que ocorrem os dois outros termos por nós classificados como epilinguísticos é antecedida por definição *rei*. Assim, *criação* foi, primeiramente, definido em *rei* e, em seguida, como se o professor quisesse aprofundar ou mudar levemente o foco da exposição, definido em *nominis*. De maneira um pouco diferente, *análise subjetiva* se apresentou após a definição de seu correlato, *análise objetiva*, esta em *rei*. É forçoso reconhecer que teríamos podido simplesmente classificar *análise subjetiva* como

um conceito tão metalinguístico quanto seu par, mas que optamos, em virtude da proximidade com o falante que o conteúdo do conceito pretendeu atingir, elencá-lo no pólo epilinguístico.

O domínio em que o predomínio de definições *nominis* no pólo metalinguístico foi menos flagrante é *Fonética*. Das quatro ocorrências, duas pertenciam ao referido pólo, *fonética* e *evolução*, e duas outras, *causa* e *analisar*, ao pólo epilinguístico. No parágrafo especialmente dedicado ao exame das causas das mudanças fonéticas, o termo *causa* não é definido de início. Ele já havia sido empregado para apresentar a primeira causa alegada, que veio a ser contestada (Cf. Capítulo 4, ‘Resumo do conteúdo temático’). É assim que o professor dirige a exposição de um ponto em que estava concentrando-se no conteúdo (a ser refutado) da causa, para o ponto de estipular, definir o próprio termo, procedimento semelhante ao *criação*, como vimos no parágrafo anterior. O termo *analisar*, por fim, à semelhança de *análise subjetiva*, é definido após ter sido mencionada, e não definida, a questão da divisibilidade da palavra, questão metalinguística.

O mesmo se dá em *Fonética*, mas de maneira mais nuançada, porque o tipo *nominis*, embora mais expressivo na referida coluna, aparece também na coluna epilinguística. Em *Analogia* não se observa a oscilação dos tipos *rei* e *nominis* em função dos pólos epilinguístico e metalinguístico. As ocorrências do segundo tipo, entretanto, definem termos particularmente importantes para o capítulo (*analogia*, *formas engendrantes*, *formas engendradas*, *gramatical*, *campo diacrônico e sincrônico*).

O emprego de definições em *nominis* se relacionou à preocupação, por parte do professor, com questões terminológicas, conhecido tema dos estudos saussurianos (Cf. Capítulo 1). Em manuscritos autógrafos não destinados a aulas, por exemplo, Saussure apontou o que julgava serem imprecisões da Ciência da Linguagem:

[...] **perversion** du sens historique [...] c’est de **dire** ‘vieux-haut-allemand’ **a se change en e devant i**, ‘faru-feris’ **au lieu de dire** « Il y a (a) un fait exigeant un temps par lequel *faris* et non *faru* est devenu *feris* ; (b) un fait n’exigeant aucun temps par lequel *faru* se trouve opposé après cela à *feris*. (ELG:223) [grifo nosso]

O trecho apresenta a maneira ‘errada’ de enunciar uma mudança linguística antes de apresentar a maneira ‘correta’ de fazê-lo. A questão da ‘perversão’ é tratada como um problema de enunciar o conceito, mais do que ‘em que’ o conceito consiste. Provavelmente

datado da década de 1890, o manuscrito foi editado como “Notes pour un article sur Whitney” (ELG:203) e a citação acima soa familiar ao domínio *Fonética*, quando Saussure frisou que o uso do presente do indicativo para descrever uma mudança era uma das imprecisões dos estudos linguísticos. O adjetivo “imprecisão” (ICLG:34), anotado por Riedlinger, se relaciona, no manuscrito, com o de “perversion”.

Classificar (Fonologia), Analisar (Fonética), Criação, Fala, Associação, Classificação interior, Língua, Análise objetiva, Análise subjetiva (Analogia): ‘análogos’

Selecionamos os seguintes termos, por serem, no dizer de Saussure, ‘análogos’, isto é, por apresentarem semelhanças e diferenças particularmente expressivas, entre os três domínios. Em *Fonologia*, escolhemos o termo *classificar*, que designa a operação metalinguística do fonólogo de submeter “centenas” de cadeias faladas ao critério da articulação do som (ICLG:13-15). Em *Fonética*, o termo *analisar* trata da experiência epilinguística do falante que compara “palavras concorrentes” entre si para chegar ao significado de uma palavra que lhe interessa (ICLG:48). No primeiro domínio, *classificar* apresentou duas definições em *rei essencial*, sem o acompanhamento de exemplos de língua, contrariamente ao segundo domínio, em que *analisar* apresentou definição *nominis funcional*, com cinco exemplos em latim, de palavras que o falante poderia comparar entre si, ou seja, analisar. Em ambas as definições, ocorre o procedimento de dizer aquilo que “não é” (essencial em negação) ou que não deve ser feito (funcional em negação), antes de se dizer aquilo “que é” (essencial em afirmação) ou que deve ser feito (funcional em afirmação). *Classificar* não é saber em que consistem os fonemas; é saber diferenciá-los; *analisar* não é consultar dicionários etimológicos; é comparar palavras disponíveis no tesouro do falante.

Em *Analogia*, por outro lado, não existe um termo único que possa ser contrastado com *classificar* ou com *analisar*. Em relação aos anteriores, esse domínio apresenta uma série de termos relacionados às operações do analista (linguista ou gramático) e do falante (ordinário), uns mais afeitos ao pólo epilinguístico, outros mais adequados para os saberes metalinguísticos: *criação, fala, associação, classificação interior, língua, análise objetiva, análise subjetiva*. Essa profusão de termos acaba por refinar e aprofundar o contraste inicial entre *classificar* e *analisar*, por força da demanda do assunto, a analogia.

O termo *criação* se aproxima de *analisar*, porque ambos tratam da instauração de um concorrente de uma palavra (ICLG:61,90), mas o primeiro adiciona a informação de que *criar* é realizar novas combinações, na especificidade da mudança analógica. Tanto em *Fonética* quanto em *Analogia*, eles aparecem em *definitio rei funcional*. Ainda sobre o termo *analisar*, ele designa a operação de contraste simultâneo do falante quando se trata de compreender uma palavra; em *Analogia*, o mecanismo de compreensão do falante é desdobrado em *língua* e *fala*, instâncias que têm ordens próprias de classificação do material linguístico (como vimos, a língua não é linear, ao contrário da fala).

O refinamento de *língua* e *fala* aparece pelo uso de todos os três tipos de definição pelo conteúdo: *essencial*, *formal* e *funcional* (ICLG:64-65,90), ao passo que, *analisar*, se restringiu ao tipo funcional. Quanto ao objeto, os termos diferem: *analisar* recebeu definição *nominis*, quando apareceu pela primeira vez no domínio, e, os outros dois, *rei*. Perguntamo-nos, ainda, se esse detalhe pode evidenciar uma estratégia que consistiria em preferir definições em *nominis* quando se introduz novo conceito que, posteriormente, será refinado, transformado, modificado em função do assunto, mas que não representa novidade “completa” para os alunos. Esse trabalho de aprofundamento e de especialização de alguns conceitos se dá em definições *rei*, justamente como as de *língua*, *fala*, *associação* e *classificação interior*, que parecem ter se beneficiado do conceito de *analisar*, sem por isso que sejam sinônimos entre si.

O caso das definições contíguas de *análise objetiva* e *análise subjetiva* parece corroborar com a variação entre *nominis* e *rei*. Sabemos que, de início, a análise do falante comum (dita subjetiva, atual, pois não conta com informações sobre estados anteriores do idioma) foi separada da análise do gramático (dita objetiva, pois se apoia em estados anteriores de certo idioma para explicar determinado estado posterior). Sabemos, ainda, que Saussure encerra ambas as definições afirmando que a análise objetiva é, na verdade, subjetiva, no sentido de ser a síntese de muitas análises subjetivas (ICLG:85). A análise subjetiva, agora classificadora, por assim dizer, da objetiva, aparece em *nominis*, ao passo que a outra aparece em *rei*.

Ao mesmo tempo em que direcionamos nossas análises para as classificações *rei*, *nominis*, *essencial*, *formal* e *funcional*, não podemos deixar de frisar que Riedlinger anota passagens

em que verificamos um uso não especializado de termos, com toques de humor e de descontração. Lembramo-nos, por exemplo, que a língua grega é considerada, no domínio *Analogia*, um idioma “fácil” para se extraírem raízes. O professor diz que os gramáticos gregos podiam se permitir fazer análises “sem baba” (*sans bavure*, ICLG:84), ou seja, análises sem resíduos ou exceções. No mesmo domínio, a língua é comparada a um vestido feito de velhos retalhos (*une robe faite de rapieçages*, ICLG:97). Já em *Fonologia*, a profusão de nomenclaturas que tomam o ponto de articulação como critério (labiais, dentais) é criticada com a brincadeira irônica de se poderem criar nomes “bizarros” como “cerebrais” (ICLG:20). Tais exemplos, não-exaustivos, nos colocam diretamente na situação de sala de aula. Joseph já havia observado tais elementos, e aponta o que chama de “relaxamento da terminologia” como um indício de estar à vontade com os alunos, de confiar que os termos não serão entendidos, por assim dizer, literalmente (Joseph, 2012:725). Lembramos, também, que, em um curso, não se pode simplesmente ‘tudo’ explicar, seja por conta de fatores contextuais (como vimos na seção 6.1), seja por um princípio inevitável de seleção didática.

Fórmula: exemplo

Essa insistência em fazer atentar, pelos alunos, a maneira de se expressar uma ideia, no modo de se dizer “corretamente” um fenômeno, pode ser ilustrada pelas variações do uso de *fórmula* ao longo dos três domínios. Em *Fonologia*, o termo ocorre apenas uma vez (ICLG:20), não recebe definição explícita e pode ser tomado como sinônimo de “mecanismo”. Ele remete a uma tabela descritiva dos fonemas, proposta por Saussure para caracterizá-los com três critérios (articulação, vozeamento, ressonância nasal), inseridos na tabela por meio de símbolos (~~, ... e [...]). Em *Fonética*, o termo ganha o seguinte destaque: “Qu’il s’agisse de changements spontanés ou combinatoires, la formule qu’on leur donne a une grande importance” (ICLG:34). Nesse domínio, sabemos, são apontadas quatro imprecisões do campo da fonética, todas relativas ao uso da terminologia da área.

À diferença de *Fonologia*, em que ‘fórmula’ era o resultado de uma descrição dos fonemas por meio de símbolos, em *Fonética*, o termo é usado em emprego menos simbólico e mais ‘verbal’, por assim dizer: deixar de anotar certos símbolos na descrição de uma mudança fonética, enunciá-la no presente do indicativo, deixar de apresentar as fases intermediárias de uma mudança e colocar os elementos de mudança em ordem incorreta são “imprecisões” na

“fórmula” (ICLG:34-46). Já em *Analogia*, o termo tem importância essencial para o capítulo, pois o sintagma *fórmula da quarta proporcional* (ICLG:56) é responsável por simbolizar a criação analógica e serve como matriz explicativa do processo, acolhendo exemplos em línguas antigas e modernas, como se o “mecanismo” cognitivo humano tivesse sido sempre o mesmo. Deste modo, se o termo *fórmula* é um caso de recorrência formal idêntica entre os domínios, pudemos observar que seu sentido sofreu, entretanto, uma especialização terminológica entre *Fonologia* e *Analogia*, de um mecanismo de descrição de fonemas (apresentado como solução analítica e didática) ao mecanismo da dimensão criadora da atividade de linguagem (apresentado como a maneira pela qual o ser humano gerencia, inconscientemente, o material linguístico das gerações anteriores na fala).

Palavra: exemplo e definição

À un certain moment on a constaté un mot : « *kalido* » [...] On pourrait citer beaucoup d’autres exemples de mots [...] (ICLG:43)

C’est [...] un contre-sens de parler de lois phonétiques, <mais> nous n’avons pas d’autre mot. (ICLG:38)

O termo *palavra (mot)* foi tematizado apenas em *Analogia*, embora tenha sido usado ao longo dos domínios, como mostram os trechos acima, ora como sinônimo de *exemplo* (primeiro trecho), ora como sinônimo de *termo* (segundo trecho). Retomamos, abaixo, os dois trechos que apresentamos em uma das análises (Capítulo 5), desta vez acrescidos de breve comentário do professor, antes que ele passasse para o assunto da aglutinação:

Notons que c’est abitrairement que nous sommes partis de l’unité du mot ; nous aurions pu partir aussi bien de l’unité de la phrase.(ICLG:68)

Pour la création analogique, nous avons déclaré prendre l’unité du mot comme base de <notre exposé>[...] : **il nous suffit de constater que le mot est une unité centrale, <une> chose claire <dans> toute langue <comme il l’est par l’instinct,> bien qu’il soit fort long de le définir.** Qu’est-ce que le processus agglutinatif ?(ICLG:92)

O primeiro trecho coloca *mot* em relação com outra unidade, a *frase*, o que nos permite supor que estamos mais próximos dos saberes metalinguísticos. Mais adiante, entretanto, a restrição que o professor coloca para “a unidade de base da exposição” (*il nous suffit de constater que*) nos insere no pólo dos saberes epilinguísticos, já que o termo é apresentado como evidente para todas as línguas e que é comparado aos conhecimentos instintivos. A estrutura

concessiva *bien qu'il soit fort long de le définir*, por sua vez, nos mostra que, metalinguisticamente, o termo *palavra* não goza de nenhuma simplicidade, sem que saibamos ao certo o tipo de polêmica que ele provocou, debate considerado não pertinente para o curso.

Definições com exemplos

Entre as definições analisadas, existem aquelas que contêm exemplos de língua. Seleccionamos, pela síntese que o capítulo nos pede, apenas dois casos que mostram a interação entre definições e exemplos. Em *Fonologia*, vimos que os conceitos de *abertura*, *fechamento*, *explosão* e *implosão* (Capítulo 3) são apresentados ‘sob o pretexto’ de descrever um exemplo (*appa*):

Si l'on nous donne un groupe <d'occlusives> « appa », nous pouvons observer que ce qui correspond au premier *p* c'est une fermeture et au second une ouverture. [...] **On a donné le nom d'implosion (>) et d'explosion (<) à ces deux phénomènes d'ouverture et de fermeture et l'on parle de *p*> implosif et de *p*< explosif. Le degré de fermeture ne fait rien pour l'implosion et l'explosion** (ICLG :21) [sublinhado do autor, grifo nosso]

Foi pela ‘descrição’ de *appa* que os termos puderam ser diferenciados e, no final, separados daquilo que *não* são: o fechamento de que se trata não é o do ponto de articulação, critério este usado para classificar os fonemas, mas os sutis movimentos dos lábios no momento em que *appa* é proferido. Em *Fonética*, observamos procedimento parecido com o do caso anterior, para o termo *analisar* (Capítulo 4), anteriormente comentado quanto ao tipo de definição em que foi classificado. O que se ‘descreve’, desta vez, é a experiência do falante, às voltas com o exemplo latino *undecim*:

Quand nous disons que les sujets parlants pouvaient analyser *undecim*, cela ne peut avoir d'autre signification <il ne s'agit pas en effet d'analyser au moyen de dictionnaires étymologiques ou en recourant aux documents historiques de la langue !> **que : ces sujets avaient dans la langue des mots concurrents comme *unus* et *decem* avec lesquels ils pouvaient comparer *un* et *decim*.** (ICLG :48) [grifo nosso]

A compreensão da experiência ‘real’ (epilinguística) do falante depende, inevitavelmente, de *unus*, *decem*, *un* e *decim*. Atentamos, ainda, para a inserção do comentário que *não* descreve tal experiência (*il ne s'agit pas ...*).

Exemplos de língua

A importância e a complexidade dos exemplos configuraram, nesta dissertação, um parâmetro metodológico próprio, dividido, por sua vez, em quatro subparâmetros: contagem por língua, demarcação, representação e tipos. Quanto à contagem por idioma, a saliência mais produtiva que obtivemos foi a que permitiu observar o revezamento entre latim, francês e alemão, seguidos do grego:

Tabela 6 Contraste de idiomas nos domínios *Fonologia*, *Fonética* e *Analogia*

	<i>Fonologia</i>	% no domínio	<i>Fonética</i>	% no domínio	<i>Analogia</i>	% no domínio
1º lugar	todas as línguas	59,6	alemão	36,1	francês	35,1
2º lugar	latim	11,6	latim	28,7	latim	24,38
3º lugar	nenhuma língua	59,6	francês	17,6	alemão	20,37
	francês	5,96	grego	11,0	grego	14,4
	grego	4,3				
	alemão	1,65				

A peculiaridade do primeiro e do terceiro lugares de *Fonologia* será tratada logo adiante, pelo subparâmetro da representação. Quanto aos idiomas que optamos por excluir da tabela, como o inglês, o espanhol, dentre outros, observamos que, de modo geral, eles cumprem a função de reforçar uma argumentação feita em torno de um dos quatro idiomas destacados, além de ocorrerem de maneira muito pouco representativa em relação a eles.

Atendo-nos ao quadro, observamos que **o latim (11,6%, 28,7% e 24,38%)** ocupa a segunda posição em todos os domínios. Pelos menos duas particularidades que o idioma apresenta são convertidas em exemplos ‘mais vantajosos’ do que possíveis exemplos em francês ou alemão. Em *Fonologia*, a oposição entre sílabas breves e longas, fenômeno opaco em francês moderno, por exemplo, é aproveitada por Saussure, para se discutirem os limites da percepção dessa duração pelo falante (ICLG:23). Já em *Fonética* o latim é, novamente, mais nítido do que o francês para ilustrar a composição de certas palavras, que se encontram por demais opacas em francês, em decorrência do fonetismo (ICLG:45). Em *Analogia*, entretanto, não há ‘privilegio’ ao idioma. O domínio se inicia, na verdade, com um exemplo em francês e o professor salienta que não são necessários “exemplos históricos” (ICLG:56) para ilustrar a analogia. Tanto em *Fonologia* quanto em *Fonética*, o latim serviu como inspiração para

alguns exemplos fictícios; no primeiro domínio, vimos que *fenestra* permitiu a criação de um exemplo ‘à moda’ semita, *F.N.S.T.R* (ICLG:13).

No segundo domínio, o idioma nomeado ‘exótico’ teve seus exemplos inspirados em francês, em italiano e em latim, mais precisamente em *calidum* (ICLG:49). Já em *Analogia* a matriz geradora de exemplos é a fórmula da quarta proporcional, e não o latim, mas o idioma forneceu um exemplo inventado *fer-signum* (ICLG:70), não no sentido de ‘neologismo’, mas do que hoje entenderíamos como ‘agramatical’ (Capítulo 5). Para Joseph, o significado do exemplo, “que porta signos” antevê o futuro signo do Curso III (Joseph, 2012:511). Ao mesmo tempo, o idioma oferece o que chamamos de ‘casos consagrados’ para o Curso I, como o rotacismo (*rotacisation*, ICLG:56), fonético, e a criação analógica *honos* (ICLG:56-57,61). O idioma, ademais, foi usado para ‘corrigir’ a lei de Verner (ICLG:35).

O francês (5,96%, 17,6% e 35,1%), como língua de trabalho do Curso I, atua em função de glosa, de alemão e de grego, glosas bastante raras, na verdade, raridade que pode revelar os pré-requisitos dos alunos. Em *Fonologia*, o francês ilustra, por meio de palavras, alguns fonemas supostamente menos evidentes para a audiência (ICLG:18). Em *Fonética*, os exemplos em francês ‘demoram’ a aparecer, sendo precedidos por inúmeras ocorrências em latim, alemão e em grego. No mesmo domínio, o idioma é, com frequência, acompanhado pelo latim. Um dos casos de acompanhamento, como vimos no parágrafo anterior, é o da possibilidade de se visualizarem, em latim, fenômenos ‘invisíveis’ em francês moderno. Já outros casos mostram mudanças fonéticas do latim ao francês (ICLG:45). Por outro lado, em *Analogia*, o francês, em primeiro lugar, proporciona não apenas exemplos de criações analógicas historicamente atestadas, mas também o que chamamos de ‘neologismos’, ou analogias possíveis, criadas por Saussure. Enxergamos mais um índice do repertório da audiência que, fluente em francês, podia compreender o caráter de inovação, ‘erro’ ou estranheza da inovação, ao passo que uma criação em grego antigo, por exemplo, não teria provocado o mesmo efeito.

Assim como a língua francesa em *Fonologia*, **o alemão (1,65%, 36,1% e 20,37%)** ilustra, com o detalhamento de suas variedades, fonemas considerados mais opacos, como quando Saussure utiliza, em um mesmo parágrafo, as variedades do alemão suíço e do norte da Alemanha. Em *Fonética*, domínio que se encontra em primeiro lugar, a língua é apontada

como mais vantajosa para a exposição do que a francesa, no sentido de que ela é descrita como um idioma em que os fenômenos não se encontram “embaçados” (*voilés*) pela escrita, ao contrário, justamente, do francês (ICLG:31). Além disso, o alemão fornece ao domínio da fonética uma terminologia própria (*ablaut, umlaut, combinatorische* etc), forjada em alemão para o estudo da mesma língua. Quando Saussure apresenta o que chama de “vasto campo das *Lautverschiebungen* alemãs” (ICLG:33), ele expõe o aluno a um verdadeiro ‘banco de dados’. Na verdade, os estudos comparatistas e neogramáticos, como vimos no Capítulo 1, produziram obras que proveram de dados técnicos as futuras gerações (Colombat et al., 2007:185), a despeito das críticas que seus modelos sofreram e da ausência de menções explícitas aos ‘autores’ dos dados, o que é, ainda, indício da paradigmática pedagogia de tais estudos. Em *Analogia*, a língua alemã perde a primeira posição para a francesa, mas atua expressivamente, seja para fornecer ‘neologismos’, acompanhando o francês, seja por apresentar, no entendimento do Curso I, particularidades que o francês, novamente, não apresenta: a facilidade de percepção de raízes e prefixos. Assim como para a língua latina que, em *Fonética*, ‘argumentou’ em favor da ‘correção’ da lei de Verner, concebida para o alemão (ICLG:35), a língua alemã, em *Analogia*, ‘argumentou’ em favor do francês moderno (ICLG:35). Esses dois casos, embora marginais, nos mostram que os estados – mais antigos, mais recentes – dos idiomas não importam para as referidas argumentações, de modo que estados antigos puderam invalidar conclusões sobre estados mais recentes.

Por fim, **o grego (4,3%, 11% e 14,4%)** se manteve em quarto lugar em *Fonética* e *Analogia*, sempre atrás dos outros idiomas, como em *Fonologia*. De modo geral, observamos que ele exerceu a função de acompanhamento de idiomas cujas argumentações reforçou. Em *Fonologia* e *Fonética*, ele acompanhou o latim, ao passo que, em *Analogia*, ele acompanhou mais frequentemente o alemão, pela alegada facilidade de percepção de subunidades das palavras. Frisamos que, de acordo com o plano de ensino da Linguística Geral apresentado por Saussure, em 1906, os idiomas latim e grego estavam previstos na disciplina, como pré-requisitos dos alunos. Entretanto, a disciplina deveria pretender despertar uma ‘nova percepção’ dos idiomas nos alunos (Vincent, 2013:129). Vemos, assim, no Curso I, a coexistência entre línguas antigas e modernas, ambas com o mesmo poder argumentativo (Capítulos 4 e 5).

Demarcação: tipográfica e robusta

Todos os exemplos se encontram em itálico, intervenção editorial explicitada no prefácio da edição em que nos baseamos. Assim, foram os marcadores robustos que nos proporcionaram um contraste realmente expressivo em termos de **demarcação dos exemplos de língua**.

Os marcadores *par exemple*, *l'exemple*, *en allemand*, *en français* são comuns aos três domínios, mas a menção a fontes enunciativas embutidas nesse marcadores robustos difere entre, por um lado, *Fonologia* e, por outro lado, *Fonética* e *Analogia*. No primeiro domínio, a demarcação tipográfica é hegemônica, a robusta é rara e não encontramos nenhuma fonte enunciativa. Já nos outros domínios, a marcação robusta é enriquecida com sintagmas do tipo *dans la conscience de tout le monde* (ICLG:45); *dans le parler local* (ICLG:45), *lat.pop.* (ICLG:45), *récément le mot picard* (ICLG:50), *le parisien* (sic) (ICLG:50), *les enfants disent* (ICLG :56), *on a dit longtemps* (ICLG:57), *maintenant* (ICLG:57), (ICLG :63), *les grammairiens nous disent que* (ICLG :77), *un Grec aurait dit* (ICLG:85), *le grec de Xénophon* (ICLG :87), *pendant la guerre franco-allemande* (ICLG :100), dentre outros, que colocam em evidência a ‘atestabilidade’ dos exemplos, critério desnecessário em *Fonologia* e que, ao mesmo tempo, inserem o locutor na ‘produção’ dos dados.

Frisamos, ademais, que o emprego de línguas modernas e dos sintagmas que trazem ares de maior ‘atualidade’ aos dados (*maintenant, pendant la guerre franco-allemande, récemment le mot picard* etc), parecem estar em sintonia com as reflexões sobre o ensino universitário na Faculté, no início do século XX (Capítulo 1).

Representação: compreensão

Os sintagmas que acabamos de destacar como marcadores robustos ‘especiais’ (previstos por Chevillard et al., 2007) também exercem função importante da perspectiva do subparâmetro da **representação das línguas-objeto**. Por meio desses marcadores, os exemplos passam a ser válidos não atemporalmente, mas ligados a um tempo, a um espaço, a um grupo de falantes que ‘calibram’ seu alcance. Em *Fonologia*, diferentemente, a argumentação é dirigida para a ‘universalidade’ dos fonemas, para sua capacidade de atingir a grande maioria de idiomas, reduzidos a alguns símbolos sonoros, que são submetidos a um processo de classificação por

parte do analista. Nesse sentido, os exemplos de fonologia pretendem representar as línguas por extensão, ou seja, sua totalidade. A generalidade é, deste modo, ampliada com o uso dos símbolos sonoros, que não são nomeados ‘espécies fonológicas’, no texto.

Em *Fonética*, a argumentação e os exemplos procuram, ao contrário, restringir o que é entendido como excesso de generalidade. A crítica quanto ao uso do presente do indicativo para enunciar uma mudança fonética alega que o referido tempo verbal faz crer que a mudança pode vir a se repetir ou que é freqüente no idioma, ao passo que, defende Saussure, o máximo que a fórmula pode fazer é atestar que certa mudança aconteceu em certo tempo, em determinada comunidade de falantes (espaço), o que acabou por colocar em questão o próprio termo de *leis fonéticas*, cuja análise detalhada propusemos em outro momento (Capítulo 4). Nesse sentido, a apresentação de certa mudança fonética em determinado idioma [como a mudança de *î* para *ei* em alemão (ICLG:31)] não lista ‘todos’ os elementos que sofreram a mudança, o que nos permite entender que a língua alemã é, por esse mecanismo, representada por compreensão, não exaustivamente. Entretanto, não se pode ampliar a mudança de *î* para *ei* para outros idiomas, o que não deixa de reduzir a generalidade das conclusões.

Não podemos ignorar, ademais, outro nível de representação da língua alemã em *Fonética*. Se grande parte dos exemplos foi coletada no “vasto campo das *Lautverschiebungen*”, esse campo acaba por atuar como um corpus fechado na representação da língua alemã no domínio, o que nos lembra a situação de gramáticas antigas, que tomam por universo, fechado, os dizeres dos Autores, embora saibamos que as gramáticas tenham a preocupação em fixar e normatizar a língua, o que não se condiz, evidentemente, com o Curso I. Em resumo, latim, alemão e grego, assim como francês, embora em menor grau, forneceram exemplos ao primeiro curso não por simples preferência idiossincrática de Saussure, mas porque foram línguas sobre as quais se fizeram estudos que, em consequência, produziram dados sobre elas, forçosamente seletivos, mas metalinguisticamente transmissíveis.

Em *Analogia*, a generalidade volta a ser ampliada, não pela operação de classificação do analista, como foi o caso em *Fonologia*, mas, desta vez, por uma fórmula que pretende representar o mecanismo ‘cognitivo’ das inovações nas línguas, a conhecida fórmula da quarta proporcional, matriz geradora de exemplos, compatível com qualquer idioma (na

verdade, latim, francês, grego e alemão, como foi visto). Ao mesmo tempo, a generalidade em *Analógia* sofre constantes modulações, ora aumentada, ora diminuída (Capítulo 5), e uma das diminuições consiste em separar, em exemplos de língua, aqueles que decorrem de mudança fonética daqueles que são criações analógicas, separação que não é considerada autoevidente pelo professor. A questão da representação pode ser visualizada em maiores detalhes nos capítulos 4 e 5, em que listamos menções explícitas ao uso dos exemplos em *Fonética* e *Analógia*. Frisamos que, em *Fonologia*, não há comentários afins.

A despeito da proveniência dos exemplos que Riedlinger anotou, a Linguística Geral pretende dar conta de todos os idiomas, o que configura, para o Curso I, um corpus indeterminado. A distinção entre corpus finito (*corpus fini*) e conjunto indeterminado (*ensemble indéterminé*) foi proposta por Rey (1995), como vimos no primeiro capítulo. O pesquisador sustenta a pertinência dessa distinção distribuindo tarefas e objetivos diferentes a cada uma delas. Uma tradição como a tâmul, que pretende explicar um conjunto finito de sutras, compete à Filologia, segundo Rey, por extrair e manter na memória uma série de enunciados, ao passo que uma tradição construída sobre um corpus indeterminado compete à Retórica e à Didática, que exercitam a habilidade do gramático, em nosso caso, do aluno e do linguista, de produzir “algo de exemplificante” (Rey, 1995:100). É justamente esse ‘treinamento’ que observamos no Curso I, até mesmo pelos comentários feitos pelo professor sobre o alcance ou a pertinência dos exemplos que dá (Capítulos 3, 4 e 5).

Para ilustrar a busca por tirar conclusões a partir da observação de idiomas, convertidos em itens “exemplificantes”, retomamos, a seguir, um trecho de *Analógia*, em que a argumentação parte da observação dirigida de exemplos de língua para chegar a duas conclusões, chamadas “tendências”:

On peut se demander: **comment <il> se fait que la division ressentie à un moment donné ne soit pas permanente, fasse place à d’autres manières de diviser le mot ? [...]** Sans <en> faire une classification, quelques exemples nous feront voir ce qui s’est passé :[...] (ICLG :86)

O professor se serve de uma pergunta retórica para analisar uma sequência de exemplos: o primeiro consiste em duas declinações do indoeuropeu e trata da progressiva dificuldade em dividir em subunidades a palavra *ekwō*, fenômeno parecido com seu cognato em grego (ICLG:86). Em seguida, esse idioma fornece novos exemplos sobre a mesma questão da mudança de divisibilidade, mas para as subunidades de raiz, prefixo e sufixo. O alemão, na

sequência, fornece um exemplo de sufixo que se tornou opaco com o tempo. A sequência de exemplos termina com a possibilidade de generalização ilimitada: “Ce perpétuel changement de point de vue peut être illustré par des exemples sans fin. Pour teminer, um exemple pris dans la langue moderne: [...]” (ICLG:89) Ao final da sequência, duas conclusões são apresentadas como *tendências*:

- 1.une tendance générale à diminuer l’élément radical au profit de l’élément formatif [...] ; et
2. une tendance très particulière d’annexer l’élément radical à l’élément formatif <si l’élément radical est vocalique>, [...] (ICLG :89) [sublinhado do autor]

Como já apontamos na análise detalhada de *Analogia* (Capítulo 5), Saussure não fala em “leis” no domínio, mas em “tendências”, enunciadas após a observação de exemplos, constantemente comentados. É nesse sentido que, diante de um conjunto indeterminado de possibilidades (como determinar todas as analogias realizadas no passado e passíveis de realização no futuro?), o professor “treina” o olhar do aluno para que este apure “tendências”. No caso em questão, como vemos, as tendências são separadas por organizadores (1.e 2.) e pelo grau de generalidade que comportam (*générale* e *très particulière*), para incidir sobre a questão dos tamanhos relativos entre o radical e o elemento formativo.

Prosseguindo com nossa síntese, a não ser pelos exemplos de *Fonologia*, em sua esmagadora maioria exemplos de fonemas, os **tipos de exemplo** em *Fonética* e *Analogia* são, também em esmagadora maioria, “palavras”, assim chamadas no Curso I (ICLG:62, 92).

Identificamos, ademais, tipos de exemplos que classificamos como “herdados”, o que já fora previsto pelo de Chevallard et al. (2007). Assim, as referências a Niedermann (ICLG:20), a Brugmman (ICLG:25), às *Lautverschiebungen* (ICLG:29) e a outros autores, escolas, obras e termos, se inserem neste item que, entretanto, não faz parte de nossos objetivos de pesquisa, pelos limites que dissertação precisa respeitar, muito embora consideremos mais do que oportuno um estudo sobre as fontes dos exemplos presentes no Curso I. Ainda sobre os tipos, os exemplos inventados merecem breve comentário. Eles existem tanto em *Fonologia* quanto em *Analogia*. Quando confrontamos os exemplos *amba* (ICLG:16) e *appa* (ICLG:22) com *interventionnaires*, *repressionnaires* e *Elephantlein* (ICLG:62), por exemplo, percebemos que sua natureza fictícia varia de acordo com o domínio em que estão inseridos. Os dois primeiros

evidenciam aspectos justamente fonológicos, as sequências oclusivas, enquanto que, os três últimos, exemplificam a criação analógica. Por definição, a analogia não separa, nos termos de Saussure, “forma” e “ideia”, contrariamente a *amba* e *appa*. Embora pouco frequentes, os exemplos fictícios expõem de maneira ostensiva o argumento dos assuntos tratados.

6.3 Organizadores, Esquematizações e Perguntas Retóricas

Em todos os domínios observamos mecanismos de organização, de esquematização, assim como o uso de perguntas retóricas. O uso constante desses recursos nos parece bastante informativo sobre a didática do professor.

Organizadores

Quanto aos organizadores, os recursos empregados em todos os domínios consistiram em algarismos arábicos, algarismos romanos, grafemas latinos e parênteses. Em estudo genético sobre modalidades argumentativas em Saussure, Sofia (2012) apresentou uma série de manuscritos autógrafos relativos à preparação de uma resenha. Nas folhas exibidas no artigo, constatamos a presença desse tipo de organização: “[...] Trois choses nous embarrassent [...]” (Sofia, 2012:70). Todos os organizadores que encontramos, cujas especificidades foram descritas nos capítulos 3 a 5, proporcionaram, em nosso entender, tanto uma “organização” da dúvida, quando se tratava de observar, por exemplo, séries de ocorrências lingüísticas para delas se extraírem conclusões (ICLG:86-89), quanto a enumeração de críticas a determinada terminologia ou ideia (ICLG:37-41). Do mesmo modo como encontramos menções explícitas ao uso dos exemplos, os marcadores também foram tematizados.

Quando um mesmo assunto condizia com mais de um parágrafo, por exemplo, como quando se disse que o princípio fonético atuava sem levar em conta a categoria gramatical do elemento a ser transformado, encontramos observação a esse respeito, para os parágrafos 2 e 4 de *Fonética*:

Il fallait insister à cet endroit sur ce point **bien qu’il se rattachât aussi aux effets des changements phonétiques** parce qu’il touche l’essence des changements phonétiques considérés en eux-mêmes. (ICLG:37) [grifo nosso]

Nesse último caso, a própria repartição é objeto de comentário:

Notre cas B) se ramène à A) et s’y résout complètement. [...] Ramener B) à A) c’est même la seule façon juste de les classer. Nous aurions pu aussi placer ici (dans B)) l’exemple vu plus haut (dans A)) [...] Dans ces deux cas A) et B) que nous avons réunis après les avoir considérés comme séparés [...] (ICLG:48)

A divisão inicialmente apresentada entre *A)* e *B)* é antes um artifício provisório para a exposição do que uma classificação tradicional, consagrada ou válida na Linguística. Frisamos que o procedimento de dar ‘nomes’ aos exemplos de língua – caso B e caso A – é uma maneira de avançar na generalidade que alça um exemplo ao papel de ‘caso’, colocado em contraste com outro ‘caso’, passível de ser estendido a uma regularidade fonética. Notamos que *caso* e as letras do alfabeto latino formam nomes desvinculados de uma nomenclatura tradicional como ‘lei de Verner’, dentre outras.

Esquematisações

Em cada um dos domínios, encontramos apenas uma ocorrência, verbal ou substantiva, cujo significado se harmoniza com a compactação de informações que a presente rubrica pretendeu mapear. Para *Fonologia, en résumant* (ICLG:14) ; para *Fonética, résumons* (ICLG:50); para *Analógia, récapitulation* (ICLG:71). Em nossa interpretação, a repartição do conteúdo em itens aumenta a força da argumentação e da clareza do assunto, no sentido de que enumera, circunscreve e organiza o problema, em princípio difuso e confuso. A exiguidade dos três exemplares contrasta, entretanto, com o constante e frequente processo de ruptura e retomada da linearidade textual.

Para fins de síntese, do primeiro domínio, destacamos a tabela de classificação dos fonemas, ela própria esquematizada em fórmula descritiva do fonema, que lembra uma razão, para ilustrar a esquematização de *Fonologia*. Como comentado em detalhes no respectivo capítulo (3), o professor organiza a apresentação dos fonemas com grafemas, de *A)* até *G)*, partindo do que estipulou como grau máximo de fechamento em direção ao grau mínimo, critério, aliás, apontado por Joseph como inovador [“[...] a wholly idiosyncratic presentation [...]”](Joseph, 2012:498)], juntamente com os traços descritivos. É oportuno reconhecer que o processo de abstração crescente que enxergamos na esquematização dos fonemas, que permite, por exemplo, que *m* seja descrito em termos de *b* (ICLG:16) é, também, um recurso para

economia de tempo na sala de aula, mas o que nos parece mais decisivo, dada a regularidade do processo de diminuição da linearidade da anotação cursiva, é a exposição do aluno a símbolos e a relações que lhe permitam agrupar e rearranjar os fonemas de acordo com os três critérios estabelecidos no início do domínio, a articulação bucal, o som laríngeo e a ressonância nasal (ICLG:16).

Em *Fonética*, as esquematizações dependeram em grande medida dos símbolos de dois pontos, que apontava a simultaneidade de termos (ICLG:53), e das flechas horizontais da esquerda para a direita, que apresentavam uma relação de sucessão, de transformação de formas (ICLG:30). Em *Analogia*, os dois pontos como símbolos do contraste de dois termos contemporâneos se inseriram na fórmula da quarta proporcional (ICLG:55-104), introduzida por H.Paul (1880), como vimos no Capítulo 1. No mesmo domínio, a ordem da fala foi esquematizada com uma linha horizontal entrecortada por pequenas linhas verticais, ao passo que a ordem da língua foi representada como ponto de intersecção, chamado “estrela” (ICLG:68-70).

Perguntas retóricas

Além dos organizadores, das esquematizações e dos símbolos, as perguntas retóricas encontradas nos três domínios são estratégias didáticas na medida em que participam das argumentações desenvolvidas. Sofia (2012), em seu estudo genético, observou o uso da pergunta, quando descreveu seus manuscritos (“[...] se posant (rhétoriquement) la question [...]”, Sofia, 2012:26).

Em *Fonologia*, encontramos 8 (oito) ocorrências de perguntas retóricas atreladas à possibilidade de descrever um fonema, ou treinando o aluno para o manejo da metalinguagem, ou de inserir a unidade na cadeia fônica (Cf. Capítulo 3, ‘Esquematizações’). Em *Fonética*, as 11 (onze) ocorrências encontradas apresentam funções bastante diferentes das do domínio anterior, em muito momentos compatíveis com as 40 (quarenta) ocorrências apuradas em *Analogia*.

No trecho a seguir, de *Fonética*, a desproporção entre a pergunta e a resposta permite que se sintetize uma conclusão após a exposição de certos assuntos e de certos exemplos:

On pourra légitimement poser cette question : **s’il n’y avait dans la langue d’autre facteur de transformation que le phonétique, n’en résulterait-il pas que la langue deviendrait inintelligible par rapport à une époque antécédante ?** Sans nul doute. (ICLG :43) [grifo nosso]

A pergunta imita uma espécie de conclusão a que um aluno chegaria se tivesse sido exposto a uma sequência de exemplos e de explicações. *Sans nul doute* confirma e encerra a questão, para que se avance no programa. Encontramos, evidentemente, usos da pergunta retórica para respostas que ‘todos’ já conhecem, não apenas o professor:

Il y a là une question d’anthropologie comparée : est-ce que l’appareil varie d’une race à l’autre ? Non, guère plus qu d’un individu à l’autre, et un nègre transplanté dès sa naissance en France y parlerait aussi bien la langue que les indigènes. (ICLG :40) [grifo nosso]

Nos trechos seguintes, provenientes dos três domínios, observamos um uso um pouco diferente do recurso. A pergunta parece testar um conteúdo que acaba de ser ministrado. Apresentam-se possíveis casos em que o fenômeno pode ser visto, e se conclui, geralmente, pela negativa, parafraseando-se, em tal resposta, de maneira mais sintética, a informação recém abordada:

Y a-t-il ce qui correspondrait à un *m* des occlusives [...] ? [...] Cela peut se supposer très facilement. (ICLG:17,18)

L’effet donc des changements phonétiques se fait sentir sur toute espèce de mots et ne distingue pas entre substantif ou adjectif, radical ou désinences. [...] Est-ce que le phénomène s’arrêtera lorsque la désinence <σ> prendra une signification comme aux aoristes ἔτενσα, ἔφανσα? **Nullement, la catégorie grammaticale de s n’importe point** [...] (ICLG:37) [grifo nosso]

Mais quand la différence [...] était liée à la fonction essentielle de désigner un cas, cela a-t-il fait fléchir le phénomène [phonétique] ? **Aucunement** [...] (ICLG:37)

Le phénomène phonétique y est-il pour tout ou seulement pour une grande part dans cette dualité de formes ? Après la remarque que nous avons faite précédemment **il est aisé de répondre non** [...] (ICLG:51)

De modo mais intenso, o mecanismo de se testarem casos potencialmente confusos ou “errados”, que terminam quase sempre em respostas negativas ou que contém sintagmas de negação, é observado em *Analógia*:

Y-a-t-il des préfixes en français ? **Cela ne signifie pas** : y en a-t-il eu, <ou bien> les grammairiens en distinguent-ils ? **mais** : y a-t-il des préfixes <présents> à la conscience de ceux qui s'en servent ? **Certainement.** (ICLG:72)

Parlerons-nous alors dans *finals-finaux* de changement analogique et dans *firmamentaux* de création analogique ? **Nullement**, donc dans les deux cas il y a création: [...] (ICLG :62)

[...] le préfixe <français> *in-* [...] <est partout d'origine> savante (populaire : *en-*). Est-ce qu'à ce titre nous devons lui refuser la valeur de préfixe ? **Non**; [...] (ICLG:72)

[...] si l'on donne: *inspiration, insufler, ingurgiter* ou d'autres ce préfixe *in-* <au point de vue de la forme> est incontestablement le même que celui de *inconnu*. Est-ce une raison d'identifier *in-*(spiration) avec *in-*(connu) ? **Non**, [...] (ICLG:73)

Donc ce que j'avais considéré comme <le> résultat d'une abstraction fonctionne <ici> comme mot complet ? **Non.** (ICLG:83)

[...] En se plaçant dans le grec de Xénophon on peut se demander :

1. quelle est la division subjective ? [...] 2. l'analyse objective est-elle fausse ? **Non.** (ICLG:87)

Est-ce que le composé touche à l'agglutination ? Tout le contraire [...] Ainsi dans *nau-machos* et *hippo-dromos*, suis-je en face d'une agglutination ? **Nullement** [...] (ICLG:94)

Pourtant *agunt* est-il une forme qui doit aussi peu à l'analogie que par exemple *septem* ? **Non** [...] (ICLG:97)

[...] il y a une interprétation et une analyse, mais de quoi ? de *je trayais* ? **Nullement.** (ICLG :101)

3. Il y a eu adoption des caractères matériels de l'unité du mot ; par exemple de l'accent. [...] Ce fait est-il plus important que celui de la signification ? <**Cette question doit être résolue très probablement pas la négative.** (ICLG :92)

[...] l'étymologie populaire a-t-elle agi sur ce mot ? « **Je le laisse à votre appréciation** » (ICLG :99)

Na citação que segue, a pergunta retórica, juntamente com algarismos, organiza os conteúdos:

Les changements phonétiques sont des événements parfaitement réguliers qui s'opèrent d'après leurs lois. **Les alternances en elles-mêmes [...] affectent-elles une forme qui puisse 1) s'exprimer en une loi et 2) en quelle espèce de loi ?** (ICLG:52)

Os trechos abaixo destacados, o primeiro de *Fonética*, o segundo, de *Analogia*, apresentam um uso da pergunta retórica para chamar a atenção sobre um termo que já foi usado e não foi definido, mas que precisa ser definido naquele ponto da aula:

Nous disions plus haut que la loi du moindre effort ne pouvait élucider la question que dans un certain sens. **En effet qu'est-ce que nous appelons cause ?** C'est l'occasion déterminante [...] (ICLG:39) [grifo nosso]

Devons-nous parler de changements analogiques ou de créations analogiques ? C'est un drame à trois personnages : [...] (ICLG :61)

Com frequência, em *Fonética*, as perguntas retóricas apontam uma inconsistência ou uma incompletude de uma hipótese que será refutada, como mostram os trechos abaixo:

[...] la part principale <dans les changements phonétiques> revient à notre éducation phonétique dans l'enfance, telle est l'explication en faveur depuis quelques années [...] Cette constatation mérite toute attention mais laisse le problème intact. [...] l'inéluctable pourquoi reste toujours sans réponse : **pourquoi faut-il que toute une génération convienne à garder précisément ces inexactitudes entre tous les autres changements tout aussi naturels, pourquoi ce phénomène a-t-il réussi à percer cette fois plutôt qu'une [sic] autre ?** (ICLG :41) [grifo nosso]

Voici un ordre d'objections plus fort : On dira : « le même latin "me"(te) nous apparaît aujourd'hui comme "me et moi (te et toi) ». C'est dans le cas où « me » <n'>était pas accentué qu'il est devenu « moi ». **D'où vient qu'il était accentué ou non ?** (ICLG :50) [grifo nosso]

C'est une erreur d'une foule de linguistes de croire que parce qu'il s'agit d'éléments phoniques l'alternance est un phénomène phonétique ; nous ne dirons donc jamais alternances phonétiques ! **Mais alors dans quel domaine nous trouvons-nous ?** Sur le terrain grammatical. (ICLG:52) [grifo nosso]

L'essentiel est de savoir de quelle loi il s'agit dans tous les cas où « ã ... permute avec <devient> ĩ » [...] **Ce disant, ai-je formulé une loi phonétique ou d'alternance grammaticale ?** Impossible de le dire et c'est pourquoi cette formule courante est mauvaise : on a mélangé loi phonétique et loi d'alternance en un être hermaphrodite. [...] (ICLG:54) [grifo nosso]

Esse uso da pergunta retórica praticamente inexistente em *Analogia*, a não ser pela seguinte ocorrência: “[...] <peut-on parler d’> un préfixe français <en-> ? Non, malgré tout ce que <diront> les historiens de la langue, [...]” (ICLG:72) Nesse domínio, o uso das perguntas está

particularmente atrelado a mudar o ponto de vista, do gramático (saber metalinguístico), da língua (metalinguística, mas dependente do falante), para o do sujeito falante (saber epilinguístico) [grifo nosso]:

La langue associe-t-elle des formes <rapprochées> par le sens seul ? Ainsi <associe>-t-elle *regibus* et *lupis* [...] ? (ICLG:69)

L'association entre *regibus* et *lupis* [...] **existe-t-elle dans la langue**? (ICLG:69)

Les paradigmes des grammairiens forment <-ils de ces> séries telles que [...] *veritatem, facultatem* etc. ? (ICLG:69)

La comparaison [de la langue] aboutit à l'analyse et il <en> résulte <des éléments [...] Quel est leur catalogue [...] ? (ICLG :70)

Comment **la langue** est-elle arrivée à avoir le sentiment d'un préfixe *re-*, *dé*, *in* ? (ICLG:72)

Ainsi à quel point existe un préfixe **connu de la langue** dans : *séparer*, *séduire*, *sélection* ? [...] La seule preuve absolue : [...] jusqu'à quel point **quelqu'un** pourrait-il employer un *sé-* dans une nouvelle formation ? (ICLG:73)

[...] on ne verra jamais **la langue** dire *trouver-re*, *ziehen-ent*. [...] D'où cela vient-il ? (ICLG:73)

[...] Quelle que soit l'origine de ce mot, est-ce que oui ou non <une racine> correspond à quelque chose dont [...] **le> sujet parlant** <peut dégager> ? (ICLG:75)

On donnera **au grammairien** *zeugnumi* et on le verra réduire <ce mot> en différentes unités. Sur quoi se base-t-il ? (ICLG:82)

Quelle est la valeur de l'analyse objective par rapport à l'autre ? (ICLG:85)

<On peut> se demander : comment <il> se fait que la division ressentie à un moment donné ne soit pas permanente [...] ? (ICLG:86)

D'où vient ce changement de point de vue **de la langue** ? (ICLG:89)

Quelle est la valeur de **ces analyses faites par les sujets eux-mêmes**, pour les créations nouvelles ? (ICLG:90)

Por fim, inserida na discussão sobre critérios de divisibilidade das palavras, ora por parte do gramático, ora por parte do falante ordinário, encontramos a seguinte ocorrência, em *Analogia*:

<Mais en soi dans un mot fictif *avaker* la délimitation *ava-ker*>est sans valeur logique <ni> psychologique : au nom de quoi prendre plutôt *-ker* que *-aker* ? (ICLG:71)

Flagramos, assim. a voz do professor, do analista, do linguista, no sentido de que ele propõe um exemplo fictício cuja pergunta retórica não recebe, naturalmente, neste caso, resposta.

6.4 Conclusões

Nossas análises nos levam a reconhecer que o conteúdo temático abrangeu temas em voga no século XIX, entre o comparativismo e algumas teses neogramáticas. O Curso I passou em revista concepções sobre a língua e sobre as causas de mudanças, sem que se ‘aderisse’ a nenhuma delas de modo ostensivo. Essa generalidade que identificamos no programa nos parece estar relacionada com o remanejamento da disciplina de Linguística Geral para alunos de ciências sociais e para inscritos em clássicas ou modernas, estes últimos que haviam tido contato com grego e latim com o objetivo de aprendê-los. Nesse sentido, o predomínio de francês e alemão, e de latim e grego mostrou a tentativa de compromisso da disciplina reformada.

O contraste das definições nos três domínios revelou que a definição de tipo *nominis*, minoritária, foi preferencialmente empregada quando se tratava de definir um termo prioritariamente metalinguístico, como *fonologia*, ou quando o aluno precisava conseguir “detectar” uma alegada imprecisão nos estudos linguísticos, como em *lei de Verner*, ou ainda quando o mais importante, na argumentação, era a maneira de compreender a relevância de certo problema, mais do que de nomeá-lo, como em *espécies fonológicas*.

O parâmetro dos exemplos de língua, por sua vez, nos proporcionou expressivo contraste quanto à frequência dos idiomas, à representação das línguas-objeto e aos tipos de exemplos. A interação entre definições e exemplos, por sua vez, se verificou, sobretudo, em dois casos: quando certas “definições” eram percebidas como tais pelo fato de apresentarem apenas e diretamente exemplos de língua; e também quando certos termos técnicos, tendo sido definidos, apresentavam exemplos na língua a partir da qual e sobre a qual tais termos haviam sido criados. Se em todos os domínios a maioria esmagadora dos exemplos ocorreu na forma de ‘palavra’ (*mot*), a representação das línguas-objeto neles se deu de maneira menos

homogênea. Em *Fonologia*, apontamos que a ampliação da generalidade foi saliente, através dos mecanismos descritivos dos fonemas. Já em *Fonética*, a generalidade foi relativizada, no sentido de que foi ampliada dentro de um idioma (o alemão, por exemplo), mas, de modo geral, reduzida, de um idioma a outro, como no caso das leis fonéticas. Por fim, em *Analogia*, encontramos tanto mecanismos que ampliam a generalidade, como a própria fórmula da quarta proporcional, quanto aqueles que a restringem, polarização que podemos chamar de ‘calibragem’ da generalidade.

Por outro lado, os organizadores, as esquematizações e as perguntas retóricas foram os elementos mais constantes na comparação entre os três domínios. Diante disso, perguntamos se essas recorrências, se futuramente refinadas em parâmetros de análise mais concisos, poderiam justamente revelar traços ‘estilísticos’ da ‘didática’ de Saussure, ou se, pelo contrário, a homogeneidade com que se nos apresentaram mostra que tais recorrências não nos permitem apurar contrastes essenciais para uma análise criteriosa e satisfatória.

Seja como for, reconhecemos que, se Saussure apresentou, por exemplo, as espécies fonológicas de uma maneira inovadora, no entender de Joseph (2012) e de Komatsu (1996), essa inovação obedeceu à necessidade de transmitir um ensinamento, do mesmo modo que Saussure defendia que a linguagem ‘só’ existe em circulação, para ser transmitida. Em outras palavras, enxergamos que, no Curso I, o fato de Saussure ter tido que ministrar a disciplina repercutiu na maneira de teorizar a questão.

Inúmeras vezes, sabemos, as definições, os exemplos, as esquematizações e as perguntas retóricas apresentaram sintagmas ‘negativos’. Ora se definia aquilo que ‘não era’, ao lado daquilo que ‘era’, ora uma definição era realizada em afirmação e, em seguida, outro elemento era dela excluído, em procedimento que, didaticamente, antecipava possível fonte de confusão. Vimos, ainda, que se mostrava a maneira de *não* se representar a mudança fonética, ou a maneira de *não* se tirarem conclusões de exemplos em *Analogia*. Alguns conteúdos eram explicitados como estado em oposição ou em contraste elucidativo com outros, assim como teses sobre, por exemplo, causas das mudanças fonéticas eram refutadas. As perguntas retóricas, por fim, apresentavam testes de observação da ocorrência (geralmente incorreta ou imprecisa) do conteúdo recém-ministrado.

Aderindo à tese de Vincent (2013), segundo a qual Saussure sabia perfeitamente o que estava fazendo em relação ao programa do primeiro curso e, se podemos tomar por base o raciocínio de Joseph (2012), que reconheceu um percurso de elaboração teórica entre singelo exemplo em latim, *signifier*, do Curso I, até a nomenclatura da unidade teórica do *signo*, no Curso III, reconhecemos, de nossa parte, que a ‘negatividade’ deu o tom das estratégias didáticas de Saussure e, futuramente, no Curso III, foi ‘embutida’ no signo linguístico. As Considerações Finais reúnem elementos mais sistematizados sobre esse procedimento.

Considerações finais

C'est considérer la science qui nous occupe dans ses négations. Les erreurs linguistiques sont aussi bien ce que **Bacon** appelle les cavernes (malentendus) linguistiques que **les idoles** de la linguistique. (Saussure, ICLG:3) [grifo nosso]

Here is the paradox, in Baconian terms 'the cave' containing a trap: [...] The value of a word will only result from the co-existence of the different terms. (Saussure citado e traduzido por Joseph, 2012:598) [grifo nosso]

Em uma das seções preliminares do Curso I, intitulada “Analyse des erreurs linguistiques”, Saussure explica o que entende por ‘tratar a Linguística em suas negações’ pelo trabalho do filósofo inglês, F. Bacon (1561-1626). As metáforas da caverna e dos ídolos são explicadas em termos de mal-entendido. Joseph (2012), no capítulo da biografia de Saussure dedicado aos anos de 1909 a 1911, época do Curso II, optou por parafrasear uma porção de seu conteúdo por meio do mesmo filósofo, “em termos baconianos”.

Nenhuma das epígrafes fez parte de nosso material de análise. As singelas três linhas, anotadas por Riedlinger, relativas à tarefa de desbastar erros para que mal-entendidos não passem a ser idolatrados, explicita, a nosso ver, um fio condutor de pesquisa bastante precioso. Como Vincent (2013) e Sofia (2012) nos mostraram a grande compactação de ideias presente no trabalho de Saussure, entre manuscritos e versão final, a exiguidade do trecho não é argumento para que sua importância seja minimizada. Em nossa própria pesquisa mantivemos uma categoria ‘exploratória’ de análise, a das Esquematisações, ou procedimentos de compactação das informações, pela frequência com que os identificamos nos domínios de *Fonologia*, *Fonética* e *Analogia*.

Fehr (2000) considera que Saussure recuperou a noção de signo do século 17, e que a dinamizou com dois recursos de sua época, as mudanças linguísticas, na ordem do dia, e os dados da gramática histórico-comparativa. As informações apuradas por Fehr foram por nós apenas vislumbradas, pois nosso objetivo não consistiu em priorizar as relações com autores, obras e ideais em circulação na emergência do Curso I. Em nosso material de análise, observamos, efetivamente, o conteúdo temático em sintonia com a referida corrente e com os neogramáticos, o que não significou que Saussure endossasse as ideias que expunha. Muitos dos exemplos de língua de *Fonética* foram colhidos em dados comparatistas elaborados em

alemão, para a língua alemã. Já em *Analógia*, a fórmula da quarta proporcional já havia sido proposta por Paul (1880), dentro das preocupações neogramáticas. Aurox (2013) também enxerga grande continuidade em nosso professor; o historiógrafo o coloca como continuador da tradição da sinonímia do século 17, e faz, ainda, questão de alertar aqueles a quem considera “saussurólatras” sobre a imprecisão de tomar Saussure como ponto de partida de uma revolução nos estudos linguísticos.

No início da dissertação, retomamos a maneira de formular os estudos saussurianos proposta por Chiss e Puech (1994), segundo a qual o saussurismo é, ao mesmo tempo, um domínio de pesquisas, sujeito a debate, polêmica e contestação, e um domínio de memória, sujeito a preservação e a agremiação em torno de uma figura considerada ‘fundadora’.

Como domínio de pesquisas, as escolhas metodológicas que fizemos a partir da problemática que construímos nos colocaram certos limites, essenciais para que pudéssemos chegar a alguma conclusão, mas provisórios, pois podem se converter em novos estudos:

- ✓ o uso das categorias de definição (*definitio rei/nominis* e *essencial, formal, funcional*, de Swiggers 2009) nos permitiu estudar um dos procedimentos recorrentes em nosso material de análise de maneira a colocar no mesmo plano os gramáticos, personagens privilegiados no referido trabalho de Swiggers, e os linguistas, dentro de um projeto de terminografia na historiografia que o professor pratica. Observamos, entretanto, duas particularidades em nosso texto, não contempladas no referido artigo: definições que apresentam exemplos diretamente e definições que apresentam enumerações de dois ou três termos entre vírgulas, como se fossem sinônimos, mas ‘não exatamente’. Esses tipos de ocorrências, nós as classificamos como *definitio rei/nominis essencial*, na tentativa de manter a tipologia de Swiggers. Neste quesito, poderíamos aprofundar e depurar o trabalho com as definições;
- ✓ o uso das categorias de exemplo, também concebidas para o estudo de gramáticas (Chevallard et al., 2007), nos permitiu, uma vez mais, encarar gramáticos (explicitamente normativos) e linguistas (não-normativos, em princípio) como indivíduos que exercem, no dizer de Rey (1995), sua competência ‘exemplificante’, ou seja, a habilidade de fabricar e de encontrar exemplos pertinentes (atestados, inventados, herdados) para as descrições a que se propõem. A categoria da representação, entretanto, se mostrou ambígua em casos como o da fonologia, em que os fonemas são apresentados em lista finita (representação por extensão) mas que, como unidades, pretendem representar ‘todos’ os sons da língua (representação por compreensão). Cabe analisar mais detidamente a flexibilidade desta categoria;
- ✓ os tipos de exemplos, ainda na tipologia de Chevallard et al. (2007), podem ser explorados com mais atenção, como uma via de acesso aos autores, obras e ideias nas quais Saussure se baseou ou que adaptou a seus objetivos, assim como pudemos examinar, no Capítulo 1,

algumas retomadas de exemplos de Saussure em obras como as de Joseph(2012) e de Fehr (2000). Seria possível, assim, investigar em que medida o professor se apropriou dos dados consolidados, por exemplo, pelas *Lautverschiebungen* alemãs, as mudanças de sons linguísticos, ou mesmo observar os outros dois cursos de Linguística Geral, em busca da evolução das definições e dos exemplos de língua. O estudo da significação dos exemplos possivelmente traria novas nuances sobre a apropriação desses elementos pelo professor, e sobre sua conversão pedagógica;

- ✓ acreditamos que uma investigação mais ‘didática’ do que aquela que fizemos poderia contemplar a observação de omissões no texto, pois um professor não revela ‘tudo’ de uma só vez em aula. Na análise de algumas definições, pudemos observar esse procedimento de adição de informações, mas não o fizemos de maneira sistemática. Esse tipo de análise pode ser conjugada, a nosso ver, com um levantamento daquilo a que Swiggers (2009) chama de ‘termos residuais’, conceitos que não sofrem definição explícita, mas que circulam com frequência para acompanhar conceitos em evidência;
- ✓ acreditamos, ainda, que um estudo mais apurado dos símbolos do Curso I possa nos aproximar mais da ‘didática’ de Saussure. Em seu artigo, Sofia (2010) atesta, inclusive, um símbolo para a não-existência, que não atestamos em nosso material de análise.

Por outro lado, como ‘inestimável objeto de transmissão’, nossa escolha por um tema saussuriano nos permitiu descobrir o cânone, ou o ‘pai’ fundador, de uma perspectiva mais concreta, pelo simples fato de que foi preciso imaginá-lo na condição de professor, em sala de aula. Deparamos com surpresas, como os conceitos de fonologia e de fonética da época, mas a surpresa foi maior quando, através de estudos críticos, pudemos entrar em contato com pesquisas sobre a evolução do pensamento saussuriano, dimensão opaca em um curso introdutório à Linguística. Chegamos a nos perguntar se as três conferências proferidas por Saussure, quando passou a lecionar na universidade de Genebra (1891), não seriam textos tão ‘canônicos’ para a descoberta do ‘pai fundador’ quanto o CLG, e não se trata de privilegiar textos autógrafos. Em resumo, passamos a admirar ‘verdadeiramente’ Saussure, não por fazer parte do cânone, mas por ter podido observar suas possíveis hesitações, relativizações e modos de apresentar os temas que teve de ministrar. É bastante significativo, para nós, não ter que simplesmente cultivar Saussure como ídolo.

Durante a realização das análises e de algumas sínteses, propostas nos Capítulos 3 a 6, a presença da ‘negatividade’ na retórica e, por que não, na didática, permaneceu constante. Segundo Fehr, “Pour la première fois dans ces notes Saussure esquisse l’idée selon laquelle les grandeurs linguistiques se déterminent réciproquement dans l’article sur Whitney.” (Fehr 2000:139). A delimitação recíproca, como referida por Fehr, é, em nossa interpretação, uma

nuance da estratégia, no dizer de Chiss (1978:110), ‘negativa’ de Saussure. Definições apontavam, além daquilo ‘que é’, aquilo que ‘não é’, como a de ‘fonologia’, que excluía a de ‘fonética’; perguntas retóricas testavam hipóteses ‘erradas’, esquemas ilustravam como *não* se deveriam encarar as mudanças fonéticas e, quando não se apresentava uma resposta certa para algum tema, como o das causas das referidas mudanças ou a direção das mudanças analógicas, a incerteza, a dúvida, era organizada em itens, por vezes enumerada, e as refutações eram apresentadas com assertividade.

Organizamos, a seguir, algumas ocorrências daquilo a que vimos entendendo por ‘negatividade’, em esboço de sistematização diferente daquele que nossas categorias de análise propiciaram. O levantamento não-exaustivo que apresentaremos pretende mostrar usos daquele procedimento que, em nossa interpretação, configuram uma didática.

Na primeira sequência de trechos, Saussure ‘limpa o terreno’, exclui ideias e questões que aparentam estar em relação com o tema a ser desenvolvido, mas que são, na verdade, focos de mal-entendidos:

Jusqu’ici nous n’avons accompli que **la partie négative de notre tâche** en dégageant le phénomène analogique de l’idée de transformation. Maintenant nous pouvons intituler notre étude positive: Analogie, principe général des créations de la langue **sans commettre de confusion** [...] (ICLG:63) [grifo nosso]

Il n’y avait <pas> besoin de **faire ce tri des idées** pour voir que nous avons affaire à un phénomène psychologique [...] (ICLG:63) [grifo nosso]

La **contrepartie positive** de l’exposé de ces erreurs **n’est pas** d’examiner s’il y a lieu de réformer les orthographes [...] (ICLG:11) [grifo nosso]

Rappelons <qu’en linguistique> quand on parle de création **il ne s’agit pas de** création ex nihilo [...] (ICLG :90) [grifo nosso]

Il faudra donc nous contenter [...] de définir la linguistique [...] en la considérant dans ses tâtonnements progressifs [...] **en établissant ce qui n’est pas elle** [...] (ICLG:1) [grifo nosso]

A negatividade se converte em possibilidade de esclarecimento, por contraste, quando se criam oposições, como nos dois trechos que se seguem:

Cette opposition de langue et de parole <qui> nous est mise ici dans la main [...] **est très importante par la clarté qu’elle <jette dans> l’étude du**

langage. On pourra [...] distinguer presque tangiblement **ces deux sphères : langue et parole :** [...](ICLG:65) [grifo nosso]

Si l'on compare les caractères de l'agglutination avec ceux de la création analogique on ne pourra relever qu'**un contraste plein, parfait** [...] (ICLG:93) [grifo nosso]

O termo 'negatividade' é empregado como advérbio, em única ocorrência:

On peut parler de l'influence de la stabilité politique et de l'influence de l'instabilité politique, mais **non pas** de la même façon [...] **il n'y a là aucune réciprocité.** La stabilité politique est indirectement la cause [...] de la stabilité de la langue, tandis que l'instabilité **ne l'est que négativement.** (ICLG:40) [grifo nosso]

O que nos parece importante frisar é a argumentação em que o trecho se encontra, que foi sintetizada com “só o é negativamente”. Para Saussure, no Curso I, o estado natural da língua consiste em mudar a todo o tempo, de modo que a estabilidade política, pelo fato de favorecer instituições que fixem a língua (escolas, academias), acabar por contribuir com a estabilidade linguística. Já a instabilidade política, se atingir as instituições normatizadoras, apenas leva a língua de volta ao estado ‘natural’ de mudança. Assim, o ‘peso’ que a estabilidade e que a instabilidade exercem é diferente, embora essas duas categorias se aparentem.

Em uso diferente dos anteriores, a negatividade apresenta uma limitação, próxima dos raciocínios por antinomia sobre os quais Henry publicou obra (*Antinomies linguistiques*, 1896, citada por Joseph, 2012:499), como se a Linguística efetivamente não pudesse realizar certas tarefas, mais por uma impossibilidade de princípio do que por uma limitação provisória da área:

Pourtant **nous ne pouvons pas nous passer du mot écrit comme document: il ne pourrait être remplacé par le phonographe** (Il existe des collections phonographiques à l'Université de Vienne pour des usages linguistiques) [...] (ICLG:6)

Sem maiores explicações, depreende-se que, embora existam coleções fonográficas que possam ser estudadas, o que liberaria o analista do problema filológico, o fato é que os estados de língua que nos antecedem, em milhares de anos, não foram gravados, de modo que o documento escrito é a única saída do linguista.

No trecho seguinte, afirma-se que, embora seja o ‘ouvido’ que efetivamente discrimina os sons linguísticos, é ‘impossível’ torná-los perceptíveis e, portanto, analisáveis, contrariamente à natural ‘visibilidade’ do lado articulatório da produção de sons:

<L’analyse acoustique est donc la vraie analyse qui permet de distinguer les sons de la chaîne parlée, L’impression acoustique **cependant ne pouvait pas se décrire** [...] Ce classement se fera avant tout **suivant la forme de l’articulation, qui seule est visible <analysable>**. (ICLG:13) [grifo nosso]

Por fim, o termo ‘antinomia’ propriamente dito ocorre para colocar em relação dois temas do Curso I que, fora da sala de aula, são campos de estudo da Linguística:

Précisément pour cette raison, il sera bon de commencer l’étude de la langue par le point de vue historique, **non pas** qu’il soit plus important que <le statique **avec lequel il a une sorte d’antinomie**> mais parce qu’il nous échappe à première vue [...] (ICLG :27) [grifo nosso]

O que significa, mais precisamente, que o ponto de vista histórico esteja em relação antinômica com o estático? Não conseguimos chegar a uma resposta a partir do Curso I. De qualquer modo, retomando parte de nossas conclusões, expostas no capítulo anterior, se podemos tomar por base o raciocínio de Joseph (2012), que reconheceu um percurso de elaboração teórica por meio do exemplo de língua latina *signifier* (Curso I), até a nomenclatura da unidade teórica do *signo* (Curso III), reconhecemos, de nossa parte, que a ‘negatividade’ faz parte dessa evolução.

No *Curso* de 1916, antes de definir o signo, Saussure nos mostra aquilo que ele não é: “Le signe linguistique unit **non une chose et un nom, mais** un concept et une image acoustique.” (CLG:97). Mais adiante, o professor nos lembra que, no uso corrente, *signo* vale apenas como ‘imagem acústica’, sem o devido conceito, necessário para a Linguística. Eis a maneira de desfazer o iminente mal-entendido: “L’ambigüité disparaîtrait si l’on désignait les trois notions ici en présence par des noms qui s’appellent les uns les autres **tout en s’opposant.**” (ICLG:99). Essa ‘negatividade’, que apresentamos como uma maneira de lidar com possíveis dúvidas por parte dos alunos, como um mecanismo de produção de contrastes elucidativos e como uma maneira de se compreender a relação entre grandezas aparentemente planas (a exemplo da estabilidade e da instabilidade políticas para a língua), não foi ‘aprendida’, até onde pudemos nos informar, como didática explícita em ‘escola de professores’. Ao mesmo

tempo, a prática de ensino de Saussure tem uma história: “[...] ces techniques ont une histoire, elle-même em relation avec celle des théories” (Chevillard et al.,2007:7).

A primeira epígrafe nos apresenta a “famosa” (Prior,1958:383) discussão sobre os Ídolos contida no *Novum Organum* (I, xxxviii-lxviii), de autoria de Bacon. Sua filosofia é conhecida como grande reformadora do ensino, dos modos de conhecer: “[...] Francis Bacon [...] invite déjà à l’étude des signes et à la création d’une langue universelle” (Colombat et al.,2010:217). Na obra referida, o núcleo de investigação do método proposto são as “tábuas de investigação” (Ramos, 1997 In Leibniz, 1997), subdivididas em três categorias, que pretendem direcionar a observação, ou seja, o processo de indução:

A primeira tábuia é a da “presença” ou da “afirmação”, nela se colocando as instâncias de um fenômeno que estão de acordo por apresentar as mesmas características. [...] **Para Bacon, verificar as ocorrências positivas de um fenômeno ainda não é suficiente para seu perfeito conhecimento, sendo importante também verificar aqueles casos onde o fenômeno não ocorre, o que permite a construção da segunda tábuia, a das “ausências” ou da “negação.”** [...] A terceira tábuia é a das “gradações” ou “comparações”, [...] (Ramos, 1997:86)

Pela familiaridade com a discussão sobre os ídolos, apresentada em Bacon como uma discussão sobre as deduções dos filósofos ceticistas (Prior, 1958:383), Saussure deve tê-lo lido, sobretudo por ter se servido de parte da reflexão para organizar seu primeiro curso de linguística geral (na seção das preliminares, na exposição sobre os ‘erros’). De que maneira Saussure leu Bacon? Em que momento? Ainda que pudéssemos responder a tais questões, o fato de enxergar surpreendente compatibilidade entre o raciocínio da negatividade (como estratégia didática, retórica e metodológica), e as tábuas da negação de Bacon nos autoriza a afirmar que detectamos um ‘precursor’ para Saussure? Certamente não. Outros estudos já aproximaram nosso professor, por exemplo, de teoria desenvolvida no quadro do budismo indiano, mas D’Ottavi (2012), além de mostrar que Saussure não tinha conhecimento da obra que supunham ser sua precursora, reflete sobre o hábito de se procurarem precursores, ou seja, de deslocar para cada vez mais longe algum problema atual (D’Ottavi,2014:227).

Quando Fehr (2000) e Auroux (2013) apontam que Saussure retomou porções de sua tradição, o signo do século 17, por exemplo, enxergamos a possibilidade de afirmar que nosso professor também se apropriou de outras heranças, e que, uma delas, a que chamamos de ‘negatividade’, passou por Bacon, sem que deva haver, necessariamente, uma gênese de um

ponto a outro. Se os conceitos têm uma história, o mesmo acontece para com os métodos com que são elaborados. A interdependência entre método e conceito é uma maneira de encarar a relação entre epistemologia e história, em nosso caso, uma maneira dialética. É assim que nos apropriamos da reflexão de Ramos (2013), nela enxergando a ilustração do ‘caso’ de Saussure, até onde pudemos investigar:

[...] (a) **as metamorfoses do método** que conduzem sua [do próprio método] determinação e aprimoramento e (b) **as metamorfoses dos conceitos que são objetos de investigação seguem um mesmo padrão genético**. (Ramos, 2013)

Se conviermos que antes de o conceito de ‘signo’ tomar a configuração de entidade opositiva, negativa, puramente relacional, já havia um método de raciocínio empregado em manuscritos e uma estratégia didática consolidada em aulas a que chamamos de ‘negatividade’, então, no caso em análise, as metamorfoses do método e do conceito seguiram um mesmo padrão de desenvolvimento, a despeito da proveniência dos ingredientes de que Saussure tenha se servido.

*

Referências bibliográficas

Fonte primária

Saussure, F., 1996, *F. de Saussure Premier Cours de Linguistique Générale (1907), d'après les cahiers d'Albert Riedlinger/ Saussure's First Course of Lectures on General Linguistics (1907), from the notebooks of Albert Riedlinger*, E.Komatsu (ed.) & G. Wolf (trad.), Oxford/New York/Seoul/Tokyo, Pergamon Press.

Fontes secundárias

ALTMAN, Cristina, 2013, 'Sobre mitos e história: a visão retrospectiva de Saussure nos três Cursos de Linguística Geral', In *Saussure: a invenção da Linguística*, J. L. Fiorin, V. N. Flores, L. B. Barbisan (orgs.), São Paulo, Contexto, pp.21-32.

_____, 2004, *A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*, 2ª ed., São Paulo, Humanitas.

AUROUX, Sylvain, 2013, 'Saussure', comunicação proferida no Congresso Internacional *100 Anos com Saussure*, realizado na Universidade de São Paulo, em setembro de 2013.

_____, 2009, *A revolução tecnológica da gramatização*, trad. Eni P. Orlandi, 2ªed., Campinas, Editora da Unicamp.

_____, (ed.), 1994, 'Introduction', In *Histoire des idées linguistiques*, Liège, Mardaga, pp.13-36.

_____, 1988, 'La notion de Linguistique Générale', In *Histoire Epistémologie Langage*, tome 10, fascicule 2, pp.37-56.

BLIKSTEIN, Izidoro, 2013, entrevista [dezembro de 2013] In *Traduzires*, 3, entrevista concedida a Alice M. de A. Ferreira, pp.99-109.

BULEA, Ecaterina, BRONCKART, Jean-Paul, 2005, 'Linguistique saussurienne et paradigme thermodynamique', In *Les Cahiers de la Section des Sciences de l'Education*, n.104, pp.11-189.

CALVET, J.-L., 1967, 'Lire Saussure aujourd'hui', In *Cours de Linguistique Générale* (1916) Ed. Tullio de Mauro (1967), trad. français. Paris: Payot, 2005, pp.507-513.

CAUSSAT, Pierre, 1978, 'La querelle et les enjeux des lois phonétiques. Une visite aux néogrammairiens', In *Langages*, 12e année, n°49, 1978. pp. 24-45.

CHEVILLARD, Jean-Luc, COLOMBAT, Bernard, FOURNIER, Jean-Marie, GUILLAUME, Jean-Patrick, LALLOT, Jean, 2007, 'L'exemple dans quelques traditions grammaticales (formes, fonctionnement, types)' In *Langages* 166, pp.5-31.

CHIDICIMO, Alessandro, 2011, 'Variations saussuriennes. Écriture, recherche, style dans les manuscrits de Ferdinand de Saussure', comunicação realizada na jornada de estudos 'Philologie et critique génétique. Enjeux théoriques de l'édition des manuscrits de Saussure', Université de Liège, 1^o de abril de 2011.

CHISS, Jean-Louis, 1978, 'Synchronie/diachronie: méthodologie et théorie en linguistique', In *Langages*, 12e année, n°49, 1978. pp.91-111.

CHISS, Jean-Louis, PUECH, Christian, 1994, 'F. de Saussure et la constitution d'un domaine de mémoire pour la linguistique contemporaine'. In *Langages*, 28e année, n°114, 1994. pp. 41-53.

COLOMBAT, Bernard, FOURNIER, Jean-Marie, PUECH, Christian, 2010, *Histoire des idées sur le langage et les langues*, Paris, Klincksieck.

CULLER, Jonathan, 2003, 'L'essentiel de l'arbitraire' In BOUQUET, Simon (dir.), *Ferdinand de Saussure*, Cahiers de l'Herne, Paris: L'Herne, pp.52-61.

CULIOLI, Antoine, 1968, 'A propos du genre en anglais contemporain', In *Les Langues Modernes*, 3, p.40.

_____, 1968, 'La formalisation en linguistique', In *Cahiers pour l'analyse*, 9, pp.106-117.

DEYNAROUSE, Cécile, 'Tout, tout, tout, vous saurez tout sur Ferdinand ...'. *Tribune de Genève*, Lausanne, p.7, 13 jul.2013.

D'IORIO, Paolo, 2003, « Les pensées papillons », In *Genesis*, n° 22, « Philosophie », pp. 7-12.

D'OTTAVI, Giuseppe, 2012, 'Genèse d'un écrit saussurien: de la théosophie à une approche de la subjectivité', *Genesis* 35, Presses de l'université Paris-Sorbonne, pp. 129-140.

_____, 2010, 'Saussure et l'Inde: la théorie de l'*apoha* et les entités négatives du langage', In BRONCKART, Jean-Paul, BULEA, Ecaterina, BOTA, Cristian (eds.), *Le projet de Ferdinand de Saussure*, Genebra-Paris, Droz, pp. 169-191 [traduzido em português] por Marcos Bagno: 'Saussure e a Índia: a teoria da *apoha* e as entidades negativas da linguagem' In *O projeto de Ferdinand de Saussure ...* Fortaleza: Parole: 2014, pp. 205-321.

FARACO, Carlos A., 2005, 'Estudos Pré-Saussurianos', In *Introdução à Linguística : fundamentos epistemológicos*, F. Mussalim A. Bentes (orgs.), volume 3, 2a ed., São Paulo, Cortez Editora, pp.27-52.

FEHR, Johannes, 2000, *Saussure entre linguistique et sémiologie*, trad. Pierre Caussat, Paris, Presses Universitaires de France.

FENOGLIO, Irène, 2012, 'Genèse du geste linguistique: une complexité heuristique', In *Genesis* 35, Presses de l'université Paris-Sorbonne, pp.13-40.

FIORIN, José L., 2013, 'Prefácio', In *Linguística? Que é isso?*, J. L. Fiorin (org.), São Paulo, Contexto, pp.7-11.

FIORIN, José L., FLORES, V., BARBISAN, L., 2013, 'Por que ainda ler Saussure?', In *Saussure: a invenção da Linguística*, São Paulo, Contexto, pp.7-20.

GODEL, Robert, 1957, *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure*, Genebra, Droz, Paris, Minard (reimpr. 1959).

JOSEPH, John E., 2013, 'Un Genevois international' In 'Saussure: la linguistique comme passion' [DVD-Rom], Universidade de Genebra, FOREL, Claire A., CERCLE FERDINAND DE SAUSSURE, AUROI-JAGGI, Geneviève (coords.).

_____, 2012, *Saussure*, Oxford University Press.

KOERNER, Konrad, 2004. 'Three Saussures — one 'structuralist' avant la lettre. In *Essays in the history of linguistics*, Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, pp.175-194.

_____, 1996, *Professing Linguistic Historiography*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, pp.27-45.

_____, 1988, 'Meillet, Saussure et la linguistique générale' In *Histoire Épistémologie Langage*, tome 10, fascicule 2, pp. 57-73.

KOMATSU, Eisuke, 1996, 'Preface' In *F. de Saussure Premier Cours de Linguistique Générale (1907), d'après les cahiers d'Albert Riedlinger/ Saussure's First Course of Lectures on General Linguistics (1907), from the notebooks of Albert Riedlinger*, E.Komatsu (ed.) & G. Wolf (trad.), Oxford/New York/Seoul/Tokyo, Pergamon Press, p.vii-ix.

LALLOT, Jean, 2007, '«Dis-moi comment tu traites les exemples, je te dirai quel grammairien tu es ». Application à Apollonius Dyscole', In *Langages* 166, pp.58-70.

LEIBNIZ, Gotffried W. A "Protogaea" de G. W. Leibniz (1749), 1997, Tradução, Introdução e notas de N. Papavero, D. M. Teixeira & M. de C. Ramos. São Paulo: Fapesp/Plêiade.

MEILLET, Antoine, 1906, 'L'état actuel des études de linguistique générale: leçon d'ouverture du cours de grammaire comparée au Collège de France, lue le mardi 13 février 1906', *Revue des idées: études de critique générale* 3, pp.296-308.

PETIT, Daniel, 2012, 'Saussure en Lituanie', conferência proferida em 2012, no Institut de Textes et Manuscrits Modernes (ITEM-Paris).

PORTELA, Jean Cristtus, 2013, 'A divulgação do pensamento saussuriano no Brasil. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: <http://revistas.usp.br/esse>. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 9, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2013, p.15–21. Acesso em 10/12/2014.

PRIOR, Moody E., 1954, 'Bacon's Man of Science', In *Journal of the History of Ideas*, vol.15, n.3, junho 1954, pp.348-370.

PROSDOCIMI, Aldo, 1988, 'Sul fenómeno Saussure. Fra storiografia e biografia', In J.Albrecht, J. Lüdtke et H. Thun (dir.), *Energeia und Ergon*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, vol. II, pp. 225-246.

QUIJADA VAN DEN BERGHE, Carmen e SWIGGERS, Pierre, 'La terminología del pronombre en la gramática española, de Nebrija (1492) a Bello (1847): algunos apuntes', In *Res Diachronicae*, vol.7, 2009, pp. 263-292.

RAMOS, Maurício de C., 2013, Proposta de um método epistemológico histórico morfológico (MEHM) de investigação e de uma morfologia geral vinculada a esse método, Resumo para aula.

REY, Alain, 1995, 'Du discours au discours par l'usage: pour une problématique de l'exemple', In *Langue française*, N°106, pp.95-120.

SAUSSURE, Ferdinand, 2004, «*De l'essence double du langage*, transcription diplomatique établie par Rudolf Engler d'après le manuscrit déposé á la Bibliothèque de Genève », déc. 2004-juin 2005 [en ligne], <www.revue-texto.net/Saussure/De_Saussure/Essence/Engler.html>.

— 2002b, *Théorie des sonantes. II manoscritto di Ginevra BPU Ms. Fr. 3955/I*, edição a cura di Maria Pia Marchese, Padova, Unipress.

—, 2002a, *Ecrits de Linguistique Générale*, BOUQUET, Simon e ENGLER, Rudolf (eds.), Paris, Gallimard.

—, 1997, *F. de Saussure Deuxième Cours de Linguistique Générale (1908-1909), d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois/ Saussure's Second Course of Lectures on General Linguistics (1908-1909), from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois*, E.Komatsu (ed.) & G. Wolf (trad.), Oxford/New York/Seoul/Tokyo, Pergamon Press.

—, [CLG/E] *Cours de Linguistique Générale*. Edição crítica estabelecida por Rudolf Engler. Wiesbaden: Harrassowitz, 1968-1974 [Reimpr. 1989, 1990], 4 fasc., 2 tomos.

—, *Cours de Linguistique Générale*, 1916. Edição crítica estabelecida por Tullio de Mauro. Paris: Payot, 1967.

SECHEHAYE, Charles A., 1908, *Programme et Méthodes de la Linguistique Théorique – Psychologie du langage*, Paris, Honoré Champion.

SOCIÉTÉ DE LINGUISTIQUE DE PARIS, 1908, *Mélanges de Linguistique offerts à M. de Saussure*, Paris, Honoré Champion. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>

SOFÍA, Estanislao, 2012, 'Comment écrire pour transmettre? Modalités argumentatives chez Saussure', *Genesis* 35, Presses de l'université Paris-Sorbonne, pp.59-76.

—, 2010, 'Deux types d'entité et deux modèles de 'système' chez Saussure' In BRONCKART, Jean-Paul, BULEA, Ecaterina, BOTA, Cristian (eds.), *Le projet de Ferdinand de Saussure*, Genebra-Paris, Droz, pp. 147-168.

SWIGGERS, Pierre, 2013a, 'Histoire et historiographie de la linguistique: problèmes et méthodes', Material preparado pelo autor para o mini-curso promovido pelo CEDOCH/DL-USP, Programa de Semiótica e Linguística Geral, em setembro de 2013.

____, 2013b, 'Le développement de la Linguistique Historique au XIXe et XXe siècles', Material preparado pelo autor para o mini-curso promovido pelo CEDOCH/DL-USP, Programa de Semiótica e Linguística Geral, em setembro de 2013.

____, 2009, 'Terminología gramatical y Lingüística: elementos de análisis historiográfico y metodológico', In *Res Diachronicae*, vol.7, pp.11-35.

____, 2008, 'Le cheminement de Saussure: le parcours par le Cours de Linguistique Générale', Material preparado pelo autor para o mini-curso promovido pelo CEDOCH/DL-USP, Programa de Semiótica e Linguística Geral, em abril de 2008.

____, 2004, 'Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística', In C. Corrales Zumbado, J. Dorta Luis et al. (eds.), *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística*, Madrid, Arco, pp.113–146.

____, 1990b, 'Reflections on (Models for) Linguistic Historiography', In Hfillen, Werner (ed.), *Understanding the Historiography of Linguistics: Problems and Projects*, Munster, Nodus, pp.21-34.

____, 1990a, 'Histoire et historiographie de l'enseignement du français : modèles, objets et analyses' in COSTE, D. (éd.) *Démarches en histoire du français langue étrangère ou seconde*, E.L.A., 78, 1990, pp.27-44.

UNIVERSITÉ DE GENÈVE, 2013, 'Ferdinand de Saussure: la linguistique comme passion', [DVD-rom], FOREL, Claire A., CERCLE FERDINAND DE SAUSSURE, AUROI-JAGGI, Geneviève (coords.).

VINCENT, François, 2013, *Le premier cours de Linguistique Générale professé par Ferdinand de Saussure à Genève (C1Ca/FV-Volume I)*, 268f. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Université Paris-Est Créteil Val de Marne. École Doctorale: Cultures et Sociétés, França.

*